

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

JÉSSICA CAROLINE RODRIGUES DE LIMA

**PELA PORTA DE SERVIÇO: ANÁLISE ESPACIAL DAS DEPENDÊNCIAS DE
EMPREGADAS DOS EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS NAS DÉCADAS DE
1960-1990 NA CIDADE DE MACEIÓ/AL**

MACEIÓ

2019

JÉSSICA CAROLINE RODRIGUES DE LIMA

Pela porta de serviço: Análise espacial das dependências de empregadas dos edifícios de apartamentos nas décadas de 1960-1990 na cidade de Maceió/AL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Concepção, Construção e Adequação do Espaço Habitado.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Márcio Toledo

MACEIÓ

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

L732p Lima, Jéssica Caroline Rodrigues de.
Pela porta de serviço : análise espacial das dependências de empregadas dos edifícios de apartamentos nas décadas de 1960-1990 na cidade de Maceió/AL / Jéssica Caroline Rodrigues de Lima. – 2019.

194 f. : il. color.

Orientador: Alexandre Márcio Toledo.

Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Conceção, Construção e Adequação do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 175-183.

Apêndices: f. 184-194.

1. Empregadas domésticas. 2. Cômodos planejados. 3. Quartos de dormir. 4. Banheiros. 5. Edifícios residenciais - Compartilhamento. 6. Apartamentos - Tipologia - Maceió (AL). I. Título.

CDU: 72.057(813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

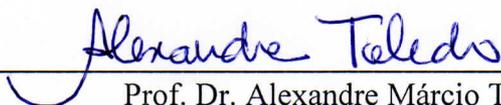
Jéssica Caroline Rodrigues de Lima

PELA PORTA DE SERVIÇO: Análise Espacial das Dependências de Empregadas dos Edifícios de Apartamentos nas Décadas de 1960-1990 na Cidade de Maceió/AL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, área de concentração Dinâmicas do Espaço Habitado, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA em: 16 / 08 / 2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alexandre Márcio Toledo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL



Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Nascente Cabral
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFRJ



Prof.^a Dr.^a Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL



Prof. Dr. Ricardo Victor Rodrigues Barbosa
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me colocou nesta jornada e me sustentou diante de todas as dificuldades.

A minha mãe Ana Paula e meus irmãos Jasmine e Eraldo, por todo o carinho e apoio nas minhas escolhas, sem os quais eu não teria chegado até aqui.

Ao meu noivo Ramon, a pessoa que mais me estimulou a acreditar no meu potencial como pesquisadora e me influenciou a mergulhar no mundo acadêmico.

A minha sogra Silvia Regina, por todo carinho, apoio e inspiração.

Aos grandes amigos que tive o privilégio de conhecer durante esta jornada, Aloísio, Camila, Leila e Lorena, por compartilharem comigo tantos momentos de alegria, pelo acolhimento, e todo o suporte, sem vocês esses anos não teriam sido tão especiais.

Ao meu orientador Alexandre Márcio Toledo, por ter aceitado desenvolver esse trabalho comigo, por compartilhar o seu conhecimento, e por toda dedicação, paciência e assistência.

A todos os demais professores que fizeram parte do meu processo de crescimento profissional e pessoal, em especial, às professoras Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante e Alana Mello de Almeida.

À Ana Tereza Carvalho, Mario Saleiro Filho e Fernando Moraes, por disponibilizarem suas pesquisas para consulta acadêmica.

Às professoras Maria Cristina Cabral e Denise Vianna Nunes por terem confiado em mim desde o primeiro momento, cedendo generosamente o material de suas pesquisas e se colocando à disposição para me ajudar.

À banca examinadora, pela disponibilidade para a avaliação deste trabalho.

À Luciane, sempre disposta a ajudar com as dificuldades da vida acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, por possibilitar esta pesquisa, através do auxílio financeiro.

Enfim, a todos que contribuíram para a conclusão desse trabalho.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

Morar nas cidades grandes representou uma transição lenta dos edifícios unifamiliares aos multifamiliares. As plantas iniciais de apartamentos reproduziram a tripartição funcional da casa burguesa urbana e dispuseram a dependência de empregada em diferentes localizações: dentro do setor de serviço dos apartamentos; no pavimento tipo; no formato de edícula no pavimento térreo; e no andar de cobertura. A presença da empregada doméstica nas residências brasileiras constitui um fator cultural, sobretudo nas famílias nordestinas das classes média e alta. O objetivo desta dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo é analisar as configurações espaciais que marcaram as dependências de empregada dos apartamentos de edifícios residenciais verticais de médio e alto padrão, produzidos de 1964 à 1999 na cidade de Maceió, capital de Alagoas, Brasil. Os procedimentos adotados apresentam abordagem quali-quantitativa e consistiram em pesquisa bibliográfica e documental, e análise de projeto de 268 plantas baixas de edifícios de apartamentos, a partir da qual foram caracterizados os padrões de espacialização dos dormitórios de empregada; banheiros de serviço; e elementos de acesso (entradas dos apartamentos, corredores e elevadores) considerando a divisão de usos “social” e “serviço”. Utilizou-se como banco de dados pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos em Projeto de Arquitetura (gEPA/FAU/UFAL) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. Observou-se que, nas décadas de 1960 e 1970, todos os apartamentos possuíam dependência de empregada, até mesmo os da tipologia de 2 dormitórios. Apenas na década de 1980, surgiram os apartamentos com o terceiro dormitório reversível, com indícios de flexibilização nas plantas. Na década de 1990, a dependência completa de empregada permaneceu somente nas tipologias de apartamentos de 3 e 4 dormitórios. Constatou-se que a presença do dormitório de empregada prevaleceu sobre a oferta de apartamentos produzidos nas quatro décadas analisadas, sobretudo nas tipologias de 3 e 4 dormitórios de edifícios de padrão construtivo alto; e que esse ambiente sofreu poucas variações, sendo sempre disposto no interior do setor de serviço dos apartamentos, próximo à área de serviço e quase sempre sem flexibilidade de acesso aos demais setores da habitação. Conclui-se que, durante o período analisado, ocorreu um fenômeno de supressão do dormitório de empregada nos programas dos edifícios de padrão médio; a manutenção do banheiro de serviço; e a tendência das “circulações, elevadores e entradas social e de serviço dispostas totalmente separadas” se tornarem atributos apenas de edifícios de padrão construtivo alto, direcionados às famílias abastadas da cidade.

Palavras-chave: Dependência de empregada, dormitório de empregada, banheiro de serviço, edifício multifamiliar, tipologias de apartamentos.

ABSTRACT

Living in large cities represented a slow transition from single-family to multi-family buildings. The initial apartment plans reproduced the functional tripartition of the urban bourgeois house and placed the maid's room in different locations: within the service sector of the apartments; on the standard floor; in the form of a house on the ground floor; and on the top floor. The presence of the maid in Brazilian residences is a cultural factor, especially in the northeastern families of the middle and upper classes. The aim of this master's dissertation in Architecture and Urbanism is to analyze the spatial configurations that marked the maid's rooms of the apartments of medium and high standard vertical residential buildings, produced from 1964 to 1999 in the city of Maceió, capital of Alagoas. The adopted procedures have a qualitative and quantitative approach and consisted of bibliographic and documentary research, and project analysis of 268 floor plans of apartment buildings, from which were characterized the patterns of spatialization of maid dormitories; service bathrooms; and access elements (entrance of the apartments, corridors and elevators), considering the division of "social" and "service" uses. It was used as database research conducted by the Study Group on Architecture Design (gEPA/FAU/UFAL) of the Faculty of Architecture and Urbanism of the Federal University of Alagoas. It was observed that, in the 1960s and 1970s, all apartments had maid's room, even the 2-bedroom typology. Only in the 1980s, the apartments with the third reversible dormitory appeared, with signs of flexibility in the plants. In the 1990s, complete maid's room remains only in the 3 and 4 bedroom apartment typologies. It was found that the presence of the maid's dormitory prevailed over the supply of apartments produced in the four decades analyzed, especially in the typologies of 3 and 4 dormitories of high constructive standard buildings; and that this room has undergone few variations, always being arranged within the service sector of apartments, close to the service area, and almost always arranged without flexibility of access to other housing sectors. It was concluded that during the analyzed period, there was a phenomenon of maid dormitory suppression in the programs of medium standard buildings; the maintenance of the service bathroom; and the tendency for "totally separate circulating, elevating, and service entrances and service entrances" to become attributes only of high-end buildings designed for the city's wealthy families.

Keywords: Maid's room, maid's dormitory, service bathroom, multifamily building, apartment typologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Material da exposição "Habitaciones de Servicio" (2012)	22
Figura 2 - Cartaz da exposição "Habitaciones de Servicio"	22
Figura 3 - Cartaz do filme "Histórias Cruzadas"	22
Figura 4 - Cena do filme "Roma"	22
Figura 5 - Cartaz do documentário "Doméstica"	23
Figura 6 - Cartaz do filme "Que horas ela volta"	23
Figura 7 – Foto do centro de Maceió (1967)	28
Figura 8 – Foto da orla marítima de Maceió em meados dos anos 1960	28
Figura 9 – Foto do Edifício Brêda	28
Figura 10 – Foto do Edifício São Carlos	28
Figura 11 - Planta tipo do Edifício Lutécia (1928).....	34
Figura 12 - Planta tipo de um edifício de apartamentos (1930)	34
Figura 13 - Planta baixa do pavimento térreo e foto do Edifício João Alfredo.....	34
Figura 14 - Planta tipo do Edifício André Matarazzo (1937).....	34
Figura 15 - Planta baixa tipo do Edifício Lívia Maria (1935).....	35
Figura 16 - Foto do Edifício Lívia Maria	35
Figura 17 - Planta do primeiro andar de Edifício na Rua Barão de Itapetininga (meados de 1920).....	37
Figura 18 - Planta baixa tipo do Edifício Nicolau Schiesser (1934)	37
Figura 19 – Foto do Edifício Nicolau Schiesser.....	37
Figura 20 - Planta baixa tipo do Edifício Barão de Ramalho (1945), projeto de Jacques Pilon, em São Paulo	38
Figura 21 - Planta baixa tipo de apartamento Francês (1904).....	38
Figura 22 - Conjunto das tipologias de dormitórios de empregadas em edifícios verticais de 1910 a 1940	39
Figura 23 - Planta baixa tipo de Edifício multifamiliar (1910), projeto de Victor Dubugras, em São Paulo	40
Figura 24 - Plantas baixas do Edifício Antônio de Pádua Salles (meados de 1920), em São Paulo	40
Figura 25- Planta tipo do Edifício Augusto Barreto (1937)	41
Figura 26 – Foto do Edifício Augusto Barreto	41
Figura 27 - Planta baixa tipo do Edifício São João Marcos (1920).....	42
Figura 28 - Foto do Edifício São João Marcos.....	42
Figura 29 - Planta baixa tipo do Edifício Esther (1936).....	42
Figura 30 - Foto do Edifício Esther	42
Figura 31 - Detalhe do setor de serviço do Edifício Esther.....	43
Figura 32 - Edifício Tambaú (1945).....	43
Figura 33 - Edifício Cauê (1947).....	43
Figura 34 - Edifício Casablanca (1947).....	43
Figura 35 - Planta baixa tipo do Edifício Tambaú (1945).....	44
Figura 36 - Planta baixa tipo do Edifício Cauê (1947).....	44
Figura 37 - Planta baixa tipo do Edifício Casablanca (1947).....	44

Figura 38 - Planta baixa do sexto andar de edifício vertical multifamiliar (1860) em Paris....	46
Figura 39 - Planta baixa do sexto andar do Edifício Castel Béraner (1895) em Paris	46
Figura 40 - Chambre de bonne de edifício (1860) em Paris.....	46
Figura 41 - Planta baixa tipo de edifício de apartamentos francês (1889)	46
Figura 42 - Fotos do Edifício Praia do Flamengo	50
Figura 43 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Praia do Flamengo (1923).....	50
Figura 44 – Planta baixa da cobertura do Edifício Praia do Flamengo (1923)	51
Figura 45 - Foto do Edifício Angel	52
Figura 46 - Planta baixa da cobertura do Edifício Angel (1927).....	52
Figura 47 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Angel.....	52
Figura 48 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Itioca (1928)	53
Figura 49 - Foto do Edifício Itioca	53
Figura 50 – Foto de fachada interna do Edifício Itioca	53
Figura 51 – Foto das fachadas internas do Edifício Itioca.....	53
Figura 52 - Planta baixa do oitavo pavimento do Edifício Itioca.....	54
Figura 53 – Foto do corredor do último andar do Edifício Itioca.....	54
Figura 54 – Foto do corredor do último andar do Edifício Itioca.....	54
Figura 55 - Foto do Edifício Regência	55
Figura 56 - Planta baixa da cobertura do Edifício Regência (1939)	55
Figura 57 – Foto do terraço do Edifício Regência	55
Figura 58 - Foto do jardim da cobertura do Edifício Regência.....	55
Figura 59 - Planta baixa tipo do Edifício Regência (1939).....	56
Figura 60 - Parte da planta da cobertura (7º pavimento) do Edifício Barth (1940)	57
Figura 61 - Foto do Edifício Barth	57
Figura 62 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Barth.....	57
Figura 63 - Foto do Edifício Higienópolis	59
Figura 64 - Vista do bloco de garagens e quartos de empregados do Edifício Higienópolis...	59
Figura 65 - Planta baixa tipo do Edifício Higienópolis (1935)	59
Figura 66 - Planta baixa do pavimento tipo e foto do Edifício Tucumã (1941).....	60
Figura 67 - Planta baixa tipo do Edifício Lutetia (1939).....	61
Figura 68 – Foto do Edifício Lutetia	61
Figura 69 - Planta baixa tipo do Edifício Uberaba (1945)	61
Figura 70 – Foto do Edifício Uberaba.....	61
Figura 71 – Foto do Edifício Tamandaré	62
Figura 72 - Parte da planta de cobertura do Edifício Tamandaré, com destaque na edícula (em vermelho).....	62
Figura 73 – Foto da edícula do Edifício Tamandaré	62
Figura 74 – Foto do corredor do primeiro andar da edícula do Edifício Tamandaré.....	63
Figura 75- Planta baixa do sótão do Edifício Tamandaré (1927).....	63
Figura 76 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Tamandaré (1927).....	64
Figura 77 – Foto do Edifício Seabra.....	64
Figura 78 – Foto do Edifício Biarritz	64
Figura 79 – Foto do Edifício Gualtemoc.....	65
Figura 80 - Planta baixa do pavimento térreo do Edifício Gualtemoc (1941)	65

Figura 81 – Foto da edícula com quartos de empregadas do Edifício Gualtemoc	65
Figura 82 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Gualtemoc (1941)	66
Figura 83 - Planta baixa do pavimento tipo inferior do Edifício Florida (1937).....	67
Figura 84 – Foto dos quartos de empregados sobre o bloco de garagens do Edifício Florida .	67
Figura 85 – Foto do Edifício Florida	67
Figura 86 – Foto da edícula do Edifício Missouri	68
Figura 87 – Foto de parte da fachada do Edifício Missouri	68
Figura 88 - Plantas baixas do Edifício Missouri (1942).....	68
Figura 89 - Planta baixa da cobertura do edifício Anchieta (1940).....	69
Figura 90 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Anchieta (1940).....	70
Figura 91 – Foto do Edifício Anchieta (1940)	70
Figura 92 - Vista do átrio interno do Edifício Anchieta	70
Figura 93 - Planta baixa do último andar do Edifício São Luís (1944).....	71
Figura 94 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício São Luís (1944).....	71
Figura 95 – Foto do Edifício São Luís	71
Figura 96 - Planta baixa tipo do Edifício Randrade (1941).....	72
Figura 97 - Foto do Edifício Randrade	72
Figura 98 - Planta baixa tipo e foto do Edifício Prudência (1944).....	77
Figura 99 - Planta baixa tipo do Edifício Tancredo Neves	78
Figura 100 – Foto do Edifício Tancredo Neves	78
Figura 101 - Planta baixa do pavimento térreo do Edifício Ouro Verde (1952).....	79
Figura 102 - Planta baixa tipo do Edifício Ouro Verde (1952).....	79
Figura 103 – Foto do Edifício Ouro Verde.....	79
Figura 104 - Planta baixa tipo e foto do Edifício Floragê (1963)	80
Figura 105 - Planta baixa tipo e foto do Edifício João Ramalho (1953).....	80
Figura 106 - Planta baixa de unidade do Edifício Guaporé (1956).....	81
Figura 107 - Foto do Edifício Guaporé	81
Figura 108 - Planta baixa tipo e foto do Edifício Presidente Antônio Carlos (1952)	82
Figura 109 - Planta baixa tipo e foto do Edifício Rosa Ângela Perrone (1950).....	82
Figura 110 – Foto do Edifício Rosa Ângela Perrone.....	82
Figura 111 - Planta baixa tipo do Edifício Santa Terezinha (1950)	82
Figura 112 - Foto do Edifício Santa Terezinha	82
Figura 113 - Planta baixa tipo do Edifício Acaiaca (1957)	83
Figura 114 – Foto do Edifício Acaiaca.....	83
Figura 115 - Planta baixa tipo do Edifício Barão do Rio Branco (1969).....	83
Figura 116 – Foto do Edifício Barão do Rio Branco.....	83
Figura 117 - Planta baixa tipo do Edifício Mirage (1976)	84
Figura 118 - Foto do Edifício Mirage.....	84
Figura 119 - Planta baixa tipo do Edifício Villa da Praia (1977)	84
Figura 120 - Foto do Edifício Villa da Praia	84
Figura 121 – Planta baixa tipo do Edifício Triomphe (1984).....	85
Figura 122 – Foto do Edifício Triomphe.....	85
Figura 123 - Planta baixa tipo e foto do Edifício Duque de Bragança (1970)	85
Figura 124 – Planta baixa tipo do edifício de apartamentos da superquadra sul 308.....	87

Figura 125 - Planta baixa de apartamento do Edifício Quatiara (1972).....	88
Figura 126 – Foto do Edifício Quatiara.....	88
Figura 127 - Anúncio de jornal de lançamento de edifício com home service em São Paulo .	90
Figura 128 - Planta baixa tipo do Edifício Antônio Gaudi (1996).....	91
Figura 129 – Foto do Edifício Antônio Gaudi.....	91
Figura 130 – Planta baixa do banheiro de serviço de unidade do Residencial Missouri	96
Figura 131 – Planta baixa do banheiro de serviço do Edifício Presidente João Pessoa (1958)	96
Figura 132 - Mapa da cidade de Maceió e detalhamento da quantidade de edifícios verticais multifamiliares por bairro	102
Figura 133 - Planta baixa de unidade do Edifício Donina Carneiro (1975).....	108
Figura 134 - Foto do Edifício Donina Carneiro	108
. Figura 135 - Foto do Edifício Status	109
Figura 136 - Planta baixa de unidade do Edifício Status (1976).....	109
Figura 137 - Planta baixa tipo do Edifício Mykonos (1977).....	109
Figura 138 – Foto do Edifício Mykonos	110
Figura 139 - Planta baixa tipo do Edifício Costa Verde (1978).....	110
Figura 140 - Apartamento de 1 quarto do Edifício Costa Verde (1978).....	110
Figura 141 – Foto do Edifício Costa Verde.....	110
Figura 142 - Planta baixa de unidade do Edifício Maria Isabel (1976).....	111
Figura 143 - Foto do Edifício Maria Isabel	111
Figura 144 - Planta baixa de unidade do Edifício Arthur Vital da Silva (1975).....	111
Figura 145 - Foto do Edifício Arthur Vital da Silva.....	111
Figura 146 - Planta baixa de unidade do Edifício Benedito Bentes (1977)	112
Figura 147 - Foto do Edifício Benedito Bentes.....	112
Figura 148 - Planta baixa de unidade do Edifício Versalhes (1976).....	112
Figura 149 - Foto do Edifício Versalhes	112
Figura 150 - Planta baixa de unidade do Edifício Mansão Leonardo da Vinci (1975).....	113
Figura 151 - Foto do Edifício Mansão Leonardo da Vinci	113
Figura 152: Planta baixa de unidade do Edifício Caravelas (1976)	113
Figura 153 - Foto do Edifício Caravelas	113
Figura 154 - Planta baixa de unidade do Edifício Kanandú (1976)	114
Figura 155 - Planta baixa de unidade do Edifício Jangada (1973).....	114
Figura 156 - Foto do Edifício Jangada	114
Figura 157 - Planta baixa de unidade do Edifício Dom Avelar (1977).....	114
Figura 158 - Foto do Edifício Dom Avelar	114
Figura 159 - Planta baixa de unidade do Edifício Armando Lobo (1978)	115
Figura 160 - Foto do Edifício Armando Lobo.....	115
Figura 161 - Planta baixa de unidade do Edifício Veleiro (1979).....	115
Figura 162 - Foto do Edifício Veleiro	115
Figura 163 - Planta baixa de unidade do Edifício Tatiana (1975).....	116
Figura 164 - Foto do Edifício Tatiana	116
Figura 165 - Planta baixa tipo do Edifício Solar Graciliano Ramos (1976).....	116
Figura 166 - Foto do Edifício Solar Graciliano Ramos.....	116
Figura 167 - Planta baixa de unidade do Edifício Lagoa Mar (1964).....	117

Figura 168 - Foto do Edifício Lagoa Mar	117
Figura 169 - Planta baixa de unidade do Edifício São Carlos (1964)	117
Figura 170 - Foto do Edifício São Carlos.....	117
Figura 171 - Planta baixa de unidade do Edifício Praia Verde (1974).....	118
Figura 172 - Foto do Edifício Praia Verde	118
Figura 173 - Planta baixa de unidade do Edifício Porto da Barra (1976)	118
Figura 174 - Foto do Edifício Porto da Barra.....	118
Figura 175 - Planta baixa de unidade do Edifício Núbia (1970).....	119
Figura 176 – Foto do Edifício Núbia.....	119
Figura 177 - Planta baixa de unidade do Edifício Boca da Grotta	119
Figura 178: Foto do Edifício Boca da Grotta	119
Figura 179 - Planta baixa de unidade do Edifício Benedito Bentes	120
Figura 180 - Planta baixa de unidade do Edifício Barroca (1973)	120
Figura 181 - Foto do Edifício Barroca	120
Figura 182 - Planta baixa de unidade do Edifício Fragata (1979).....	120
Figura 183 - Foto do Edifício Fragata	120
Figura 184 - Planta baixa de unidade de Edifício Antônia Luiza (1975).....	120
Figura 185 - Foto do Edifício Antônia Luiza	120
Figura 186 - Planta baixa de unidade do Edifício Versalhes (1976).....	121
Figura 187 - Foto do Edifício Saveiro	121
Figura 188 - Planta baixa de unidade do Edifício Saveiro (1976).....	121
Figura 189 – Planta baixa de unidade do Edifício Lagoa Mar (1964)	121
Figura 190 - Planta baixa tipo de Edifício Tatiana (1975)	122
Figura 191 - Planta baixa tipo do Edifício Atlântida (1976).....	122
Figura 192 – Foto do Edifício Atlântida.....	122
Figura 193 - Planta baixa tipo do Edifício Nina (1977)	123
Figura 194 – Foto do Edifício Nina.....	123
Figura 195 – Planta tipo do Edifício Boca da Grotta (1979).....	123
Figura 196 - Planta baixa tipo do Edifício Biarritz (1976).....	123
Figura 197 – Foto do Edifício Biarritz	123
Figura 198: Planta baixa tipo do Edifício Status (1976)	123
Figura 199 - Planta baixa tipo do Edifício Núbia (1970)	124
Figura 200 - Planta baixa tipo do Edifício Costa Verde (1978)	124
Figura 201 - Planta baixa de unidade do Edifício Villa Verde (1985).....	126
Figura 202 – Foto do Edifício Villa Verde.....	126
Figura 203 - Planta baixa de unidade do Edifício	126
Figura 204 – Foto do Edifício Morada dos Ventos	126
Figura 205 - Planta baixa de unidade do Edifício Fabiano I (1983)	126
Figura 206 – Foto do Edifício Fabiano I	126
Figura 207 - Planta baixa de unidade do Edifício Alessandra (1982).....	127
Figura 208 - Foto do Edifício Alessandra	127
Figura 209 - Planta baixa de unidade do Edifício Salmar (1987)	127
Figura 210 - Foto do Edifício Salmar.....	127
Figura 211 - Planta baixa de unidade de Edifício Papillon (1987).....	127

Figura 212: Foto do Edifício Papillon	127
Figura 213 - Planta baixa de unidade do Edifício Portal de Ponta Verde (1988).....	128
Figura 214 - Planta baixa de unidade do Edifício Safira (1988)	128
Figura 215 - Plantas baixa das unidades do Edifício Catamarã (1983).....	128
Figura 216 – Foto do Edifício Catamarã	128
Figura 217 - Planta baixa de unidade do Edifício Tartana (1987).....	129
Figura 218 - Planta baixa de unidade do Edifício Thalassa (1989).....	130
Figura 219 – Foto do Edifício Thalassa.....	130
Figura 220 - Planta baixa tipo do Edifício Igara (1987).....	130
Figura 221 – Foto do Edifício Igara	130
Figura 222 - Planta baixa de unidade do Edifício Ananda (1986)	131
Figura 223 - Foto do Edifício Ananda.....	131
Figura 224 - Planta baixa de unidade do Edifício Itapuã (1989).....	131
Figura 225 - Foto do Edifício Itapuã	131
Figura 226 - Planta baixa de unidade do Edifício Igara (1987).....	131
Figura 227 - Planta baixa de unidade do Edifício Portal de Ponta Verde (1988).....	132
Figura 228 – Foto do Edifício Portal de Ponta Verde	132
Figura 229 - Planta baixa de unidade do Edifício Jacques Lacan (1984).....	132
Figura 230 – Foto do Edifício Jacques Lacan	132
Figura 231 - Planta baixa de unidade do Edifício Safira (1988)	132
Figura 232 – Foto do Edifício Safira	132
Figura 233 - Planta baixa de unidade do Edifício Tartana (1987).....	133
Figura 234 – Foto do Edifício Tartana	133
Figura 235 - Planta baixa de unidade do Edifício Caiaque (1980).....	133
Figura 236 - Foto do Edifício Caiaque	133
Figura 237 - Planta baixa de unidade do Edifício Marinho de Gusmão (1988).....	134
Figura 238 – Foto do Edifício Marinho de Gusmão.....	134
Figura 239 – Planta baixa de unidade do Edifício Humaytá (1984)	134
Figura 240 – Foto do Edifício Humaytá.....	134
Figura 241 - Planta baixa de unidade do Edifício Martinica (1982)	134
Figura 242 – Foto do Edifício Martinica	134
Figura 243 - Planta baixa de unidade do Edifício Ancoradouro (1987).....	135
Figura 244 – Foto do Edifício Ancoradouro	135
Figura 245 - Planta baixa de unidade do Edifício Marinas (1988).....	135
Figura 246 - Foto do Edifício Marinas	135
Figura 247 – Planta baixa tipo do Edifício Portal do Atlântico (1989).....	136
Figura 248 – Foto do Edifício Portal do Atlântico	136
Figura 249 - Planta baixa de unidade do Edifício Escuna (1982)	136
Figura 250 - Foto do Edifício Escuna.....	136
Figura 251 - Planta baixa de unidade do Edifício Jamaica (1982) e detalhe do dormitório de empregada.....	137
Figura 252 - Foto do Edifício Jamaica	137
Figura 253 - Foto do Edifício Passargada	137
Figura 254 - Planta baixa tipo do Edifício Passargada (1985)	137

Figura 255 - Planta baixa de unidade do Edifício Salmar (1987) e detalhe do dormitório de empregada.....	138
Figura 256 - Planta baixa de unidade do Edifício Caiçara (1984).....	139
Figura 257 - Foto do Edifício Caiçara.....	139
Figura 258 - Planta baixa de unidade do Edifício Fabiano I (1983)	139
Figura 259 - Planta baixa tipo do Edifício Escuna (1982)	140
Figura 260 - Planta baixa tipo do Edifício Arunachala (1988).....	140
Figura 261 – Foto do Edifício Arunachala	140
Figura 262 - Planta baixa tipo do Edifício Igara (1987).....	140
Figura 263 - Planta baixa tipo do Edifício Karinne (1987).....	141
Figura 264 – Foto do Edifício Karinne.....	141
Figura 265 - Planta baixa tipo do Edifício Paris (1986).....	142
Figura 266 – Foto do Edifício Paris.....	142
Figura 267 - Planta baixa tipo do Edifício Tarumã (1985)	142
Figura 268 - Foto do Edifício Tarumã.....	142
Figura 269 - Planta baixa tipo do Edifício Ofir (1980)	142
Figura 270 – Foto do Edifício Ofir	142
Figura 271 - Planta baixa tipo do Edifício Angicos (1987).....	143
Figura 272 – Foto do Edifício Angicos	143
Figura 273 - Planta baixa de unidade do Edifício Ilha de Capri (1999).....	147
Figura 274: Foto do Edifício Ilha de Capri.....	147
Figura 275 - Planta baixa de unidade do Edifício Piazza Verdi (1991)	147
Figura 276 – Foto do Edifício Piazza Verdi	147
Figura 277 - Planta baixa de unidade do Edifício Riaño (1999).....	148
Figura 278 – Foto do Edifício Riaño	148
Figura 279 - Planta baixa de unidade do Edifício Mediterrâneo (1992)	148
Figura 280 - Foto do Edifício Mediterrâneo.....	148
Figura 281 - Planta baixa de unidade do Edifício Green Stars (1990).....	148
Figura 282 – Foto do Edifício Green Stars.....	148
Figura 283 - Planta baixa de unidade do Edifício Garona (1991).....	149
Figura 284 – Foto do Edifício Garona.....	149
Figura 285 - Planta baixa de unidade do Edifício Mirage (1999)	149
Figura 286 – Foto do Edifício Mirage	149
Figura 287 - Planta baixa de unidade do Edifício Porto Príncipe (1991).....	149
Figura 288: Foto do Edifício Porto Príncipe	149
Figura 289 - Planta baixa de unidade do Edifício Portal da Pajuçara (1992).....	150
Figura 290 – Foto do Edifício Portal da Pajuçara	150
Figura 291 - Planta baixa de unidade do Edifício Dom Rodrigo (1995).....	150
Figura 292 – Foto do Edifício Dom Rodrigo	150
Figura 293 - Planta baixa de unidade do Edifício Eliseu Teixeira (1998)	151
Figura 294 – Foto do Edifício Eliseu Teixeira	151
Figura 295 - Planta baixa de unidade do Edifício Bétula (1990)	151
Figura 296 - Foto do Edifício Bétula.....	151
Figura 297 - Planta baixa de unidade do Edifício Enseada dos Corais (1999)	152

Figura 298 – Foto do Edifício Enseada dos Corais	152
Figura 299 - Planta baixa de unidade do Edifício Granada (1991)	152
Figura 300 - Foto do Edifício Granada.....	152
Figura 301 - Planta baixa de unidade do Edifício Manoel Telles (1996).....	153
Figura 302 – Foto do Edifício Manoel Telles.....	153
Figura 303 - Planta de unidade do Edifício Portal de Pajuçara (1992)	153
Figura 304 - Foto do Edifício Portal de Pajuçara	153
Figura 305 - Planta baixa de unidade do Edifício Hélio Vasconcelos (1998).....	154
Figura 306 – Foto do Edifício Hélio Vasconcelos	154
Figura 307 - Planta baixa de unidade do Edifício Casagrande (1994)	154
Figura 308 - Foto do Edifício Casagrande	154
Figura 309 - Planta baixa de unidade do Edifício Granada (1991)	154
Figura 310 – Foto do Edifício Granada	154
Figura 311 - Planta baixa de unidade do Edifício Panorama (1991).....	155
Figura 312 – Foto do Edifício Panorama.....	155
Figura 313 - Planta baixa tipo do Edifício Porchat (1990).....	155
Figura 314 – Foto do Edifício Porchat	155
Figura 315 - Planta baixa de unidade do Edifício Varandas de Ponta Verde (1997).....	155
Figura 316 - Planta de unidade do Edifício Key West (1992)	155
Figura 317 - Foto do Edifício Key West	155
Figura 318 - Planta baixa de unidade do Edifício	156
Figura 319 - Foto do Edifício Dom Salvador Melendez	156
Figura 320 - Planta baixa de unidade do Edifício Silvia Cavalcante (1997).....	156
Figura 321 – Foto do Edifício Silvia Cavalcante	156
Figura 322 - Planta baixa de unidade do Edifício Vitre (1996).....	157
Figura 323 – Foto do Edifício Vitre	157
Figura 324 - Planta baixa de unidade do Edifício Ilha de Cartier (1999) com detalhe da dependência de empregada.....	157
Figura 325 – Foto do Edifício Ilha de Cartier	157
Figura 326 - Planta baixa de unidade do Edifício Portal do Sol (1997).....	158
Figura 327 – Foto do Edifício Portal do Sol.....	158
Figura 328 - Planta de unidade do Edifício Marvejan (1992).....	158
Figura 329 – Foto do Edifício Marvejan	158
Figura 330 - Planta baixa de unidade do Edifício Reduit (1991)	159
Figura 331 – Foto do Edifício Reduit.....	159
Figura 332 - Planta baixa de unidade do Edifício El Greco (1997)	160
Figura 333 – Foto do Edifício El Greco	160
Figura 334 - Foto do Edifício Itangá	160
Figura 335: Planta de unidade do Edifício Itangá	160
Figura 336 – Foto do Edifício Portal dos Corais	160
Figura 337 - Planta baixa de unidade do Edifício Portal dos Corais (1993)	160
Figura 338 - Planta baixa de unidade do Edifício Portal do Mar (1993)	161
Figura 339 – Foto do Edifício Portal do Mar	161
Figura 340 - Planta baixa tipo do Edifício Itapema (1992)	161

Figura 341 – Foto do Edifício Itapema.....	162
Figura 342 – Foto do Edifício Amsterdã.....	162
Figura 343 - Planta baixa tipo do Edifício Amsterdã (1991)	162
Figura 344 - Planta baixa tipo do Edifício Dandara (1997)	162
Figura 345 – Foto do Edifício Dandara	162
Figura 346 - Planta baixa tipo do Edifício Angai (1998)	163
Figura 347 – Foto do Edifício Angai.....	163
Figura 348 - Planta baixa tipo do Edifício Montpellier (1998).....	164
Figura 349 - Foto do Edifício Montpellier	164
Figura 350 - Planta baixa tipo do Edifício Guaraí (1993).....	164
Figura 351 - Foto do Edifício Guaraí	164
Figura 352 – Foto do Edifício Hermitage.....	164
Figura 353 - Planta baixa tipo do Edifício Hermitage (1997).....	165
Figura 354 - Foto do Edifício Mansão Henri Matisse	165
Figura 355 - Planta tipo do Edifício Mansão Henri Matisse (1999)	165
Figura 356 - Gráficos das décadas de 1960 a 1990 dos edifícios verticais multifamiliares em Maceió em relação à existência de dormitório de empregada.....	172
Figura 357 - Gráficos das décadas de 1960 a 1990 dos edifícios verticais multifamiliares em Maceió em relação à existência de banheiro de serviço	173

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipologias dos edifícios multifamiliares altos de Maceió construídos nas décadas de 1960 a 1990.....	102
Tabela 2 - Grupos de edifícios altos de apartamentos construídos em Maceió por década ...	103
Tabela 3 - Grupos de edifícios multifamiliares altos construídos em Maceió por tipologia em cada década.....	104
Tabela 4 - Padrões construtivos dos edifícios multifamiliares altos produzidos em Maceió por década.....	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Síntese das características predominantes dos edifícios de apartamentos com dormitórios de empregada produzidos de 1964 a 1999.....	172
---	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tipologias de edifícios multifamiliares altos construídos em Maceió de 1964 a 1979	109
Gráfico 2 - Padrão construtivo dos edifícios com dormitórios de empregada - décadas de 1960 e 1970	111
Gráfico 3: Tipologias de edifícios verticais multifamiliares construídos em Maceió de 1980 a 1989	125
Gráfico 4: Edifícios verticais multifamiliares construídos em Maceió de 1980 a 1989.....	125
Gráfico 5 - Padrão construtivo dos edifícios com dormitórios de empregada produzidos durante a década 1980	129
Gráfico 6 – Edifícios verticais multifamiliares em relação ao banheiro de serviço durante a década de 1980	139
Gráfico 7 - Tipologias de edifícios verticais multifamiliares construídos em Maceió de 1990 a 1999	147
Gráfico 8 - Edifícios verticais multifamiliares construídos em Maceió de 1990 a 1999	147
Gráfico 9 - Padrão construtivo dos Edifícios com dormitórios de empregada produzidos durante a década de 1990.....	151
Gráfico 10 - Edifícios verticais multifamiliares em relação ao banheiro de serviço nos anos 1990	160

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
PESQUISAS DE REFERÊNCIA SOBRE O TEMA	26
CARACTERIZAÇÃO DO PROCESSO DE VERTICALIZAÇÃO DE MACEIÓ.....	28
OBJETIVOS	30
ESTRUTURA DO TRABALHO	30
CAPÍTULO 1: A TRAJETÓRIA DA DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NOS EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS NO BRASIL DE 1910 à 1940	32
1.1 DOIS PADRÕES DOS EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS BRASILEIROS.....	32
1.2 A DIFERENCIAÇÃO DOS ACESSOS SOCIAL E DE SERVIÇO NOS EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS.....	36
1.3 DEPENDÊNCIAS DE EMPREGADAS EM EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS DAS DÉCADAS 1910 a 1940.....	39
1.3.1 As dependências de empregada no interior dos apartamentos.....	40
1.3.2 Alojamentos de empregados nas coberturas dos edifícios de apartamentos.....	44
1.3.3 Alojamentos de empregados no térreo (edícula) dos edifícios de apartamentos	58
1.3.4 Dependências de empregados nos halls do pavimento tipo dos edifícios.....	59
1.3.5 Opções híbridas de alojamentos de empregados em edifícios de apartamentos.....	62
1.4 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO 1	73
CAPÍTULO 2 - A TRAJETÓRIA DA DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NOS EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS NO BRASIL ENTRE AS DÉCADAS DE 1940 E 1990	75
2.1 A ENTRADA “DEFINITIVA” DO DORMITÓRIO DE EMPREGADA NO INTERIOR DOS APARTAMENTOS	75
2.2 AS DÉCADAS DE 1950 E 1960 - A INDISPENSABILIDADE DAS DEPENDÊNCIAS	78
2.3 AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 - O SURGIMENTO DO TERCEIRO REVERSÍVEL	83
2.4 A DÉCADA DE 1990 - A SUPRESSÃO PROGRESSIVA DAS DEPENDÊNCIAS DE EMPREGADAS NOS EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS	91
2.5 ESPAÇOS “IMUTÁVEIS” – O DORMITÓRIO, BANHEIRO E CIRCULAÇÕES DE EMPREGADOS DOMÉSTICOS.....	93
2.6 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO 2.....	99
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	101
3.1 IDENTIFICAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA.....	101
3.2 CRITÉRIOS DE ANÁLISE DE PROJETO	103
CAPÍTULO 4 - A DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NAS DÉCADAS DE 1960, 1970 E 1980 EM EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS EM MACEIÓ	108

4.1 A DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970 EM EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS EM MACEIÓ.....	108
4.1.1 Tipologias dos apartamentos.....	108
4.1.2 Padrão construtivo dos edifícios de apartamentos	111
4.1.3 Disposição, acesso e flexibilidade do dormitório de empregada	112
4.1.4 Dimensionamento do dormitório de empregada	116
4.1.5 Tipos de aberturas do dormitório de empregada.....	117
4.1.6 Disposição e dimensionamento do banheiro de serviço	119
4.1.7 Acessos às unidades dos apartamentos – entradas, corredores e elevadores	121
4.2 A DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NOS APARTAMENTOS DA DÉCADA DE 1980	125
4.2.1 Tipologias dos apartamentos.....	125
4.2.2 Padrão construtivo dos edifícios de apartamentos	129
4.2.3 Disposição, acesso e flexibilidade do dormitório de empregada	130
4.2.4 Dimensionamento do dormitório de empregada	135
4.2.5 Tipos de aberturas do dormitório de empregada.....	136
4.2.6 Disposição e dimensionamento do banheiro de serviço	138
4.2.7 Acessos às unidades dos apartamentos – entradas, corredores e elevadores	141
4.3 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO 4.....	144
CAPÍTULO 5 - A DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NA DÉCADA DE 1990 EM EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS EM MACEIÓ	146
5.1 A DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NOS APARTAMENTOS DA DÉCADA DE 1990	146
5.1.1 Tipologias dos apartamentos.....	146
5.1.2 Padrão construtivo dos edifícios de apartamentos	150
5.1.3 Disposição, acesso e flexibilidade do dormitório de empregada	152
5.1.4 Dimensionamento do dormitório de empregada	156
5.1.5 Tipos de aberturas do dormitório de empregada.....	157
5.1.6 Disposição e dimensionamento do banheiro de serviço	158
5.1.7 Acessos às unidades dos apartamentos - portas de entrada e elevadores.....	161
5.2 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO 5.....	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	167
REFERÊNCIAS	175
APÊNDICES	184

INTRODUÇÃO

Dentre as diversas transformações que marcaram a conformação do espaço doméstico, as mudanças ocorridas nos ambientes do setor de serviços – cozinha, lavanderia, dependência de empregada (dormitório e banheiro) – foram das mais significativas. De local sujo e braçal, excluído do corpo principal da casa no século XIX, a espaço limpo, claro, e, sobretudo tecnológico, propagado pela mídia como uma verdadeira vitrine da indústria de eletrodomésticos no século XX, o setor de serviços sempre exerceu forte influência sobre a rotina doméstica de seus usuários (HOMEM, 1990).

Atualmente, com a maior proliferação de edifícios de apartamentos nas metrópoles e cidades médias brasileiras e a consolidação dessa tipologia habitacional como importante opção de moradia, tanto para as camadas sociais mais baixas quanto para as médias e altas, novas modificações passam a ocorrer tanto nos hábitos familiares, quanto no desenho dos espaços dos apartamentos. Conforme Bittar e Veríssimo (1999), foi com o surgimento das habitações multifamiliares verticais, que os ambientes de serviço atingiram dimensões mínimas e racionalização máxima, além de serem sempre dispostos nos locais menos confortáveis e de maior insolação da unidade habitacional em climas tropicais. Por serem áreas de uso menos contínuo pelos usuários das unidades, os responsáveis pelos seus projetos também pouco se interessam em buscar estratégias de amenização das condições de habitar nesses espaços, sendo toda a sua atenção voltada para o favorecimento dos ambientes íntimos e sociais (COIMBRA et al, 2018).

Nesse contexto, destaca-se a dependência de empregada como o elemento mais controverso da moradia brasileira, um cômodo originalmente de permanência noturna, situado dentro do setor de serviço, e por isso, entendido também como espaço de trabalho. Reduzidas ao extremo e escondidas dos olhos dos moradores e visitantes, por meio de uma configuração que promove o seu isolamento dos demais setores da habitação, a dependência de empregada carrega uma forte carga simbólica vinculada à lógica de pensamento escravocrata do período colonial e à estratificação social que marcou a construção da sociedade brasileira (MELLO, 2012).

As raízes do trabalho doméstico no sistema escravocrata e na divisão sexual do trabalho reforçaram a invisibilidade e o desprestígio social desta atividade; aspectos que se refletiram no planejamento dos espaços da habitação ao longo de sua transformação. Para

Bittar e Veríssimo (1999), a dependência de empregada constitui herança histórica das edículas do século XIX, alojamentos precários situados nos fundos dos lotes das residências e ocupadas por escravos.

Após a abolição da escravatura, esse ambiente sofreu significativas transformações, uma vez que a mão-de-obra doméstica assalariada, também composta por mulheres brancas e imigrantes, passou a exigir melhores acomodações. Com isso, a empregada assalariada ganhou acomodações decentes, dormitório e banheiro, não mais dormindo em construções improvisadas nos quintais, em porões abafados e úmidos, nos desvãos do telhado, ou em pseudo-despensas, ao lado do fogão¹; sendo, no entanto, tais ambientes mantidos próximos à área de serviço enquanto determinante da identificação funcional e social (LEMOS, 1978).

as acomodações das mucamas, das negras da cozinha e dos moleques de recado se resumiram no quatinho da empregada doméstica, última remanescente ou testemunha social de nosso regime escravocrata, que a troca de pequeno salário, cama e comida faz o papel de suas avós (LEMOS, 1978, p. 17).

A presença do quarto de empregada em projetos de plantas de casas e apartamentos europeus modernistas consiste em situação atípica. Na obra alemã *Grundribatlas* (SCHNEIDER, 2006), cuja análise se debruça sobre uma amostra composta por 140 exemplares de plantas de projetos residenciais produzidos ao longo de mais de 30 anos; não se observa a presença da dependência de empregada em nenhum desses casos.

A escassa aparição de casos de dormitórios de serviço em residências europeias possivelmente apresenta relação com as transformações ocorridas no trabalho doméstico desde o final do século XIX (CIERAAD, 2002), quando, por exemplo, o aumento da escolaridade das meninas britânicas reduziu o número de moças pobres disponíveis para este serviço; como também no período da Primeira Guerra Mundial, quando milhares de mulheres foram trabalhar nas fábricas inglesas, e não retornaram ao serviço doméstico (CORONATO et al, 2012).

¹ Antes da abolição em 1888, já era possível encontrar em alguns exemplares de residências de famílias ricas, quartos de criadas projetados dentro de casa, com comunicação interna, como se estas fossem agregadas à família, porém tal solução estaria relacionada à contratação de criadas estrangeiras brancas para atuar como preceptoras das crianças e como governantas, sendo os demais trabalhadores domésticos, acomodados nos porões, nas mansardas ou em espaços ao lado da cozinha (SCHETTINO; LEMOS, 2014).

Simone Villa (2002) discorre também sobre como a partir da década de 1910, na França, a falta de pessoal doméstico qualificado² e a diminuição da área dos apartamentos promoveu o desaparecimento dos quartos de empregados, antes situados no último andar dos edifícios.

Como exceção a esta realidade, destaca-se a Turquia, cujos projetos de apartamentos residenciais sofreram grande influência da arquitetura modernista brasileira, e aderiram ao quarto de empregada e às duas entradas, social e de serviço. Segundo Meltem (2012), o quarto de empregada consistia em um recurso típico de apartamentos voltados à elite turca desde 1920. No entanto, foi a partir da sua inserção em conjuntos habitacionais construídos nas décadas de 1950 e 1960, como o Atakoy concluído em 1962, e fortemente influenciado pelos projetos de Oscar Niemayer e Lúcio Costa, que este se tornou um recurso desejável para as famílias de classe média e elemento padrão nos seus programas de necessidades.

Goussinsky (2018) e Mendrado (2018) salientam uma tendência recente de inclusão da dependência de empregada em plantas de apartamentos produzidos em Portugal, cuja intenção se baseia em atender às demandas de famílias brasileiras que para lá se mudam, e que hoje ocupam o terceiro lugar entre os estrangeiros que mais compram imóveis no país.

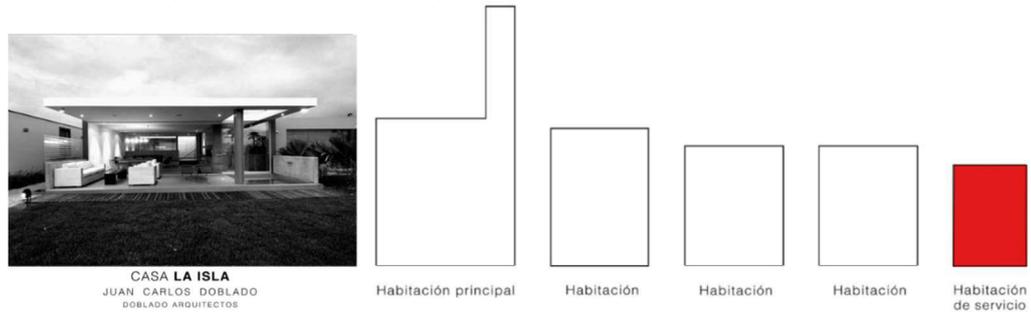
No Brasil, as tipologias de apartamentos de três e de quatro dormitórios geralmente apresentam a dependência de empregada, como observado por Villa (2002), em São Paulo — fruto de levantamento de 482 projetos de edifícios de apartamentos paulistanos, do período de 1910 a 2002, e em São Paulo e Ribeirão Preto (VILLA, 2008). O mesmo fenômeno se verificou em Maceió (TOLEDO; MARINHO; XAVIER, 2012; ALVES, 2012; TOLEDO; BARBOSA; SILVA, 2015; SANTOS, 2016).

A empregada doméstica e os espaços relativos a ela já foram tema de algumas produções artísticas, como a exposição de fotos “*Habitaciones de Servicio*” produzida pela artista plástica Daniela Ortiz em 2012, a qual evidenciava o tamanho do dormitório de empregada e sua localização em relação aos outros dormitórios de casas pertencentes a famílias de renda alta de Lima, construídas entre 1930 e 2012 (Figuras 1 e 2). O filme americano “*Histórias Cruzadas*” lançado em 2011 (Figura 3) discute, com certa ênfase na

² Conforme Villa (2002), a escassez de mão de obra doméstica, após a Primeira Guerra, também teria sido um dos fatores que estimularam a criação de materiais e equipamentos que modificaram o status da cozinha e que permitiram maior racionalização das tarefas, de modo a facilitar o trabalho da dona-de-casa que passou a frequentar mais este espaço.

questão racial, a segregação das empregadas domésticas nas residências dos anos 1960, dando destaque à existência do banheiro de serviço. Mais recentemente, no ano de 2018, foi lançado o aclamado filme “Roma”, que aborda a rotina de uma empregada doméstica residente na casa de uma família de classe média no México dos anos 1970 (Figura 4).

Figura 1 - Material da exposição "Habitaciones de Servicio" (2012)



Fonte: Site Afasia archzine, 2019

Figura 2 - Cartaz da exposição "Habitaciones de Servicio"³



Fonte: Site Afasia archzine, 2019

Figura 3 - Cartaz do filme "Histórias Cruzadas"



Fonte: Google imagens, 2019

Figura 4 - Cena do filme "Roma"



Fonte: Google imagens, 2019

No Brasil, o curta-metragem “Recife Frio” de Kléber Mendonça Filho, lançado em 2009, trouxe uma crítica ao quarto de empregada ao retratar a conversão deste no cômodo

³ Frase traduzida para o português: "Quartos de serviço. Não há desculpa para a sua localização e dimensões".

mais confortável (e por isso disputado) de um apartamento situado à beira-mar, tomado pelo frio que se instalou em Recife. No ano de 2012, o documentário “Doméstica” de Gabriel Mascaro (Figura 5) retratou o cotidiano de seis empregadas domésticas e um empregado do sexo masculino filmados através do olhar dos filhos dos patrões, expondo não só a complexidade de relações que unem afeto e hierarquia de poder, mas uma série de situações que diversificam o universo desta atividade (GONÇALVES, 2015; GOMES, 2016). No entanto, foi com o sucesso de público e crítica do filme “Que horas ela volta?” de Anna Muylaert (Figura 6), em 2015 (ANGIOLILLO, 2015; GUERRA, 2015), o qual aborda a relação entre patrão e empregada em uma família paulistana de classe alta, que novas discussões em torno do “quartinho de empregada” ganharam maior espaço na mídia brasileira.

Figura 5 - Cartaz do documentário "Doméstica"



Fonte: Google imagens, 2019

Figura 6 - Cartaz do filme "Que horas ela volta?"



Fonte: Google imagens, 2019

Em 2017, ganhou destaque o episódio polêmico envolvendo um grupo de estudantes de arquitetura da UFMG, que se recusou a projetar uma residência de alto padrão contendo em seu programa de necessidades oito dependências de empregados, atividade esta solicitada por uma disciplina ironicamente denominada “Casa Grande” (QUEIROGA, 2017).

Com base em um estudo etnográfico realizado no Rio de Janeiro, Donna Goldstein (2003) destaca como o “quartinho”, situado invariavelmente atrás da cozinha e da lavanderia, o qual, em geral, não comporta mais do que uma pequena cama de solteiro, passou de moradia a espaço para uso apenas durante o dia; além de descrever o banheiro de serviço, em via de regra, como área diminuta que mal tem lugar para um chuveiro e um vaso sanitário. A autora também aborda como as informações subliminares contidas nas disposições dos espaços e nos dizeres dos seus pais, informam às crianças a distância social existente entre elas e as empregadas domésticas. Nestes ambientes de segregação pode ser colocado tudo que deve

permanecer escondido para não desordenar a organização da casa, sendo verdadeiros “espaços de despejo” (GOLDSTEIN, 2003).

Atualmente, questionamentos têm sido levantados sobre o uso e a real necessidade da dependência de empregada, uma vez que tem sido cada vez menor a presença da trabalhadora doméstica mensalista nas residências, sobretudo, no período noturno. Muitas dessas profissionais têm sido substituídas pelo serviço de diaristas para limpeza geral, pelas famílias de renda média, tendência confirmada por pesquisa⁴ realizada pelo Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA, 2015) que a partir da comparação de dados de 1995 e 2015, verificou a ocorrência de uma redução de 89% no número de empregadas domésticas que moravam na casa dos patrões, e um aumento de 73,2% na quantidade de diaristas.

Alguns pontos podem ser levantados como possíveis razões para essa tendência: como o aumento dos valores pagos por esse serviço, decorrente da regulamentação dos direitos dos trabalhadores domésticos, garantida com as alterações no artigo 7º da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988), realizadas pela promulgação da Emenda Constitucional nº 72 em 02 de abril 2013 (BRASIL, 1988), e que ficou conhecida no país como PEC das Domésticas; e a política de aumento real do salário mínimo associada a crises econômicas, visto que o salário médio da economia não acompanhou esta valorização, o que teria ocasionado o aumento proporcional do custo do empregado no orçamento familiar (DUARTE, 2016). Além disso, pode-se citar a questão da alteração do estilo de vida da família brasileira, que ao passar o dia inteiro fora de casa, e dispor de uma cozinha e área de serviço cada vez mais equipadas com máquinas que realizam parte do trabalho doméstico, prefere não manter alguém de fora do ciclo familiar dentro da residência.

Para Coronato et al (2012) trata-se de uma mudança cultural, na qual um número crescente de brasileiros passa a se sentir desconfortável com o tipo de relação autoritária, paternalista, assistencialista e dependente cultivada com as empregadas ao longo das décadas anteriores, a qual se mostra invasiva para ambos os lados. Ademais, os autores preveem para os próximos anos uma tendência de transformação das diaristas brasileiras em “horistas”, ou seja, profissionais que trabalharão por hora e com isso poderão atender mais residências por dia, serviço este já habitual nos Estados Unidos e em países da Europa.

⁴ Conforme os resultados da pesquisa “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça” realizada pelo Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA) com base nas séries históricas de 1995 a 2015 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Mesmo nos casos de famílias que ainda convivem com a presença cotidiana da empregada doméstica, a existência de um dormitório exclusivo para o uso da mesma também passa a ser repensada, visto que são cada vez mais escassos os casos de empregadas que continuam a dormir no local do emprego. Desse modo, novas funções começam a ser cogitadas para esse espaço, como por exemplo, extensão da área de serviços, despensa, depósito, ou até mesmo um novo dormitório para um dos familiares, escritório ou closet, configurando nesses últimos casos, possivelmente, o chamado dormitório reversível (TRAMONTANO; VILLA, 2000; XAVIER; TOLEDO, 2015; MORAIS, 2017).

O fato é que o serviço doméstico, embora tenha passado por diversas mudanças ao longo das últimas décadas, sobretudo, no seu formato de contratação pela classe média; continua a ser um aspecto cultural importante da sociedade brasileira; no ano de 2017 esta categoria respondeu por 6,8% dos empregos no país e por 14,6% dos empregos formais das mulheres. Cabe destacar também que o Brasil ocupou a primeira posição no ranking de nações com maior número de trabalhadores domésticos no mundo⁵ (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2019).

Na cidade de Maceió, capital de Alagoas, estado da região nordeste do Brasil, a cultura de contratação de empregadas domésticas sempre foi bastante expressiva, estando inserida em um contexto de grande desigualdade socioeconômica e alto índice de êxodo rural. Essa categoria era, em geral, composta por mulheres com pouca formação escolar, grande parte vinda de municípios pobres do interior, que encontravam nesta função um dos principais caminhos de inserção no mercado de trabalho (VILLAS BÔAS, 2015).

Esse quadro resultou nas últimas décadas numa mão de obra doméstica bastante ampla, precarizada, barata e marcada por altas taxas de informalidade⁶ (LOPEZ, 2018), sobretudo, antes da aprovação das leis que garantiam maiores direitos a estas profissionais, o que possivelmente colaborou para que a contratação e residência da empregada doméstica dentro da moradia dos patrões fosse amplamente utilizada e se tornasse um hábito de morar das famílias maceioenses de renda média e alta, presente não só nas residências unifamiliares, mas também nos edifícios de apartamentos lançados tardiamente a partir da década de 1960.

⁵ A liderança brasileira nesse ranking só é contestada pela informalidade e falta de dados confiáveis de outros países (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2017).

⁶ Até o ano de 2013, cerca de 77,2% dos trabalhadores de serviços domésticos em Alagoas encontravam-se na atividade informal, sendo que na capital Maceió este percentual era de 72% (SITE REAL DEODORENSE, 2016).

Tendo em mente que a dependência de empregada consiste em um elemento cultural, e que a reflexão sobre a natureza desses espaços constitui uma forma de atingir uma maior compreensão sobre o modo de vida do povo brasileiro, torna-se relevante a realização de estudos que se destinem a compreender a trajetória histórica, transformações espaciais, tendências projetuais e as novas demandas exigidas nestes ambientes, visando a garantia de espaços de maior qualidade, sobretudo nas unidades de apartamentos, e em cidades onde a contratação de serviço doméstico sempre foi significativa, caso de Maceió em Alagoas.

PESQUISAS DE REFERÊNCIA SOBRE O TEMA

No âmbito acadêmico, embora seja possível encontrar uma quantidade significativa de estudos sobre o universo do trabalho doméstico sob o ponto de vista de sua evolução histórica, sob o viés da sociologia ou mesmo dentro do campo jurídico; verifica-se uma escassez de estudos que abordem a “dependência de empregada” como objeto de pesquisa, ou ainda, que reconheçam a empregada doméstica como usuária ativa destes espaços no campo da Arquitetura e do Urbanismo. Ao longo da produção desta dissertação foram encontradas apenas três pesquisas acadêmicas de conclusão de cursos nesta área do conhecimento, uma delas de graduação, e as demais de pós-graduação, direcionadas a investigar os alojamentos de empregados domésticos:

O trabalho de conclusão de curso de graduação de Siqueira de Carvalho (2014), defendido na Universidade de São Paulo, trabalha a questão da memória associada aos quartos de empregada, a partir da análise deste ambiente em projetos de casas modernistas unifamiliares em São Paulo, levando em consideração questões das relações de gênero, de classe e relações de trabalho; além da realização de entrevistas com empregadas domésticas, na intenção de revelar suas percepções.

A dissertação de Saleiro Filho (2001), defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, analisa a evolução espacial da inserção do dormitório de empregada nos programas arquitetônicos de apartamentos destinados à classe média, na cidade do Rio de Janeiro, ao longo dos séculos XIX e XX, e aponta a tendência da reversibilidade deste espaço, por meio da análise de 64 plantas de empreendimentos lançados entre 1999 e 2001, e de entrevistas realizadas com os construtores/incorporadores, compradores-moradores e com trabalhadoras domésticas.

A dissertação de Moraes (2017), defendida na Universidade Federal da Paraíba, investigou as transformações ocorridas na dependência de empregada das habitações multifamiliares na cidade de João Pessoa/Paraíba e os processos socioespaciais envolvidos nestas mudanças, a partir de investigação histórica (metodologia diacrônica); análise de plantas de apartamentos lançados no intervalo temporal de 2001 a 2015; da realização das visitas às unidades habitacionais e de entrevistas com moradores dos apartamentos pesquisados e com trabalhadoras domésticas.

Uma obra que deu protagonismo ao dormitório de empregada foi o livro “O quartinho invisível – escovando a história da arquitetura paulista a contrapelo” Carranza (2017). A obra, que decorre de um trabalho final da disciplina “Programa da Casa Brasileira” ministrada por Carlos Lemos em 1996 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, busca aclarar como o trabalho e o trabalhador doméstico têm sido entendidos pela sociedade, por meio do estudo do seu alojamento dentro da casa paulista em diferentes momentos históricos (período colonial, imperial e republicano) e da análise deste ambiente em algumas obras modernas (casas e edifícios de apartamentos) de arquitetos consagrados.

Outros trabalhos que se debruçaram especificamente sobre o dormitório de empregada foram os artigos de Trigueiro e Cunha (2015), “O quarto de empregada: história de um *apartheid* imutável num espaço doméstico em mudança”, o qual enfoca a forma arquitetônica do espaço doméstico no Brasil como evidência de mudanças nos modos de comportamento social, a partir do uso de metodologia de análise da sintaxe espacial; assim como, o artigo de Viana e Trevisan (2016), “O “quartinho de empregada” e seu lugar na morada brasileira”, que busca a partir da análise de vinte habitações, modernistas e contemporâneas projetadas entre 1927 e 2010, discutir como arquitetos posicionam o “quartinho” na hierarquia da espacialidade doméstica.

Ademais, o artigo de Brandão (2018), “A dependência de empregada na arquitetura paulistana: análise da disposição da área de serviço nas plantas-baixas de edifícios multifamiliares construídos em São Paulo entre as décadas de 1930 e 1970”, que discute a relação existente entre o trabalho assalariado doméstico e a dependência de empregada com o trabalho escravo e a senzala, além de analisar as características espaciais das dependências de empregadas dos projetos de apartamentos publicados na Revista Acrópole entre 1938 e 1971.

CARACTERIZAÇÃO DO PROCESSO DE VERTICALIZAÇÃO DE MACEIÓ

Maceió, capital do estado de Alagoas, localiza-se no nordeste do Brasil, com uma superfície urbana de 503,072 km², distribuída em 50 bairros e zona rural, sendo seu território limitado a leste, pelo Oceano Atlântico, e a oeste pela Lagoa Mundaú. Conhecida no marketing turístico do país como “Paraíso das águas”, denominação que remete às belezas naturais de suas praias e lagoas. O município contava no ano de 2018, com cerca de 1.012.382 habitantes, conforme pesquisa realizada pelo IBGE (2018).

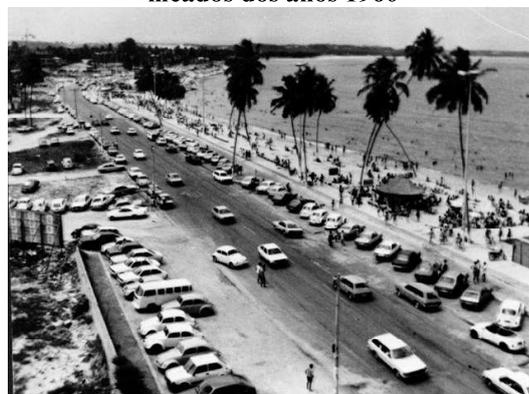
A cidade apresentou um processo de verticalização tardio (Figuras 7-8), iniciado somente a partir da década de 1960 com o lançamento do Edifício Brêda (Figura 9) — o primeiro edifício verticalizado alto (com mais de quatro pavimentos tipo) com elevador, sendo este voltado ao uso comercial e de serviços, e localizado no Centro. O lançamento dos primeiros edifícios verticais multifamiliares só ocorreu no ano de 1964, com a construção do Edifício São Carlos (Figura 10), projetado pelo desenhista Walter Cunha e situado à beira-mar na Avenida da Paz também no Centro; e do Edifício Lagoa Mar, no bairro Farol.

Figura 7 – Foto do centro de Maceió (1967)



Fonte: Facebook Maceió Antiga, 2019

Figura 8 – Foto da orla marítima de Maceió em meados dos anos 1960



Fonte: Facebook Maceió Antiga, 2019

Figura 9 – Foto do Edifício Brêda



Fonte: Prefeitura Municipal de Maceió, 2019

Figura 10 – Foto do Edifício São Carlos



Fonte: Facebook Maceió Antiga, 2019

Durante as décadas seguintes de 1970 e 1980, os edifícios verticais de apartamentos se multiplicaram na cidade, fenômeno influenciado, principalmente, pela instalação das primeiras construtoras na cidade e pela determinação política da elite maceioense, que enxergava no edifício alto um símbolo de modernidade, progresso e status; além de um meio de superação da condição de “atraso” em relação às grandes metrópoles brasileiras, que desde a década de 1920 vinham produzindo esta tipologia arquitetônica. Cabe destacar que neste período não havia escassez de terrenos na cidade (ALVES; TOLEDO, 2012).

Conforme Alves (2012), inicialmente a ocupação dos edifícios em altura em Maceió se concentrou entre os bairros Centro e Farol, localizações com ocupação já consolidada por usuários de renda média e alta, e cuja preferência decorria, entre outros fatores, de sua infraestrutura completa de serviços públicos, escolas, comércio variado, lazer e entretenimento.

Somente a partir do final da década de 1970 e início dos anos 1980, o fenômeno da verticalização passou a se manifestar nos bairros da orla, tendo como consequência sua (re)configuração espacial e paisagística. Esta (re)configuração foi caracterizada pela rápida substituição de moradias unifamiliares (casas) e terrenos vazios por edifícios multifamiliares de apartamentos, primeiramente na faixa próxima ao mar, ocorrendo em seguida o estabelecimento da verticalização em setores internos dos bairros, como resultado da proximidade das principais vias de circulação, ou de centralidades e comércio (ZACARIAS, 2007).

Nos anos seguintes, os bairros da orla marítima passaram por uma explosão imobiliária turística, marcada pela construção de grandes hotéis e pela introdução do primeiro Shopping Center da cidade, construído nas imediações desta região. A forte expansão urbanística da região aliada à aceitação cada vez maior do maceioense ao morar em apartamentos, impulsionou um verdadeiro boom imobiliário na década de 1980, no qual um grande número de famílias começou a deixar a parte alta da cidade para morar nos edifícios da orla marítima (BARROS, 2010).

Cabe destacar que somente no ano de 1979 foi implantado o primeiro código de edificações da cidade que tratava de edifícios verticais, e que o mesmo só passou a contemplar itens específicos sobre edifícios multifamiliares em altura em 1985, a partir da sua reformulação (TOLEDO; MARINHO; XAVIER; 2012). Ao final dos anos 1990 já se podia

observar a presença de edifícios verticais multifamiliares em 12 bairros, distribuídos em diferentes regiões da cidade.

Uma peculiaridade do processo de verticalização da região da orla marítima de Maceió, diz respeito à limitação quanto ao número de pavimentos dos edifícios. Um dos parâmetros que definiam a altura dessas edificações era o raio imaginário do farol de navegação da marinha, localizado no bairro Jacintinho, o qual determinava um cone que limitava o gabarito dos edifícios, visando preservar a visibilidade do farol pelos navegantes (CAVALCANTE, 2014). Desse modo, os bairros da orla marítima se consolidaram como áreas de maior concentração de edifícios verticalizados em Maceió.

OBJETIVOS

A presente dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo tem como objetivo analisar as configurações espaciais das dependências de empregadas dos edifícios de apartamentos de médio e alto padrão, produzidos no período de 1964 à 1999, na cidade de Maceió.

Como objetivos secundários a pesquisa busca:

- Traçar a trajetória histórica da dependência de empregada dos apartamentos de edifícios brasileiros construídos entre as décadas de 1910 e 1990;
- Analisar os aspectos relativos à acessibilidade das instalações comuns e das unidades de apartamentos de edifícios conforme a divisão entre a função “social” e “serviço”;
- Investigar as tipologias e padrões construtivos dos edifícios verticais de apartamentos dotados de dependências de empregadas construídos de 1960 ao final da década de 1990 na cidade de Maceió/Alagoas;
- Caracterizar os aspectos configuracionais das dependências de empregadas dos apartamentos de edifícios verticais de 1964 a 1999 na cidade de Maceió/Alagoas;

ESTRUTURA DO TRABALHO

A estrutura do trabalho organiza-se em cinco capítulos:

Os capítulos 1 e 2 tratam da investigação histórica dos ambientes direcionados ao uso por empregadas domésticas produzidos nos edifícios multifamiliares verticais construídos no Brasil. O capítulo 1 compreende as transformações espaciais ocorridas no período de 1910 até o início da década de 1940. Já o capítulo 2 desenvolve a segunda parte da investigação

abordando as mudanças ocorridas entre os anos 1940 e o final da década de 1990, além de trazer uma reflexão sobre as características marcantes nos projetos das dependências de empregada e uma crítica à participação do arquiteto no processo de planejamento desses espaços.

Para a construção desses dois capítulos foi realizada revisão de literatura em obras acadêmicas, artigos científicos, periódicos, dissertações, teses e livros, coletados em plataformas como o Portal de Periódicos CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Além disso, foi realizada pesquisa documental por meio de levantamento de peças gráficas e fotográficas de projetos de edifícios de apartamentos em publicações especializadas e acervos digitais.

O capítulo 3 apresenta a definição do universo da pesquisa e os métodos utilizados para caracterização das dependências de empregada e elementos afins construídos nos edifícios verticais multifamiliares na cidade de Maceió/Alagoas.

Os capítulos 4 e 5 apresentam os resultados obtidos por meio da análise das dependências de empregadas presentes nas plantas de apartamentos de edifícios multifamiliares verticais produzidos em Maceió entre as décadas de 1960 e 1990. No capítulo 4 são apresentados os resultados da análise das dependências de empregadas dos edifícios de apartamentos construídos entre as décadas de 1960 e 1980. Já o capítulo 5 compreende os resultados obtidos a partir da análise dos projetos de edifícios de apartamentos produzidos durante a década de 1990.

CAPÍTULO 1: A TRAJETÓRIA DA DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NOS EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS NO BRASIL DE 1910 à 1940

O presente capítulo aborda as principais transformações ocorridas nas dependências de empregadas domésticas adotadas em edifícios verticais multifamiliares desde o surgimento desta modalidade habitacional no Brasil na década de 1910 até o início da década de 1940. Nesse sentido, são traçados os padrões construtivos dos empreendimentos compostos por estes ambientes; o perfil da população ao qual estes edifícios eram direcionados no mercado imobiliário; as diferentes configurações de projeto adotadas nos espaços direcionados aos empregados domésticos e os fatores que influenciaram nestas escolhas. Ademais é discutida a questão do surgimento e propagação do modelo de edifício cujas circulações (corredores e elevadores) e entradas são diferenciadas com base no uso social e de serviço.

1.1 DOIS PADRÕES DOS EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS BRASILEIROS

Nas duas primeiras décadas do século XX, uma nova forma de morar surgiu no Brasil: os edifícios verticais de apartamentos. Villa (2008) discorre como a forte influência dos modos de vida europeu e americano, aliada aos ideais modernistas, e a imagem do “arranha céu” enquanto representação do progresso da cidade, foram importantes fatores que estimularam a construção de edifícios verticalizados nas grandes capitais brasileiras da época (ATIQUE, 2005).

Essa nova modalidade habitacional surgia como uma solução ao aumento no déficit de habitações⁷, constituindo para a classe média uma opção de moradia bem situada nos centros das capitais de São Paulo e Rio de Janeiro — cidades pioneiras no processo de verticalização. Nesse período, a elite, em geral, morava em palacetes nos bairros ricos e mais periféricos, e rejeitava os edifícios de apartamentos, associando-os aos cortiços dos pobres⁸ (ALVES, 2012, LEMOS, 1996, p.79). Em relação às camadas sociais de renda baixa, Somekh (1997) cita o alto valor do aluguel ou compra de uma unidade de apartamento como uma das principais

⁷ Questões como a redução do poder aquisitivo, a valorização do lote urbano, o aumento da população e saturação nas zonas centrais das cidades, promoviam o aumento no déficit de moradias (ALVES, 2012; LEMOS, 1996).

⁸ Apesar da sociedade brasileira apresentar certa receptividade a tudo que era considerado “moderno”, a ideia de morar em uma habitação coletivizada e com vários pavimentos foi aceita inicialmente com bastante relutância, sobretudo pelo fato de que a coabitação era encarada como uma condição social desfavorável, a qual demonstraria o baixo *status* social da família. (MARINS, 1998; LEMOS, 1996).

razões para que este tipo de habitação não tenha nesse momento inicial atingido esta parcela, que acabava muitas vezes solucionando sua carência habitacional por meio de casas de pensões.

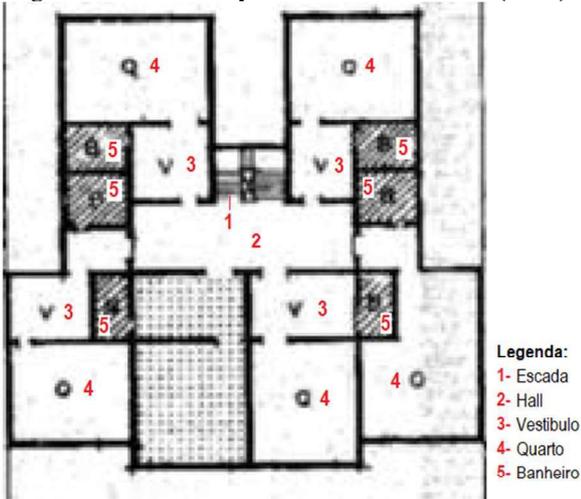
Desse modo, os apartamentos produzidos até meados de 1940 no Brasil abrigaram uma classe média composta por indivíduos considerados menos ricos, e não por pobres. Esse público era composto por imigrantes (europeus, árabes, orientais), que já conheciam esse tipo de habitação em seu país de origem; funcionários de companhias importadoras e exportadoras, funcionários de bancos, funcionários públicos, famílias, filhos solteiros da elite modernizada e profissionais liberais (SOMEKH, 1997; MONTEIRO, 2018). Conforme Lemos (1976) e Villa (2002), a produção de edifícios de apartamentos das décadas de 1910 a 1940 poderia ser dividida em dois padrões:

- (i) As edificações de apartamentos de padrão construtivo inferior, com programas mínimos para se morar, e cuja produção era totalmente direcionada ao mercado de aluguel;
- (ii) Os edifícios construídos para as famílias mais abastadas, com programas “completos” similares aos dos palacetes, que buscavam abrigar uma maneira de morar das elites, construídos majoritariamente para o mercado de aluguel, sendo apenas uma pequena parcela disponibilizada para a compra.

Os edifícios de padrão construtivo inferior tinham suas unidades direcionadas a uma parcela da população com menor poder aquisitivo, que não poderia pagar por apartamentos maiores. Seus empreendimentos apresentavam variações com relação à quantidade de dormitórios, sendo possível encontrar exemplos de um, dois ou até três dormitórios; porém, sempre compondo programas mínimos, em geral, destituídos de ambientes como salas de jantar, toaletes, copas, gabinetes, e principalmente, dormitórios de empregados — uma vez que o seu público alvo não tinha condições de contratar este tipo de serviço (VILLA, 2002).

Estes apartamentos também podiam apresentar programas semelhantes a quartos de hotéis, sendo unidades compostas apenas por quarto e banheiro, conforme exemplificado no Edifício Lutécia (1928) no Rio de Janeiro (Figura 11); ou semelhantes a casas de pensão, com apartamentos de número de cômodos diversos, em muitos casos, com um grande número de portas intercomunicando os quartos (o que permitia o aluguel de um ou mais cômodos); quase sempre destituídos de cozinha; e banheiros de uso comum, situados no corredor externo (Figura 12) (VAZ, 1994; VILLA, 2002).

Figura 11 - Planta tipo do Edifício Lutécia (1928)



Fonte: França, 2008, adaptado pela Autora, 2019

Figura 12 - Planta tipo de um edifício de apartamentos (1930) no Rio de Janeiro



Fonte: França, 2008

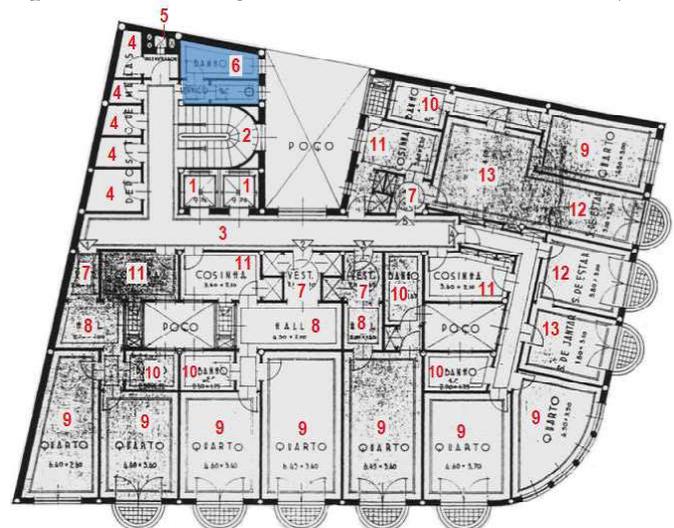
Os empreendimentos deste padrão dispunham, muitas vezes, de equipamentos de uso comum, localizados nas circulações dos pavimentos, como banheiros, guarda-malas, uma espécie de *kitchenette* - ou pequena cozinha e lavanderia (Figura 13) (VILLA, 2002). Alguns desses edifícios, mesmo contando com banheiros privativos dentro de suas unidades, dispunham também de espaços de chuveiro e WC (lavabo) coletivos dispostos em cada um dos seus andares, conforme pode ser observado nos edifícios André Matarazzo (1937) e Livia Maria (1935), construídos em São Paulo (Figuras 14-16); o que levanta a possibilidade destes ambientes serem destinados ao uso por empregados domésticos não residentes (em virtude da falta de alojamentos), diaristas e demais prestadores de serviços.

Figura 13 - Planta baixa do pavimento térreo e foto do Edifício João Alfredo



Fonte: Acrópole, set. 1942, p.173

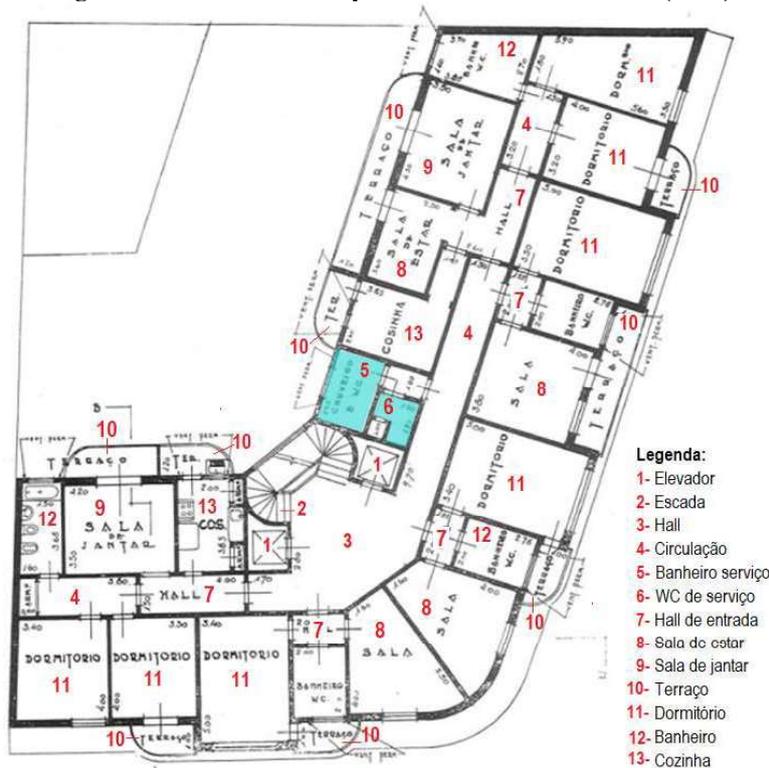
Figura 14 - Planta tipo do Edifício André Matarazzo (1937)



- Legenda:
- | | | | |
|-------------|----------------------|---------------------|--------------------|
| 1- Elevador | 4- Depósito de malas | 7- Vestibulo | 10- Banheiro |
| 2- Escada | 5- Incinerador | 8- Hall apartamento | 11- Cozinha |
| 3- Hall | 6- Banheiro serviço | 9- Quarto | 12- Sala de estar |
| | | | 13- Sala de jantar |

Fonte: Villa, 2002

Figura 15 - Planta baixa tipo do Edifício Lúvia Maria (1935)



Fonte: Acrópole, maio 1938, p.52, editada pela autora, 2019

Figura 16 - Foto do Edifício Lúvia Maria



Fonte: Site Folha de São Paulo, 2019

Embora o uso desses espaços coletivos em edifícios de apartamentos propiciasse um estilo de vida moderno, Pinheiro (2008) explica que estes hábitos não chegaram a ser implantados com sucesso, devido à rejeição por uma grande parcela da população que os associava aos tanques, latrinas e cozinhas coletivas dos cortiços; o que gerou, em muitos casos, uma privatização dessas áreas por alguns moradores (ATIQUE, 2005).

Marins (1998) destaca que os projetos de edifícios dotados de equipamentos de serviço de uso comum foram rapidamente substituídos por plantas com unidades que incluíam cômodos de serviço, banheiro, sala de espera e quartos separados. Esta mudança teria sido estimulada pela aprovação da Lei de Condomínios em 1928, a qual consolidou a possibilidade jurídica de individuação completa de cada unidade habitacional, limitando a área comum apenas aos espaços de circulação e recepção; pela crise das construções ocorrida após 1929, quando houve a necessidade de comercializar as unidades de apartamentos no varejo⁹; e pelo desejo em eliminar definitivamente os elementos que associavam os prédios de apartamentos aos estigmas das habitações coletivas existentes desde a época do Império.

⁹ Esta crise teria sido consequência do excesso de construção das chamadas “casas de apartamentos”, solução bastante utilizada no Rio de Janeiro, e cujo mercado estava saturado (FRANÇA, 2008).

Em relação aos edifícios de apartamentos com padrão direcionado às famílias de classe média alta, estes apresentavam uma compartimentação interna que reproduzia, de maneira reduzida e com um programa menos extenso, as soluções de planta características dos palacetes, com seus corredores, salas e saletas, distribuídos nas áreas íntima, social e de serviços, conforme o modelo de habitação da Belle Époque francesa do século XIX (VILLA, 2002). O esquema de valorização social e arquitetônica das frentes e o desprestígio dos fundos, referência da casa colonial, também foi adotado, de modo que estas edificações continuavam a apresentar frentes e fundos, fachada e quintal — este último utilizado para garagem, depósito etc. (LEMOS, 1996; VERÍSSIMO; BITTAR, 1999; VILLA, 2002).

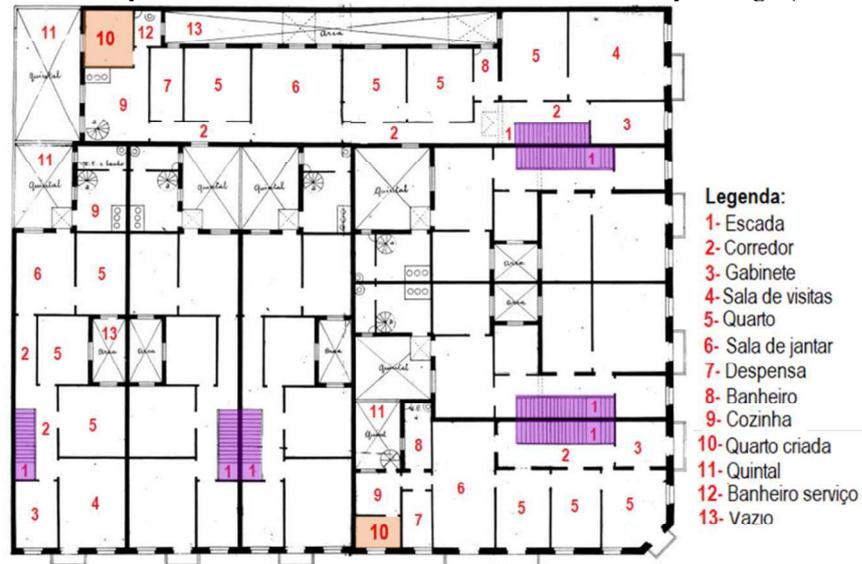
Diferente dos edifícios de padrão inferior, nestas unidades tornava-se imprescindível a existência de um tanque, banheiro de serviço e dependência de empregada. “Precisava-se alardear que o apartamento era casa de família, casa de respeito. Moradia completa, com copa e cozinha, salas de jantar e de visitas, e com acomodações para a criadagem, principalmente” (LEMOS, 1978, p.157-158).

1.2 A DIFERENCIAÇÃO DOS ACESSOS SOCIAL E DE SERVIÇO NOS EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS

Os edifícios multifamiliares de padrão mais alto, produzidos durante as duas primeiras décadas de verticalização no país, em geral, não contavam com entradas e circulações diferenciadas para patrões e empregados, característica já presente nas residências unifamiliares desde o final do século XIX. Estas edificações eram dotadas de escadas individuais, que conduziam a cada uma das terminações de apartamentos de forma independente e que, em alguns casos, possuíam uma porta para a rua, conforme exemplificado no Edifício projetado pelos arquitetos Samuel e Christiano das Neves em São Paulo (Figura 17). Também era possível encontrar edifícios com o acesso principal do térreo único e com prumadas independentes a partir do primeiro andar (VILLA, 2002).

Importante lembrar que grande parte desses primeiros edifícios apresentava no máximo quatro pavimentos superiores, e que somente no final da década de 1920 é que começaram a ser construídos edifícios altos de apartamentos com mais de dez andares nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo (pioneiras no processo de verticalização no país) — medida proporcionada pela disseminação do concreto armado e pelo desenvolvimento de elevadores (VILLA, 2008, REIS FILHO, 2000).

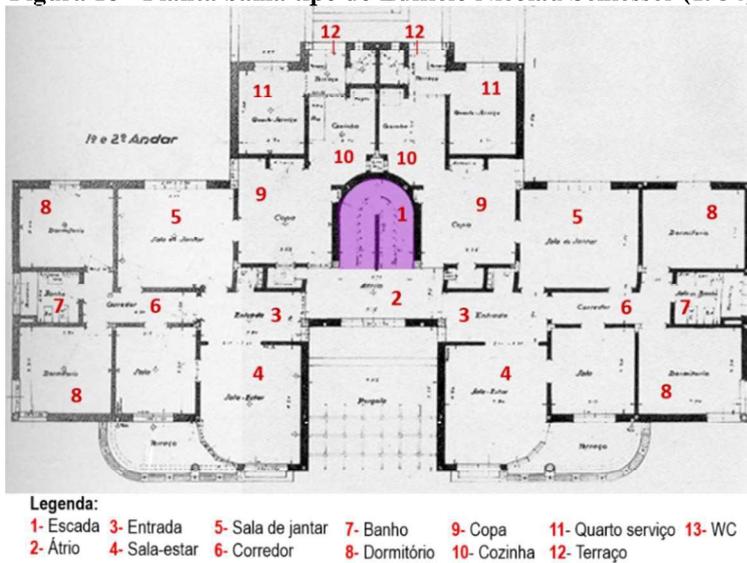
Figura 17 - Planta do primeiro andar de Edifício na Rua Barão de Itapetininga (meados de 1920)



Fonte: Villa, 2002

Somente no final da década de 1920 é que essas escadas individuais passaram a ser substituídas pela tipologia francesa, com acesso único centralizado no corpo do edifício, com alguns degraus que conduzem ao pavimento térreo na qual estava localizada a “*grand escalier*”, escada de acesso principal aos apartamentos, conforme pode ser observado no Edifício Nicolau Schiesser, projeto de Rino Levi, em São Paulo (Figuras 18-19). Segundo Villa (2002), as portarias e dependências de zelador, geralmente dispostas no pavimento térreo, somente passaram a ser adotadas nos projetos a partir da década de 1930.

Figura 18 - Planta baixa tipo do Edifício Nicolau Schiesser (1934)



Fonte: Vitruvius, ano 14, n. 164, 2014

Figura 19 – Foto do Edifício Nicolau Schiesser



Fonte: Site São Paulo Antiga, 2019

Foi a partir da década de 1940, que se tornou recorrente nos edifícios de apartamentos brasileiros a diferenciação entre as entradas e elevadores social e de serviço, a qual revelava a presença de empregados domésticos (Figura 20), e remetia diretamente aos apartamentos

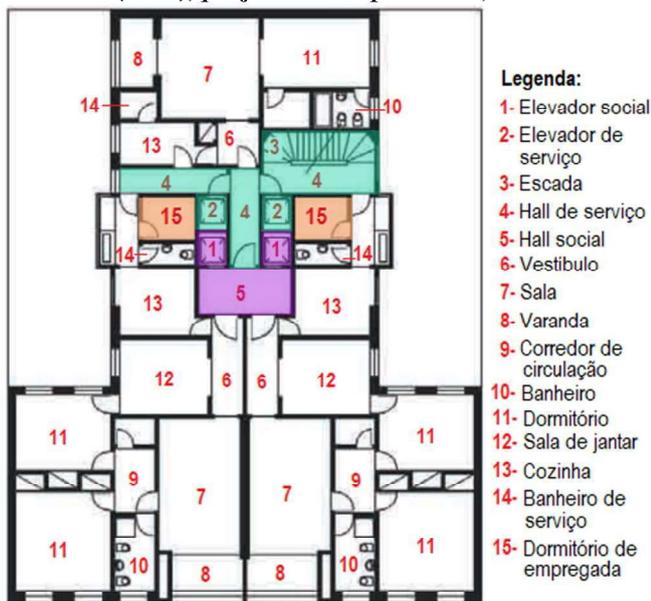
franceses do século XIX (Figura 21), que se caracterizavam pela dissociação de circulações entre patrões e empregados. Esta característica de acesso, ao longo dos anos, foi frequentemente valorada como elemento de requinte dos apartamentos ofertados no mercado, tanto para aluguel, como para venda (VILLA, 2002; VERÍSSIMO; BITTAR, 1999).

Lemos (1978, 1996) ressalta que essa necessidade de segregação das empregadas domésticas e dos entregadores de encomendas em áreas de circulação apartadas daquelas dos patrões, consiste um hábito bastante comum no Brasil, porém quase inexistente nos países da Europa e nos Estados Unidos, nos quais, além de ser muito difícil encontrar a empregada doméstica mensalista, o serviço doméstico na habitação busca ser muito mais racionalizado (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999).

Para Veríssimo e Bittar (1999, p.127), a construção de duas escadarias, consistia numa representação simbólica e material das distinções sociais entre os ocupantes do edifício, “as entradas de serviço, sempre áreas “independentes”, fazem com que cada ator “conheça o seu lugar”. Segundo Thompson (2013), as portas, escadas e circulações de serviço tratavam-se de mecanismos para reduzir o encontro entre funcionários e patrões.

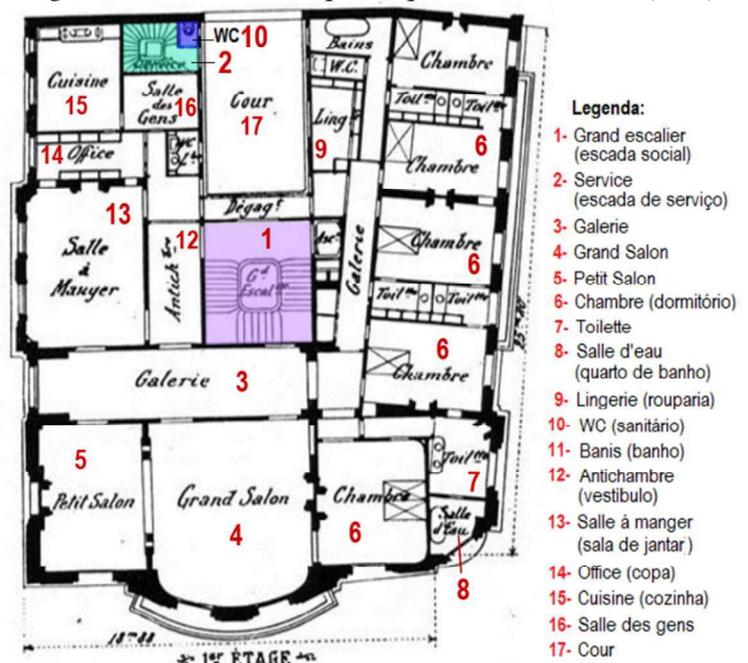
A segregação do espaço baseada na prestação de servos invisíveis tornou-se institucionalizada nos modelos domésticos franceses do século XIX, e a mudança das formas arquitetônicas domésticas, desde então, manteve essas distinções espaciais (THOMPSON, 2013, p.58-59).

Figura 20 - Planta baixa tipo do Edifício Barão de Ramalho (1945), projeto de Jacques Pilon, em São Paulo



Fonte: Franco, 2009

Figura 21 - Planta baixa tipo de apartamento Francês (1904)



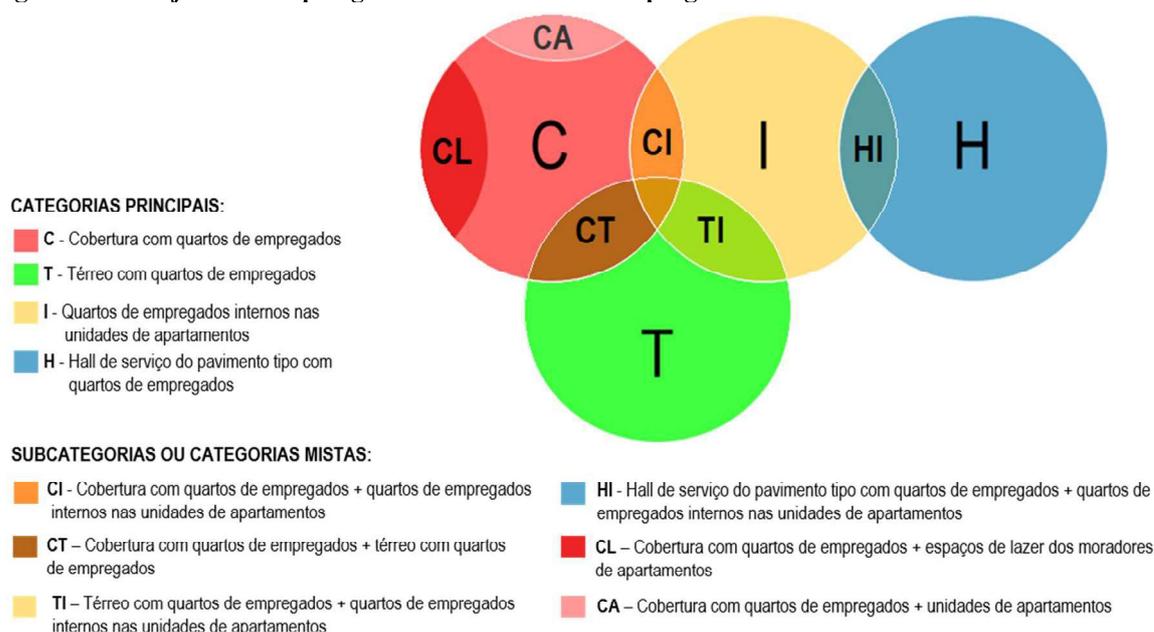
Fonte: Villa, 2002

1.3 DEPENDÊNCIAS DE EMPREGADAS EM EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS DAS DÉCADAS 1910 a 1940

As dependências de empregados domésticos (dormitório e banheiro de serviço) fizeram-se presentes nas plantas de apartamentos desde o início da construção dos primeiros exemplares verticais no Brasil, ocorrida em meados da década de 1910. Estes espaços tornaram-se itens quase obrigatórios nos programas das unidades de edifícios de padrão superior, ofertados às famílias de classe média alta. Este grupo já apresentava como prática consolidada a contratação de trabalho doméstico barato para os afazeres da casa, e por isso, demandava a inclusão destes espaços na nova tipologia habitacional que se estabelecia.

No decorrer do período de 1910 a 1940, esses espaços assumiram diferentes configurações e disposições nos edifícios verticais construídos no Brasil. Tendo como base a revisão de literatura e a observação de plantas de projetos construídos durante estas décadas, sobretudo, nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro, observou-se a existência de quatro configurações principais de dormitórios de empregadas, sendo estas: a alocação individualizada no interior de cada apartamento; a concentração de dormitórios no último pavimento (cobertura, ático, sótão ou mansarda); conjunto de dormitórios situados no pavimento térreo, e agrupamento de dormitórios no hall do pavimento tipo (Figura 22). Verificou-se também a existência de edificações que apresentavam dormitórios de empregadas com duas dessas configurações, ou com variações espaciais que criavam novas tipologias, constituindo seis outras subcategorias ou categorias “mistas”.

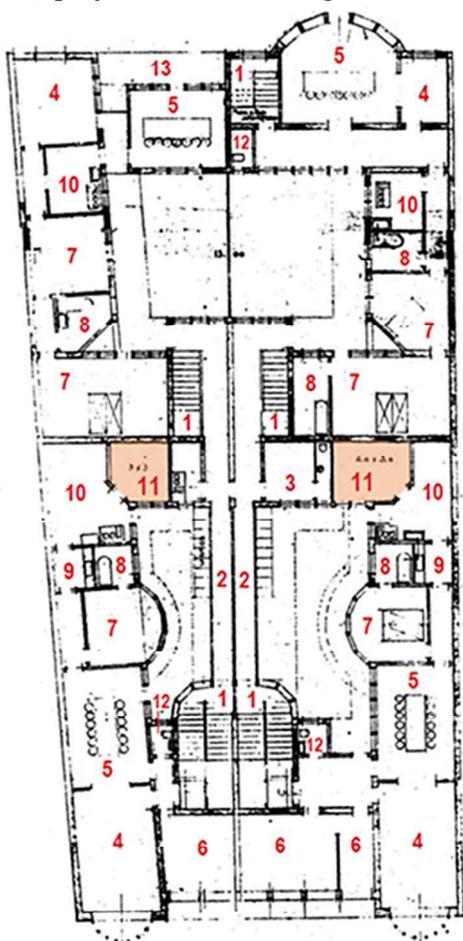
Figura 22 - Conjunto das tipologias de dormitórios de empregadas em edifícios verticais de 1910 a 1940



1.3.1 As dependências de empregada no interior dos apartamentos

Os dormitórios e banheiros de empregadas inseridos nos primeiros edifícios verticais multifamiliares construídos ao longo das décadas de 1910 e em uma parcela da produção de 1920, eram, em geral, dispostos dentro das unidades privativas dos apartamentos, no setor de serviço e próximas à cozinha (Figuras 23-24); configuração adotada na maioria das residências unifamiliares da época. Estes espaços eram mantidos segregados dos ambientes sociais e íntimos, principalmente, pelo uso de longos corredores (LEMOS, 1978).

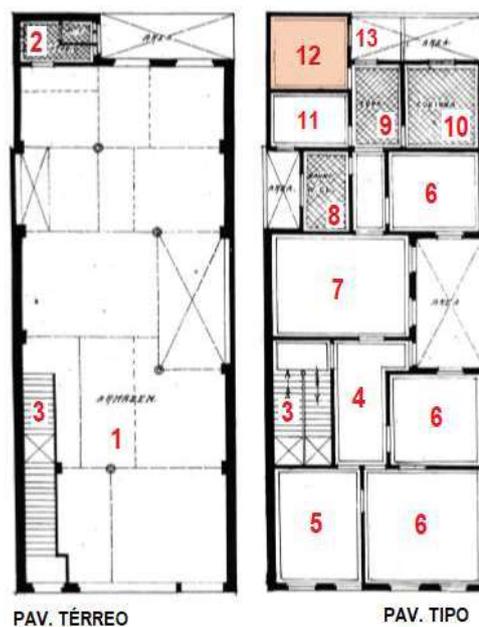
Figura 23 - Planta baixa tipo de Edifício multifamiliar (1910), projeto de Victor Dubugras, em São Paulo



Legenda:
 1- Escada 4- Sala de visitas 7- Dormitório 10- Cozinha
 2- Circulação 5- Sala de jantar 8- Banheiro 11- Criada
 3- Porteiro 6- Escritório 9- Copa 12- W.C (lavabo)
 13- Varanda

Fonte: Villa, 2008, p.73, adaptado pela Autora, 2019

Figura 24 - Plantas baixas do Edifício Antônio de Pádua Salles (meados de 1920), em São Paulo



Legenda:

1- Armazém 4- Vestíbulo 7- Sala de jantar 10- Cozinha
 2- WC (Lavabo) 5- Sala de visitas 8- Banheiro 11- Despensa
 3- Escada 6- Dormitório 9- Copa 12- Quarto criada
 13- Terraço

Fonte: Villa, 2008, adaptado pela Autora, 2019

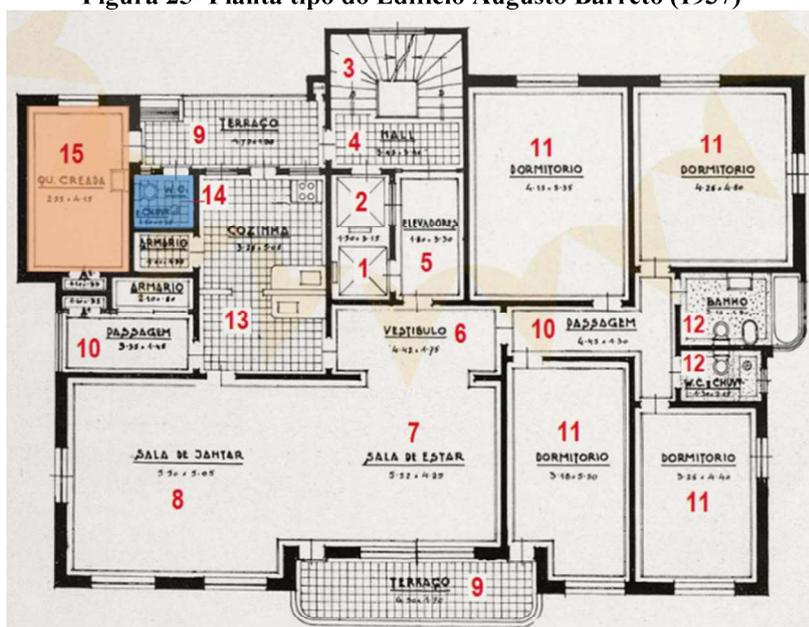
Cunha (2007) discorre sobre a adoção da copa na maior parte desses edifícios, sendo este um ambiente de refeições informais, que intermediava a conexão entre a sala de jantar e a cozinha, atuando como um espaço de transição entre a zona de uso de empregados e a região cerimonial da residência, a qual, desde a casa colonial, era cenário para o convívio da família.

Curiosamente, os primeiros edifícios não contavam com lavanderia com área de serviço, sendo tais equipamentos, assim como os dutos de evacuação de lixo, acrescidos aos projetos de apartamentos, apenas no final da década de 1920 (VILLA, 2002). No entanto, cabe destacar que a provisão de um espaço exclusivamente destinado a lavar roupa dentro dos apartamentos foi considerado um luxo durante toda a primeira metade do século XX, sendo este item mencionado em anúncios de aluguel e venda de unidades (NUNES, 2019).

Nos casos de edifícios cujas áreas de serviço e respectivos tanques não se encontravam claramente configurados no espaço, os terraços posteriores destas edificações teriam sido possivelmente utilizados para tal função, condição reforçada pelo costume, comum durante muito tempo nas moradias brasileiras, de encarregar a lavagem doméstica de roupas a lavadeiras avulsas – “lavar roupa fora” (PINHEIRO, 2008).

Embora, o dormitório de empregada e o banheiro de serviço fossem, em grande parte dos casos, alocados próximos (compondo dependência completa), dentro da zona de serviço e com acesso através da área de serviço e/ou da cozinha de cada uma das unidades de apartamentos, como exemplificado no Edifício Augusto Barreto em São Paulo (Figuras 25-26); até os anos 1940, já era possível encontrar empreendimentos com soluções de planta que fugiam a esta configuração padrão.

Figura 25- Planta tipo do Edifício Augusto Barreto (1937)

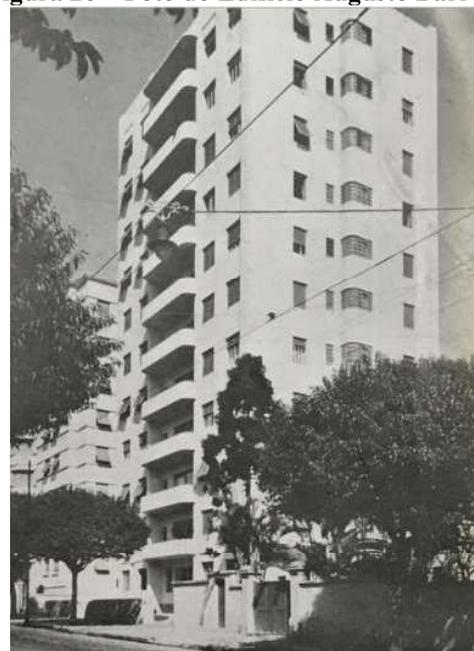


Legenda:

- | | | | | |
|---------------------|-----------------|-------------------|----------------|-------------------|
| 1- Elevador social | 4- Hall serviço | 7- Sala de estar | 10- Passagem | 13- Cozinha |
| 2- Elevador serviço | 5- Hall social | 8- Sala de jantar | 11- Dormitório | 14- WC serviço |
| 3- Escada | 6- Vestibulo | 9- Terraço | 12- Banheiro | 15- Quarto criada |

Fonte: Acrópole, 1938, n.5, p.37

Figura 26 – Foto do Edifício Augusto Barreto



Fonte: Acrópole, 1938, n.5, p.37

Nesse sentido, podem ser citados os casos do Edifício São João Marcos¹⁰ (1920) no Rio de Janeiro (Figuras 27-28) e do Edifício Esther¹¹ (1936) em São Paulo (Figuras 29-31); que contavam com o banheiro de serviço alocado no hall de serviço do pavimento tipo, enquanto que o dormitório de empregada foi mantido no interior dos apartamentos. No Edifício Esther, os tanques de lavar roupa também foram dispostos para uso comum no hall de serviço do seu pavimento tipo.

Figura 27 - Planta baixa tipo do Edifício São João Marcos (1920)



Legenda:

- | | | |
|------------------------|--------------------|-------------------------|
| 1- Elevador social | 6- Vestíbulo | 11- Banheiro |
| 2- Elevador de serviço | 7- Sala de visitas | 12- Quarto de Criado |
| 3- Escada | 8- Sala de jantar | 13- Banheiro de serviço |
| 4- Hall serviço | 9- Cozinha | |
| 5- Hall social | 10- Quarto | |

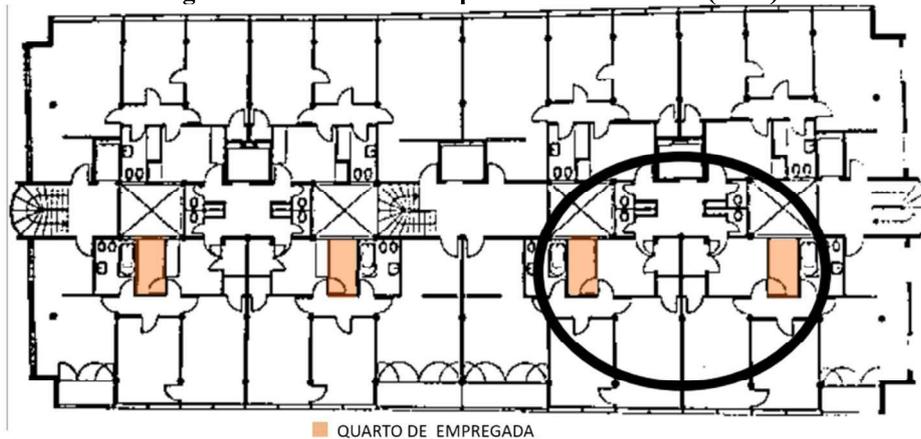
Fonte: Cabral; Paraíso, 2018, p. 203, adaptado pela Autora, 2019

Figura 28 - Foto do Edifício São João Marcos



Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, 2018.

Figura 29 - Planta baixa tipo do Edifício Esther (1936)



Fonte: Atique, 2005

Figura 30 - Foto do Edifício Esther

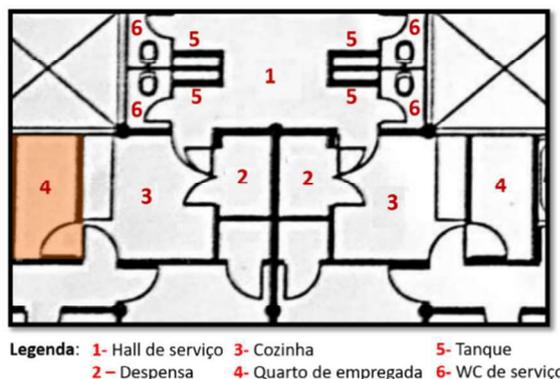


Fonte: Atique, 2005

¹⁰ Projetado pelo arquiteto francês Joseph Gire (1873-1933).

¹¹ Projetado pelos arquitetos Álvaro Vital Brazil (1909- 1997) e Adhemar Marinho.

Figura 31 - Detalhe do setor de serviço do Edifício Esther



Fonte: Atique, 2005

Nos anos 1940, as plantas de apartamentos cujas dependências de empregadas encontravam-se inseridas no setor de serviço, continuam, em geral, a apresentar um nítido isolamento dos espaços dos serviços em relação aos demais ambientes da unidade, o que pode ser verificado nos edifícios Tambaú (1945), projeto de João Boltshausen; Cauê (1947) e Casablanca (1947), projetos de Walter Machado; todos construídos em Belo Horizonte e direcionados à classe média (Figuras 32-37) (PASSOS, 1998).

Esses empreendimentos apresentam uma clara setorização dos espaços sociais, de serviços e íntimos, tanto nas circulações comuns, como no interior dos apartamentos¹², e suas dependências de empregada são acessadas através de uma extensa área de serviço. Passos (1998) destaca ainda a presença da copa — espaço de domínio familiar, situado muito próximo à cozinha, ambiente dos empregados — como um dos elementos que colaboram para a demarcação da divisão social dos espaços e de seus usuários nos apartamentos.

Figura 32 - Edifício Tambaú (1945)



Fonte: Google imagens, 2019.

Figura 33 - Edifício Cauê (1947)



Fonte: Google imagens, 2019.

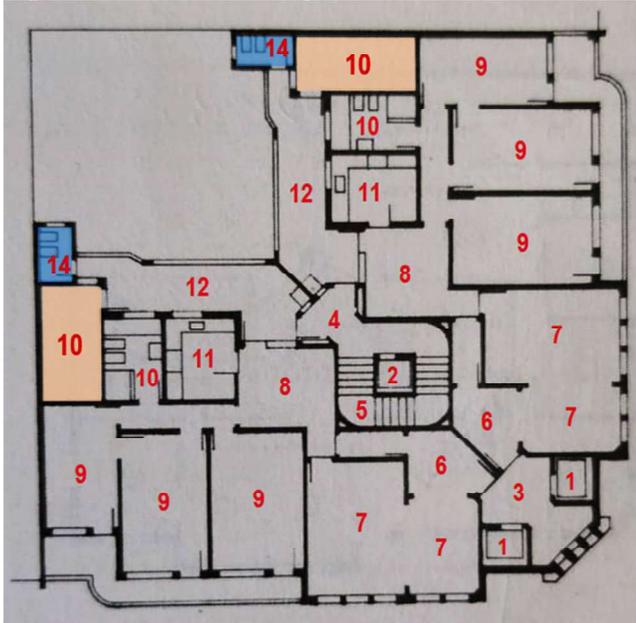
Figura 34 - Edifício Casablanca (1947)



Fonte: Google imagens, 2019.

¹² De acordo com Passos (1991, p.64), esse isolamento dos ambientes de serviço dos apartamentos teria sido enfatizado em um artigo sobre o lançamento comercial do Edifício Cauê, o qual afirmava: “é perfeita e racional a divisão das peças e o “serviço” se acha inteiramente isolado do “apartamento” propriamente dito”.

Figura 35 - Planta baixa tipo do Edifício Tambaú (1945)



Legenda:
 1- Elevador social 5- Escada 9- Dormitório 13- Quarto de empregada
 2- Elevador serviço 6- Hall de entrada 10- Banheiro 14- Banheiro de serviço
 3- Hall social 7- Sala 11- Cozinha
 4- Hall serviço 8- Copa 12- Área de serviço

Fonte: Passos, 1998, p.63, adaptado pela Autora, 2019

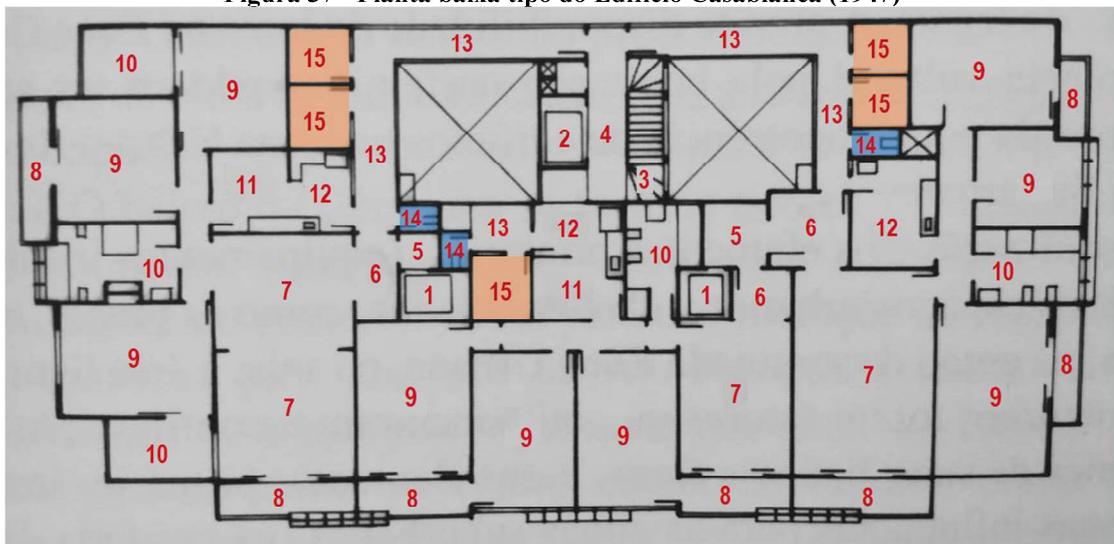
Figura 36 - Planta baixa tipo do Edifício Cauê (1947)



Legenda:
 1- Elevador social 4- Hall serviço 7- Quarto 10- Cozinha
 2- Elevador e serviço 5- Hall social 8- Banheiro 11- Área de serviço
 3- Escada 6- Sala 9- Copa 12- Banheiro de serviço
 13- Quarto de empregada

Fonte: Passos, 1998, p.64, adaptado pela Autora, 2019

Figura 37 - Planta baixa tipo do Edifício Casablanca (1947)



Legenda:
 1- Elevador social 4- Hall serviço 7- Sala 10- Banheiro 13- Área de serviço
 2- Elevador serviço 5- Hall social 8- Varanda 11- Copa 14- Quarto de empregada
 3- Escada 6- Entrada 9- Quarto 12- Cozinha 15- Banheiro de serviço

Fonte: Passos, 1998, p.65, adaptado pela Autora, 2019

1.3.2 Alojamentos de empregados nas coberturas dos edifícios de apartamentos

Um das soluções de projeto adotadas nos edifícios de apartamentos construídos até meados da década de 1940 e direcionados às camadas de renda média-alta e alta brasileiras, consistiu na concentração de todos os dormitórios de empregados no seu último pavimento

(cobertura, ático, sótão ou mansarda). Para Pinheiro (2008), Veríssimo e Bittar (1999) e Marins (1998) esta configuração teria sido possivelmente inspirada nos andares de *chambres-de-bonne* parisienses do século XIX, situados nas mansardas¹³ dos apartamentos burgueses.

Na França, as *chambres de bonnes* eram quartos localizados no último andar (quase sempre o 6º andar) dos prédios de estilo Haussman¹⁴, construídos para servirem de alojamento para as empregadas domésticas contratadas pelas famílias burguesas residentes nos andares mais nobres¹⁵ da edificação; e também, em alguns casos, usados para acomodar famílias pobres. Por vezes, esses quartos contavam com uma pia, porém os banheiros eram sempre de uso compartilhado e distribuídos ao longo dos corredores do andar (Figuras 38-40). Muitas vezes, um WC (sanitário) era disposto próximo à escada de serviço em cada um dos pavimentos (Figura 41).

Sobre as razões que teriam levado ao surgimento desses quartos no sexto andar, Fugier (1979) aponta a intensificação da especulação imobiliária ocorrida no Segundo Império Francês, que promoveu a construção de edifícios mais altos, e uma vez que os prédios não possuíam elevador, a alocação dos quartos de empregados no andar de acesso mais difícil, e cujo potencial de rentabilidade comercial era bastante reduzido, parecia ser a escolha mais lógica (RIAL; GROSSI, 2000). Além disso, já no final do século XVIII, os criados passaram a ser vistos como intrusos na vida familiar, o que aumentou o desejo de privacidade, e motivou a alocação de seus alojamentos nos locais mais distantes possíveis¹⁶ (VILLA, 2002).

¹³ Sótão com janelas que se abrem sobre as águas do telhado. O termo mansarda tem origem no nome do arquiteto parisiense François Mansart (1598-1666), que, contrariamente ao senso comum, não inventou esse elemento arquitetônico, mas o popularizou inspirando-se em obras italianas anteriores (PINHAL, 2009).

¹⁴ O redesenho de Paris de Haussmann (1853-1870) incluiu um novo tipo de modelo habitacional para o seu planejamento urbano baseado em avenidas ladeadas por prédios de apartamentos, ocasionalmente de quatro ou cinco andares, e tradicionalmente de seis andares (THOMPSON, 2013).

¹⁵ Inicialmente os andares dos edifícios hausmanianos eram ocupados por diferentes classes sociais, sendo que o primeiro andar acomodava a pequena burguesia, o segundo continha o apartamento da alta burguesia, e o terceiro, o quarto e o quinto andar diminuía gradualmente em valor social e econômico, culminando verticalmente com o sexto andar, ocupado pelos quartos de empregados. Essa distribuição de classes sociais pelos diferentes andares dos edifícios manteve-se até à segunda Guerra mundial, sendo depois subvertida (THOMPSON, 2013).

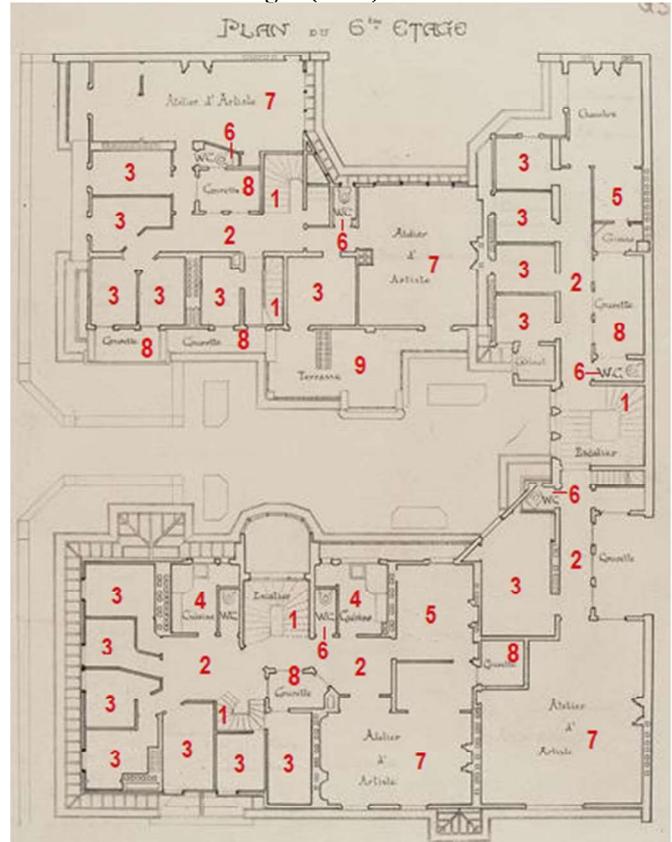
¹⁶ No século XVIII, as empregadas dormiam, em geral, em espaços adjacentes às acomodações de seus patrões, em corredores, armários ou nas cozinhas (THOMPSON, 2013).

Figura 38 - Planta baixa do sexto andar de edifício vertical multifamiliar (1860) em Paris



Fonte: Site Batiactu, adaptada pela Autora, 2019

Figura 39 - Planta baixa do sexto andar do Edifício Castel Béranger (1895) em Paris



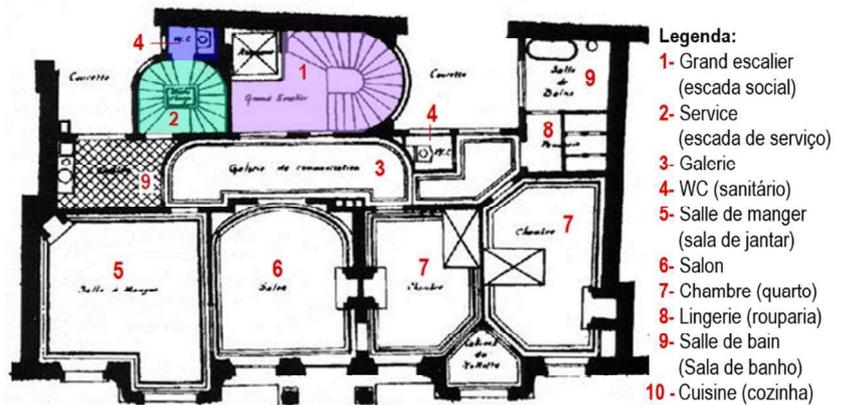
Fonte: Site L'agence photo, 2018, adaptado pela Autora, 2019

Figura 40 - *Chambre de bonne* de edifício (1860) em Paris



Fonte: Site Batiactu, adaptada pela Autora, 2019

Figura 41 - Planta baixa tipo de edifício de apartamentos francês (1889)



Fonte: Villa, 2002

Para Thompson (2013) as *chambres de bonnes* representaram uma grande atualização espacial da segregação entre patrões e criados na arquitetura doméstica, sendo um espaço que encapsulou grande parte da ansiedade das famílias burguesas em relação às empregadas, vistas como uma ameaça social e moral. Mesmo quando os primeiros elevadores foram

instalados nos edifícios franceses, eles raramente subiam até o último andar. Essa separação de classes de forma vertical, e em sentido paralelo, com a construção de duas escadarias, consistia numa representação simbólica e material das distinções sociais entre os ocupantes do edifício.

A partir da década de 1920, a crise de empregados domésticos¹⁷ associada à diminuição da área dos apartamentos promoveu o desaparecimento desses alojamentos¹⁸, agora reduzidos a um ou no máximo dois pequenos quartos contíguos à cozinha. Foi a partir daí que a entrada e a escada de serviço começaram a ser extinguidas nos projetos de edifícios de apartamentos franceses (RIAL; GROSSI, 2000; TRAMONTANO, 1998).

A solução de um andar ocupado por dormitórios de empregados em edifícios de apartamentos também foi observada nos Estados Unidos e em Johannesburgo, na África do Sul. Conforme Harris (2007), até meados dos anos 1950, em várias grandes cidades dos Estados Unidos¹⁹ foram construídos prédios com um ou até dois andares reservados para quartos²⁰ ou apartamentos básicos para empregadas domésticas.

Já Turcatel (2015) e Ginsburg (2000) apontam a existência, também em meados da década de 1950, em alguns subúrbios de alta densidade em Johannesburgo, de grandes edifícios de apartamentos com projetos modernistas, e cujo topo de cada prédio (em alguns casos, em seus porões) abrigava um alojamento para trabalhadores domésticos, com fileiras de quartos individuais (cada um com uma única porta e janela), toaletes comunitários e instalações para banho. Cada quarto de empregado era incluído no acordo de compra ou aluguel de uma unidade de apartamento pelo residente.

¹⁷ Fatores como a crescente falta de pessoal doméstico e o conseqüente aumento dos salários, impossibilitaram a contratação de uma empregada para a maioria das famílias de classe média em Paris (RIAL E GROSSI, 2000).

¹⁸ Segundo Rial e Grossi (2000), há muitos anos esses espaços foram abolidos e transformados em moradia de estudantes estrangeiros ou ocupados por pessoas de outros segmentos sociais menos afortunados.

¹⁹ Segundo Pontual (2015) desde o início do século XX, mulheres norte-americanas lutaram para que o trabalho doméstico tivesse os mesmos benefícios dos demais ofícios, sendo a cultura da não contratação de empregadas domésticas permanentes, relacionada a exigência de uma maior cooperação familiar, viabilizada com a entrada da mecanização do lar e a conseqüente redução da área de serviço a um míni laboratório manual.

²⁰ Conforme Harris (2007), no mercado imobiliário de Nova York, ainda é possível encontrar apartamentos com quartos de empregada vestigiais, anexos à cozinha, porém estes são raros e pertencem a prédios que tem 50 anos ou mais. Estes quartos também teriam pouco uso, sendo usual a sua demolição para expansão da cozinha.

Esses alojamentos em Johannesburgo eram apelidados de "localizações no céu" (ou no termo original "*skylight locations*") e eram acessados somente a partir de escadas, uma vez que os elevadores não acessavam este último andar. Além disso, os elevadores eram reservados para uso apenas pelos moradores dos apartamentos. Essas edificações contavam também com uma entrada separada de funcionários no térreo. Oficialmente, cerca de um quarto dos 100 mil trabalhadores domésticos africanos que viviam em Johannesburgo durante os anos 1950 moravam nestes alojamentos (GINSBURG, 2000; TURCATEL, 2015).

1.3.2.1 Alojamentos de empregados nas coberturas de edifícios de apartamentos no Brasil

No Brasil, como dito anteriormente, a adoção de alojamentos de empregados nas coberturas dos edifícios consistia possivelmente em influência da cultura arquitetônica francesa, intensificada, entre outros motivos, pela participação de profissionais estrangeiros, sobretudo europeus, na construção dos primeiros edifícios verticais na cidade do Rio de Janeiro — cidade que nas primeiras décadas do século XX carecia de mão de obra especializada capaz de atender à sociedade que se modernizava (CABRAL; PARAÍZO, 2018).

A regulamentação tardia da profissão de arquiteto²¹ no país, teria também favorecido a participação de estrangeiros como projetistas²², e conseqüentemente a adesão de soluções projetuais usuais nas construções europeias (CABRAL; PARAÍZO, 2018). Ademais, muitos arquitetos brasileiros tinham sua formação fundamentada nos preceitos da arquitetura europeia, seja ela obtida no exterior, ou mesmo no Brasil com mestres estrangeiros (VILLA, 2002).

Até o início da década de 1940, o andar da cobertura dos edifícios brasileiros era considerado uma área desvalorizada pela proximidade com o telhado e equipamentos de serviço, como as casas das máquinas dos elevadores ou a caixa-d'água (VANINI, 2016; VERISSIMO E BITTAR, 1999; SALEIRO FILHO, 2001). A desvalorização comercial e simbólica deste último andar não decorria assim de uma dificuldade de acesso, tal como nos

²¹ A regulamentação da profissão do arquiteto no Brasil no ano de 1933 ocorreu através da Lei nº 23.569/1933, a qual regulamentou o exercício das profissões de engenheiro, de arquiteto e de agrimensor. Esse decreto teve como papel principal coibir a prática profissional dos autodidatas, pois a atuação passava a ser exclusiva aos engenheiros, arquitetos e engenheiros-arquitetos diplomados (VIDOTTO, MONTEIRO, 2015).

²² Em Porto Alegre, por exemplo, dos seis arquitetos diplomados existentes na cidade em 1944, apenas dois haviam se formado no Brasil (XAVIER, 1983).

edifícios europeus do século XIX, uma vez que grande parte dos edifícios com quartos de empregados alocados na cobertura já contavam com elevador; mas sim, de uma persistência cultural do entendimento de que as mansardas dos edifícios eram ocupadas pelos mais pobres e pelos artistas boêmios (PASSOS, 1998).

Nunes (2009) destaca que muitos dos primeiros edifícios de apartamentos construídos no país, tanto arranha-céus de luxo quanto pequenos prédios para renda, apresentavam quartos alinhados no sótão, sendo estes inicialmente direcionados para solteiros, remetendo à solução das vilas operárias do século XIX que ofereciam unidades diferenciadas para celibatários; e que esses espaços, depois, passariam a ser destinados aos empregados domésticos.

A alocação de dormitórios de empregadas domésticas nos últimos andares dos edifícios possivelmente solucionava o dilema de como conciliar a necessidade da presença cotidiana desta profissional, parte integrante e contínua da logística das residências, de maneira que esta interferisse o menos possível na privacidade da vida familiar. Esta configuração foi utilizada em diversas edificações, podendo-se citar os edifícios Praia do Flamengo (1923), Tamandaré (1927), Itaoca (1928), Palacete São Paulo (1929), Barth (1940) construídos no Rio de Janeiro; como também os edifícios Angel (1927), Paissandu (1935), Regência (1939) e Tana (1950) construídos em São Paulo.

Típico exemplo de edifício francês de estilo haussmanniano, o Edifício Praia do Flamengo²³ (1923), originalmente conhecido como Edifício Guinle e construído na Praia do Flamengo, foi o primeiro edifício de apartamentos em altura da Zona Sul do Rio de Janeiro²⁴ (Figura 42) (CABRAL; PARAÍZO, 2018). Os apartamentos deste edifício, compostos por três e cinco quartos, não contavam com área de serviço ou lavanderia interna, sendo esta situada junto ao WC de serviço no hall de serviço do pavimento tipo (Figura 43). O edifício apresentava circulações verticais diferenciadas para moradores e empregados (dois elevadores e escada sociais e um elevador e uma escada para serviço). No pavimento de cobertura encontravam-se 17 depósitos, 13 quartos para empregados, cujas dimensões variavam de 11 à 18 m², e 2 banheiros completos de serviço (Figura 44).

²³ Edifício projetado pelo arquiteto francês Joseph Gire (1873- 1933). Joseph Gire se formou na *École de beaux Arts* de Paris em 1900. Dentre os seus projetos mais conhecidos no Brasil, estão o Palácio Laranjeiras (1909), a sede da Sul América Seguros (1908), os hotéis Glória (1922) e Copacabana Palace (1923), e o Edifício A Noite (1929) (CABRAL; PARAÍZO, 2018).

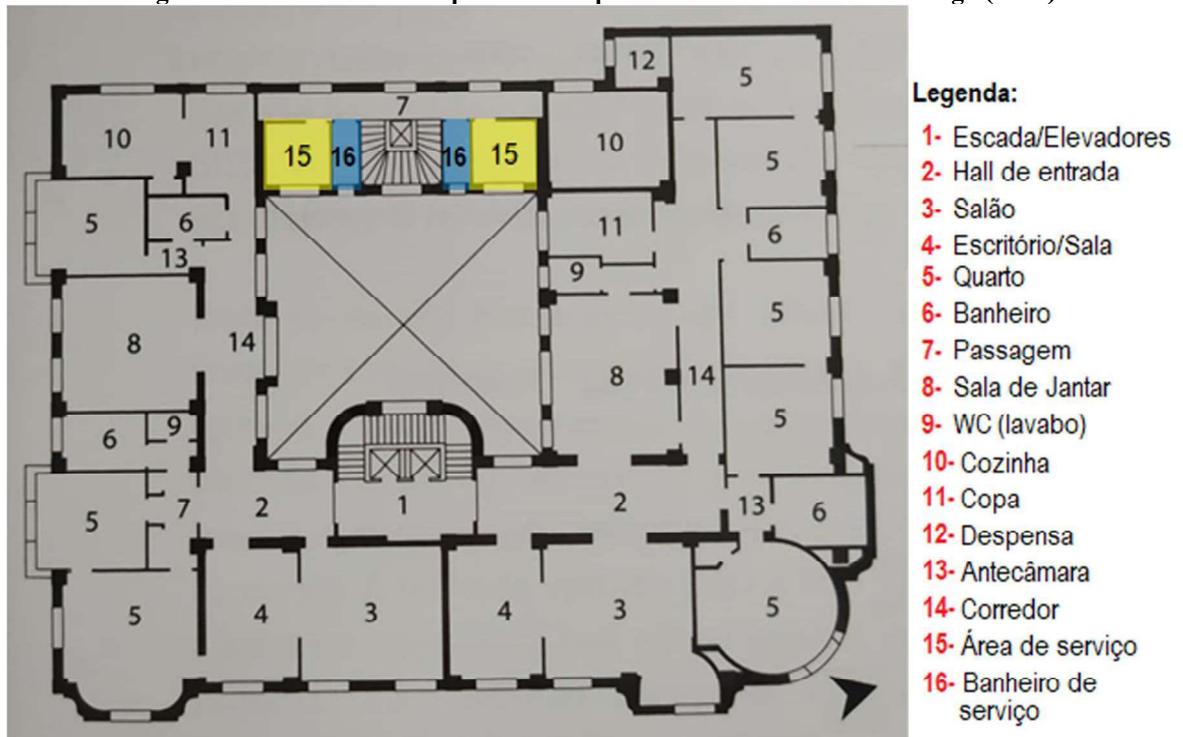
²⁴ Estilo impresso, sobretudo, em suas fachadas tripartidas e ornamentadas segundo o estilo Luís XVI e no coroamento com mansardas (CABRAL; PARAÍZO, 2018).

Figura 42 - Fotos do Edifício Praia do Flamengo



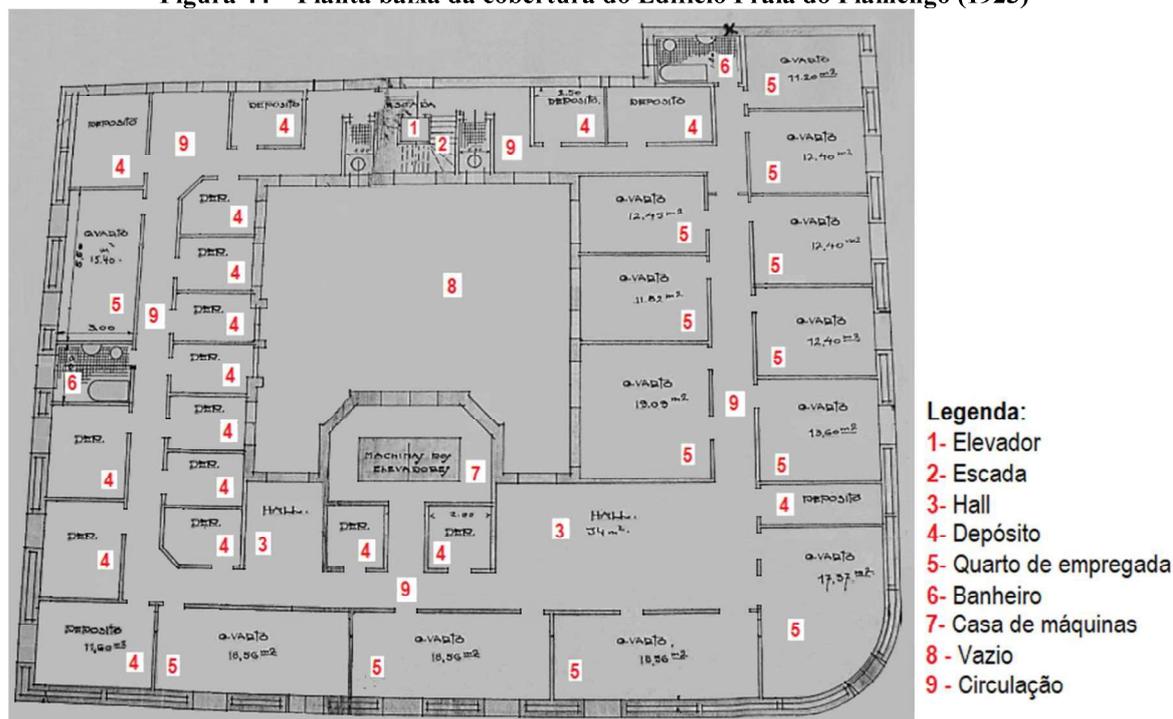
Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, 2018.

Figura 43 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Praia do Flamengo (1923)



Fonte: Cabral; Paraizo, 2018, p.145, adaptada pela Autora, 2019.

Figura 44 – Planta baixa da cobertura do Edifício Praia do Flamengo (1923)



Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro – AGCRJ, adaptado pela Autora, 2019

Também durante a década de 1920, foi lançado o Edifício Angel²⁵ (1927), considerado por autores como Xavier, Lemos e Coronato (1983) como a primeira construção moderna da cidade de São Paulo (Figura 45). Voltado para o público de renda média, esta edificação contava com o térreo e mais seis pavimentos, sendo nos cinco primeiros distribuídas as unidades de apartamentos, e no sexto andar (cobertura) alocados dez dormitórios de empregadas, um pequeno terraço com tanque para lavagem de roupas, a casa de máquinas do elevador, um ambiente intitulado na planta baixa desse andar como “despejo” (possivelmente um depósito), e um único banheiro situado nos patamares intermediários da escada (Figura 46). Este banheiro de serviço foi repetido nos demais pavimentos do edifício (Figura 47) configuração semelhante a encontrada nas plantas de edifícios de apartamentos franceses do século XIX.

Segundo Xavier et al (1983, p.1) o emprego desta acomodação coletiva das empregadas, teria como intenção garantir às trabalhadoras “certas condições próprias de convívio”. Cabe destacar, que embora, o prédio apresentasse apenas uma escada e um

²⁵ Edifício projetado pelo arquiteto e engenheiro paulista Júlio de Abreu Júnior.

Júlio de Abreu formou-se engenheiro na escola Politécnica de São Paulo em 1914, e neste mesmo ano viajou para a França. Em 1918 concluiu seus estudos na *École Speciale des Travaux Publics du Batiment et de L'Industrie* de Paris e voltou para o Brasil, iniciando sua carreira em São Paulo (LOCILENTO, 2000).

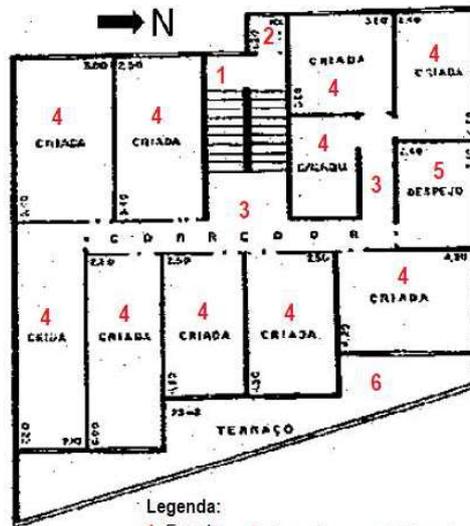
elevador, esse último transitava somente pelos andares com apartamentos, não subindo até a cobertura (6º andar), cujo acesso somente poderia ser realizado por meio da escada.

Figura 45 - Foto do Edifício Angel



Fonte: Site do grupo Nomads da USP, 2019

Figura 46 - Planta baixa da cobertura do Edifício Angel (1927)

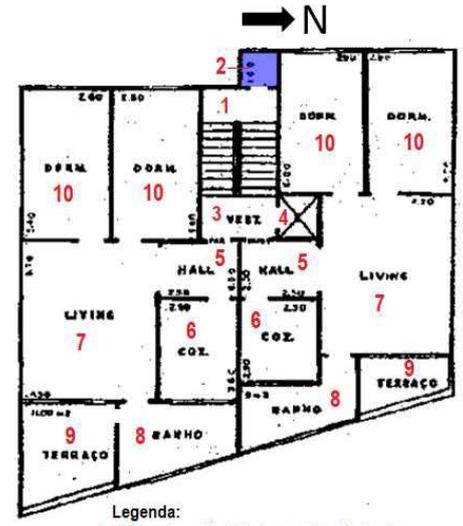


Legenda:

- 1- Escada
- 2- Banheiro
- 3- Corredor
- 4- Quarto criada
- 5- Despejo
- 6- Terraço

Fonte: Xavier, 1983, p.1, adaptado pela Autora, 2019

Figura 47 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Angel



Legenda:

- 1- Escada
- 2- Banheiro
- 3- Hall geral
- 4- Elevador
- 5- Hall de entrada
- 6- Cozinha
- 7- Living
- 8- Banho
- 9- Terraço
- 10- Dormitório

Fonte: XAVIER, 1983, p.1, adaptado pela Autora, 2019

O Edifício Itaoca²⁶ (1928) foi um dos primeiros edifícios verticalizados construído no bairro de Copacabana no Rio de Janeiro, e considerado bastante luxuoso na época do seu lançamento. Seus apartamentos de 3 e 2 dormitórios (Figura 48), não apresentavam banheiro de serviço e nem área de serviço ou lavanderia no seu interior, sendo esta limitada à existência de dois tanques situados no corredor de serviço que interliga as unidades do pavimento e que se abre para uma galeria (Figuras 50-51) (CABRAL; PARAIZO, 2018).

No centro do corredor de serviço encontravam-se também 2 elevadores de serviço, alocados totalmente separados de outros 3 halls (contendo cada um, 1 elevador e 1 escada). No último pavimento do edifício estão alocados 48 quartos para empregados, um para cada apartamento e quatro para uso dos funcionários do edifício, além de 4 banheiros (Figuras 52-54) (CABRAL; PARAIZO, 2018).

²⁶ Edifício projetado pelo arquiteto escocês Robert Prentice e pelo austríaco Anton Floderer.

Robert Prentice transferiu-se em 1930 para o Rio de Janeiro, onde se destacou por projetos de grande porte, como as estações ferroviárias Leopoldina e Dom Pedro II (conhecida como Central do Brasil); além de edifícios residenciais para classe média alta no bairro de Copacabana. Já Anton Floderer mudou-se para o Rio de Janeiro no ano de 1924 e ao longo de sua carreira realizou diversas parcerias com Robert Prentice, dentre elas, o projeto para a Biblioteca do Itamaraty realizado em 1927 (CABRAL; PARAÍSO, 2018).

Figura 48 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Itioca (1928)



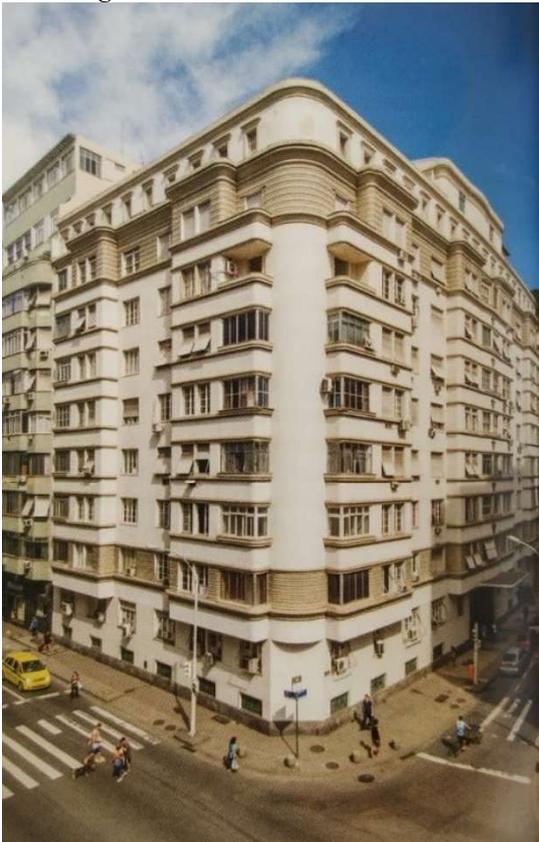
Fonte: Cabral; Paraizo, 2018, p.157, adaptada pela Autora 2019

Figura 50 – Foto de fachada interna do Edifício Itioca



Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, adaptado pela Autora, 2019

Figura 49 - Foto do Edifício Itioca



Fonte: Cabral; Paraizo, 2018

Figura 51 – Foto das fachadas internas do Edifício Itioca



Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, 2018

Figura 52 - Planta baixa do oitavo pavimento do Edifício Itaoca (1928)



Fonte: Saleiro Filho, 2001, p.31; Morais, 2017, p.72, adaptado pela Autora, 2019.

Figura 53 – Foto do corredor do último andar do Edifício Itaoca



Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, 2018

Figura 54 – Foto do corredor do último andar do Edifício Itaoca



Fonte: Pesquisa de dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, 2018.

Outra resolução de projeto adotada em edifícios de apartamentos construídos nas décadas de 1930 e nos primeiros anos da década de 1940 foi a divisão do pavimento de cobertura entre ambientes para uso de moradores e de empregados, podendo se citar como exemplos o Edifício Regência (1939) e o Edifício Barth (1940), ambos construídos no Rio de Janeiro.

No edifício Regência²⁷, o último pavimento era composto por espaços para uso das empregadas domésticas (11 quartos, 2 banheiros e terraço) e ambientes para uso dos

²⁷ Edifício projetado pelo arquiteto e engenheiro civil Arquimedes de Barros Pimentel. Formado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo em 1931, Arquimedes destacou-se pelos projetos dos edifícios Azevedo Soares, Regência, Maria Paula e pela residência de Júlio Giorgi, todos em São Paulo (FICHER, 2005).

inquilinos (bar, sala de bem-estar) (Figuras 55-58). Tal configuração revela o início da valorização deste andar pelas famílias proprietárias. No interior das quatro unidades de apartamentos que compõem cada pavimento tipo do edifício foi mantido o WC de serviço, cuja porta se abria para um terraço (Figura 59). Todos os apartamentos apresentam entradas social e de serviço acessadas a partir de um hall único de circulação, no qual se encontram 3 elevadores e 1 escada.

Figura 56 - Planta baixa da cobertura do Edifício Regência (1939)

Figura 55 - Foto do Edifício Regência



Fonte: Acrópole, 1940, p.80.



Legenda:

- | | | | | | |
|-------------|--------------|--------------|----------------|----------------|-------------------------|
| 1- Elevador | 3- Hall | 5- Bem estar | 7- WC (Lavabo) | 9- Terraço | 11- Quarto de empregada |
| 2- Escada | 4- Vestibulo | 6- Bar | 8- Jardim | 10- Circulação | 12- Banheiro |

Fonte: Acrópole, 1940, p.80.

Figura 57 – Foto do terraço do Edifício Regência



Fonte: Acrópole, 1940, p.79 e 80.

Figura 58 - Foto do jardim da cobertura do Edifício Regência



Fonte: Acrópole, 1940, p.79 e 80

Figura 59 - Planta baixa tipo do Edifício Regência (1939)

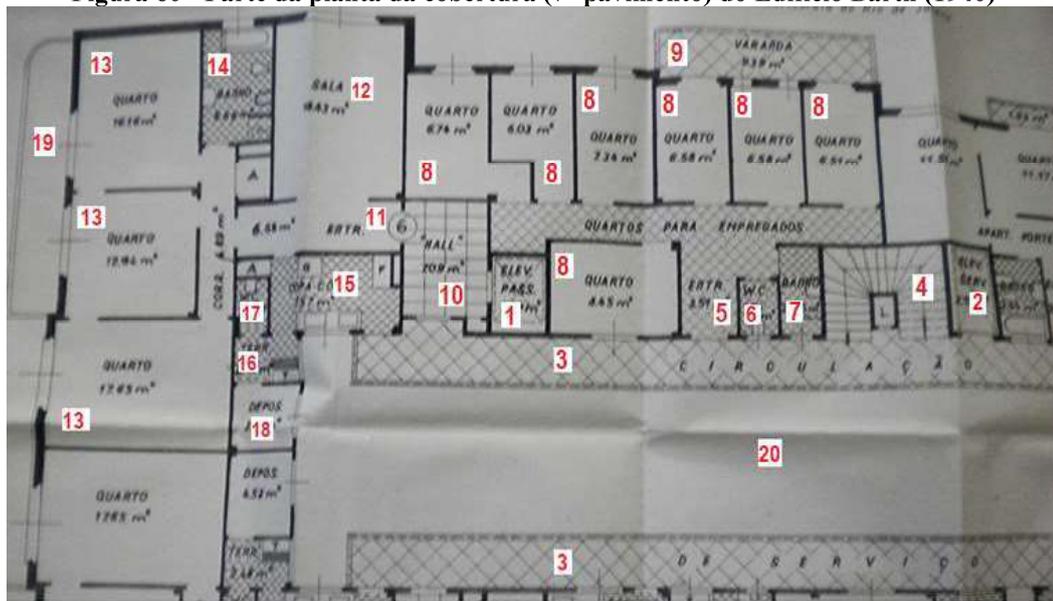


Já no Edifício Barth²⁸ (1943), o pavimento de cobertura apresenta uma característica de transição entre os edifícios direcionados à classe alta construídos até então (cujo andar superior era normalmente destinado aos quartos de serviço) e aqueles que começavam a ser erguidos na década, que apresentavam coberturas luxuosas reservadas a um ocupante. No último andar desta edificação existe uma seção destinada ao alojamento de empregados, com 7 quartos, um banheiro, um WC (lavabo) e um apartamento exclusivo para o porteiro; e o espaço destinado aos inquilinos, com quatro unidades de apartamentos interligados por uma varanda comum (Figura 60) (CABRAL; PARAÍSO, 2018).

Os seis apartamentos que compõem cada pavimento tipo deste edifício, apresentam W.C de serviço no interior das unidades e um ambiente denominado na planta como depósito, que possivelmente também seria uma opção de dependência para empregada, uma vez que a quantidade de quartos alocados na cobertura não seria suficiente para atender todos os 40 apartamentos do edifício. O edifício conta com circulações diferenciadas, sendo a circulação de serviço (com 1 elevador e 1 escada) situada ao redor do vazio central da edificação; e a social composta por 3 halls (cada um com 1 elevador) que se abrem para cada dois apartamentos (Figura 62).

²⁸ Edifício projetado por Robert Prentice no ano de 1940.

Figura 60 - Parte da planta da cobertura (7º pavimento) do Edifício Barth (1940)



Legenda:

- | | | | | |
|-----------------------|-------------------------------------|--------------------|---------------------|-------------------|
| 1- Elevador social | 5- Entrada alojamento de empregadas | 9- Varanda aloj. | 13- Quarto | 17- WC de serviço |
| 2- Elevador serviço | 6- WC aloj. empregadas | 10- Hall social | 14- Banheiro | 18- Depósito |
| 3- Circulação serviço | 7- Banho aloj. empregadas | 11- Entrada apart. | 15- Copa/Cozinha | 19- Varanda |
| 4- Escada | 8- Quarto empregada | 12- Sala | 16- Área de serviço | 20- Átrio |

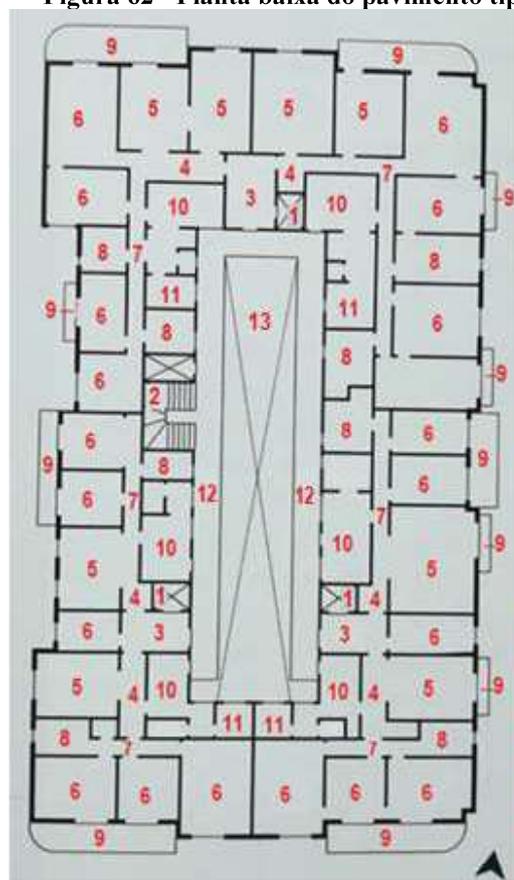
Fonte: Arquivo da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro

Figura 62 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Barth

Figura 61 - Foto do Edifício Barth



Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, 2018.



Legenda:

- | |
|---------------------------|
| 1- Elevador |
| 2- Escada |
| 3- Hall |
| 4- Entrada |
| 5- Sala |
| 6- Quarto |
| 7- Circulação |
| 8- Banheiro |
| 9- Varanda |
| 10- Copa/Cozinha |
| 11- Depósito |
| 12- Circulação de serviço |
| 13- Átrio |

Fonte: CABRAL; PARAIZO, 2018

Um fato curioso é que em muitos edifícios verticais de apartamentos as construções presentes no último andar (para uso de apartamentos, alojamentos de empregados, ambientes de lazer ou serviço) eram menores do que as dos pavimentos tipo, sendo envoltas por áreas livres de terraços ou jardins. Segundo Nunes (2009), no Rio de Janeiro esta característica ocorreu em muitos casos em virtude do Art. 29 do Decreto n.º 6.000, de 1.07.1937²⁹ que limitava a área construída desse último andar.

1.3.3 Alojamentos de empregados no térreo (edícula) dos edifícios de apartamentos

Outra solução de projeto adotada nos dormitórios de empregada de edifícios de apartamentos até meados dos anos 1940 foi a sua disposição em construções separadas do edifício principal, nos fundos do pavimento térreo. Para Nunes (2014), a configuração destes alojamentos de empregados apresentava semelhanças em relação à forma com os antigos cortiços do século XIX, onde cada unidade se compunha de um cômodo com uma porta e uma janela enfileiradas e os banheiros eram coletivos.

Estes alojamentos térreos eram também bastante semelhantes às edículas presentes nas residências unifamiliares, construções separadas da construção principal e situadas nos fundos dos terrenos, que variavam do telheiro para tanque anexo ao banheiro da empregada até o sobrado composto por vários quartos de empregados, banheiro, sala de passar roupa, lavanderia, depósitos e garagens; bastante reproduzidas nas residências das classes abastadas e da classe média até o período da Segunda Guerra Mundial (LEMOS, 1978; LEMOS, 1989; SCHETTINO; LEMOS, 2014, VERISSÍMO; BITTAR, 1999; TRIGUEIRO; CUNHA, 2015).

No caso do Edifício Higienópolis³⁰ (1935) construído em São Paulo, os dormitórios de empregadas foram agrupados sobre o bloco de garagens, separado da construção principal por uma área ajardinada com playground para crianças (Figuras 63-64). As exceções foram apenas as dependências de empregada relativas aos apartamentos da cobertura, as quais foram mantidas no interior destas unidades, junto às áreas de serviço. Os demais apartamentos

²⁹ Art. 29º – As construções em ZR1, a não ser que existam restrições taxativas neste Decreto, poderão ter um número de pavimentos maior que os máximos fixados por este Decreto, desde que a parte situada acima do plano horizontal que passa pelo nível correspondente à altura máxima, fique contida por planos passando pela interseção das faces do edifício com o mesmo plano horizontal e sobre este inclinados, de fora para dentro, segundo um ângulo de 60º (Decreto n.º 6.000, de 1.07.1937, p.26).

³⁰ Edifício projetado pelo arquiteto e urbanista paulista Rino Levi (1901 – 1965). Rino Levi formou-se na Escola Superior de Arquitetura de Roma em 1926, e suas primeiras obras de vulto foram o Edifício Columbus, o Cine Ufa Palácio, a Residência Médici e o Edifício Sarti (ENCICLOPEDIA ITAÚ CULTURAL, 2019).

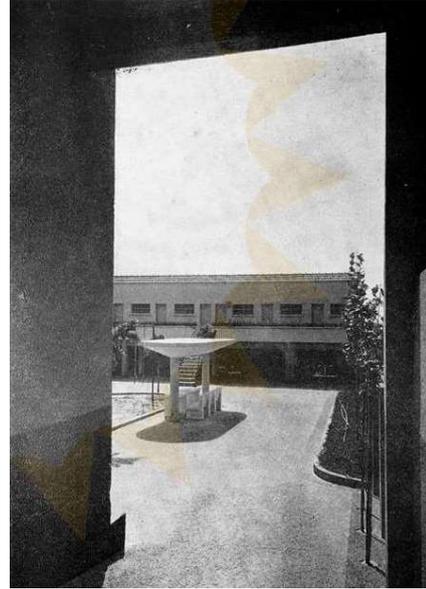
apresentavam em seu interior apenas um WC de serviço (lavabo), acessado através do terraço, o que indica que o banho das empregadas era realizado no bloco do alojamento (Figura 65).

Figura 63 - Foto do Edifício Higienópolis



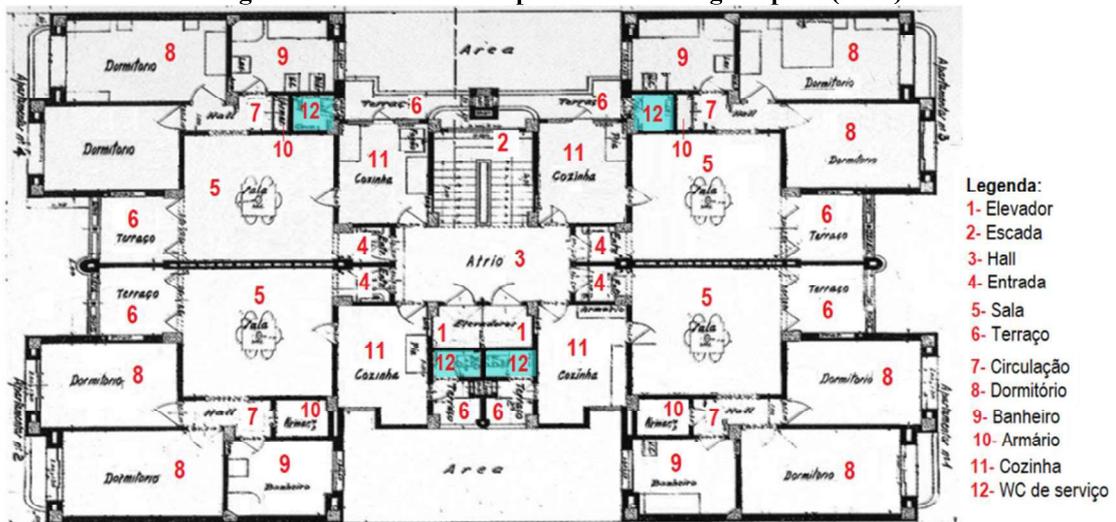
Fonte: Acrópole, n° 27, 1940, p. 107 e 108.

Figura 64 - Vista do bloco de garagens e quartos de empregados do Edifício Higienópolis



Fonte: Acrópole, n° 27, 1940, p. 107 e 108.

Figura 65 - Planta baixa tipo do Edifício Higienópolis (1935)



Fonte: Villa, 2002, editado pela autora, 2019

1.3.4 Dependências de empregados nos halls do pavimento tipo dos edifícios

Outra estratégia projetual adotada nos edifícios multifamiliares verticais até meados da década de 1940 foi a alocação de dormitórios de empregadas no hall de serviço dos pavimentos tipos, tendência que possivelmente antecedeu à entrada definitiva deste espaço no interior das unidades de apartamentos, e que pode ser ilustrada no Edifício Tucumã (1941),

construído no Rio de Janeiro, e nos edifícios Lutetia (1939) e Uberaba (1945) construídos em Belo Horizonte.

Situado na Praia do Flamengo no Rio de Janeiro, o Edifício Tucumã foi construído em meados do ano de 1938 e finalizado em 1941. Este edifício contava com dois apartamentos em cada um dos seus cinco pavimentos tipo. O hall de serviço de cada um destes pavimentos apresentava seis dormitórios e dois banheiros para empregadas, dispostos próximos à escada e ao elevador de serviço (Figura 66). Os últimos três andares desta edificação foram especialmente projetados para uso pessoal da família Guinle — que na época era uma das famílias mais ricas do Brasil. Estes três pavimentos contavam com elevador e garagem privativos, além de 15 quartos de empregados, sendo cinco em cada um dos halls de serviço desses três andares (CATTAN, 2003). Segundo Nunes (2014), as dependências de empregada deste edifício apresentam grandes janelas e cerca de 20m² de área, dimensão bastante confortável comparado aos padrões atuais.

Figura 66 - Planta baixa do pavimento tipo e foto do Edifício Tucumã (1941)



Fonte: NUNES, 2014; MAGNUS PIRES, 2014.

No edifício Lutetia (1939), projeto de Mario dos Santos Maia, construído na cidade de Belo Horizonte, verificou-se a existência no pavimento tipo de uma galeria de serviço polifuncional. Esta galeria ou hall, além de servir como circulação, constituía uma extensão dos apartamentos, sendo utilizada para serviços domésticos como secagem de roupas, já que as unidades de apartamentos não dispunham de espaço específico de lavanderia ou área de

serviço, contando apenas com um tanque situado na cozinha (Figuras 67-68). Nesta galeria de serviço encontravam-se também quatro quartos de empregada (referentes aos quatro apartamentos que constituíam o andar) e três banheiros de serviço. O edifício contava com elevadores, escadas e circulações diferenciadas entre social e serviço (PASSOS, 1998).

No Edifício Uberaba (1945), também construído em Belo Horizonte, observa-se uma configuração semelhante ao Edifício Lutetia, sendo o quarto de empregada e o banheiro de serviço alocados fora das unidades privadas dos apartamentos, e acessados diretamente através da circulação comum de serviço (Figuras 69-70). Esta circulação de serviço conta também, em uma de suas extremidades, com a existência de um tanque de lavar roupa. Outro aspecto que chama a atenção neste projeto, consiste na previsão de duas entradas de serviço à cada uma das unidades de apartamento, uma dando acesso à cozinha e outra à copa. Ademais, este edifício conta com elevadores social e de serviço, e a existência de uma única escada.

Figura 67 - Planta baixa tipo do Edifício Lutetia (1939)



Legenda:

- | | | | |
|---------------------|-----------------------|---------------|-------------------------|
| 1- Elevador social | 4- Circulação serviço | 7- Sala | 10- Banheiro |
| 2- Hall social | 5- Escada | 8- Cozinha | 11- Quarto de empregada |
| 3- Elevador serviço | 6- Hall de entrada | 9- Dormitório | 12- Banheiro de serviço |

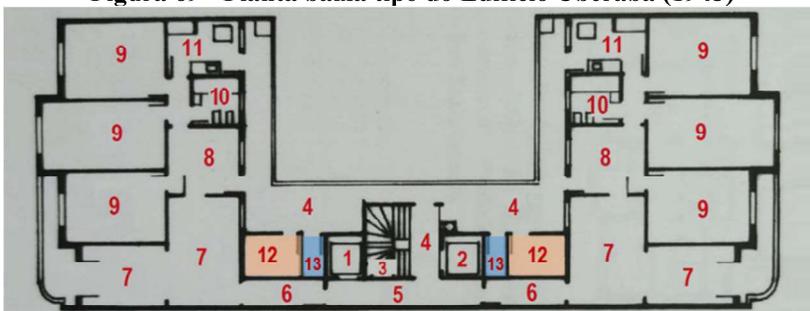
Fonte: Passos, 1998, p.60.

Figura 68 – Foto do Edifício Lutetia



Fonte: Google imagens, 2019.

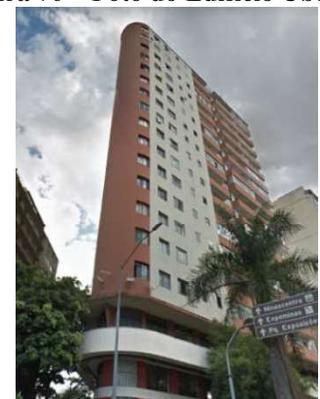
Figura 69 - Planta baixa tipo do Edifício Uberaba (1945)



- Legenda:**
- | | | | | |
|---------------------|-----------------------|---------------|----------------------|----------------------|
| 1- Elevador social | 4- Circulação serviço | 7- Sala | 10- Banheiro | 13- Banheiro serviço |
| 2- Elevador serviço | 5- Circulação social | 8- Copa | 11- Cozinha | |
| 3- Escada | 6- Hall de entrada | 9- Dormitório | 12- Quarto empregada | |

Fonte: Passos, 1998, p.64

Figura 70 – Foto do Edifício Uberaba



Fonte: Google imagens.

1.3.5 Opções híbridas de alojamentos de empregados em edifícios de apartamentos

Alguns dos edifícios de apartamentos construídos entre as décadas de 1920 e 1940 apresentaram duas ou mais configurações de dormitórios de empregadas, sendo por isso considerados híbridos. Nesse sentido podem ser citados os casos dos edifícios Tamandaré (1927), Seabra (1931), Biarritz (1938), Florida (1938), Guatemoc (1941), Missouri (1942) e Anchieta (1940), construídos no Rio de Janeiro; o Edifício São Luís (1944), construído em São Paulo; e o Edifício Randrade (1941), construído em Belo Horizonte.

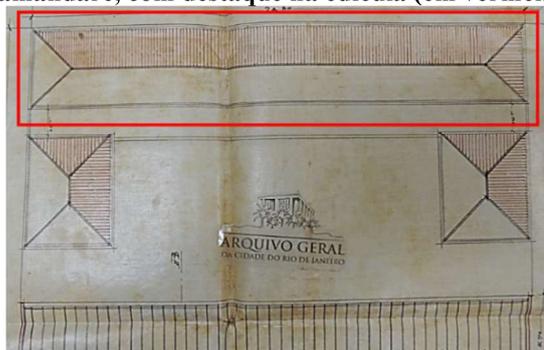
O Edifício Tamandaré³¹ (1927) apresenta nos fundos do lote uma edícula utilizada no seu pavimento térreo como garagem para 12 automóveis, e no primeiro andar como um alojamento de empregados, composto por 10 quartos e dois banheiros (Figuras 71-74). Segundo Cabral e Paraizo (2018), no projeto original deste edifício teriam sido previstos ainda mais dois quartos de empregados sobre cada um dos dois acessos laterais, no entanto, estes não foram construídos.

Figura 71 – Foto do Edifício Tamandaré



Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, 2018

Figura 72 - Parte da planta de cobertura do Edifício Tamandaré, com destaque na edícula (em vermelho)



Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro – AGCRJ, adaptado pela Autora, 2019

Figura 73 – Foto da edícula do Edifício Tamandaré



Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, 2018

³¹ Edifício projetado pelo arquiteto argentino Alejandro Baldassini (1892- 1943). Baldassini desembarcou no Brasil em 1915, e dentre suas obras estão o Edifício OK (1928), o Edifício Comodoro (1933), o Teatro João Caetano (1929), o Teatro Carlos Gomes (1931), todos situados no Rio de Janeiro (CABRAL; PARAÍZO, 2018).

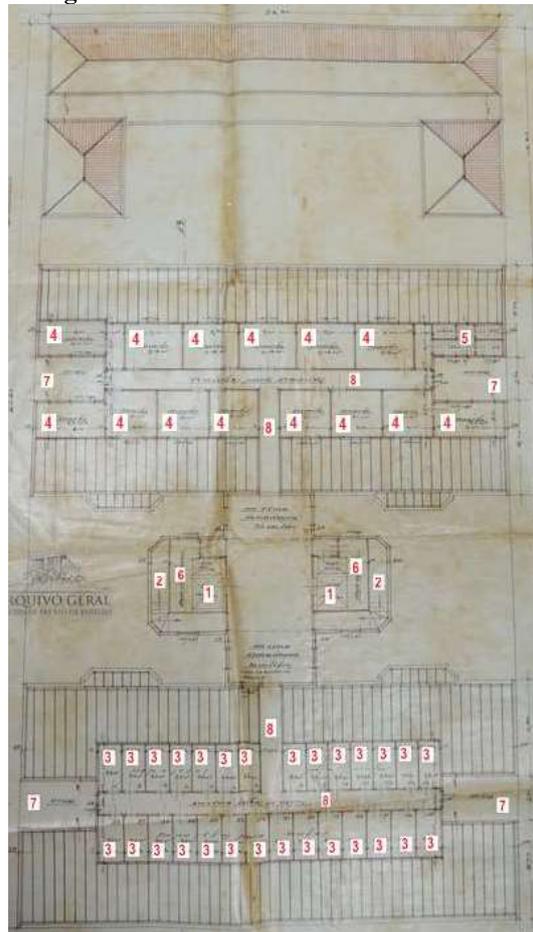
Figura 74 – Foto do corredor do primeiro andar da edícula do Edifício Tamandaré



Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, 2018

Além do alojamento de empregados presente na edícula, o edifício Tamandaré possui no último pavimento (sótão) 14 quartos e um banheiro para empregados ou *creados* (termo utilizado na planta baixa original), 28 depósitos para malas e a casa de máquinas (Figura 75); configuração que remonta novamente à tradição francesa haussmanniana. Os pavimentos tipo do edifício contam com 2 elevadores e 2 escadas diferenciadas quanto ao uso social e serviço, situados numa única circulação. No interior dos apartamentos, observa-se a existência de um pequeno WC de serviço (Figura 76) (CABRAL; PARAIZO, 2018).

Figura 75- Planta baixa do sótão do Edifício Tamandaré (1927)

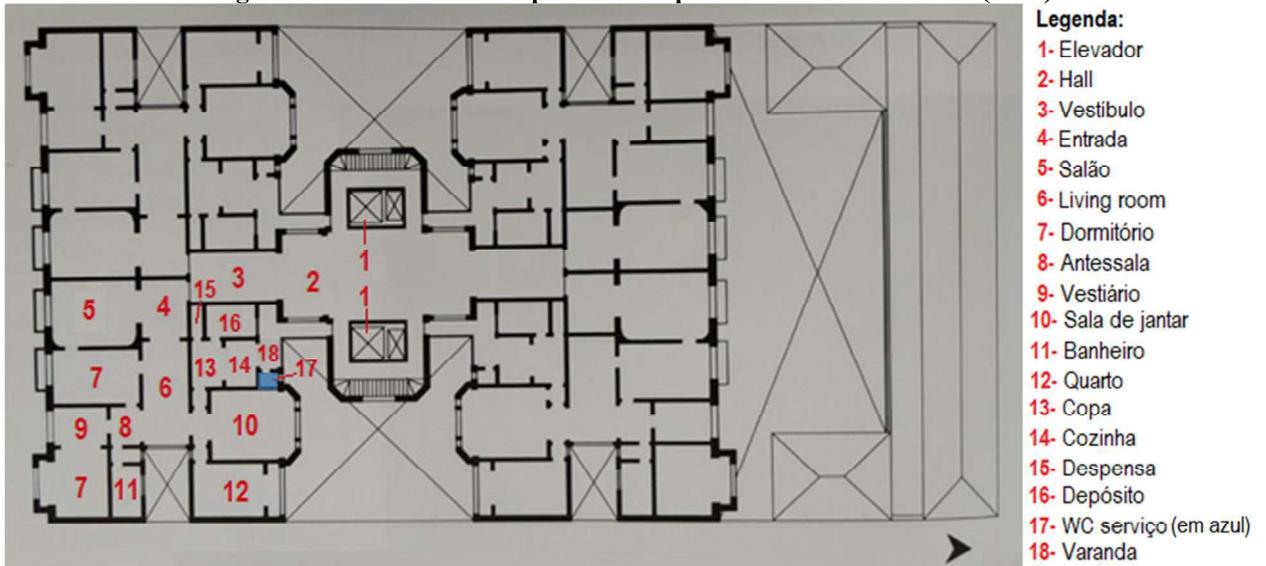


Legenda:

- 1- Elevador
- 2- Escada
- 3- Depósito de malas
- 4- Quartos para *creados*
- 5- Banheiro para *creados*
- 6- Casa de máquinas
- 7- Vazio
- 8- Circulação

Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro – AGCRJ, adaptado pela Autora, 2019

Figura 76 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Tamandaré (1927)



Fonte: Cabral; Paraizo, 2018, p.152, adaptada pela Autora, 2019

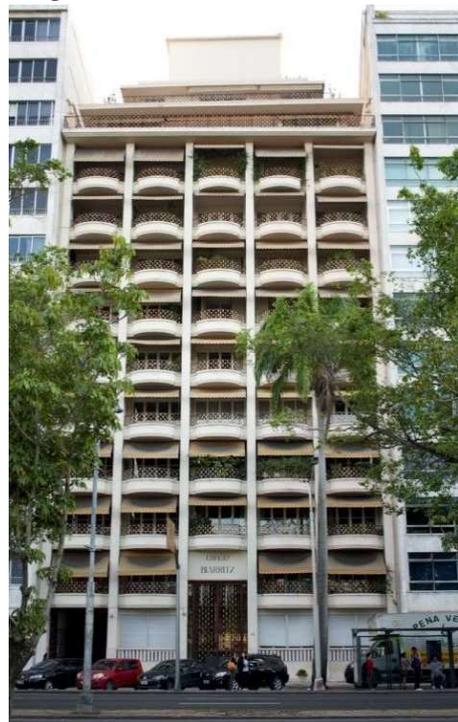
Nos casos dos edifícios Seabra (1931) (Figura 77), Biarritz (1938) (Figura 78), Florida (1938), Guatemoc (1941) e Missouri (1942), construídos no Rio de Janeiro, foi observado o emprego de um alojamento de empregados no pavimento térreo no fundo do lote, e também dependências completas (dormitório e banheiro de serviço) dentro das unidades de apartamentos (exceto no Edifício Seabra) (NUNES, 2009; CANDIDA et al, 2014; PINHEIRO, 2008).

Figura 77 – Foto do Edifício Seabra



Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, (2018)

Figura 78 – Foto do Edifício Biarritz



Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ (2018)

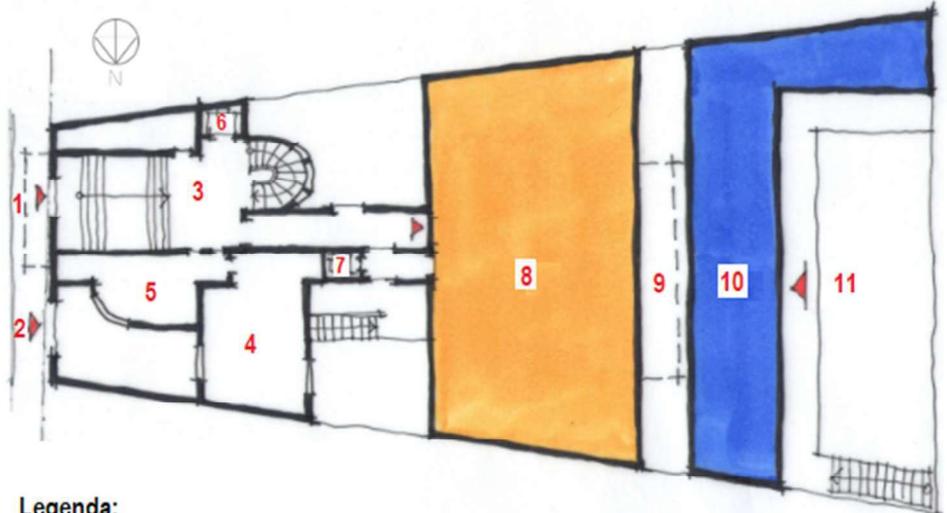
No projeto original do Edifício Guatemoc (1941) havia sido previsto um conjunto de quartos de empregadas no pavimento de cobertura, no entanto, esse alojamento teria sido transferido para o pavimento térreo, no fundo do lote (Figuras 79-81), para que o proprietário do 11º pavimento — o empresário Guilherme Guinle — pudesse construir uma cobertura duplex (NUNES, 2014).

Figura 79 – Foto do Edifício Guatemoc



Fonte: Foto de João Magnus Pires, 2014

Figura 80 - Planta baixa do pavimento térreo do Edifício Guatemoc (1941)



Legenda:

- | | | |
|------------------------|-------------------------|---|
| 1- Acesso principal | 5- Sala do condomínio | 9- Terraço do apt. 101 |
| 2- Acesso automóveis | 6- Elevador passageiros | 10- Quartos e sanitários para empregados e motoristas (acesso pela garagem) |
| 3- Portaria | 7- Elevador serviço | 11- Passarela de acesso aos quartos de serviço |
| 4- Residência porteiro | 8- Apartamento 101 | |

Fonte: Nunes, 2014, adaptado pela Autora, 2019

Figura 81 – Foto da edícula com quartos de empregadas do Edifício Guatemoc

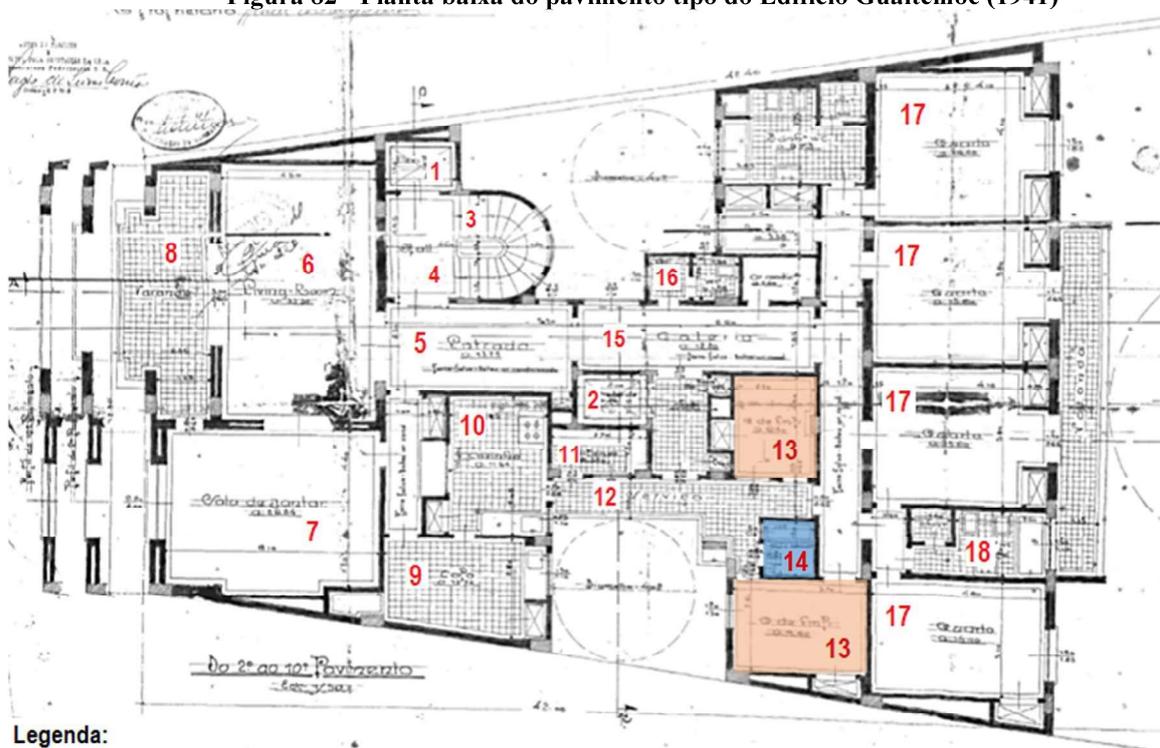


Fonte: Nunes, 2014.

Os apartamentos deste edifício contam com dois dormitórios de empregada, sendo um deles disposto totalmente inserido na área de serviço, e o outro numa área de transição, devido ao seu caráter reversível, por contar com duas entradas, uma para o serviço e outra para o hall

íntimo; além de um banheiro de serviço (Figura 82). O dormitório reversível (intitulado no projeto como quarto de empregada) apresenta também maiores dimensões em relação ao segundo, contando com 9,6 m², enquanto o outro apresentava 6,4 m². Interessante notar a existência de um acesso direto entre o hall íntimo, no qual se encontravam os dormitórios da família, e a área de serviço, o que permitia um acesso direto a este segundo dormitório de empregada (sem a necessidade de passar por outros cômodos). Além disso, os apartamentos contam com entradas social e de serviço dispostas em halls totalmente independentes, solução também adotada em relação à disposição dos dois elevadores.

Figura 82 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Guatemoc (1941)



Legenda:

- | | | | | |
|---------------------|-------------------|--------------|-------------------------|--------------|
| 1- Elevador social | 5- Entrada | 9- Copa | 13- Quarto de empregada | 17- Quarto |
| 2- Elevador serviço | 6- Sala de estar | 10- Cozinha | 14- WC serviço | 18- Banheiro |
| 3- Escada | 7- Sala de Jantar | 11- Despensa | 15- Galeria | |
| 4- Hall | 8- Varanda | 12- Serviço | 16- Lavabo | |

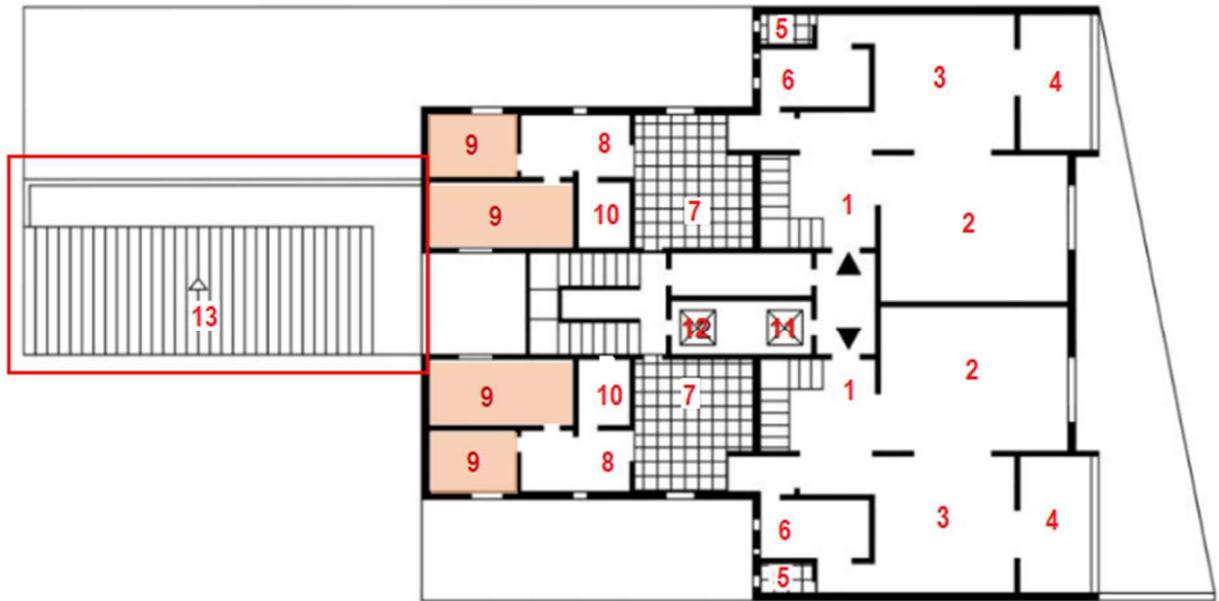
Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro – AGCRJ, adaptado pela Autora, 2019.

No Edifício Florida³² (1937), o alojamento de empregados domésticos ocupa o primeiro andar de uma construção situada nos fundos do lote, e cujo térreo é utilizado como garagem dos proprietários dos apartamentos. As unidades de apartamentos são duplex, e

³² Edifício projetado pelo arquiteto e pintor gaúcho Firmino Fernandes Saldanha (1905-1985). Formado pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) no Rio de Janeiro em 1931, Firmino Saldanha integrou a comissão encarregada de projetar a Cidade Universitária no Rio de Janeiro; e realizou, dentre outros, o mural do Banco Nacional - Palácio do Planalto, em Brasília (ENCICLOPEDIA ITAU CULTURAL, 2017).

contam também com dois dormitórios de empregada e um banheiro de serviço inseridos na área de serviço do pavimento inferior. Verifica-se a existência de entradas e elevadores diferenciados quanto ao uso (social e serviço), dispostos em halls distintos (Figuras 83-85).

Figura 83 - Planta baixa do pavimento tipo inferior do Edifício Florida (1937)



Legenda:

- | | | | | |
|-------------------|-------------|------------------------|-------------------------|--|
| 1- Hall | 4- Varanda | 7- Cozinha | 10- Banheiro de serviço | 13- Telhado da Edícula |
| 2- Sala de estar | 5- Banheiro | 8- Terraço | 11- Elevador social | (térreo com garagem e 1º andar com quartos de empregados). |
| 3- Sala de Jantar | 6- Copa | 9- Quarto de empregada | 12- Elevador de serviço | |

Fonte: Nunes, 2019, adaptado pela Autora, 2019

Figura 84 – Foto dos quartos de empregados sobre o bloco de garagens do Edifício Florida



Fonte: Nunes, 2014

Figura 85 – Foto do Edifício Florida



Fonte: Foto de João Magno Pires, 2014

Assim como no exemplo anterior, observa-se no Edifício Missouri³³ (1942) a existência de edícula utilizada no térreo como garagem de automóveis e no primeiro andar como alojamento de empregados (Figura 86); além de dependências completas (quarto e banheiro de serviço) em cada uma das unidades de apartamentos (Figuras 87-88). O edifício conta também com elevadores diferenciados pelo uso social e de serviço, porém dispostos em halls intercomunicantes.

Figura 86 – Foto da edícula do Edifício Missouri



Fonte: Nunes, 2019

Figura 87 – Foto de parte da fachada do Edifício Missouri



Fonte: Nunes, 2019

Figura 88 - Plantas baixas do Edifício Missouri (1942)



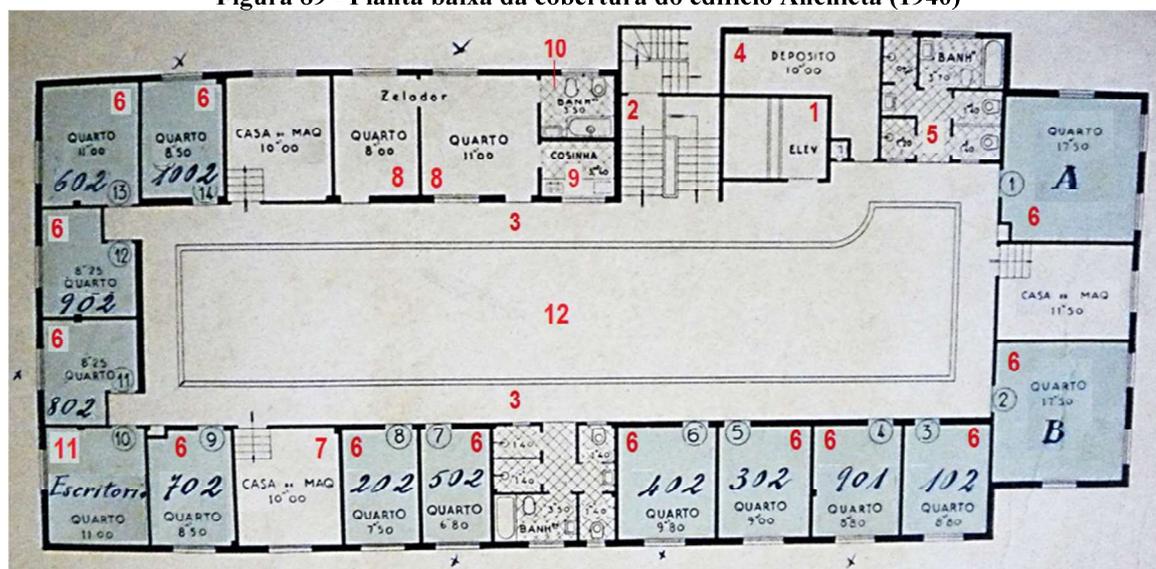
Fonte: Nunes, 2019, adaptado pela Autora, 2019

³³ Edifício projetado pelo arquiteto Firmino Fernandes Saldanha.

Observou-se nesse período também a construção de edifícios multifamiliares com dormitórios de empregada situados no pavimento de cobertura, e também no interior da zona de serviço de cada um dos apartamentos. Como exemplo, podem ser citados o edifício Anchieta (1940), construído no Rio de Janeiro, e o Edifício São Luís (1944), em São Paulo.

O Edifício Anchieta³⁴ (1940) consiste numa exceção entre os edifícios de apartamentos projetados após a publicação do 1º Código de Obras do Rio de Janeiro (1937), por não prever estacionamento de automóveis e ainda adotar a solução de ocupação do pavimento de cobertura com alojamentos de empregados (Figura 89). Além dos 14 quartos e 2 banheiros para empregados, o último pavimento contava com um apartamento para o zelador, composto de 2 quartos, banheiro e cozinha; e as casas de máquinas dos elevadores (CABRAL; PARAIZO, 2018).

Figura 89 - Planta baixa da cobertura do edifício Anchieta (1940)



Legenda:

- | | | | |
|--------------------------|---------------------|---------------------|----------------------|
| 1- Elevador de serviço | 4- Depósito | 7- Casa de máquinas | 10- Banheiro zelador |
| 2- Escada | 5- Banheiro | 8- Quarto zelador | 11- Escritório |
| 3- Circulação de serviço | 6- Quarto empregada | 9- Cozinha zelador | 12- Átrio |

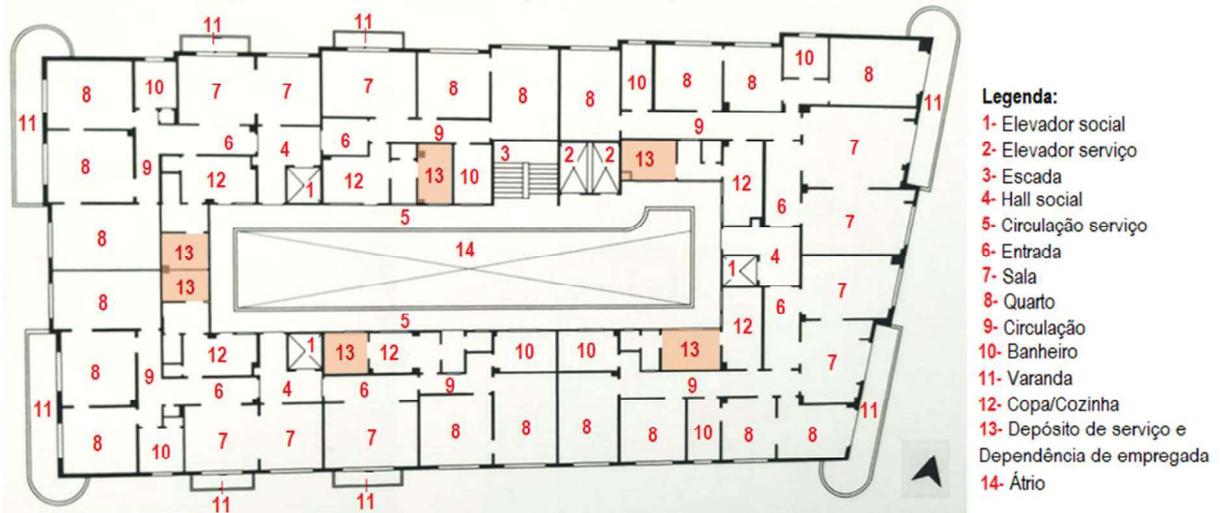
Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro – AGCRJ, adaptado pela Autora, 2019.

Esta edificação apresenta um amplo átrio interno circundado por um grande corredor de serviço (dotado de 2 elevadores de serviço e escada) que proporciona a ventilação de banheiros, cozinhas, áreas de serviço e das dependências de empregados também existentes no interior de cada um dos seis apartamentos que compõem o pavimento tipo (as unidades

³⁴ Construído para fim rentista na Praia do Flamengo, o edifício Anchieta constitui um conjunto com os seus vizinhos próximos, os edifícios Barth e Nobrega, situados nas duas ruas próximos perpendiculares, tanto pelas suas características como por ter sido projetado pelo mesmo arquiteto, o escocês Robert Prentice, e para o mesmo proprietário (CABRAL; PARAIZO, 2018, p.209).

variam entre 2, 3 e 4 quartos) (Figuras 90-92). Para cada dois apartamentos existe um hall social com elevador, visando preservar a privacidade e a exclusividade valorizadas pelo grupo social mais abastado, ao qual se destinava esse edifício (CABRAL; PARAIZO, 2018).

Figura 90 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Anchieta (1940)



Fonte: Cabral; Paraizo (2018), adaptado pela Autora, 2019.

Figura 91 – Foto do Edifício Anchieta (1940)



Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, 2018

Figura 92 - Vista do átrio interno do Edifício Anchieta



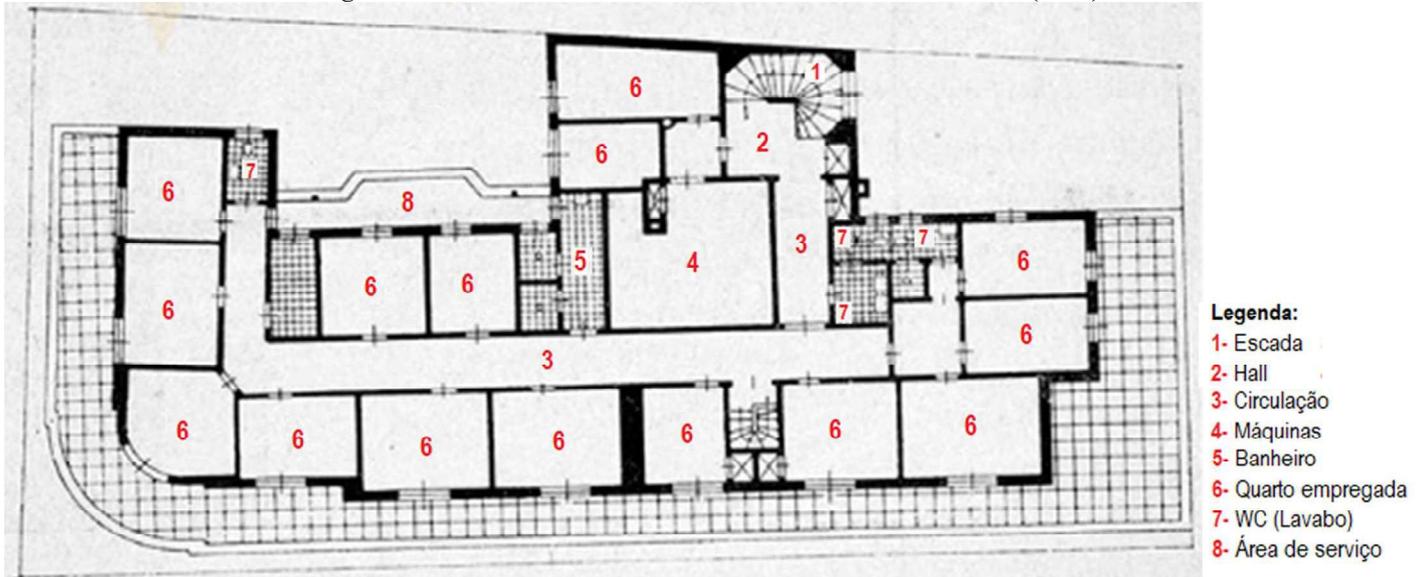
Fonte: Pesquisa Banco de Dados em Arquitetura: Presença Estrangeira no Rio de Janeiro da UFRJ, 2018

O edifício São Luís³⁵ (1944) contava com o último andar inteiramente destinado às lavanderias, quartos e banheiros de empregados e a casa de máquinas (Figura 93). Os 22

³⁵ Projetado pelo arquiteto francês Jacques Pilon (1905-1962), o Edifício São Luís era direcionado a famílias abastadas e foi considerado o primeiro residencial de luxo da Avenida São Luís em São Paulo (SILVA, 2010).

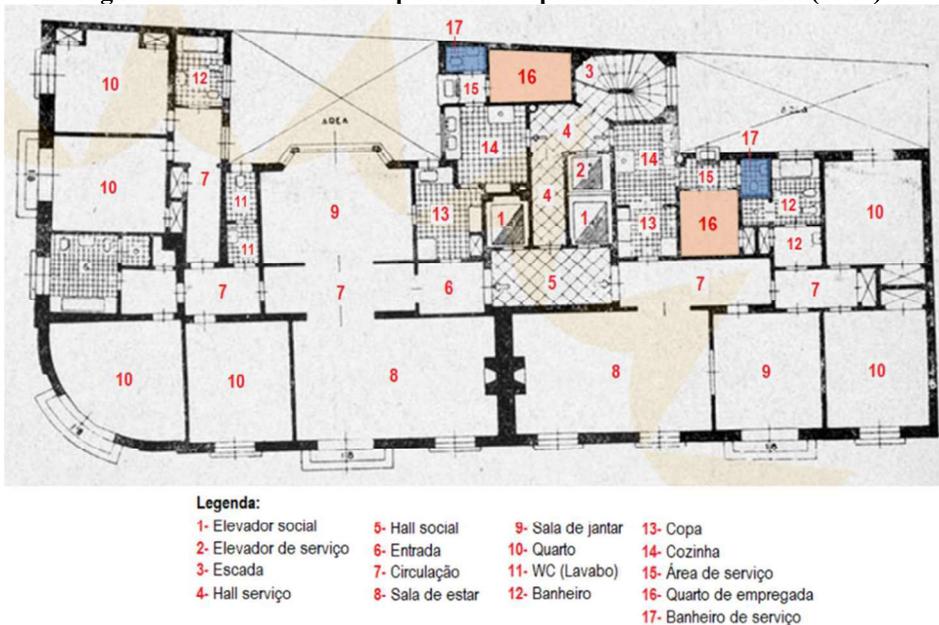
apartamentos, distribuídos 2 por andar no pavimento tipo e com tipologias de dois e três dormitórios, eram também dotados por dependência completa de empregada (quarto e banheiro) e área de serviço dentro das unidades (Figuras 94-95). Observa-se também a separação entre as entradas e circulações (elevadores) de serviço e social (SILVA, 2010).

Figura 93 - Planta baixa do último andar do Edifício São Luís (1944)



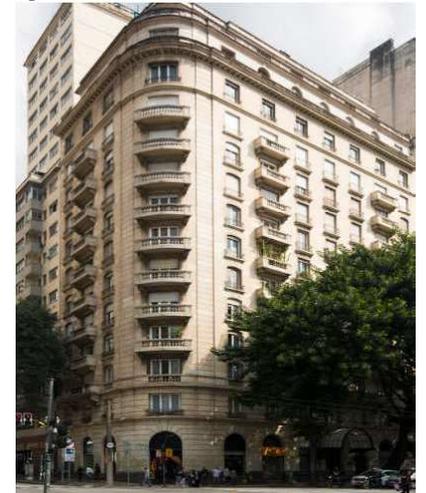
Fonte: Acrópole, jan de 1945, p.200.

Figura 94 - Planta baixa do pavimento tipo do Edifício São Luís (1944)



Fonte: Acrópole, jan. de 1945, p.200

Figura 95 – Foto do Edifício São Luís

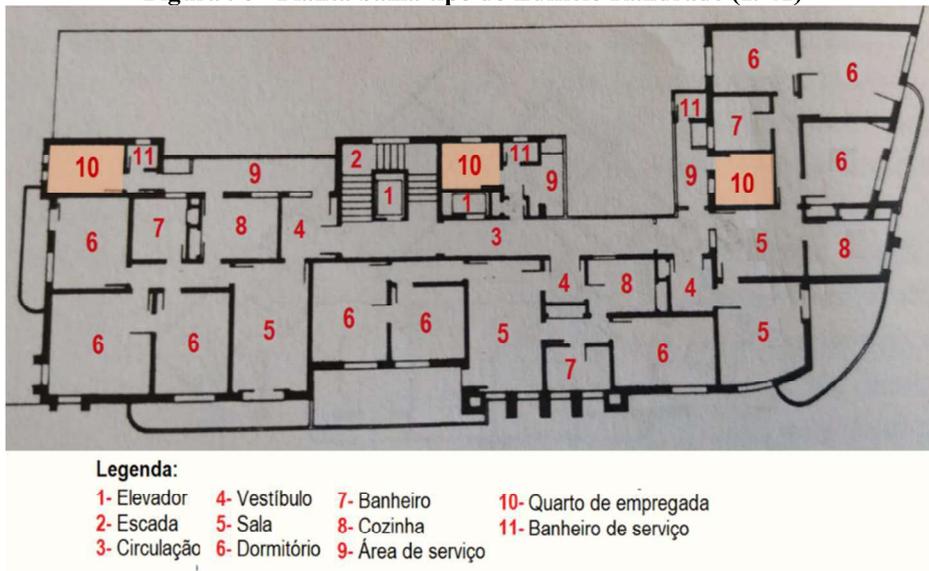


Fonte: Site Nomads.usp, 2018.

Jacques Pilon formou-se em arquitetura pela *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* de Paris em 1932. Projetou dezenas de edifícios ainda hoje em uso, dos quais se destacam o Edifício Edlu (1944), a antiga sede do jornal O Estado de São Paulo (1946) e os Edifícios Paulicéia e São Carlos do Pinhal (1956), todos em São Paulo (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2017).

O Edifício Randrade³⁶ (1941) também apresentou uma situação mista em relação aos dormitórios de empregadas. Em dois casos, este ambiente foi situado, juntamente com um banheiro de serviço, dentro do setor de serviço privativo dos apartamentos; enquanto que o terceiro dormitório de empregada foi posicionado, junto com um banheiro e uma área de serviço, no hall comum do pavimento. Duas das três unidades de apartamentos que compõem o pavimento tipo não contam com entrada de serviço. Os dois elevadores do edifício eram acessados através do mesmo hall, e situados próximos à escada (Figuras 96-97).

Figura 96 - Planta baixa tipo do Edifício Randrade (1941)



Fonte: Passos, 1998, p.62.

Figura 97 - Foto do Edifício Randrade



Fonte: Site Arqbh, 2019.

³⁶ Edifício projetado por Luiz Pinto Coelho e construído em Belo Horizonte (PASSOS, 1998).

1.4 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO 1

A produção de edifícios residenciais das décadas de 1910 a 1940 apresentou um caráter bastante diversificado com relação à quantidade de apartamentos por andar, dimensões dos espaços e programas de necessidades, aspectos que estavam diretamente relacionados ao público ao qual os empreendimentos eram ofertados. Embora esta modalidade habitacional tenha sido direcionada às populações de classe média, este grupo se apresentava bastante heterogêneo em termos de renda, e, conseqüentemente, com diferentes exigências em torno da habitação, as quais foram refletidas nos programas de necessidades dos edifícios, fundamentados inicialmente em dois padrões.

Nos edifícios de padrão inferior, compostos por plantas racionalizadas, programas mínimos e ofertados para um público de renda menor, o dormitório de empregada se tornava uma peça desnecessária, e, portanto, excluída do programa desses projetos. No entanto, a existência de um banheiro de serviço nas áreas comuns de alguns desses exemplares, indica a previsão do uso por faxineiras ou empregados domésticos não residentes.

Já na parcela de edifícios de padrão construtivo superior, ocupados por famílias de classe média alta, os espaços planejados para uso das empregadas domésticas assumiram forte presença, sendo elementos considerados indispensáveis para aceitação dessa população ao morar em edificações multifamiliares verticalizadas. Ao focalizar a produção deste padrão de edifícios, observou-se que os dormitórios de empregadas assumiram diferentes configurações e disposições, sendo identificadas 4 categorias principais, e 6 subcategorias, caracterizadas pela coexistência de duas tipologias distintas de dormitórios de empregados no mesmo edifício.

Em grande parte dos exemplares produzidos durante esse período, pode-se dizer que a dependência de empregada apresentou caráter mais coletivo, construída no formato de alojamento, disposto fora do espaço privado do apartamento, e ocupando parte ou a área total dos últimos pavimentos (cobertura, mansarda, sótão), solução inspirada nos edifícios franceses do século XIX; parte da área comum do pavimento tipo; e alocadas em construções nos fundos do lote, muitas vezes no primeiro andar das garagens, semelhantes às edículas das residências unifamiliares. Desse modo, até a primeira metade da década de 1940, a disposição do dormitório e banheiro de empregada no interior dos apartamentos não foi a única maneira de se projetar esses espaços.

Observou-se também como os acessos às unidades de apartamentos passaram por diferentes transformações, partindo de uma configuração composta por escadas individualizadas nos primeiros exemplares verticais de baixa estatura; para a inserção de uma escada principal que levava por meio de circulação única aos apartamentos nos edifícios verticais altos; e o modelo composto por elevadores, escadas, circulações e entradas diferenciadas pelos usos sociais e de serviço, que tinha como forte referência o modelo de edifício francês de Haussmann.

Assim, foi possível observar a existência de um grande leque de variações em relação aos espaços direcionados ao alojamento de empregados nos edifícios de apartamentos produzidos durante estas quatro primeiras décadas de verticalização nas cidades de Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Esta diversidade de soluções decorria, possivelmente, das influências da arquitetura europeia sobre a produção brasileira, e do caráter ensaístico que marcou a produção desse período, na qual arquitetos e empreendedores imobiliários buscavam por soluções que tivessem melhor aceitação pelo público, e que motivassem sua preferência pela moradia em edifícios multifamiliares verticais.

CAPÍTULO 2 - A TRAJETÓRIA DA DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NOS EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS NO BRASIL ENTRE AS DÉCADAS DE 1940 E 1990

Este capítulo aborda as principais transformações ocorridas nos espaços planejados para uso de empregadas domésticas em edifícios verticais multifamiliares produzidos ao longo da década 1940 até a década de 1990 no Brasil; uma reflexão sobre as características predominantes nos projetos; e uma crítica ao papel do arquiteto no processo de produção destes espaços.

2.1 A ENTRADA “DEFINITIVA” DO DORMITÓRIO DE EMPREGADA NO INTERIOR DOS APARTAMENTOS

A partir da década de 1940 os andares reservados à habitação comum dos empregados domésticos foram gradualmente sendo condenados ao desaparecimento. Conforme Vanini (2016) e Bittar e Veríssimo (1999), os dormitórios de empregada teriam adentrado “definitivamente” o interior do setor de serviço privado das unidades apartamentos a partir do lançamento de empreendimentos direcionados à população de renda média, o que ocorreu a partir deste período. A preferência por parte da classe média em consumir bens que a permitissem alcançar um nível de modernidade associado a valores americanos “o american way of life” cada vez mais difundindo pelo cinema teria sido um dos fatores fundamentais para a forte adesão dessa tipologia por esta camada (NUNES, 2014).

Dentre as razões que motivaram essa alteração na forma de acomodar as empregadas nos edifícios, pode-se supor a questão da valorização da vista do alto, associada à disseminação do uso do elevador — fatores que tornavam mais interessante a ocupação do pavimento de cobertura por unidades de apartamentos, em geral, maiores e mais caros do que os situados no pavimento tipo; ou mesmo por espaços de lazer para uso dos moradores.

Outro ponto que poderia justificar essa mudança corresponde à questão cultural, visto que as populações de renda média já eram acostumadas à presença da empregada ocupando o quartinho alocado próximo à cozinha e dentro das residências unifamiliares — fato este que poderia ter estimulado a reprodução dessa configuração espacial dentro da tipologia do apartamento. Chacon (2004, p.45) salienta como possível motivo para a não manutenção

desses alojamentos coletivos de empregados nos projetos de edifícios de apartamentos, os sucessivos escândalos advindos do “projeto permissivo e da localização afastada”.

Para Brandão (2018), a separação do dormitório da empregada do apartamento de seus patrões, alojados em pavimentos distintos, levava à necessidade logística de estabelecimento de uma jornada de trabalho mais bem definida, e com isso, maior dificuldade à exploração dessa mão-de-obra doméstica — condição que, para a autora, poderia ter motivado o descarte gradativo dessa organização de planta.

Com essa mudança, os espaços dos empregados dentro dos apartamentos passaram a ser demarcados com maior rigidez, promovendo um zoneamento interno que acentuou a diferenciação entre áreas íntimas e de serviço e entre seus respectivos usuários, e que passou a ser considerada uma característica marcadamente nacional (MARINS, 1998). Nesse período, a presença de halls de entrada no edifício com portarias e de elevadores separados para patrões e para empregados começou a se tornar uma característica constante nos projetos dos edifícios (VILLA, 2002).

A permanência e a circulação mereceram a criação de caminhos e espaços diferenciados, sedimentando para os setores médios uma distinção em que se sente o bafejar dos tempos da escravidão (MARINS, 1998, p.192).

Ainda durante a década de 1940, a produção de edifícios de apartamentos passou a ser dirigida também para o público mais abastado, que até então residia em grandes palacetes e mansões afastados do centro. Com a promulgação da Lei do Inquilinato no ano de 1942³⁷, a construção de apartamentos para aluguel deixava de ser interessante aos investidores, que preferiram então dirigir-se aos grupos mais ricos, por meio da venda de unidades de empreendimentos de alto padrão.

Com isso, o edifício de apartamentos passou também a fazer parte de bairros nobres das cidades, deixando de ser alvo apenas da especulação imobiliária voltada à classe média e média-alta, por meio da oferta de edifícios sofisticados do tipo duplex, unidade composta por dois andares (ALVES, 2012).

³⁷ Promulgada em 1942 pelo então presidente Getúlio Vargas, a Lei do Inquilinato (Decreto-lei nº 4.598, de 20 de agosto de 1942) congelou os aluguéis por dois anos, afugentando o capital privado do até então fértil terreno dos investimentos no setor da construção de habitações para aluguel (TRAMONTANO, 2006).

Como exemplo de edifício de padrão mais alto pode ser citado o Edifício Prudência³⁸ (1944), que contava com apartamentos de quase 400 metros de área útil, e a provisão de dois quartos de empregada espaçosos (Figura 98) (SCHOLZ, 2014; TRAMONTANO, 2006). Uma característica interessante observada nas unidades deste edifício é que os dormitórios de empregados apresentam acesso ao hall que leva aos dormitórios dos moradores. Segundo Trigueiros e Cunha (2015), a inserção destas passagens interiores que permitiam uma comunicação direta entre os setores íntimo e de serviço nos apartamentos teria sido frequentemente utilizada nos projetos, sendo um arranjo propenso a desaparecer apenas na década de 1970.

Figura 98 - Planta baixa tipo e foto do Edifício Prudência (1944)



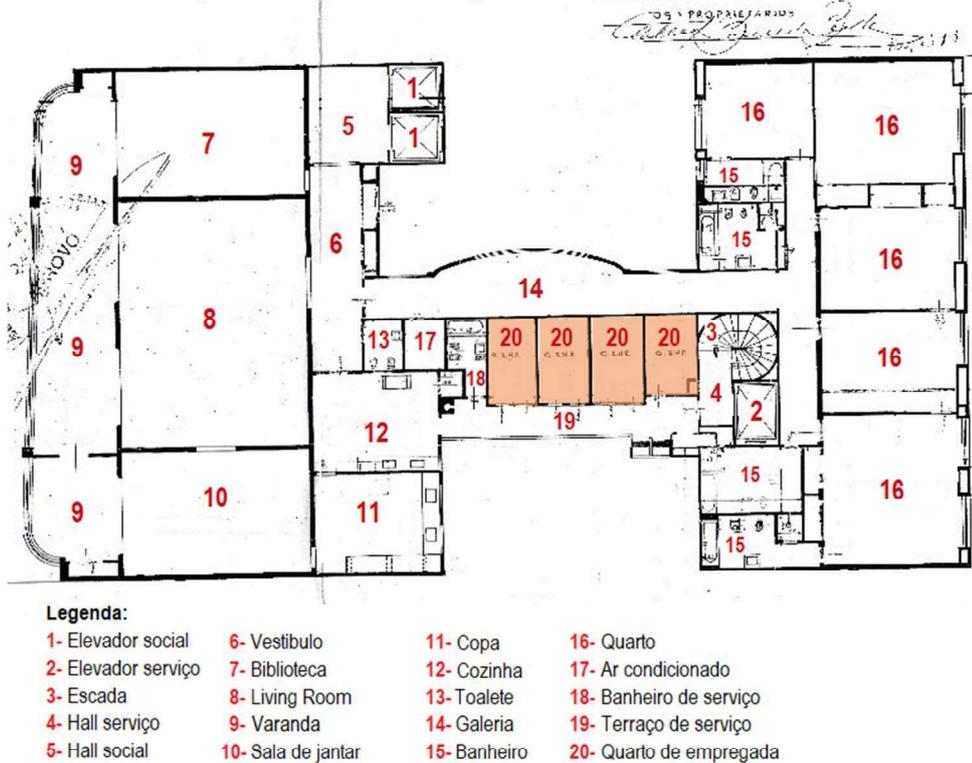
Fonte: Xavier, 1983, p.12.ditado pela autora.

Outro exemplo de edifício direcionado ao público de renda alta é o Edifício Tancredo Neves, originalmente nomeado Golden Gate, construído em Copacabana no Rio de Janeiro no final da década de 1940. Este edifício apresenta um único apartamento por andar da tipologia de cinco dormitórios, e circulações social e de serviço totalmente apartadas. Os ambientes de serviço encontram-se centralizados na planta, e o conjunto de quatro dormitórios de

³⁸ Edifício projetado por Rino Levi e construído na Avenida Higienópolis em São Paulo (SCHOLZ, 2014).

empregadas e banheiro de serviço, encontra-se alinhado no terraço de serviço (Figuras 99-100).

Figura 99 - Planta baixa tipo do Edifício Tancredo Neves



Fonte: Acervo REGO, 2018.

Figura 100 – Foto do Edifício Tancredo Neves



Fonte: Site Skycrapercity, 2019.

2.2 AS DÉCADAS DE 1950 E 1960 - A INDISPENSABILIDADE DAS DEPENDÊNCIAS

Segundo Veríssimo e Bittar (1999), a partir dos anos 1950, os edifícios de apartamentos passam a apresentar o setor de serviços, por vezes surpreendentemente grande, até mesmo nas unidades de um quarto, que muitas vezes contam com dependências para empregadas domésticas. Este caso pode ser ilustrado pelo Edifício Ouro Verde³⁹ (1952), construído em São Paulo, cuja tipologia de apenas um dormitório presente no pavimento térreo apresentava dormitório de empregada (Figura 101). Interessante notar que tanto esta unidade de 1 dormitório, quanto parte das demais unidades de 3 dormitórios (Figura 102), contam apenas com um WC de serviço (sanitário e pia), não sendo observados locais de banho também nas áreas comuns dos pavimentos térreo e tipo.

³⁹ Edifício projetado pelo arquiteto alemão Adolf Franz Heep.

Formado na Escola de Artes e Ofícios de Frankfurt em 1926, Franz Heep imigrou para o Brasil no ano de 1947. Sua obra mais conhecida é o Edifício Itália (1953) em São Paulo (ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL, 2017).

Figura 101 - Planta baixa do pavimento térreo do Edifício Ouro Verde (1952)



Fonte: LUCCHINI, 2010, adaptado pela autora, 2019.

Figura 102 - Planta baixa tipo do Edifício Ouro Verde (1952)



Fonte: LUCCHINI, 2010, adaptado pela autora, 2019

Figura 103 – Foto do Edifício Ouro Verde



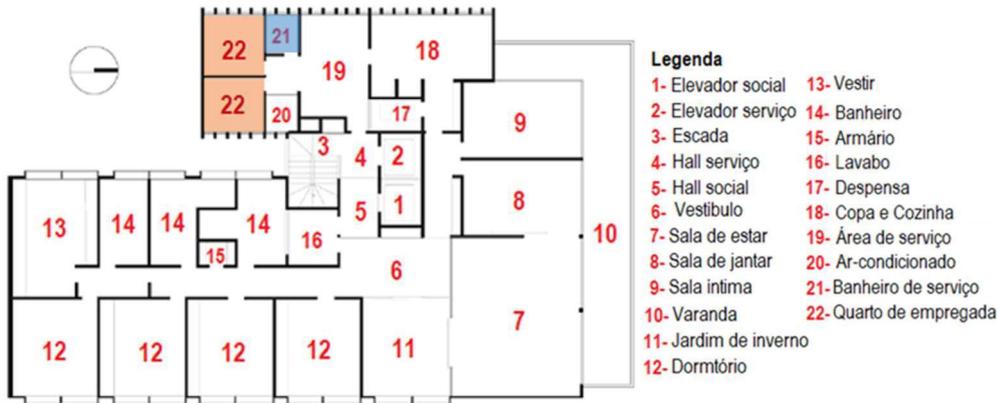
Fonte: LUCCHINI, 2010

Trigueiro e Cunha (2015) destacam que, nessa época, os espaços relacionados a serviços tornavam-se itens indispensáveis nos anúncios, de maneira que 90% das propagandas⁴⁰ mencionavam acomodação de empregados, algumas com descrições detalhadas de suas grandes dimensões, outras indicando a existência de mais de um desses ambientes no apartamento, caso observado na planta das unidades do Edifício Floragê⁴¹ (1963), construído em Porto Alegre (Figura 104).

⁴⁰ A existência da área de serviço, e especificamente do equipamento “tanque” também aparecem na lista de adjetivos utilizados nos anúncios de imóveis para atrair possíveis compradores, como observado por Cunha e Trigueiro (2005) em pesquisa sobre qualidades ressaltadas em anúncios de apartamentos em jornais de diferentes décadas, no Rio de Janeiro.

⁴¹ Edifício projetado pelo arquiteto paranaense David Libeskind, formado em 1952 na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Dentre suas obras, destaca-se o Conjunto Nacional (1956), complexo residencial, comercial, de serviços e lazer, em São Paulo (ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL, 2017).

Figura 104 - Planta baixa tipo e foto do Edifício Floragê (1963)



Fonte: Lima, 2005, adaptado pela autora, 2019.



Fonte: Google imagens, 2019.

Foi durante as décadas de 1950 e 1960 que se consolidou a configuração de apartamento que seria reproduzida infinitamente nos empreendimentos de baixo e médio padrão nas décadas seguintes, a planta reduzida da tipologia burguesa oitocentista composta por sala, dois ou três dormitórios, banheiro e cozinha, sendo recorrente a distinção entre as entradas social e de serviço, e a presença de cômodos para empregados dentro da unidade (VILLA, 2002), como exemplificado no Edifício João Ramalho (1953), projeto de Plínio Croce, Roberto Aflalo e Salvador Candia, em São Paulo (Figura 105).

Ademais, nesse período, as copas, elementos que separam as zonas de movimentação de empregados da zona de convívio da família, tem sua aparição nas plantas bastante reduzida, sendo, em geral, incorporadas pelas cozinhas. Quando existentes, tendem a se conectar à área social de forma mais direta, sem buscar tanto a interposição de espaços intermediários, como nos anos anteriores (CUNHA, 2007). Segundo Lima (2014) durante os anos 1960, as áreas de serviço dos apartamentos passam a abrigar além do tanque, um espaço para a máquina de lavar roupa.

Figura 105 - Planta baixa tipo e foto do Edifício João Ramalho (1953)



Fonte: Acrópole, n° 242, p 55-57, dez 1958.

Um dos casos desse período que chama a atenção por fugir da “configuração padrão” do quarto de empregada dentro da zona de serviço e próxima a área de serviço, é o do Edifício Guaporé⁴² (1956), construído em São Paulo. Uma das unidades deste edifício apresenta o dormitório e o banheiro de empregada situados ao lado da entrada do apartamento, separados da cozinha e mais próximos aos ambientes do setor social. Além disso, o acesso à área de serviço é condicionado à passagem pelo interior deste quarto (Figuras 106-107).

Figura 106 - Planta baixa de unidade do Edifício Guaporé (1956)



Fonte: Lucchini, 2010, adaptado pela autora, 2019

Figura 107 - Foto do Edifício Guaporé



Fonte: Site refúgios Urbanos, 2019

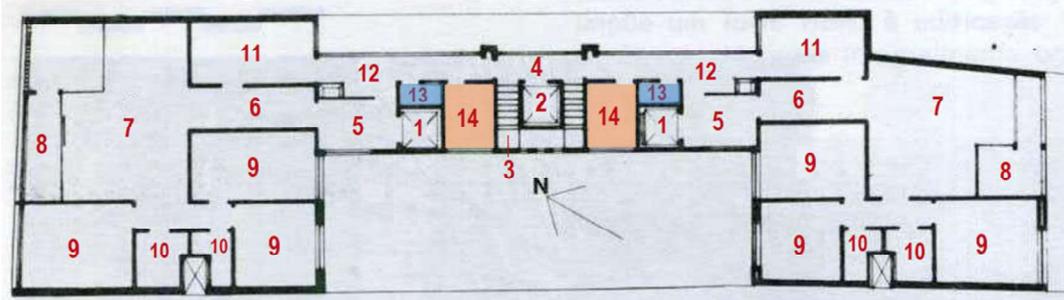
Dando continuação a tendência iniciada nas décadas anteriores, grande parte dos edifícios de apartamentos produzidos nas grandes capitais brasileiras contava, nos anos 1950, com um acesso específico para empregados, com hall independente, elevadores e escadas próprios (BITTAR; VERISSIMO, 1999), conforme exemplificado no Edifício Presidente Antônio Carlos (1952), construído em Porto Alegre (Figura 108). Como exceções podem ser citados os edifícios Ângela Perrone⁴³ (1950), construído em Curitiba (Figuras 109-110); e o edifício Santa Terezinha⁴⁴ (1950), construído em Porto Alegre (Figuras 111-112); ambos com apenas um elevador e um corredor de acessos aos apartamentos.

⁴² Edifício projetado por Franz Heep.

⁴³ Edifício projetado por Romeu Paulo da Costa.

⁴⁴ Edifício projetado por Holanda de Mendonça.

Figura 108 - Planta baixa tipo e foto do Edifício Presidente Antônio Carlos (1952)



Legenda

- | | | | | |
|---------------------|-----------------|----------------------|---------------------|-------------------------|
| 1- Elevador social | 4- Hall serviço | 7- Sala estar/jantar | 10- Banheiro | 13- Banheiro de serviço |
| 2- Elevador serviço | 5- Hall social | 8- Varanda | 11- Cozinha | 14- Quarto de empregada |
| 3- Escada | 6- Vestíbulo | 9- Dormitório | 12- Área de serviço | |

Fonte: XAVIER, 1987, adaptado pela autora, 2019



Fonte: Google imagens, 2019

Figura 109 - Planta baixa tipo e foto do Edifício Rosa Ângela Perrone (1950)



Legenda:

- | |
|-------------------------|
| 1- Elevador |
| 2- Escada |
| 3- Hall |
| 4- Sala |
| 5- Quarto |
| 6- Banheiro |
| 7- Cozinha |
| 8- Terraço |
| 9- WC de serviço |
| 10- Quarto de empregada |

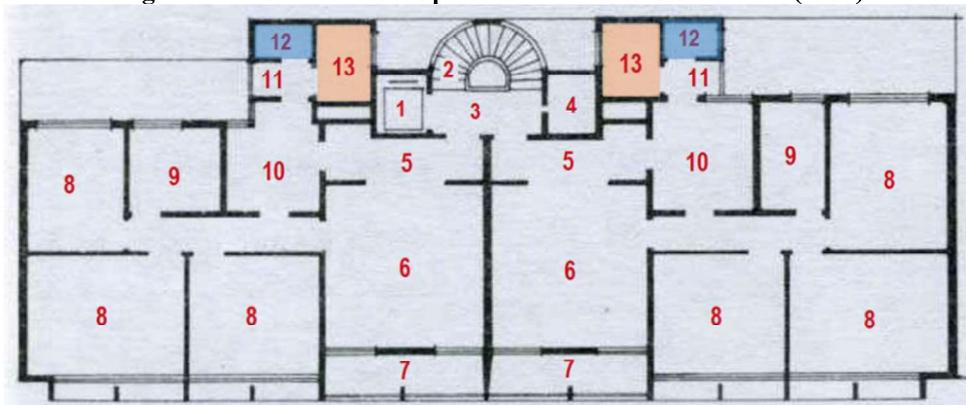
Fonte: VIANNA, 2011, adaptado pela Autora, 2019

Figura 110 – Foto do Edifício Rosa Ângela Perrone



Fonte: Site Memória Urbana, 2019

Figura 111 - Planta baixa tipo do Edifício Santa Terezinha (1950)



Legenda:

- | | | | |
|-------------|------------------|---------------|-------------------------|
| 1- Elevador | 4- Lixo | 7- Varanda | 10- Cozinha |
| 2- Escada | 5- Vestíbulo | 8- Dormitório | 11- Área de serviço |
| 3- Hall | 6- Sala de estar | 9- Banheiro | 12- Banheiro de serviço |
| | | | 13- Quarto de empregada |

Fonte: XAVIER, 1987, adaptado pela Autora, 2019

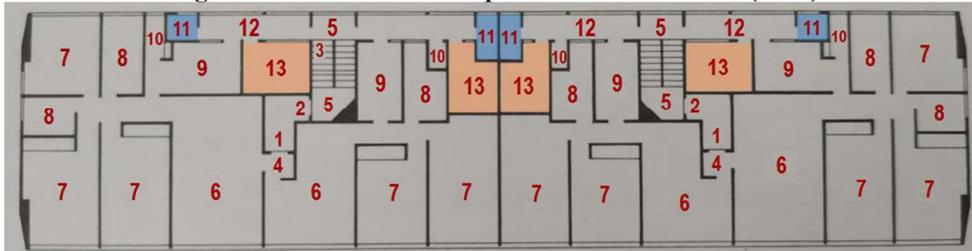
Figura 112 - Foto do Edifício Santa Terezinha



Fonte: Site Archdaily, 2019

Nos edifícios Acaiaca (1957) e Barão do Rio Branco (1969)⁴⁵, construídos em Recife, observa-se uma solução de projeto curiosa - o elevador de serviço destes edifícios encontra-se em frente ao patamar de uma escada, que leva ao hall onde se encontram as entradas de serviço dos apartamentos (Figuras 113-116).

Figura 113 - Planta baixa tipo do Edifício Acaiaca (1957)



Legenda: 1- Elevador social 3- Escada 5- Hall serviço 7- Quarto 9- Cozinha 11- Banheiro de serviço
2- Elevador serviço 4- Hall social 6- Sala estar/jantar 8- Banheiro 10- Despensa 12- Terraço de serviço
13- Quarto de empregada

Fonte: AMORIM, 1991, p.81, adaptado pela Autora, 2019

Figura 114 – Foto do Edifício Acaiaca



Site: JC on line, 2019, foto de Alexandre Gondim.

Figura 115 - Planta baixa tipo do Edifício Barão do Rio Branco (1969)



Legenda:
1- Elevador social
2- Elevador serviço
3- Escada
4- Hall social
5- Hall serviço
6- Sala estar/jantar
7- Varanda
8- Quarto
9- Banheiro
10- Lavabo
11- Cozinha
12- Depósito
13- Quarto de empregada
14- Banheiro de serviço
15- Área de serviço

Fonte: AMORIM, 1991, p.81, adaptado pela Autora, 2019

Figura 116 – Foto do Edifício Barão do Rio Branco



Site: Patrimônios Históricos, 2019

2.3 AS DÉCADAS DE 1970 E 1980 - O SURGIMENTO DO TERCEIRO REVERSÍVEL

A primeira metade da década de 1970 foi marcada pela produção de apartamentos de alto padrão com grandes dimensões, sendo predominante nas grandes capitais brasileiras, as tipologias de dois, três e quatro dormitórios. Conforme Villa (2002), as plantas dos grandes

⁴⁵ Edifícios projetados pelo arquiteto português Delfim Fernandes Amorim (1917-1972).

Delfim Amorim se graduou em 1947 na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Foi um dos mais influentes arquitetos modernistas no Recife, e em sua produção costumava incluir fachadas revestidas de azulejos com desenhos por ele criados (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2017).

apartamentos de três e quatro dormitórios são as que mais refletiram o aumento do poder aquisitivo da sociedade, ocasionado pelo chamado milagre econômico, sendo demarcadas com maior rigidez a compartimentação baseada na tripartição burguesa, e a diferenciação de acessos (social e serviços) não só nas unidades de apartamentos, como também nos halls de circulação das edificações. Tais situações podem ser observadas nos edifícios Mirage⁴⁶ (1976) (Figuras 117-118), e Villa da Praia⁴⁷ (1977) (Figuras 119-120), ambos construídos em Recife.

Figura 117 - Planta baixa tipo do Edifício Mirage (1976)



Fonte: Pontual, 2015, adaptado pela Autora, 2019

Figura 118 - Foto do Edifício Mirage



Fonte: Google Imagens, 2019

Figura 119 - Planta baixa tipo do Edifício Villa da Praia (1977)



Fonte: Pontual, 2015, adaptado pela Autora, 2019

Figura 120 - Foto do Edifício Villa da Praia



Fonte: Pontual, 2015

⁴⁶ Edifício projetado pelo carioca Ácácio Gil Borsoi (1924 - 2009), formado arquiteto em 1949 na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (FNA) (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2017).

⁴⁷ Edifício projetado pelo pernambucano Wandenkolk Tinoco (1936), graduado arquiteto em 1958 pela Escola de Belas Artes de Pernambuco (BRENDELE, 2016).

Verifica-se também nos edifícios de padrão superior, um aumento no número de cômodos do setor de serviço, que muitas vezes passam a apresentar dois ou mais dormitórios de empregados, mais de um banheiro de serviço, copa, cozinha, lavanderia, e em alguns casos, despensa (VILLA, 2002), conforme pode ser exemplificado no Edifício Triomphe (1984), projeto de Ruy Ohtake, em São Paulo (Figuras 121-122).

Figura 121 – Planta baixa tipo do Edifício Triomphe (1984)

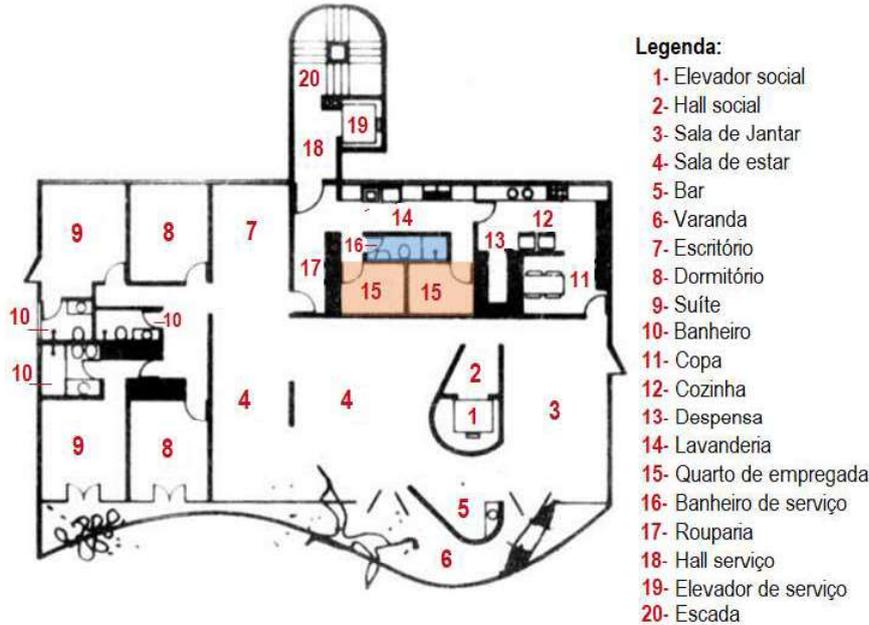


Figura 122 – Foto do Edifício Triomphe

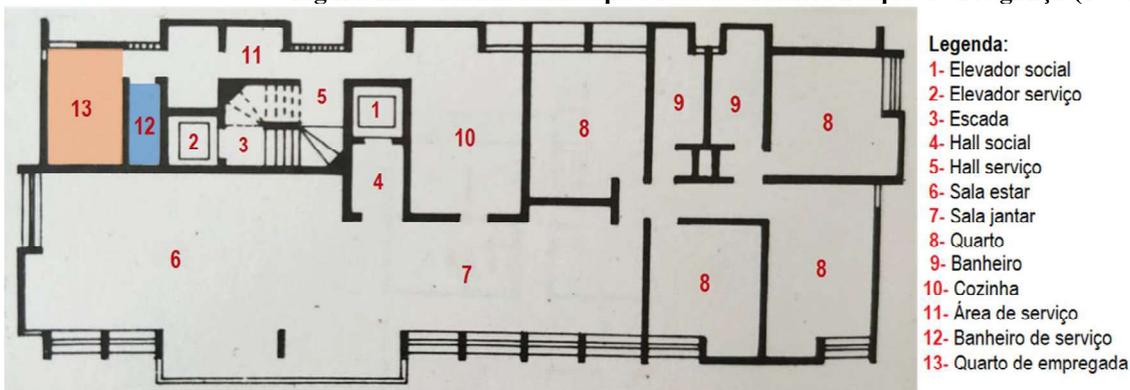


Fonte: Site AECweb, 2019.

Fonte: Villa, 2002, p.161, adaptado pela Autora, 2019.

Um exemplo de edifício que fez uso de uma solução diferente do “padrão” de dependências de empregadas dentro dos apartamentos é o Edifício Duque de Bragança (1970), projetado por Delfim Amorim e construído em Recife (Figura 123). Neste caso, a área de serviço e o dormitório e banheiro de empregada foram dispostos no pavimento tipo, com acesso a partir do hall de serviço do edifício (AMORIM, 1991).

Figura 123 - Planta baixa tipo e foto do Edifício Duque de Bragança (1970)



Fonte: Amorim, 1991, p.130, adaptado pela Autora, 2019; Guia da Arquitetura Moderna de Pernambuco, 2017.

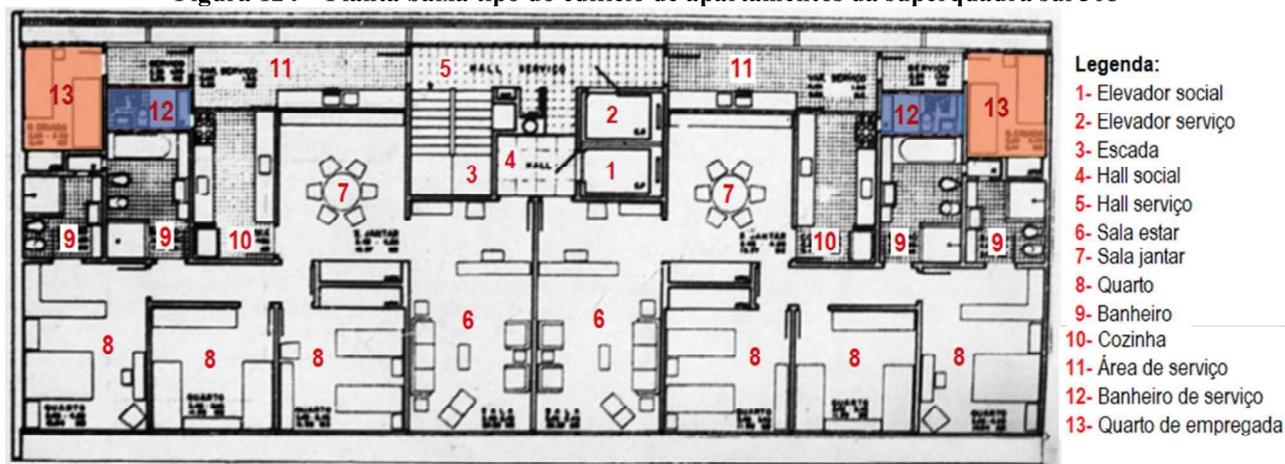
Em relação aos edifícios de programas mais baratos e direcionados à classe média, observa-se, em geral, a predominância de tipologias de dois ou três dormitórios, com certa variação em relação às soluções e áreas empregadas nos ambientes, porém predominantemente dotados de cozinha, área de serviço e banheiro de serviço. As variações desta tipologia em termos de programa referem-se à presença de entrada de serviço pela cozinha, de cômodos de empregados, e de suíte (VILLA, 2002, TRAMONTANO, 2006).

No final da década de 1970, inicia-se um processo de redução da área de todos os cômodos de serviços, sendo o dormitório de empregada o ambiente mais comprimido, tanto nos empreendimentos mais caros quanto nos mais populares. Conforme Villa (2002), em alguns projetos este ambiente vai aparecer com apenas 2,5 m² - apenas o suficiente para comportar uma cama de solteiro e um minúsculo armário de roupas. Apesar de bastante reduzido, o dormitório de empregada era o último ambiente a ser excluído das plantas, possivelmente devido à sua capacidade de aumentar o valor ao imóvel (SILVA, 2004).

Nos apartamentos de padrão mais alto, este abatimento de áreas dedicadas ao serviço se refletiu na fusão da copa com a cozinha em um espaço minimizado. Por outro lado, nos edifícios direcionados a usuários de renda média e média baixa, ambientes como o lavabo e o banheiro de serviço começam a desaparecer, e a cozinha passa a ser resumida em um longo corredor com equipamentos distribuídos nos dois lados e ligada à área de serviço, na qual se encontra o espaço da máquina de lavar e o varal suspenso sobre o tanque (TRAMONTANO, 1998; 2006).

Sobre o fato do mercado imobiliário ofertar, muitas vezes, apartamentos dotados de quarto de empregada com dimensões abaixo do limite mínimo exigido por lei e por vezes até sem janela, Lemos (1978) afirma que a explicação estaria na “inexistência oficial” da empregada como futura usuária desse espaço, já que nos processos de aprovação de plantas pelas instituições reguladoras, este apareceria muitas vezes denominado como despensa, depósito ou rouparia, sendo então aprovado, e depois anunciado aos consumidores como dependência de empregada. Sobre esta questão o autor cita o caso dos dormitórios de serviço dos edifícios de apartamentos das superquadras no plano piloto de Brasília (Figura 124), os quais teriam sido apresentados durante um congresso internacional de críticos de Arte em 1959 como despensas devido as suas dimensões bastante reduzidas, situação que causou constrangimento aos presentes (LEMOS, 1978, p. 161).

Figura 124 – Planta baixa tipo do edifício de apartamentos da superquadra sul 308



Fonte: Morais, 2017, adaptado pela Autora, 2019

Trata-se assim de um processo de camuflagem ilegal que busca burlar a regulamentação das dimensões mínimas desses espaços, resultando numa perda ainda maior da qualidade espacial do dormitório de empregada (MORAIS, 2017). Visando combater este tipo de situação, algumas cidades estabeleceram em códigos de obras municipais áreas mínimas para qualquer cômodo pertencente à zona de serviço, independente de qual fosse o seu uso⁴⁸.

⁴⁸ Numa das portarias municipais de São Paulo, (LEI N° 4615 de 13 de Janeiro de 1955) observa-se a permissão de um compartimento (qualquer que seja a sua denominação) nas zonas de serviço, contanto que abra janelas para área interna dimensionada segundo as exigências do artigo que trata da insolação das peças de permanência diurna e que também satisfaça as seguintes condições: a) área mínima não inferior a 6m² e não superior a 7m²; b) menor dimensão não inferior a 2 metros e c) pé direito não inferior a 2,5 metros”. Ver artigo 4.2.6 da LEI N° 4615 de 13 de janeiro de 1955.

Em 1937, a área mínima do quarto de empregado doméstico era de 4,00m², segundo o Decreto 6000 do Código de Obras da Cidade do Rio de Janeiro criado neste mesmo ano. Em 1984, foi sancionada a lei N° 550 de 19 de junho de 1984, que determinava que o quarto de empregado doméstico em edificações residenciais permanentes a serem construídas no Município do Rio de Janeiro, teria de apresentar área mínima de 6m².

Na cidade de Curitiba (1953) a área mínima do quarto de empregado era de 5 m²; em Salvador (1976) o mínimo era de 6m²; em Florianópolis era de 4,50 m², e em Fortaleza era de 5 m². (LEMONS, 1978, p. 161; SALEIRO FILHO, 2001 p. 34; MORAIS, 2017, p. 94 e 95).

Em João Pessoa, no ano de 1971, foi elaborado o Código de Obras ½ 15 Municipal, que determinava, pela primeira vez na capital paraibana, as referências de dimensões mínimas indicativas ao quarto e banheiro de empregada, em qualquer tipologia de habitação, dispostas na Lei n° 1.347 de 27 de abril de 1971:

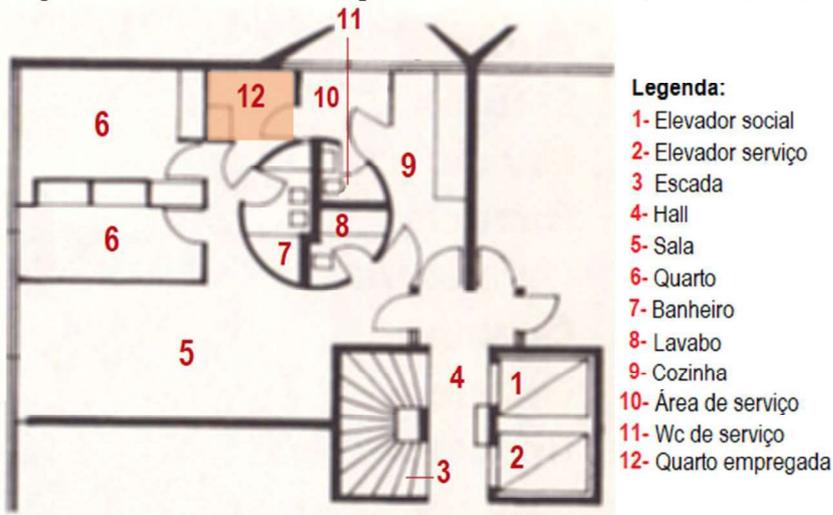
Art. 176 - Os sanitários de uso dos empregados domésticos terão área mínima de 2,00m² (dois metros quadrados) com forma geométrica que admita a inscrição de um círculo de 90cm (noventa centímetros) de diâmetro mínimo, e ser dotados de chuveiro, lavatório e W.C.

Art. 177 - Os quartos de uso de empregados domésticos terão área mínima de 5,00m² (cinco metros quadrados) com forma geométrica que admita a inscrição de um círculo de 2,00m (dois metros) de diâmetro mínimo dotados de pé direito não inferior a 2,40m (dois metros e quarenta centímetros) (JOÃO PESSOA. Lei n° 1.347, de 27 de abril de 1971. In: **Código de Obras**. Secretária de Planejamento, Prefeitura Municipal de João Pessoa, João Pessoa, 2001).

Neufert (2008) indica que o espaço mínimo para inserir uma cama e um armário é de 6m².

Durante os anos finais da década de 1970, surgiu no mercado imobiliário os apartamentos dotados do chamado “terceiro reversível”⁴⁹ ou “terceiro opcional”, que seria o quarto de empregada reposicionado e dotado de duas portas, uma delas voltada para a área de serviço, e a outra aberta para o corredor da área íntima da unidade, como ilustrado na planta do Edifício Quatiara (1972), projetado por Ruy Ohtake e construído em São Paulo (Figuras 125-126). A existência deste atributo possibilitava, através do bloqueio de uma das portas, a suposta alteração da função e do status deste ambiente, embora suas dimensões não parassem de diminuir (TRAMONTANO, 2003; 1998).

Figura 125 - Planta baixa de apartamento do Edifício Quatiara (1972)



Fonte: XAVIER, 1983, p.147, adaptado pela Autora, 2019.

Figura 126 – Foto do Edifício Quatiara



Fonte: Xavier, 1983, p.147

Esta estratégia de projeto viria a ser intensamente utilizada nos empreendimentos ofertados à classe média, também na década de 1980, sendo o seu desaparecimento no mercado iniciado com o fortalecimento da tendência de substituição de empregadas por diaristas a partir da década de 1990 (QUEIROZ, 2008).

Para Chacon (2004), um dos fatores que teriam possivelmente estimulado a adoção do terceiro reversível nos edifícios de apartamentos dirigidos à classe média do Rio de Janeiro, teria sido a alteração nas dimensões mínimas do quarto de empregada, que passou de quatro metros quadrados com largura mínima de um metro e meio, para seis metros quadrados com largura mínima de dois metros, através da aprovação da Lei 550 de 19/06/1984.

⁴⁹ Mario Saleiro Filho (2001) aponta em sua dissertação a tendência da reversibilidade da dependência de empregada nos programas arquitetônicos de habitações multifamiliares destinadas à classe média na cidade do Rio de Janeiro, entre 1990-2000.

Para a autora, esta mudança fez com que, aos poucos, fosse repensada a configuração deste ambiente, que se tornava cada vez mais caro, e que em muitos casos, representava 10% da área privativa do apartamento, condições que estimularam cada vez mais a sua incorporação ao setor íntimo ou social para que este pudesse ser utilizado pelos proprietários dos apartamentos. Cabe destacar que o fenômeno de redução das áreas dos apartamentos, iniciado principalmente nos anos finais da década anterior, tornou-se ainda mais intenso nas décadas de 1980 e 1990 (VILLA, 2002), situação que tornava imprescindível um melhor planejamento com relação à composição dos programas dos apartamentos.

De acordo com Saleiro Filho (2001), para o morador de apartamentos, a dependência de empregada reversível possibilitava a ampliação do espaço pessoal/privado da família, por meio da introdução de um ambiente que poderia ser, setorialmente, segregado, mas que lhe dava a ilusão de estar acrescentando mais um compartimento aos setores de sua habitação. Para o incorporador, a adoção deste ambiente no programa significava rentabilidade econômica, uma vez que este vendia “mais um” quarto no território do patrão, porém, com dimensões inferiores em relação aos demais. Desse modo um apartamento de “dois quartos com o terceiro reversível” era negociado como se fosse um apartamento de “três quartos”, porém com um valor intermediário entre as tipologias de “dois” e de “três” quartos (SALEIRO FILHO, 2001).

A crise econômica nacional causada pelo fenômeno da inflação nos anos 1980 intensificou a saída do empregado doméstico das residências de classe média, e conseqüentemente um processo de mudança de hábitos dessas famílias; o que estimulou a instauração de novos usos e funções para o quarto de empregada, como depósito, quarto de guardados, de passar roupa, de material de limpeza. Mesmo nos casos de famílias desse grupo social, que mantiveram a contratação de empregada mensalista, começam a se tornar raros os casos em que esta profissional pernoita no serviço, o que se reflete na obsolescência deste ambiente como dormitório da mesma (SALEIRO FILHO, 2001).

Já nos edifícios dirigidos à elite, o quarto da empregada, embora com dimensões reduzidas em relação a anos anteriores, continuou a fazer parte do programa, com seu formato tradicional, e em muitos casos com duas unidades (CUNHA, 2007).

Durante os anos 1980, alguns poucos lançamentos teriam se arriscado a oferecer dependências de empregadas externas aos apartamentos dos patrões, podendo-se citar como exemplo os edifícios Morada Miranda de Azevedo e Morada São Francisco, ambos

localizados na zona oeste de São Paulo. Nestes edifícios, os dormitórios de empregada foram dispostos sobre as garagens; sendo no caso do Edifício Morada Miranda, construídos 24 dormitórios de empregada com dimensões de 4 x 1,5m², com porta e janela, e dois banheiros completos (TEIXEIRA, 1986).

No entanto, o retorno da fórmula dos alojamentos coletivos de empregados não teria alcançado sucesso no mercado, e umas das razões para isto estaria, segundo Franco Ogassawara (então diretor de uma das construtoras que lançaram a ideia), na mentalidade da classe média alta brasileira, que prefere apartamentos dotados de dormitórios para empregada, pois acredita que estas dependências contam pontos para a valorização do imóvel (TEIXEIRA, 1986).

Outra novidade adotada em alguns empreendimentos residenciais da época foi o sistema de “*home service*”, no qual eram ofertados serviços opcionais, como preparação de refeições, lavanderia e limpeza por faxineiras, com valores inclusos na taxa de condomínio ou pagos de acordo com a demanda. Inicialmente esta modalidade de edifícios tinha como público alvo solteiros e casais, sendo os programas de suas unidades mais compactos; no entanto, tais comodidades, logo foram estendidas aos programas de três ou mais dormitórios. Alguns anúncios de jornais destes edifícios colocavam em destaque a resolução da problemática do serviço doméstico, a qual resultava da escassez de mão de obra já sentida na época (Figura 127).

Figura 127 - Anúncio de jornal de lançamento de edifício com *home service* em São Paulo



UM APARTAMENTO ONDE NÃO FALTAM BONS SERVIÇOS PRA SUA FAMÍLIA VIVER TRANQUILA.

HOME & SERVICE

CONTEMPORANEO

1 E 2 DORMS NA VILA NOVA CONCEIÇÃO

O BAIRRO RESIDENCIAL MAIS VALORIZADO DE SÃO PAULO

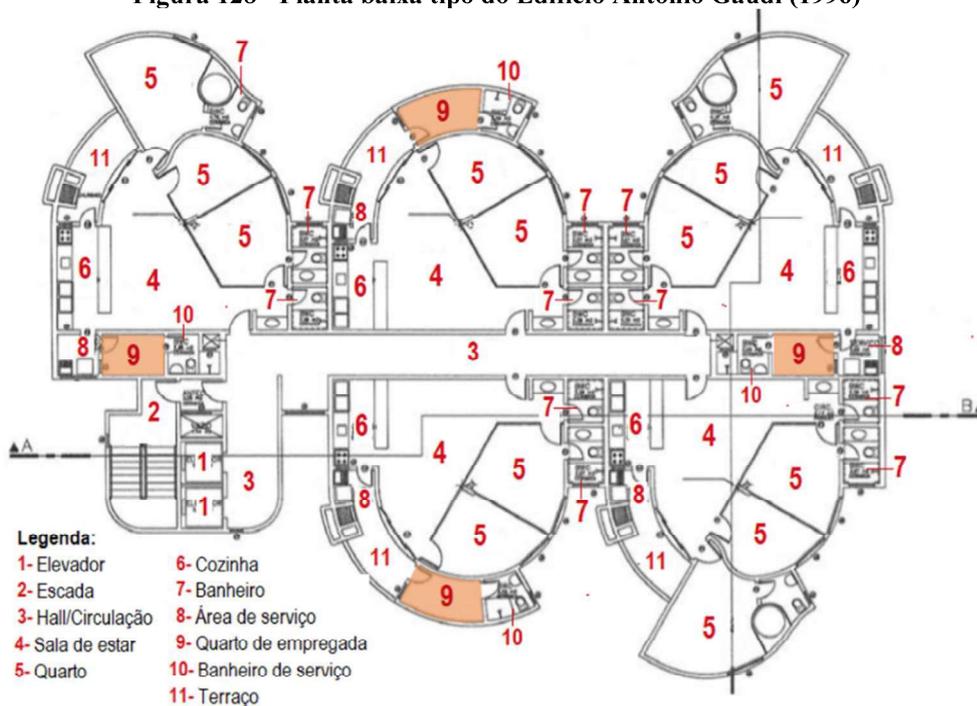
SE SUA FAMÍLIA TAMBÉM ESTÁ SENTINDO A FALTA QUE ELAS FAZEM, PROCURE NAS PÁGS. 12 13 DO CLASSIFOLHA IMÓVEIS.

2.4 A DÉCADA DE 1990 - A SUPRESSÃO PROGRESSIVA DAS DEPENDÊNCIAS DE EMPREGADAS NOS EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS

Ao longo da década de 1990, as soluções de projeto adotadas na maior parte da produção de apartamentos continuam convencionais e totalmente estanques, não sendo observadas grandes modificações em relação às configurações dos ambientes de serviço. Os quartos dos empregados continuam como os cômodos mais segregados das residências, sendo dispostos no final de uma sequência linear de espaços, posição que os tornariam mais ligados ao exterior, por meio de áreas de serviço, do que aos demais ambientes domésticos (TRIGUEIRO, CUNHA, 2015).

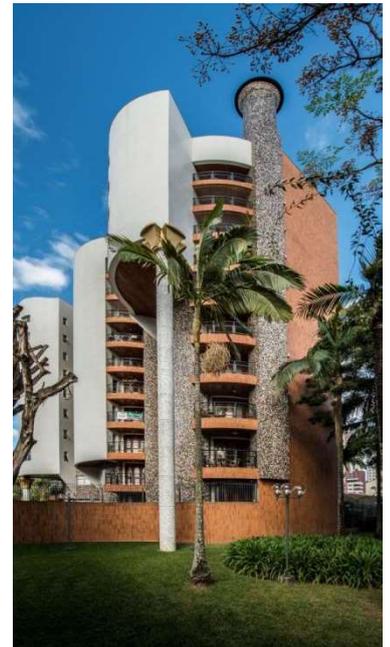
Um exemplo interessante desta época é o Edifício Antônio Gaudi (1996), projeto de Bruno de Franco, construído em Curitiba; cujos terraços (área de serviço) e dependências de alguns apartamentos foram alocados em suas fachadas principais, dividindo o espaço com dormitórios (Figuras 128-129).

Figura 128 - Planta baixa tipo do Edifício Antônio Gaudi (1996)



Fonte: VIANNA, 2011, adaptado pela Autora, 2019.

Figura 129 – Foto do Edifício Antônio Gaudi



Fonte: D'ornelas, 2018

Durante este período, continua a ocorrer o fenômeno de supressão do dormitório de empregada em programas de apartamentos construídos para as classes médias e médias baixas, em virtude do fortalecimento da tendência de substituição de empregadas domésticas por diaristas, e da diminuição e encarecimento das áreas dos apartamentos (VILLA, 2002;

VIANNA, 2011). No entanto, na maioria dos casos, o banheiro de serviço ainda permanece nos programas, sendo considerado peça importante para uso pela empregada (que já não pernoita no serviço) ou pela faxineira (TRAMONTANO, 1998)

Os resultados observados por Vespucci (2017), em sua análise de edifícios de apartamentos produzidos em Florianópolis, vão ao encontro dessa tendência nacional. Segundo o autor a forte tendência de extinção das dependências de empregada, e das entradas de serviço dos apartamentos de padrão médio da cidade a partir dos anos 1990, teria implicado diretamente na configuração da área de serviço, a qual deixou de ser “acesso” para se tornar “ponto final”, composta por um layout padronizado que previa a existência de máquina de lavar, tanque, e o acesso a estes dois equipamentos.

Por outro lado, a inexistência desses espaços nos apartamentos adquiridos, não impede que o público de classe média, por vezes, crie formas improvisadas para alojar a empregada doméstica, como pode ser observado no caso citado por Loureiro e Marques (1999), em que um complexo de blocos de apartamentos construídos em Natal nos anos 1990, composto, em maioria, por unidades sem quarto de empregada; passou a apresentar, após a ocupação pelas famílias, redes penduradas na cozinha como arranjos de dormir para a empregada. Nesse caso, o projetista supôs que as empregadas domésticas e babás seriam trabalhadoras ocasionais não residentes e por isso adotou apenas chuveiros e toaletes coletivos situados no pavimento térreo, os quais como se pôde perceber não foram suficientes para atender às necessidades dos moradores (TRIGUEIRO; CUNHA, 2015).

Outro caso de improvisação para alojar empregadas domésticas em apartamentos destituídos de ambientes para esse fim, foi citado por Brandão (2002), que em sua análise observou em alguns projetos lançados na cidade de Fortaleza nos anos 1990, a sugestão de uso da área de serviço como dormitório de empregada, sendo possível ver em algumas plantas o desenho de uma cama próxima ao tanque e máquina de lavar roupa; situação caracterizada pelo autor como reflexo do extremo de compactação.

Na maioria dos edifícios maiores com tipologias de três e quatro dormitórios da década de 1990, a dependência de empregada permaneceu como elemento importante do programa, sendo, conforme os resultados da pesquisa de Brandão (2002)⁵⁰, presente em

⁵⁰ Em sua tese de doutorado Brandão analisou 3.000 plantas de apartamentos de empreendimentos lançados entre 1995 e 2000 de 50 cidades brasileiras, incluindo a maioria das capitais.

praticamente todos os apartamentos com áreas a partir de 140 m², atributos característicos de empreendimentos de alto padrão.

Villa (2002) destaca como nos apartamentos de alto luxo, de tipologias de quatro ou mais dormitórios em São Paulo, o setor de serviço apresenta, muitas vezes, uma pequena sala de estar para os empregados; ambiente este que confere outra dimensão ao apartamento como um todo, já que este passa a constituir-se, efetivamente, de duas unidades: a dos patrões, e a dos empregados - composta por sala, um ou dois dormitórios, banheiro e cozinha.

Desse modo, foi intensificado o processo de saída das dependências de empregadas dos programas de edifícios de padrão médio, porém estes ambientes permaneceram como um diferencial de comercialização para os empreendimentos ofertados às famílias mais abastadas.

2.5 ESPAÇOS “IMUTÁVEIS” – O DORMITÓRIO, BANHEIRO E CIRCULAÇÕES DE EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Elemento típico das residências unifamiliares desde o início do século XX, a dependência de empregada (dormitório e banheiro) foi uma das peças adotadas nos programas de grande parte dos edifícios de apartamentos brasileiros durante muito tempo; embora, a configuração desta tipologia habitacional oferecesse uma série de facilidades em comparação com a vida familiar nas casas isoladas.

Lemos (1978) já sinalizava sobre a situação intermediária em que se encontrava o apartamento moderno da época em relação à comodidade no desempenho das tarefas domésticas. Embora sua configuração espacial não demandasse a contratação da criadagem para funcionar, em virtude da inexistência dos jardins e quintais privativos das residências unifamiliares (que implicariam em cuidados demorados); e pelo fato de apresentarem ambientes internos menores, que reduziam o esforço para a limpeza; os apartamentos ainda não constituíam um modelo habitacional no qual as famílias estavam preparadas para viver sem depender do trabalho doméstico remunerado, em virtude, principalmente, da problemática da alimentação.

Desse modo, para o autor, a extinção definitiva das dependências de empregadas dentro dos apartamentos estaria condicionada à lenta mudança de hábitos e costumes das famílias, associada, sobretudo, à produção dos equipamentos facilitadores da vida cotidiana no ramo da alimentação (LEMOS, 1978). Ao que indicam os resultados das pesquisas direcionadas as temáticas das mudanças ocorridas nos espaços dos apartamentos e nos usos

desses (VILLA, 2002; TRAMONTANO, 2003; QUEIROZ, 2008; TREVISAN et al., 2014), essas transformações preconizadas por Lemos (1978) já se encontram em curso, e tem promovido o movimento de supressão do dormitório de empregada nos apartamentos direcionados à classe média.

Outros fatores que têm influenciado nesse processo são: a intenção das construtoras em reduzir os custos de produção do edifício; a demanda dos usuários por mais espaço em apartamentos cada vez mais compactos; o aumento de equipamentos de uso coletivos nos edifícios; maior adoção de produtos industrializados, que trazem maior praticidade à questão da alimentação; maior realização de refeições fora de casa; e, sobretudo, o aumento de custos para contratar o trabalhador doméstico mensalista e que pernoita no local de trabalho (VILLA, 2002; FRANÇA, 2008).

A ausência dos espaços de empregados domésticos consiste numa mudança radical na estrutura tripartida da residência brasileira, uma vez que aponta para o rompimento com a setorização interna da moradia que previa separação dos ambientes dos empregados; e ao mesmo tempo, fortalece a valorização do espaço doméstico cada vez mais privativo da família.

No dormitório de empregada que remanesce em uma parcela da produção de edifícios, não se percebem grandes avanços visando o seu aprimoramento. Este ambiente continua bastante reduzido, uma condição quase inerente e que ocasionou em parte uma popularização do uso do diminutivo “quartinho” nas menções ao mesmo. Além disso, esta peça permanece associada aos espaços de serviços como um “núcleo duro” reproduzido à moda da grande maioria das casas modernistas, ou seja, escondidos nos “fundos” da habitação e acessados por uma entrada diferenciada. Silva (2004), Vianna e Trevisan (2016); Morais e Maia (2017) discutem como o dormitório de empregada, mesmo desvinculado de qualquer quintal, considerado espaço de rejeição nas casas isoladas, herdou características pregressas, e permaneceu nos apartamentos de edifícios, alocada em ambientes excluídos e isolados, na zona de serviço, próximo à cozinha e à área de serviço, seguindo um esquema muito similar àquele existente nos quintais de verdade.

Enquanto todos os cômodos principais foram rearranjados em sua posição relativa dentro da estrutura espacial doméstica, tornando-se mais ou menos acessíveis ao longo do tempo, as dependências ocupadas por empregados conservaram séculos de segregação espacial praticamente inalterada (TRIGUEIRO; CUNHA, 2015). Para Cunha (2007) e Griz

(2008), os arranjos espaciais tanto do setor íntimo quanto do setor de serviço seriam projetados visando alcançar isolamento; no entanto, a natureza desse isolamento seria distinta, sendo ao setor privado promovida reclusão, enquanto o isolamento do setor de serviço sinalizaria exclusão, significando não um desejo de privacidade por parte de seus ocupantes, mas por parte dos outros habitantes (família empregadora) em relação aos empregados.

A existência de dependências de empregada e os atributos de desvalorização aplicados a estes espaços evidenciam ligações socioespaciais muito próximas com a senzala, na medida em que se reproduzem como espaços de exclusão que demarcam o lugar inferior do trabalhador doméstico. A abolição do sistema escravocrata, não teria sido capaz de eliminar totalmente a lógica de existência de grupo privilegiado e dominante e de um grupo de subordinados, que continuou a ser transmitida e materializada ao longo dos séculos por meio da configuração de alguns elementos e espaços, sendo o mais significativo deles o “quartinho de empregada”. A inserção destes espaços nos edifícios de apartamentos constitui assim uma verdadeira expressão da dicotomia modernidade/atraso (TRIGUEIRO; CUNHA, 2015; REIS FILHO, 2000; LEMOS, 1978; BRUAND, 1982; VERISSIMO; BITTAR, 1999; SALEIRO FILHO, 2001; FRANÇA, 2008; BRANDÃO, 2018).

Em relação ao banheiro de serviço, antes associado ao “quartinho”, este permanece como cômodo ainda demandado pelo público de renda média (TRAMONTANO; VILLA, 2000). Estes banheiros são, em geral, exageradamente pequenos, e muitas vezes não apresentam o mínimo de funcionalidade, sendo possível encontrar situações em que este ambiente não conta com box, porém o chuveiro é instalado muito próximo ou acima do vaso sanitário; conforme pode ser observado no banheiro de serviço de unidade do Residencial Missouri em São Paulo (Figura 130). Em outros casos mais extremos, também se verifica a eliminação do lavatório, sendo o tanque de lavar roupa da área de serviço utilizado para suprir esta ausência, como observado nos apartamentos do Edifício Presidente João Pessoa na cidade de João Pessoa (Figura 131) (BRANDÃO, 2002).

Algumas imobiliárias já fazem uso do termo “banheiro de diarista” no marketing das plantas de seus empreendimentos. Outra alternativa que também vem ganhando espaço é a provisão de banheiros de serviço coletivos nos pavimentos ou apenas no andar térreo — solução de projeto que considera que estes espaços serão utilizados por diaristas e outros profissionais que prestem serviços pontuais, desconsiderando o caso da empregada mensalista

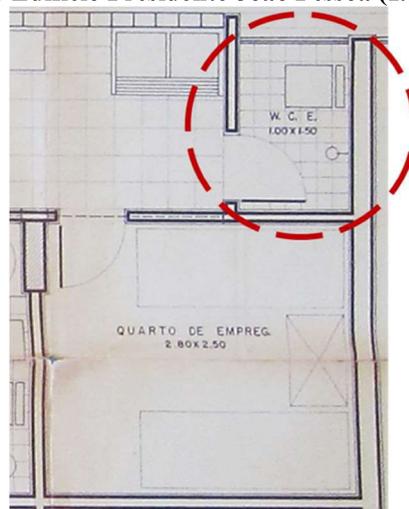
que não dorme no local de trabalho, a qual em casos de impedimento de fazer uso dos banheiros da família, terá que se dirigir a estes espaços externos à residência diariamente.

Figura 130 – Planta baixa do banheiro de serviço de unidade do Residencial Missouri



Fonte: BRANDÃO, 2002, adaptado pela Autora, 2019

Figura 131 – Planta baixa do banheiro de serviço do Edifício Presidente João Pessoa (1958)



Fonte: MORAIS; MAIA, 2017, adaptado pela Autora, 2019

Já existem algumas leis que tratam de espaços relacionados a empregados domésticos, como a Lei nº 11.995 aprovada em Janeiro de 1996, cujo Artigo 1º proíbe a discriminação no acesso aos elevadores segundo raça, sexo, cor e origem social das pessoas na cidade de São Paulo, e a Lei 13.699/2018⁵¹ aprovada em 2018, que exige que dependências internas de edificações urbanas, inclusive as destinadas a moradia e serviço de trabalhadores domésticos, cumpram "condições condignas de acessibilidade, utilização e conforto", além de atender a requisitos mínimos de dimensionamento, ventilação, iluminação, ergonomia, privacidade e qualidade dos materiais utilizados (BRASIL,1988). Estes requisitos em geral são determinados pelos códigos de obras estaduais ou municipais.

A existência de elevadores diferenciados nos edifícios de apartamentos apresenta de fato uma série de motivações funcionais, como permitir o transporte de todo tipo de objeto que precise entrar ou sair da unidade (carrinho de supermercado, móveis numa mudança, entre outros), e, sobretudo o recolhimento e trânsito do lixo; situações que ocorrem diariamente, e que na situação de um prédio contando apenas com um único elevador, ocasionariam diversos problemas aos moradores, pois possivelmente não dariam conta de todas as necessidades. Parte dessas situações também se aplica à entrada de serviço das unidades de apartamentos, cujo acesso direto à cozinha proporcionaria maior praticidade.

⁵¹ A Lei 13.699/18 acrescenta o inciso XIX ao Art. 2º do Estatuto da Cidade, Lei 10.257/2001, (BRASIL, 1988).

Porém, não é a existência do elevador ou da entrada de serviço que gera a discriminação do seu acesso, mas sim a cultura classicista de grande parte da sociedade brasileira, que em muitos casos, é capaz de compartilhar sua rotina com a empregada doméstica, mas se ofende com o uso do elevador ou da porta social pela mesma. A discriminação social utiliza assim desses elementos arquitetônicos como instrumentos para sua manifestação concreta.

A forma como os espaços direcionados ao uso da empregada doméstica têm sido configurados dentro da habitação ao longo do tempo, evidencia a visão preconceituosa daqueles que participam do processo de produção da habitação (arquitetos, construtoras, etc.) sobre a trabalhadora doméstica, sendo portanto o desprestígio atribuído a este dormitório, um instrumento que comunica o seu lugar de subalternidade. A particularidade da dependência de empregada como elemento de identidade das residências brasileiras ocorre assim não só no nível de sua organização física, mas também nos significados e subjetividades que essa ordem espacial revela e reproduz em relação à ordem social estabelecida (SILVA, 2004).

Nos apartamentos de dimensões cada vez mais reduzidas, a dependência de empregada, quando existente, possui condições de habitação inferiores aos demais cômodos, até mesmo em relação àqueles de ocupação provisória (por exemplo, o quarto de hóspedes), sendo seus parâmetros de conforto ambiental, como iluminação e ventilação naturais, frequentemente negligenciados durante a fase de elaboração do projeto arquitetônico.

Há um entendimento de que esses espaços são construídos nessas condições mínimas pelo não reconhecimento da empregada como pessoa e trabalhadora, assim, reduzem-se as dimensões do quarto, demarcam-se os espaços internos e limitam-se as áreas externas de circulação (MORAIS; MAIA, 2017, p.20).

Para Carranza (2017), o descaso dos arquitetos em relação aos parâmetros de qualidade espacial do quarto de empregada estaria relacionado, em parte, a uma prática de trabalho que muitas vezes se baseia na repetição de soluções “consagradas no mercado”, e desprovida de postura crítica. Além disso, os arquitetos, em geral, formados e provenientes de determinado grupo social, seriam mais suscetíveis às aspirações de seu próprio grupo de origem, em detrimento ao grupo ao qual não pertence; e em virtude disso, ainda que inconscientemente, sua prática profissional favoreceria a permanência do “status quo sociocultural”, a manutenção de uma hierarquia social expressa nos espaços (CARRANZA, 2017).

No entanto, sabe-se que o exercício da função de arquiteto apresenta uma série de amarras impostas pelos agentes do mercado privado (imobiliárias, construtoras) que reduzem a autonomia desse profissional em relação às soluções adotadas nos projetos, e, sobretudo, impedem a implementação de inovações nos ambientes residenciais. Tais fatores, de ordem arquitetônica e cultural, reforçam o papel de “mediadoras entre dois mundos” das empregadas, na medida em que estas partilham o cotidiano nos ambientes planejados e confortáveis da família, mas utilizam “quartinhos de cidadãs de segunda classe”, sendo no edifício de apartamentos, essa problemática ainda mais intensificada, em virtude da configuração, em geral, mais racionalizada e compacta dos seus ambientes, em relação às residências unifamiliares.

Embora exista uma tendência de exclusão do quarto de empregada nos empreendimentos ofertados às camadas de renda média; este tende a persistir ainda por muito tempo nas residências da classe média-alta e da elite, o que torna necessária uma mudança sobre a forma como estes ambientes têm sido planejados nas residências, a partir de uma desconstrução de padrões discriminatórios, de maneira a conferir maior dignidade e conforto à trabalhadora que ali fará o seu descanso por algumas horas ou mesmo residirá.

2.6 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO 2

Diferente das décadas anteriores, onde as dependências de empregada apresentaram diferentes formatos e localizações dentro dos projetos de edifícios multifamiliares verticais, a partir da década de 1940, estes ambientes passaram a ser majoritariamente encontrados dentro do setor de serviço dos apartamentos, acessados pela área de serviço e isolados dos demais setores da habitação, sendo poucos os projetos de empreendimentos que fugiram a esta regra.

O desaparecimento do caráter coletivo e da localização externa dos alojamentos de empregados domésticos em edifícios de apartamentos estaria relacionado ao lançamento de empreendimentos direcionados à população de renda média, já acostumada à presença da empregada ocupando o “quartinho” situado próximo à cozinha e no interior das residências unifamiliares; e, no caso do pavimento de cobertura, à questão da valorização da vista do alto, associada à disseminação do uso do elevador.

Durante as décadas de 1950 e 1960, os ambientes de serviço apresentaram, em geral, dimensões maiores. Os dormitórios de empregada foram considerados peças corriqueiras na maioria dos programas, sendo possível encontrar até mesmo edifícios com apartamentos de um dormitório contando com este ambiente.

Ao longa da primeira metade da década de 1970, os edifícios de programas mais baratos e direcionados à classe média, começam a apresentar uma variação significativa em relação a existência da entrada de serviço e dos dormitórios de empregada, os quais também passam a diferir bastante em relação as suas dimensões; no entanto, o banheiro de serviço permanece na maioria dos empreendimentos. Nos anos finais da década de 1970, inicia-se um processo de redução da área dos cômodos de serviços, sendo o dormitório de empregada o ambiente mais comprimido, tanto nos empreendimentos mais caros quanto nos mais populares; e em vários casos, dotado de dimensões abaixo do limite mínimo exigido por lei.

Com o advento de sucessivas crises econômicas nacionais durante os anos 1980, a família de renda média passou a conter as despesas, e a substituir a mão de obra doméstica, que pernoitava no trabalho, pela diarista; o que modificou, substancialmente, o uso do dormitório de empregada, que passou a desempenhar outras funções, como depósito e quarto de passar roupa. Dentro deste contexto, o mercado imobiliário promoveu o deslocamento deste cômodo dentro da planta do apartamento, instalando-o numa situação limítrofe entre o

setor íntimo e de serviço da unidade, e criando uma nova tendência: o quarto de empregada reversível, cujos atributos possibilitavam uma requalificação do status social deste espaço.

A intensificação de substituição da empregada doméstica pelo serviço da diarista e a redução das áreas dos apartamentos ao longo da década de 1990, vão promover a supressão progressiva do dormitório de empregada nas unidades ofertadas à classe média, sendo, muitas vezes, mantido apenas o banheiro de serviço. No entanto, nos empreendimentos direcionados às famílias de renda alta, estes cômodos permaneceram como uma demanda.

No dormitório de empregada que remanesce em uma parcela da produção de edifícios, não se percebem grandes avanços visando o seu aprimoramento. Este ambiente continua seguindo um esquema muito similar ao existente nos quintais (considerado espaço de rejeição), dotado de atributos de desvalorização que evidenciam ligações socioespaciais muito próximas com a senzala, uma vez que se reproduzem como espaços de exclusão que demarcam o lugar inferior do trabalhador doméstico.

Os espaços direcionados ao uso da empregada doméstica têm seus parâmetros de qualidade espacial frequentemente negligenciados durante a elaboração do projeto arquitetônico, em virtude de uma visão preconceituosa dos arquitetos sobre esta trabalhadora; de uma prática de trabalho que muitas vezes se baseia na repetição de soluções “consagradas no mercado” e desprovidas de postura crítica; e do distanciamento desses profissionais em relação a grupos sociais ao qual não pertencem, o que ocasiona, uma prática profissional que favorece a manutenção de uma hierarquia social expressa nos espaços. Contudo, o exercício da função de arquiteto apresenta uma série de amarras impostas pelos agentes do mercado privado que reduzem a autonomia desse profissional, e, sobretudo, impedem a implementação de inovações nos projetos dos ambientes.

Tais fatores, de ordem arquitetônica e cultural, tem gerado nos edifícios de apartamentos, “quartinhos de cidadãs de segunda classe”, sendo necessária uma desconstrução de padrões discriminatórios, para que as dependências de empregada sejam planejadas de maneira a conferir maior dignidade à trabalhadora doméstica que ali fará o seu descanso.

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta a definição do universo da pesquisa e os métodos utilizados para caracterização das dependências de empregada e elementos afins construídos nos edifícios verticais multifamiliares aprovados entre as décadas de 1960 e 1990 na cidade de Maceió/AL.

3.1 IDENTIFICAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA

Este estudo trata-se de pesquisa quali-quantitativa, mediante análise de projeto. O universo da pesquisa foi composto pelos edifícios multifamiliares verticais altos (com mais de quatro pavimentos e elevador) com projetos aprovados durante as décadas de 1960 e 1970 (apêndice A), 1980 (apêndice B) e 1990 (apêndice C) construídos na cidade de Maceió/Alagoas, os quais contabilizaram 268 exemplares de diversas tipologias de apartamentos, detalhadas na Tabela 1 e no mapa (Figura 132). Foram excluídos do universo analisado neste estudo, empreendimentos voltados ao público de baixa renda⁵² e habitações de interesse social.

Utilizou-se como banco de dados pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos em Projeto de Arquitetura (gEPA) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (FAU/UFAL), que conta com o levantamento sistematizado de quase todos os edifícios multifamiliares verticais altos construídos na cidade de Maceió até o ano de 1999, além de um acervo significativo de projetos de edifícios contemporâneos.

Foram também levantadas informações relativas ao padrão construtivo dos edifícios do universo da pesquisa na plataforma digital da Secretaria Municipal de Economia (SEMEC) da Prefeitura de Maceió, que disponibiliza a consulta do número de inscrição e o acesso à ficha cadastral dos imóveis construídos na cidade de Maceió.

⁵² São classificadas como de baixa renda famílias com renda per capita mensal de até meio salário mínimo e/ou três salários mínimos totais (SECRETARIA DA FAMÍLIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Cadastro Único, 2019).

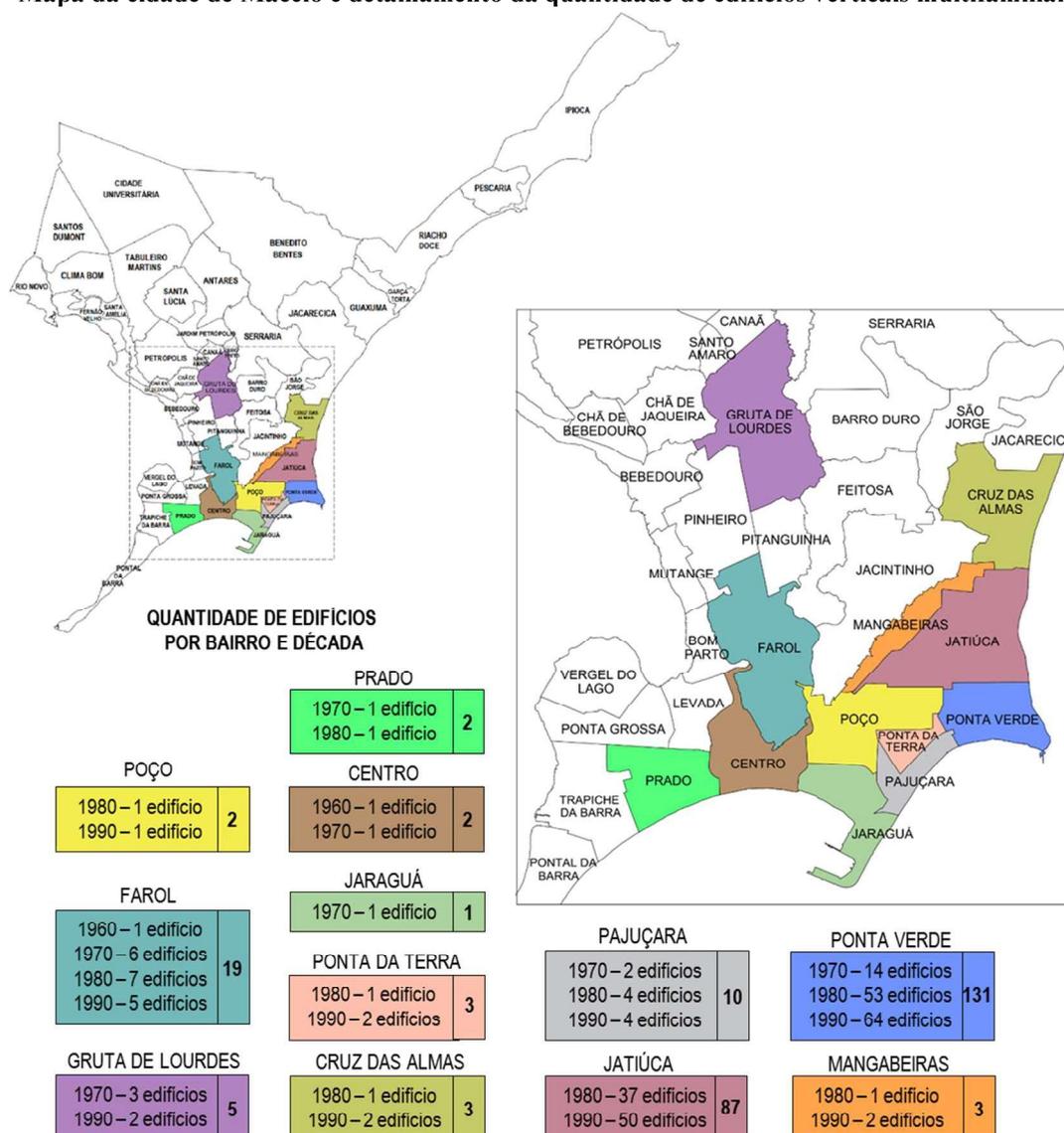
Tabela 1 - Tipologias dos edifícios multifamiliares altos de Maceió construídos nas décadas de 1960 a 1990

TIPOLOGIA	DÉCADA				TOTAL POR TIPOLOGIA
	1960	1970	1980	1990	
1 DO	0	0	5	4	9
2 DO	0	0	1	9	10
1 DO + DE	0	0	1	0	1
2 DO + DE	1	2	7	0	10
2 DO + REV	0	0	24	27	51
3 DO	0	0	0	6	6
3 DO + DE	0	20	41	49	110
3 DO + REV	0	0	2	4	6
4 DO + DE	1	4	12	23	40
5 DO + DE	0	0	1	0	1
HÍBRIDO	0	0	0	5	5
HÍBRIDO + DE	0	2	9	4	15
HÍBRIDO + REV	0	0	2	2	4
TOTAL POR DÉCADA	2	28	105	133	268

DO=dormitório, DE=dependência de empregada, REV=reversível e Híbrido=edifício com mais de uma tipologia de apartamento

Fonte: Autora, 2019

Figura 132 - Mapa da cidade de Maceió e detalhamento da quantidade de edifícios verticais multifamiliares por bairro



Fonte: Prefeitura de Maceió, adaptado pela Autora, 2019.

3.2 CRITÉRIOS DE ANÁLISE DE PROJETO

Neste estudo foram desenvolvidos critérios de análise específicos para identificar dentro do universo de edifícios multifamiliares verticais produzidos durante as décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990, o grupo de edifícios cujas unidades de apartamentos apresentam dependências de empregada, dormitório e banheiro de serviço, e, principalmente, as características espaciais desses cômodos nas plantas baixas. Foram analisadas também as circulações (corredores, escadas e elevadores) e entradas das unidades de apartamentos.

Desse modo a primeira etapa de análise se baseou na verificação dos seguintes critérios:

- (I) A tipologia dos apartamentos do edifício, determinada com base no número de dormitórios das unidades habitacionais;
- (II) A existência ou não da dependência de empregada (DE) ou de dormitório reversível (REV);

Esta primeira etapa resultou na identificação de três grupos de edifícios (Tabela 2):

- 1- Edifícios de apartamentos dotados de dependência de empregada (DE);
- 2- Edifícios dotados de dormitório reversível (REV);
- 3- Edifícios sem dependência de empregada e sem dormitório reversível.

Tabela 2 - Grupos de edifícios altos de apartamentos construídos em Maceió por década

EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES VERTICAIS		DÉCADA DE 1960	DÉCADA DE 1970	DÉCADA DE 1980	DÉCADA DE 1990	TOTAL GERAL
Grupo 1	Edifícios com dependência de empregada	2 unid. (100%)	28 unid. (100%)	71 unid. (67,6%)	76 unid. (57,1%)	177 (66%)
Grupo 2	Edifícios com dormitório reversível	0	0	28 unid. (26,7%)	33 unid. (24,8%)	61 (22,8%)
Grupo 3	Edifícios sem dependência e sem dormitório reversível	0	0	6 unid. (5,7%)	24 unid. (18,1%)	30 (11,2%)
TOTAL DE EDIFÍCIOS CONSTRUÍDOS POR DÉCADA		2	28	105	133	268

Fonte: Autora, 2019

O grupo 1 é formado por edifícios cujas unidades de apartamentos do pavimento tipo eram todas dotadas de dependência de empregada; e pelos casos de edifícios cujo pavimento tipo apresentava situação híbrida, ou seja, composto por “apartamentos com dependência de empregada” e “apartamentos com dormitório reversível”; ou pavimento tipo composto por “apartamentos com dormitório de empregada” e “apartamentos sem dependência de empregada e sem dormitório reversível”.

Cabe destacar que o termo dependência de empregada foi utilizado para se referir ao conjunto composto pelo dormitório de empregada e banheiro de serviço. No entanto, os edifícios cujas unidades de apartamentos apresentaram apenas o dormitório de empregada (destituído de banheiro de serviço), também foram incluídos no Grupo 1. O uso diferenciado dos dois termos foi aplicado ao longo da análise.

O grupo 2 é composto por edifícios cujas plantas tipo eram compostas apenas por “apartamentos dotados de dormitório reversível”; e por edifícios cujo pavimento tipo era híbrido, composto por “apartamentos dotados de dormitório reversível” e por “apartamentos sem dependência ou dormitório de empregada e sem dormitório reversível”.

O grupo 3 é constituído apenas por edifícios de apartamentos “sem dependência ou dormitório de empregada e sem dormitório reversível”, não contando assim com exemplares híbridos.

Foram verificadas então, as tipologias (número de dormitórios) dos edifícios pertencentes a estes 3 grupos de edifícios (Tabela 3), sendo observadas as tipologias de edifícios predominantes em cada uma das décadas analisadas.

Tabela 3 - Grupos de edifícios multifamiliares altos construídos em Maceió por tipologia em cada década

DÉCADA	EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES VERTICAIS	1 DO	2 DO	3 DO	4 DO	5 DO	HÍBRIDO	TOTAL
1960 E 1970	Grupo 1 Edifícios com DE	0	3	20	5	0	2	30
	Grupo 2 Edifícios com REV	0	0	0	0	0	0	0
	Grupo 3 Edifícios sem DE e sem REV	0	0	0	0	0	0	0
	TOTAL	0	3	20	5	0	2	30
1980	Grupo 1 Edifícios com DE	1	7	41	12	1	9	71
	Grupo 2 Edifícios com REV	0	24	2	0	0	2	28
	Grupo 3 Edifícios sem DE e sem REV	5	1	0	0	0	0	6
	TOTAL	6	32	43	12	1	11	105
1990	Grupo 1 Edifícios com DE	0	0	49	23	0	4	76
	Grupo 2 Edifícios com REV	0	27	4	0	0	2	33
	Grupo 3 Edifícios sem DE e sem REV	4	9	6	0	0	5	24
	TOTAL	4	36	59	23	0	11	133

DO=dormitório, **DE**=dependência de empregada, **REV**=reversível e **Híbrido**=edifício com mais de uma tipologia de apartamento

Na etapa seguinte, foram verificados os padrões construtivos⁵³ adotados em cada um dos edifícios presentes nos 3 grupos de edifícios. Foram detalhados os padrões construtivos predominantes considerando a produção total de edifícios em cada década, e o padrão predominante em cada um dos três grupos de edifícios.

Cabe destacar a existência de variação quanto aos padrões construtivos adotados nos edifícios produzidos em cada década analisada (Tabela 4), sendo que o padrão “popular” presente durante as décadas de 1960 e 1970 não foi reproduzido nas demais décadas; o padrão “luxo” somente foi inserido na produção dos edifícios a partir da década de 1980; e o padrão “médio baixo” só foi produzido a partir da década de 1990.

Tabela 4 - Padrões construtivos dos edifícios multifamiliares altos produzidos em Maceió por década

PADRÕES CONSTRUTIVOS DOS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES VERTICAIS							
DÉCADAS	Popular	Médio baixo	Médio	Médio Alto	Alto	Luxo	TOTAL POR DÉCADA
1960 E 1970	2	0	16	9	3	0	30
1980	0	0	32	60	11	2	105
1990	0	1	16	75	38	3	133
TOTAL	2	1	64	144	52	5	268

Fonte: Autora, 2019

Nos tópicos seguintes, foram analisadas as soluções de projeto adotadas nas dependências de empregadas (dormitórios e banheiros de serviço), e os tipos de acessos (elevadores, escadas, corredores e entradas) dos edifícios cujas unidades de apartamentos eram dotadas de dependência completa de empregada ou apenas de dormitório de empregada.

- (I) Na análise dos dormitórios de empregadas, foram observadas as seguintes características:
- Disposição do dormitório de empregada na planta, identificando a zona ou setor em que este se encontra no apartamento e cômodos mais próximos a ele;
 - Formas de acesso ao dormitório de empregada, identificando a zona ou setor do apartamento e ambientes pelos quais seria necessário atravessar para chegar a este ambiente;

⁵³ A caracterização desses padrões obedece a um conjunto de 11 critérios com diferentes variações, determinados pela Prefeitura de Maceió: tipo de estrutura; alvenaria; revestimento externo; revestimento interno da parede; revestimento interno do teto; piso; pintura externa; pintura interna; esquadrias; coberta; elemento complementar para construção vertical/especial.

- Flexibilidade de abertura do dormitório de empregada para os demais ambientes componentes do setor social e íntimo do apartamento;
 - Dimensionamento do dormitório de empregada, identificando os exemplares cujas dimensões encontravam-se abaixo do padrão⁵⁴ de 6m²; e as maiores áreas adotadas nesse cômodo.
 - Os tipos de aberturas adotados no dormitório de empregada (sem janela, janela com abertura para o exterior, janela com abertura para ambiente interno, situação mista).
- (II) Em relação aos banheiros de serviço presentes em apartamentos dotados também de dormitório de empregada, foram observadas as seguintes características:
- A disposição do banheiro de serviço em relação ao dormitório de empregada (banheiro justaposto ao dormitório, banheiro afastado do dormitório, suíte e situação mista).
 - Dimensionamento do banheiro de serviço, identificando os exemplares cujas dimensões encontravam-se abaixo do padrão de 2m²; e as maiores áreas adotadas nesse cômodo.
- (III) Sobre a questão dos acessos aos apartamentos, foram analisados os seguintes itens:
- A caracterização das entradas dos apartamentos (entrada única ou duas entradas, social e serviço).
 - A disposição das entradas social e de serviço em relação ao hall do pavimento tipo (portas dispostas lado a lado; portas separadas, porém acessadas pelo mesmo hall; portas totalmente separadas em halls independentes; situação mista).

⁵⁴ O padrão mínimo de 6m² está previsto em Neufert (2008) e no Código de Edificações de Maceió lançado no ano de 1985.

- Identificação dos padrões construtivos dos edifícios cujas entradas social e de serviço dos apartamentos estavam separadas em halls independentes;
- Caracterização dos acessos verticais, elevadores e escadas (quantidade e existência de diferenciação de uso social e serviço).
- Disposição dos elevadores em relação ao hall do pavimento tipo (elevadores social e serviço totalmente separados em halls independentes; elevadores social e serviço em halls distintos que se interligam; elevadores social e serviço lado a lado ou em frente e situado no mesmo hall).
- Identificação dos padrões construtivos dos edifícios cujos elevadores social e serviço estavam separados em halls independentes;

A categoria “situação mista” refere-se à situação de um edifício cujas unidades de apartamentos dispostas no pavimento tipo apresentam diferenças em relação às soluções de projeto adotadas em um mesmo cômodo, sendo desse modo observadas duas ou mais configurações.

CAPÍTULO 4 - A DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NAS DÉCADAS DE 1960, 1970 E 1980 EM EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS EM MACEIÓ

Este capítulo analisa as dependências de empregadas e os acessos de edifícios altos de apartamentos produzidos durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 na cidade de Maceió. Caracterizam-se a disposição, acesso, flexibilidade, dimensionamento e tipos de aberturas dos dormitórios de empregadas; a disposição e dimensionamento do banheiro de serviço; e as tipologias e padrões construtivos dos edifícios cujos apartamentos contam com esses ambientes. Além disso, são caracterizadas as circulações (corredores, escadas e elevadores); e as entradas dos apartamentos com base no uso social e de serviço.

4.1 A DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970 EM EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS EM MACEIÓ

4.1.1 Tipologias dos apartamentos

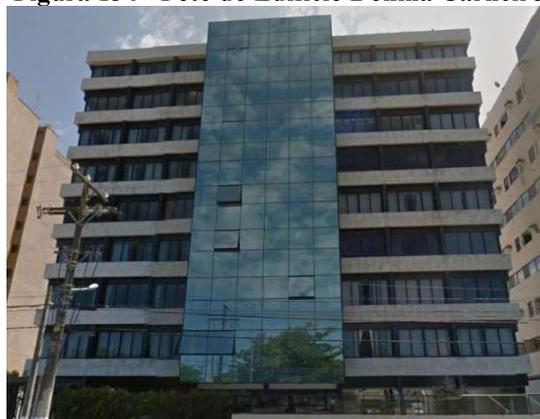
Durante as duas primeiras décadas analisadas, identificou-se a produção de 30 edifícios multifamiliares altos. Nesse período, a tipologia de 3 dormitórios prevaleceu no conjunto (20 unidades – 66%) (Figuras 133-134), seguida pela tipologia de 4 dormitórios (05 unidades – 17%) (Figura 135-136), conforme Gráfico 01.

Figura 133 - Planta baixa de unidade do Edifício Donina Carneiro (1975)



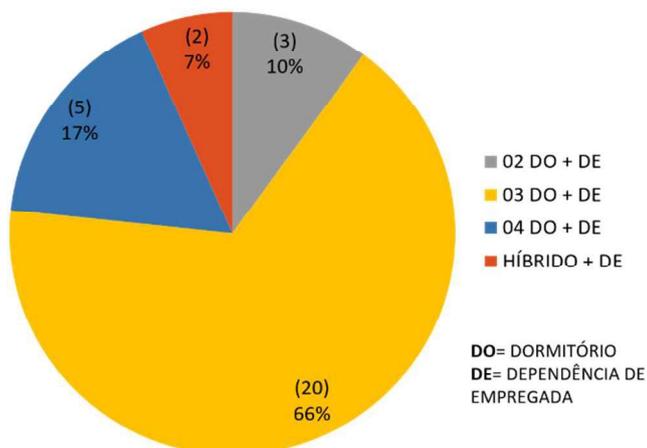
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019

Figura 134 - Foto do Edifício Donina Carneiro



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Gráfico 1 - Tipologias de edifícios multifamiliares altos construídos em Maceió de 1964 a 1979



Fonte: Autora, 2019.

Figura 135 - Foto do Edifício Status



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 136 - Planta baixa de unidade do Edifício Status (1976)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

A categoria classificada como híbrida, composta por edifícios que possuem mais de uma tipologia de apartamentos no pavimento tipo, apresentou apenas dois exemplares nesse período (Figuras 137-139).

Figura 137 - Planta baixa tipo do Edifício Mykonos (1977)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 138 – Foto do Edifício Mykonos



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 139 - Planta baixa tipo do Edifício Costa Verde (1978)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Observou-se que todos os 30 edifícios multifamiliares verticais altos construídos nesse período na cidade de Maceió contavam com dormitório de empregada no programa de necessidades. Vale destacar que o Edifício Costa Verde (1978), de tipologia híbrida, contava com unidade de apartamento de tipologia de 1 dormitório dotado de dependência completa de empregada (Figuras 140-141).

Figura 140 - Apartamento de 1 quarto do Edifício Costa Verde (1978)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019.

Sem escala.

Figura 141 – Foto do Edifício Costa Verde

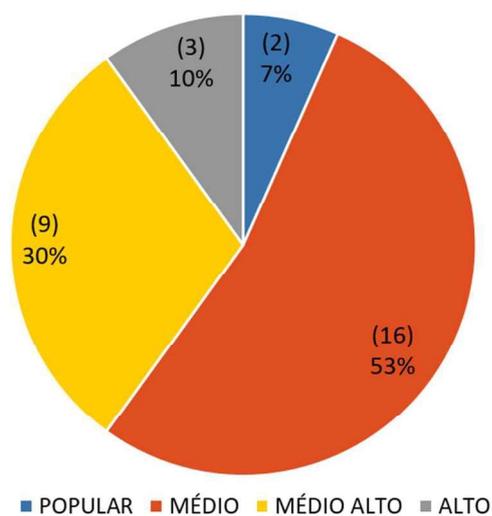


Fonte: Banco de dados do gEPA.

4.1.2 Padrão construtivo dos edifícios de apartamentos

A maioria dos edifícios produzidos neste período apresentou padrão construtivo médio (16 unidades – 53%), seguido pelos edifícios de padrão médio alto (9 unidades – 30%), conforme Gráfico 2. Esse dado indica que os primeiros edifícios construídos na cidade de Maceió tinham a classe média como principal público alvo, e que essa, possivelmente, já tinha o hábito de contratar empregadas domésticas mensalistas, uma vez que todos os apartamentos dessas duas décadas contaram com esse ambiente. Cabe destacar que durante este período foram construídos apenas 2 edifícios verticais com elevador de padrão construtivo popular (Figuras 142-145), e que este padrão não foi adotado nos edifícios das décadas seguintes.

Gráfico 2 - Padrão construtivo dos edifícios com dormitórios de empregada - décadas de 1960 e 1970



Fonte: Autora, 2019.

Figura 142 - Planta baixa de unidade do Edifício Maria Isabel (1976)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 143 - Foto do Edifício Maria Isabel



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 144 - Planta baixa de unidade do Edifício Arthur Vital da Silva (1975)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 145 - Foto do Edifício Arthur Vital da Silva



Fonte: Banco de dados do gEPA.

4.1.3 Disposição, acesso e flexibilidade do dormitório de empregada

Em relação à disposição do dormitório de empregada nas plantas desses apartamentos, verificou-se que na maioria dos casos este ambiente foi alocado no setor de serviço e junto à área de serviço, sendo exceção o caso do Edifício Benedito Bentes (1977), cujo dormitório de empregada encontrava-se junto à cozinha e distante da área de serviço (Figuras 146-147), e o caso do Edifício Versalhes (1976), cuja dependência de empregada (quarto e banheiro de serviço) encontrava-se próxima à área de serviço, porém separada da mesma por um hall de acesso com porta (Figuras 148-149).

Figura 146 - Planta baixa de unidade do Edifício Benedito Bentes (1977)



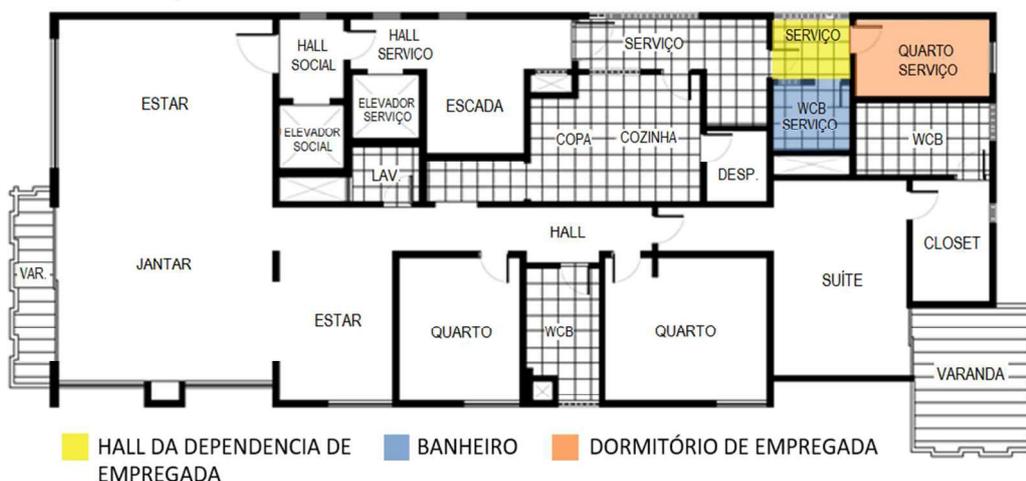
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 147 - Foto do Edifício Benedito Bentes



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 148 - Planta baixa de unidade do Edifício Versalhes (1976)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

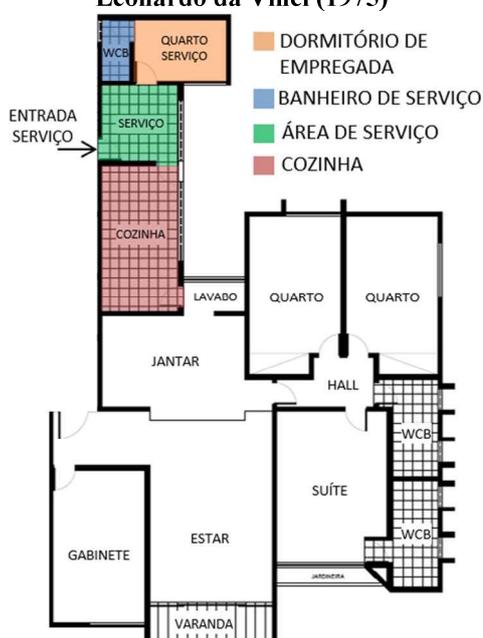
Figura 149 - Foto do Edifício Versalhes



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Importante destacar que a área de serviço dos apartamentos desse período foi alocada na maior parte dos casos nos “fundos” da cozinha e separada por parede com porta (15 unidades – 50%), Figuras 150 e 151; seguido pela separação apenas por meia parede (12 unidades – 40%), Figuras 152 e 153; área de serviço contínua à cozinha (2 unidades – 6,7%); e separada da cozinha por corredor (1 unidade – 3,3%), Figura 154. Na medida em que quase todos os dormitórios de serviço desse período encontravam-se ligados diretamente à área de serviço, pode-se dizer que esse ambiente apresentou na maior parte dos casos certo isolamento também dentro do setor de serviço.

Figura 150 - Planta baixa de unidade do Edifício Mansão Leonardo da Vinci (1975)



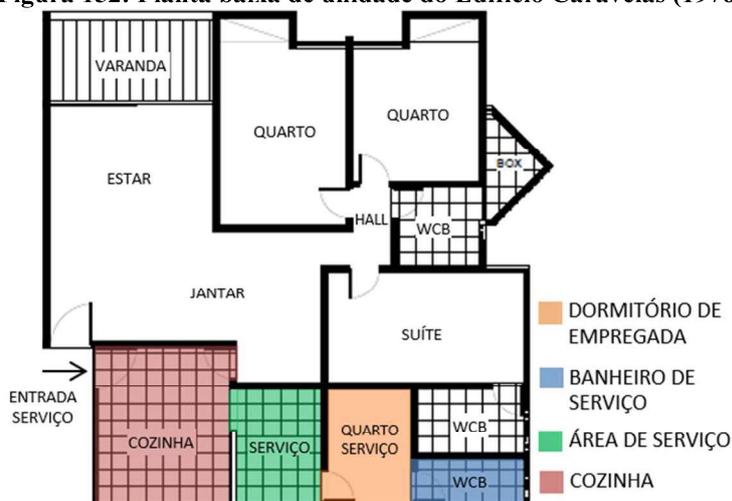
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 151 - Foto do Edifício Mansão Leonardo da Vinci



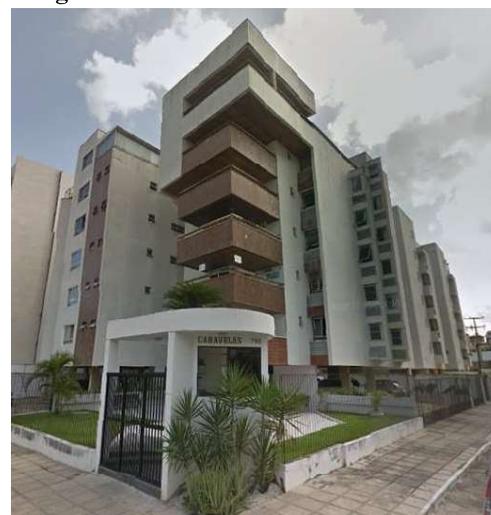
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 152: Planta baixa de unidade do Edifício Caravelas (1976)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 153 - Foto do Edifício Caravelas



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 154 - Planta baixa de unidade do Edifício Kanandú (1976)



Em quase todos os casos, o dormitório de empregada apresentou acesso através de passagem obrigatória pela cozinha e/ou pela área de serviço (Figuras 155-158), sendo exceção apenas os apartamentos do Edifício Armando Lobo (1978), cujo acesso a este ambiente se realiza de forma mais direta, por um hall interno ligado ao acesso externo (porta de serviço), sem passagem pela área de serviço ou pela cozinha (Figura 159-160).

Figura 155 - Planta baixa de unidade do Edifício Jangada (1973)

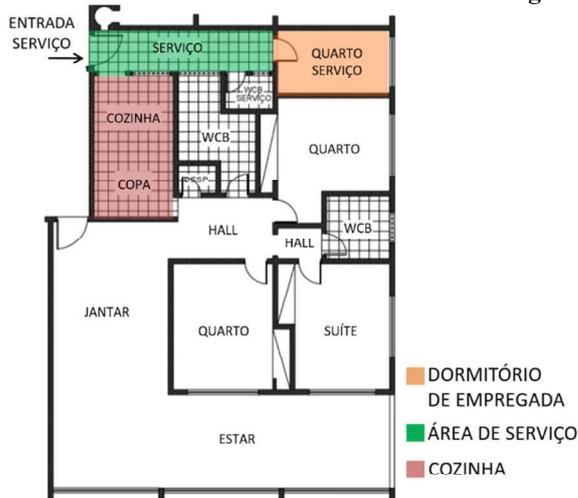


Figura 156 - Foto do Edifício Jangada



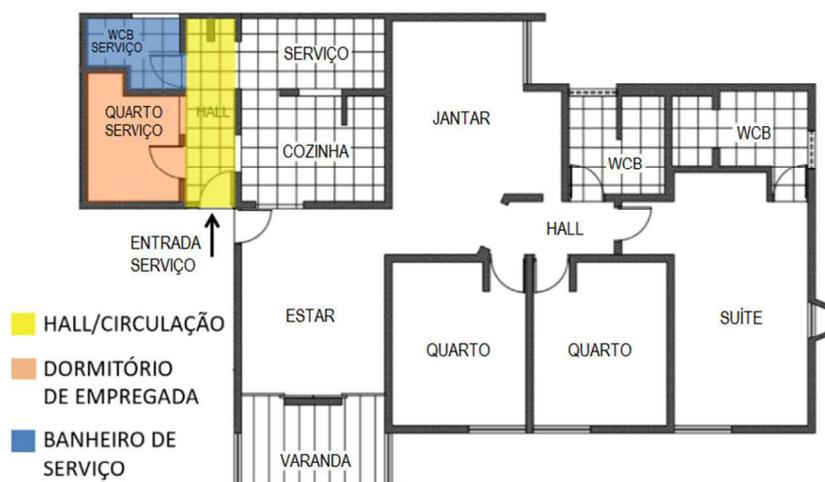
Figura 157 - Planta baixa de unidade do Edifício Dom Avelar (1977)



Figura 158 - Foto do Edifício Dom Avelar



Figura 159 - Planta baixa de unidade do Edifício Armando Lobo (1978)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 160 - Foto do Edifício Armando Lobo



Fonte: Banco de dados do gEPA.

A maior parte dos exemplares analisados não apresentou planta com flexibilidade que permitisse a abertura de um acesso direto da dependência de empregada para o setor íntimo ou para os ambientes do setor social (21 unidades – 70%); seguido pelos edifícios de apartamentos com possibilidade de abertura deste ambiente para o setor íntimo (04 unidades – 13,3%), Figuras 161-162; para o setor social (04 unidades – 13,3%), Figuras 163-164; e misto (01 unidade – 3,4%). O Edifício Solar Graciliano Ramos, único exemplar com situação mista, apresenta uma de suas unidades com flexibilidade de abertura para o setor íntimo, e outra sem possibilidade de abertura (Figuras 165-166).

Figura 161 - Planta baixa de unidade do Edifício Veleiro (1979)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 162 - Foto do Edifício Veleiro



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 163 - Planta baixa de unidade do Edifício Tatiana (1975)



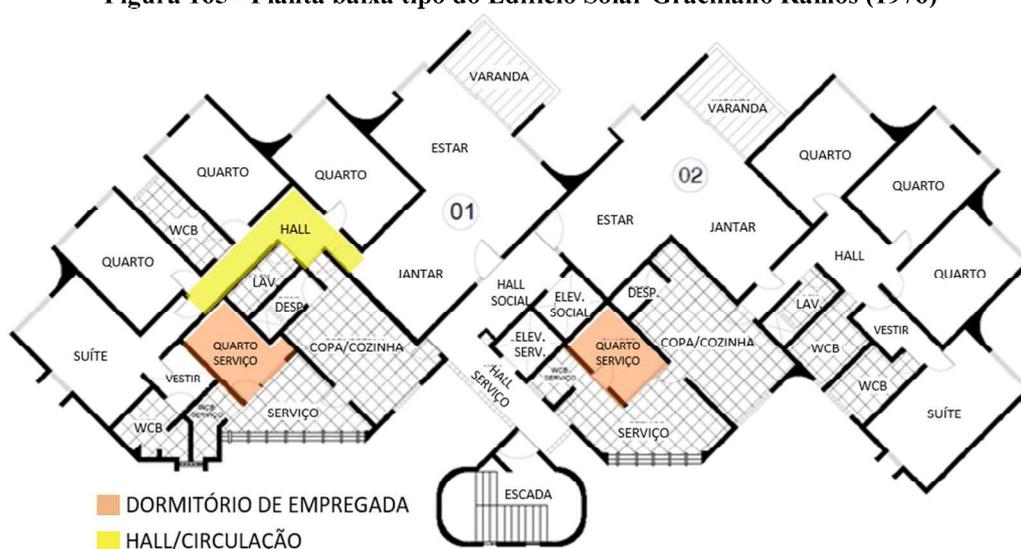
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 164 - Foto do Edifício Tatiana



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 165 - Planta baixa tipo do Edifício Solar Graciliano Ramos (1976)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 166 - Foto do Edifício Solar Graciliano Ramos

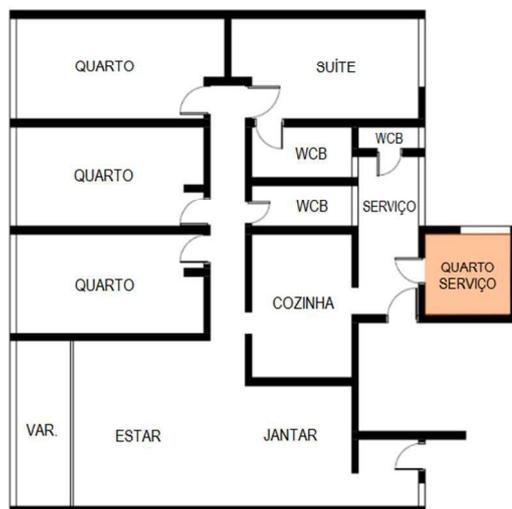


Fonte: Banco de dados do gEPA.

4.1.4 Dimensionamento do dormitório de empregada

Em relação ao dimensionamento dos dormitórios de empregada, a maioria dos exemplares dessas duas décadas apresentou áreas inferiores à 6 m² (17 unidades – 56,6 %), sendo o menor resultado encontrado em uma das unidades do Edifício Lagoa Mar (1964), cujo dormitório apresentava 3,5 m² (Figuras 167-168). Por outro lado, verificou-se nos apartamentos do edifício São Carlos (1964), o primeiro edifício construído na cidade, o dormitório de empregada com maior área desse período (8,0 m²) (Figuras 169-170). Um fato interessante é que todos os 3 edifícios de padrão construtivo alto apresentaram dormitórios de empregada com dimensões inferiores ao padrão mínimo.

Figura 167 - Planta baixa de unidade do Edifício Lagoa Mar (1964)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 168 - Foto do Edifício Lagoa Mar



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 169 - Planta baixa de unidade do Edifício São Carlos (1964)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 170 - Foto do Edifício São Carlos



Fonte: Banco de dados do gEPA.

4.1.5 Tipos de aberturas do dormitório de empregada

Na maioria das dependências de empregada dos edifícios desse período verificou-se a existência de uma única janela com abertura para o exterior (18 unidades – 60%), seguido pelos exemplares dotados de uma janela com abertura para o interior da área de serviço ou para um hall interno (6 unidades – 20%), situação mista (2 unidades – 6,7%), dependências com duas janelas (2 unidades – 6,7%) e casos sem nenhuma janela (2 unidades – 6,6 %). Apenas os edifícios Praia Verde (1974) e Porto da Barra (1976) contam com dependência com duas janelas (Figuras 171-174), enquanto que em parte das unidades do Edifício Núbia (1970) e em todos os apartamentos do Edifício Boca da Grota (1979) não se verificou a existência de esquadria de janela em suas plantas (Figuras 175-178).

Em relação aos exemplares cujas plantas não revelaram a presença de janela, é preciso considerar a possibilidade de existência de portas com bandeiras ou portas com venezianas — artifícios que possibilitariam a aprovação deste ambiente como dormitório pelos órgãos fiscalizadores. Por outro lado, é possível também que esses espaços sejam de fato destituídos de qualquer tipo de abertura de janela, e tenham sido apresentados aos órgãos fiscalizadores como despensas, depósitos ou outro tipo de ambiente de baixa permanência.

Figura 171 - Planta baixa de unidade do Edifício Praia Verde (1974)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 173 - Planta baixa de unidade do Edifício Porto da Barra (1976)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 172 - Foto do Edifício Praia Verde



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 174 - Foto do Edifício Porto da Barra



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 175 - Planta baixa de unidade do Edifício Núbia (1970)



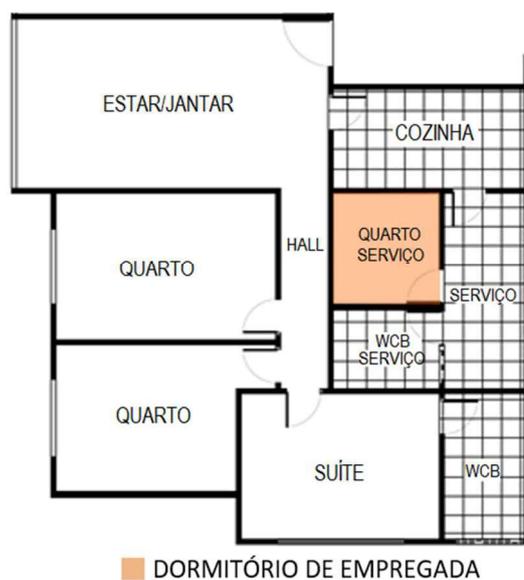
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 176 – Foto do Edifício Núbia



Fonte: Banco de dados do gEPA

Figura 177 - Planta baixa de unidade do Edifício Boca da Grota



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 178: Foto do Edifício Boca da Grota



Fonte: Banco de dados do gEPA.

4.1.6 Disposição e dimensionamento do banheiro de serviço

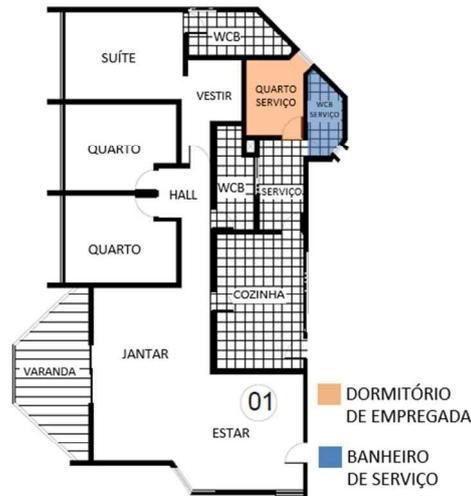
Em quase todos os casos, o dormitório de empregada foi acompanhado pelo banheiro de serviço, sendo exceção apenas o Edifício Benedito Bentes (1977) (Figura 179). Observou-se que dos 29 exemplares de banheiros de serviço presentes nos edifícios desse período, a maioria foi disposta justaposta ou em frente aos dormitórios de empregada (14 unidades – 48,3 %), (Figuras 180-181), seguido pela alocação em forma de suíte (11 unidades – 37,9%) (Figuras 182-183), e disposto afastado do dormitório de empregada (4 unidades – 13,8%) (Figuras 184-185).

Figura 179 - Planta baixa de unidade do Edifício Benedito Bentes



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 180 - Planta baixa de unidade do Edifício Barroca (1973)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 181 - Foto do Edifício Barroca



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 182 - Planta baixa de unidade do Edifício Fragata (1979)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 183 - Foto do Edifício Fragata



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 184 - Planta baixa de unidade de Edifício Antônia Luiza (1975)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

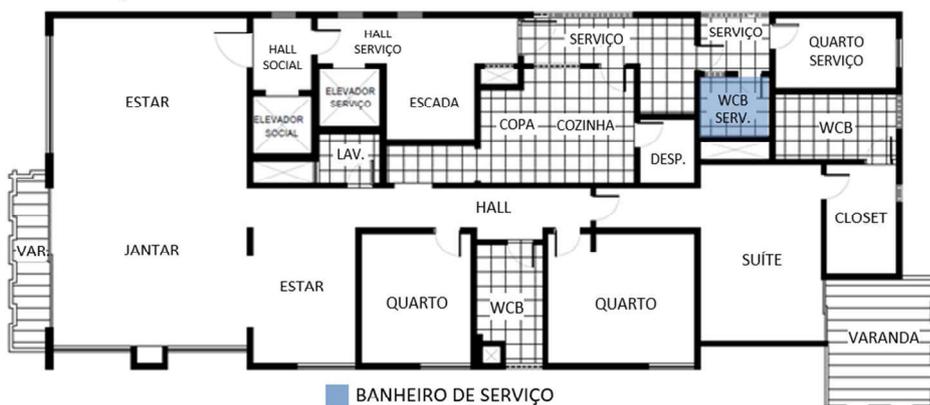
Figura 185 - Foto do Edifício Antônia Luiza



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Verificou-se também que a maior parte dos banheiros de serviço apresentou áreas iguais ou maiores a 2,0 m² (17 unidades – 58,6%), sendo os exemplares de maior área (3,0 m²) encontrados nos apartamentos dos Edifícios Versalhes (1976) (Figuras 186-187) e Saveiro (1976) (Figura 188). Em oposição, no Edifício Lagoa Mar (1964) foi verificado o banheiro de serviço com as menores dimensões (0,7 m²) desse período (Figura 189).

Figura 186 - Planta baixa de unidade do Edifício Versalhes (1976)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 187 - Foto do Edifício Saveiro



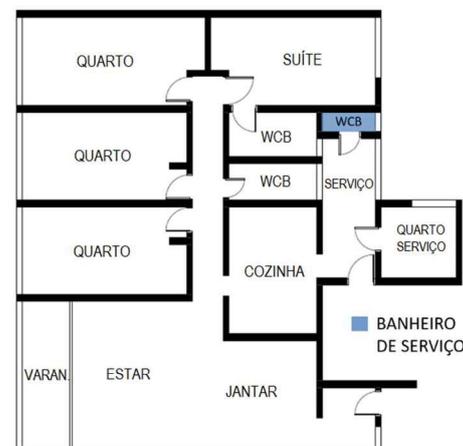
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 188 - Planta baixa de unidade do Edifício Saveiro (1976)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 189 – Planta baixa de unidade do Edifício Lagoa Mar (1964)



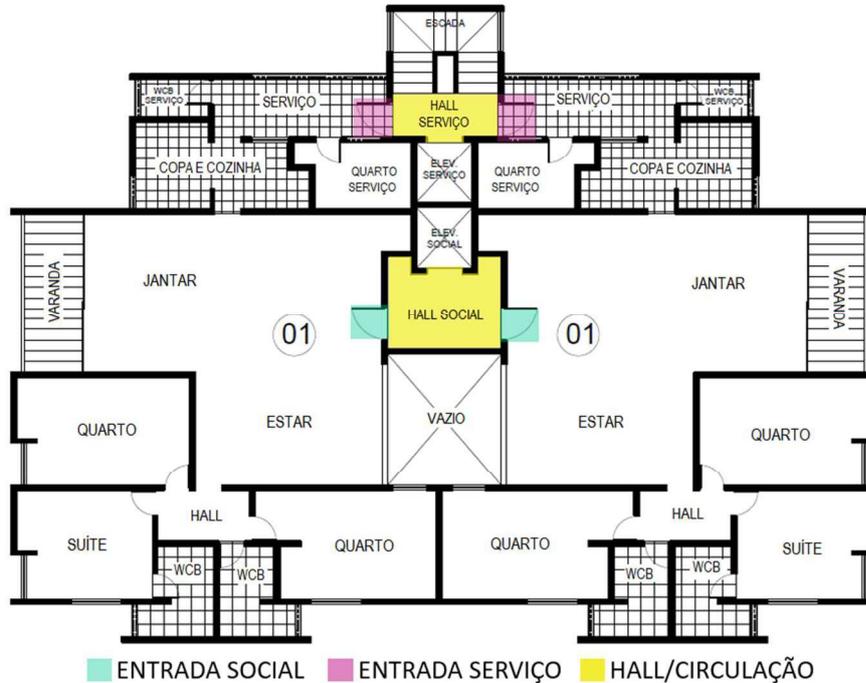
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

4.1.7 Acessos às unidades dos apartamentos – entradas, corredores e elevadores

Em relação aos acessos às unidades de apartamentos dos edifícios desse período, a maioria dos exemplares apresentou porta social e de serviço dispostas em halls totalmente separados (12 unidades – 40%) (Figura 190); porta social e de serviço separadas, porém com o mesmo hall de circulação (8 unidades – 26,7%) (Figuras 191-192); porta social e de serviço lado a lado (7 unidades – 23,3%) (Figuras 193-194), situação mista (2 unidades – 6,7 %) e contando apenas com a porta social (1 unidade – 3,3%) (Figura 195). Observou-se nos

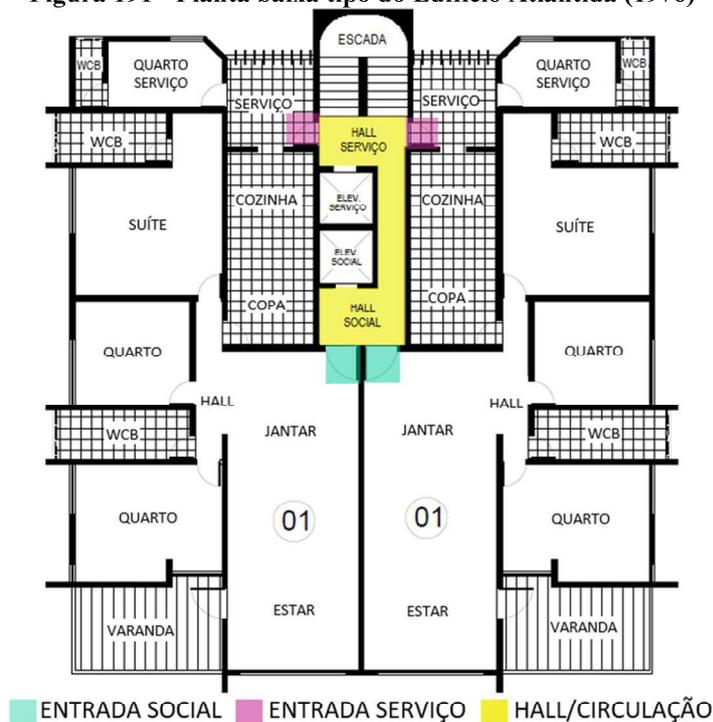
edifícios Biarritz (1976) e Status (1977) uma configuração inusitada, as entradas de serviço dos apartamentos encontram-se no patamar de uma escada (Figuras 196-198).

Figura 190 - Planta baixa tipo de Edifício Tatiana (1975)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 191 - Planta baixa tipo do Edifício Atlântida (1976)



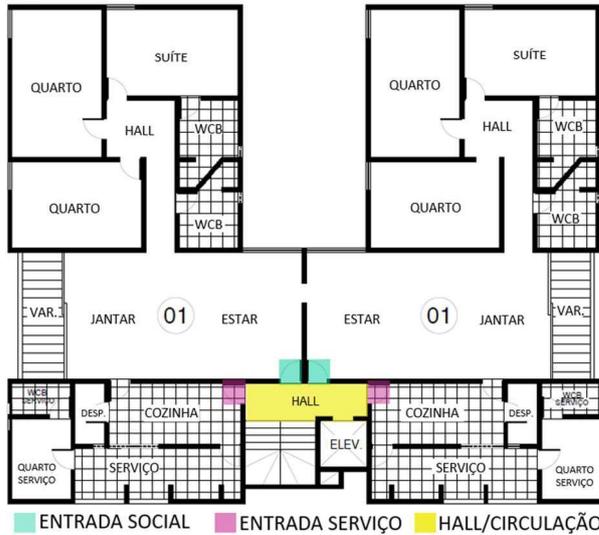
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 192 – Foto do Edifício Atlântida



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 193 - Planta baixa tipo do Edifício Nina (1977)



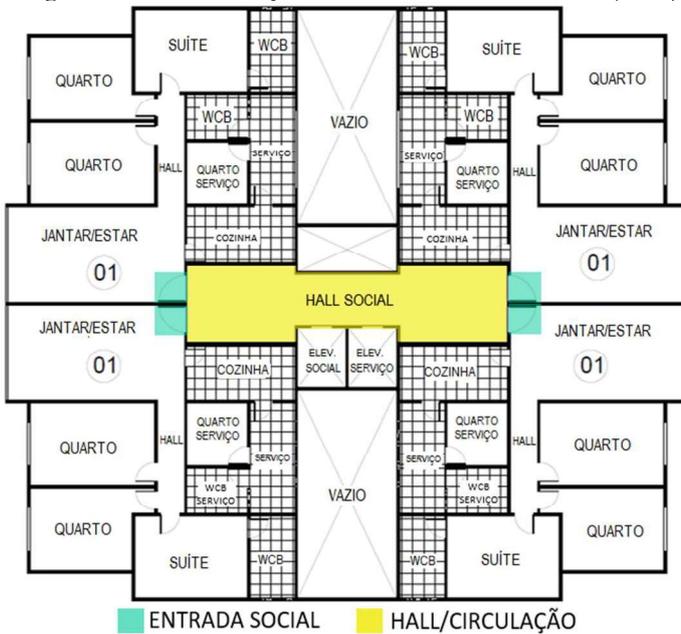
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 194 – Foto do Edifício Nina



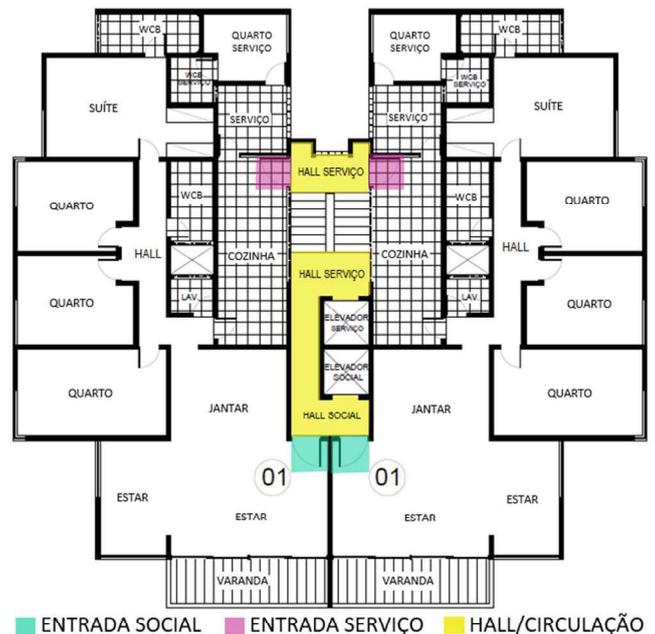
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 195 – Planta tipo do Edifício Boca da Grota (1979)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 196 - Planta baixa tipo do Edifício Biarritz (1976)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 197 – Foto do Edifício Biarritz



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 198: Planta baixa tipo do Edifício Status (1976)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Os edifícios de apartamentos dotados de porta social e de serviço dispostas em halls totalmente separados apresentavam padrão construtivo médio alto (5 unidades), padrão alto (3 unidades), médio (3 unidades) e popular (1 unidade).

No caso dos elevadores, observou-se que a maioria dos edifícios contava com elevador social e de serviço totalmente separados em halls independentes (10 unidades – 33,3%); seguido pelos edifícios dotados de um único elevador (9 unidades – 30%); edifícios com elevador social e de serviço alocados em halls distintos que se interligam (8 unidades – 26,7%) e casos em que o elevador social e de serviço encontravam-se muito próximos no mesmo hall - justapostos ou em frente (3 unidades – 10%). Dois casos que mereceram destaque foram os encontrados nos edifícios Núbia (1970) e Costa Verde (1978), cujos elevadores de serviço são acessados no patamar da escada (Figuras 199-200).

Os edifícios com elevadores separados em halls independentes apresentavam em todos os casos apartamentos com entradas social e de serviço também separadas em halls distintos. Os padrões construtivos variaram entre médio alto (5 unidades), alto (3 unidades) e médio (3 unidades).

Figura 199 - Planta baixa tipo do Edifício Núbia (1970)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 200 - Planta baixa tipo do Edifício Costa Verde (1978)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

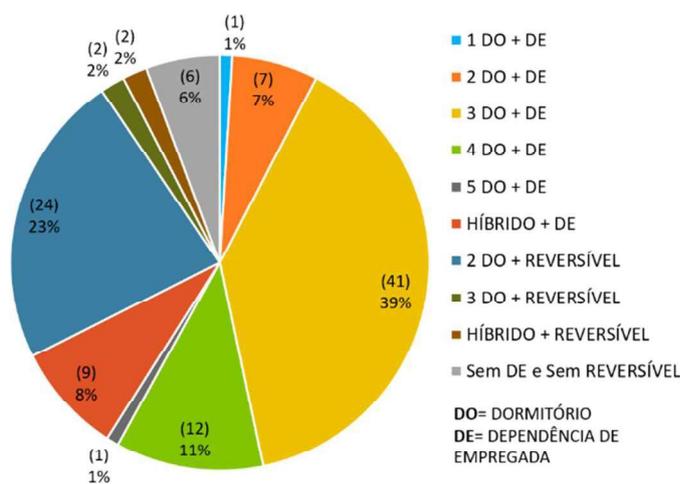
4.2 A DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NOS APARTAMENTOS DA DÉCADA DE 1980

4.2.1 Tipologias dos apartamentos

A partir da década de 1980, observou-se maior variação de tipologias de edifícios multifamiliares altos em Maceió, sendo marcante a presença da tipologia com dormitório reversível. De 1980 até o final de 1989, produziram-se 105 exemplares de edifícios de apartamentos, sendo a tipologia 3 dormitórios com dependência de empregada a de maior predominância no mercado maceioense (41 unidades – 39%), Gráfico 3.

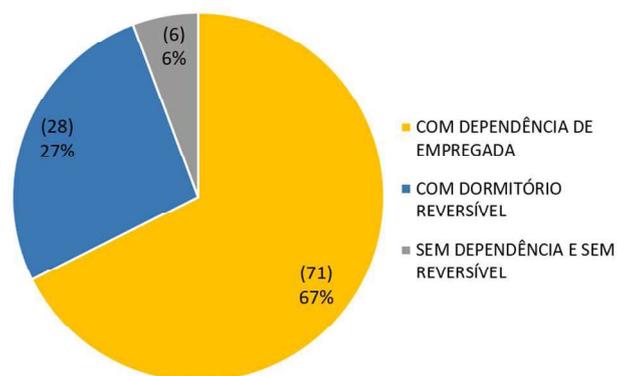
Durante essa década, a maior parte dos edifícios multifamiliares verticais contou com a dependência de empregada em seus programas (71 unidades - 67% da amostra total de 105 edifícios), sendo seguida pelos edifícios com dormitório reversível (28 unidades - 27%), Gráfico 4.

Gráfico 3: Tipologias de edifícios verticais multifamiliares construídos em Maceió de 1980 a 1989



Fonte: Autora, 2019.

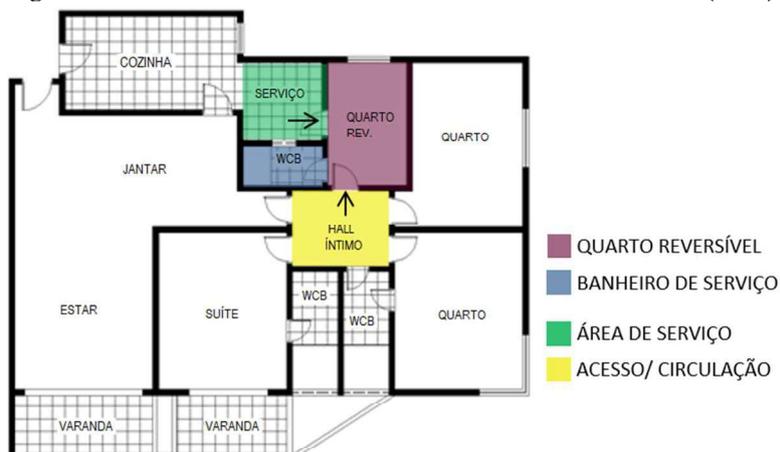
Gráfico 4: Edifícios verticais multifamiliares construídos em Maceió de 1980 a 1989



Fonte: Autora, 2019.

Em relação aos exemplares dotados de dormitório reversível (Figuras 201-202), pode-se dizer que estes consistiram numa parcela significativa da produção total deste período, sendo a maioria composta pela tipologia de dois dormitórios com reversível (24 unidades – 23% do total) (Figuras 203-204). Já os edifícios de apartamentos sem nenhum tipo de dormitório previsto para alojamento de empregada (6 unidades – 6%) eram quase todos da tipologia de um dormitório, sendo exceção apenas o Edifício Fabiano I, dotado de dois dormitórios (Figuras 205-206).

Figura 201 - Planta baixa de unidade do Edifício Villa Verde (1985)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 203 - Planta baixa de unidade do Edifício Morada dos Ventos II (1982)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 205 - Planta baixa de unidade do Edifício Fabiano I (1983)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 202 – Foto do Edifício Villa Verde



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 204 – Foto do Edifício Morada dos Ventos



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 206 – Foto do Edifício Fabiano I



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Considerando-se apenas a amostra de edifícios com apartamentos contendo a dependência de empregada (71 unidades), pode-se afirmar que a tipologia de 3 dormitórios predominou sobre o conjunto (41 unidades – 57,7%), Figuras 207-208; sendo seguida pela

tipologia de 4 dormitórios (12 unidades – 16,9%) (Figuras 209-210). Apenas no Edifício Papillon (1987) verificou-se a presença de apartamentos da tipologia de 1 dormitório com dependência de empregada (Figuras 211-212).

Figura 207 - Planta baixa de unidade do Edifício Alessandra (1982)



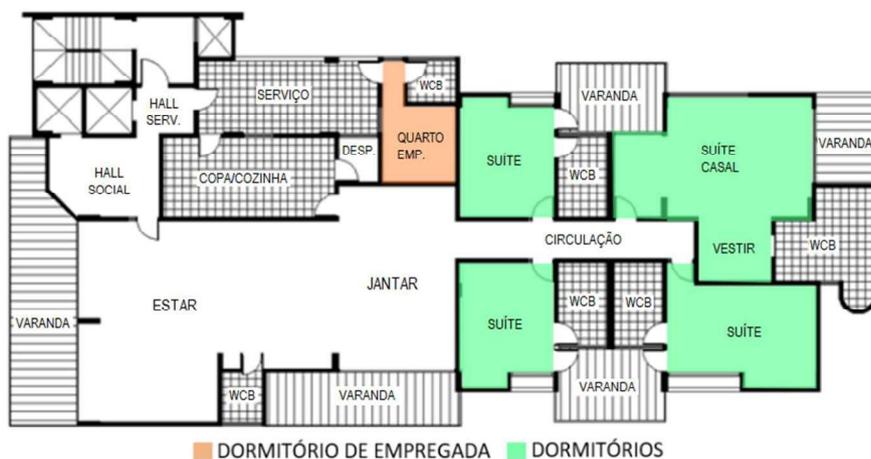
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 208 - Foto do Edifício Alessandra



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 209 - Planta baixa de unidade do Edifício Salmar (1987)



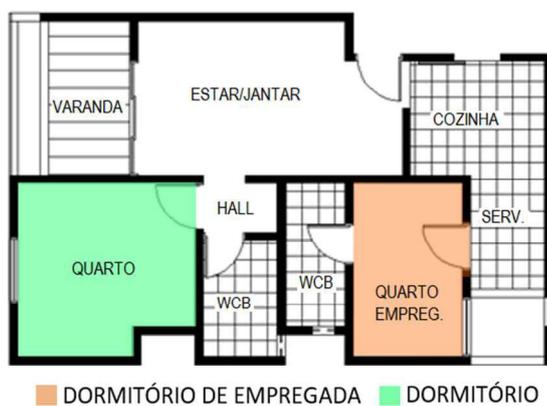
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 210 - Foto do Edifício Salmar



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 211 - Planta baixa de unidade de Edifício Papillon (1987)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

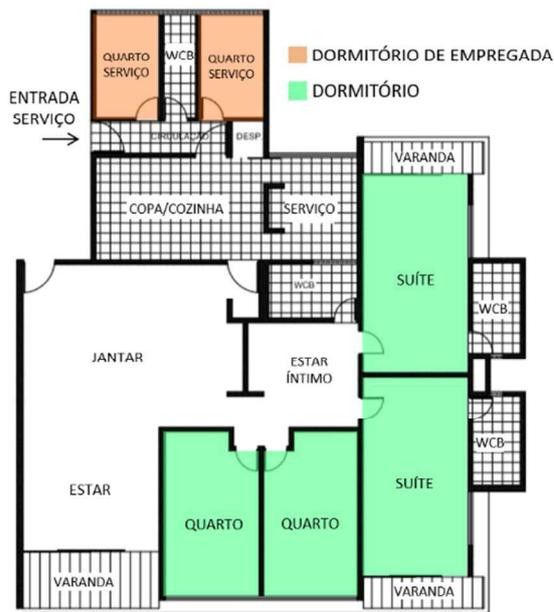
Figura 212: Foto do Edifício Papillon



Fonte: Banco de dados do gEPA.

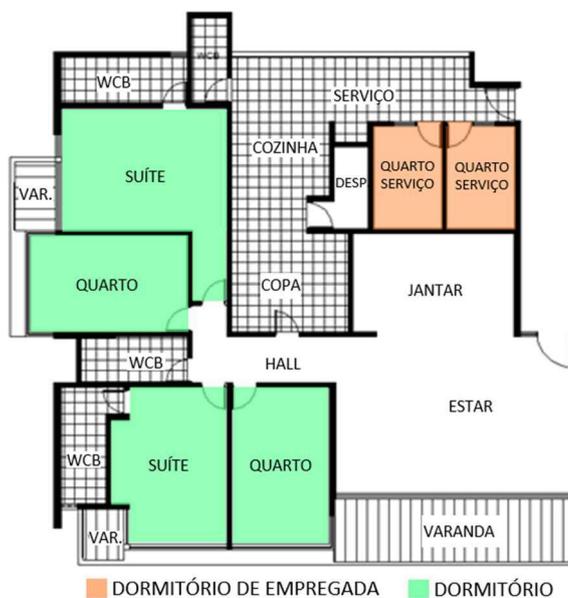
Uma novidade em relação às décadas anteriores foi a construção de edifícios de apartamentos dotados de duas dependências de empregadas (5 unidades – 7% do total de 71 unidades), sendo quatro desses compostos pelas tipologias de quatro dormitórios (Figuras 213-214), e apenas um de cinco dormitórios (Figura 215-216).

Figura 213 - Planta baixa de unidade do Edifício Portal de Ponta Verde (1988)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 214 - Planta baixa de unidade do Edifício Safira (1988)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019.

Figura 215 - Plantas baixa das unidades do Edifício Catamarã (1983)



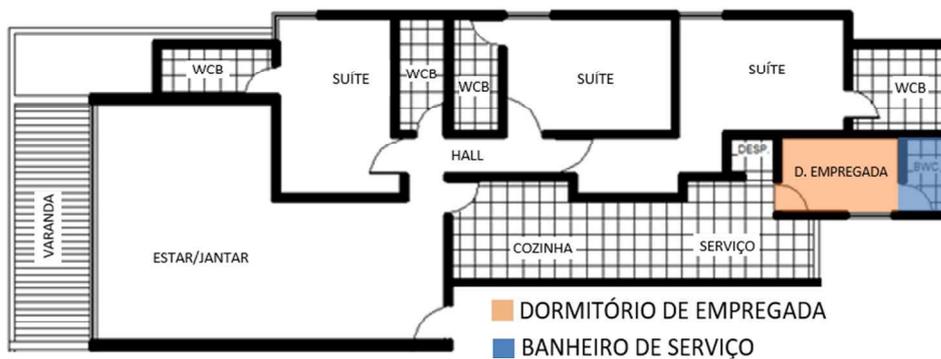
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 216 – Foto do Edifício Catamarã



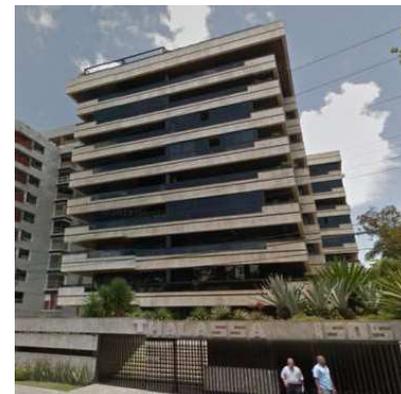
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 218 - Planta baixa de unidade do Edifício Thalassa (1989)



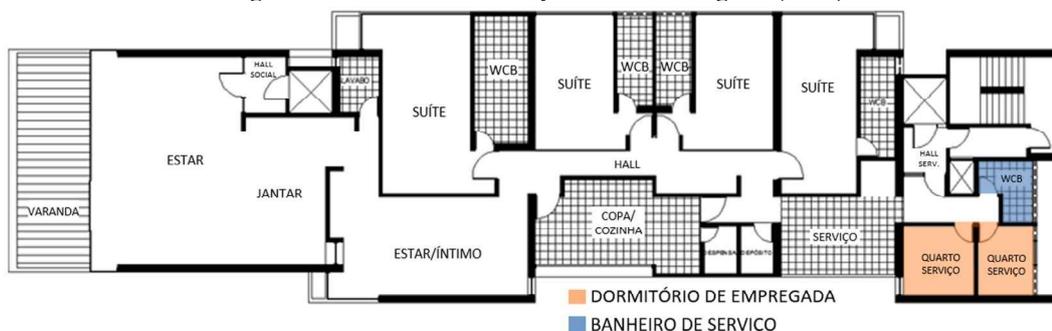
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 219 – Foto do Edifício Thalassa



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 220 - Planta baixa tipo do Edifício Igara (1987)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 221 – Foto do Edifício Igara

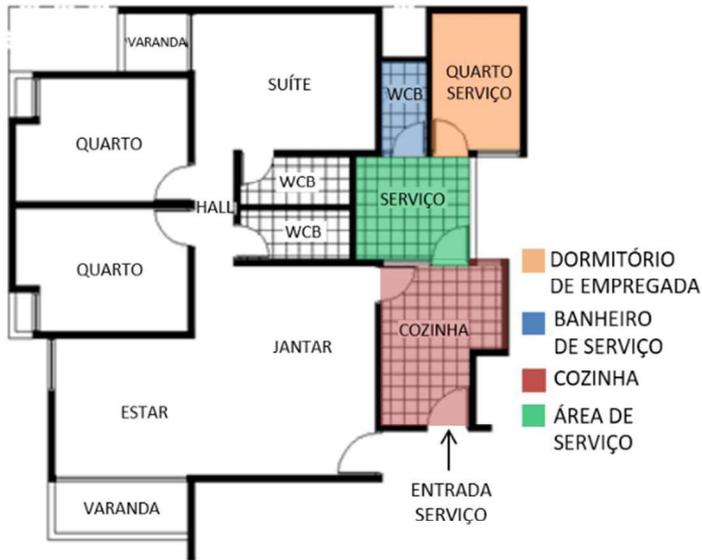


Fonte: Banco de dados do gEPA.

4.2.3 Disposição, acesso e flexibilidade do dormitório de empregada

Em relação ao posicionamento dos dormitórios de empregada nas plantas dos edifícios desse período, não se observaram mudanças significativas em relação à década anterior, de maneira que esses foram mantidos em quase todos os casos dentro do setor de serviço, junto à área de serviço e com acesso realizado através de passagem obrigatória pela mesma (Figuras 222-225). As exceções foram observadas nos edifícios Igara (1987) e Portal de Ponta Verde (1988), cujas dependências de empregada foram alocadas em halls separados dos demais ambientes de serviço, permitindo acessos mais diretos às mesmas (Figuras 226-228). Nos edifícios Jacques Lacan (1984), Safira (1988) e Tartana (1987), os dormitórios de empregada também foram posicionados próximos às portas de serviço, o que permitiu um acesso mais direto, porém, estas foram mantidas ligadas diretamente à área de serviço (Figuras 229-234).

Figura 222 - Planta baixa de unidade do Edifício Ananda (1986)



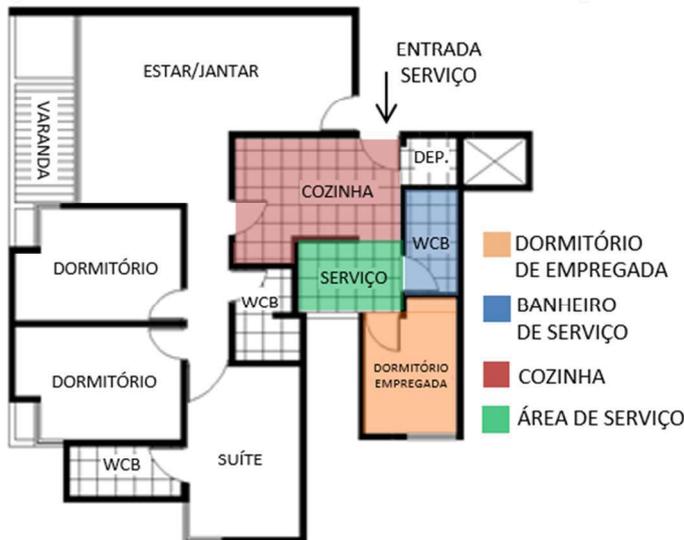
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 223 - Foto do Edifício Ananda



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 224 - Planta baixa de unidade do Edifício Itapuã (1989)



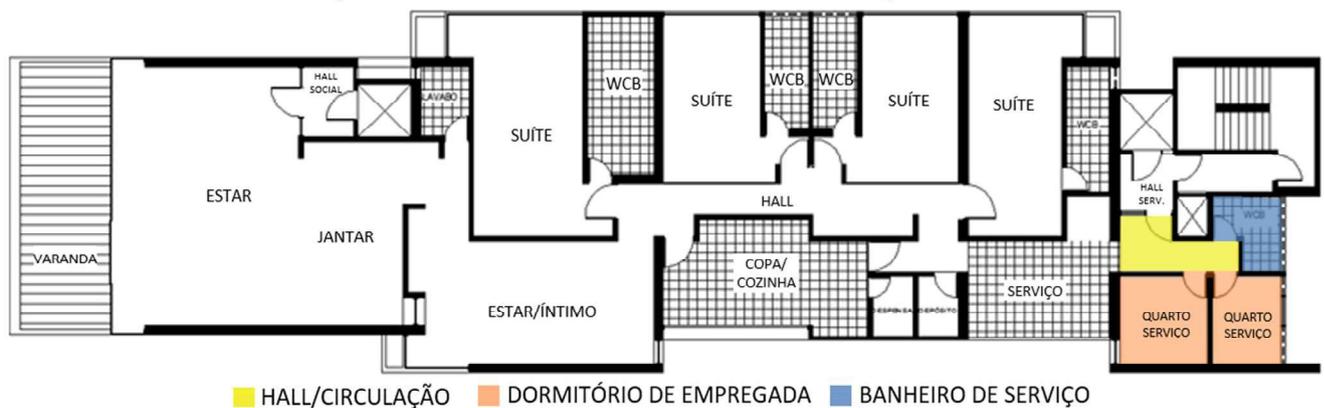
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 225 - Foto do Edifício Itapuã



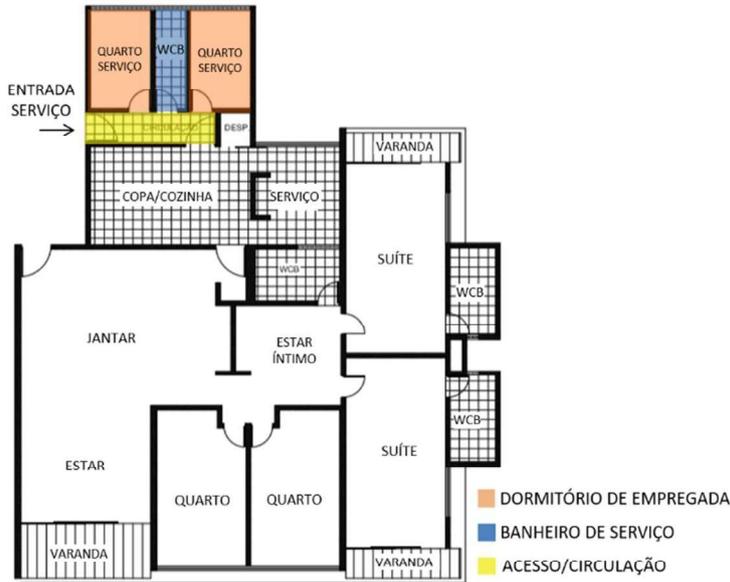
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 226 - Planta baixa de unidade do Edifício Igara (1987)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 227 - Planta baixa de unidade do Edifício Portal de Ponta Verde (1988)



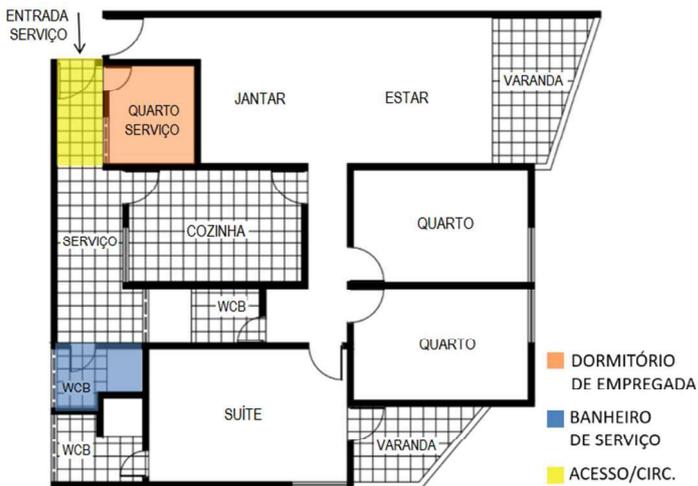
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 228 – Foto do Edifício Portal de Ponta Verde



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 229 - Planta baixa de unidade do Edifício Jacques Lacan (1984)



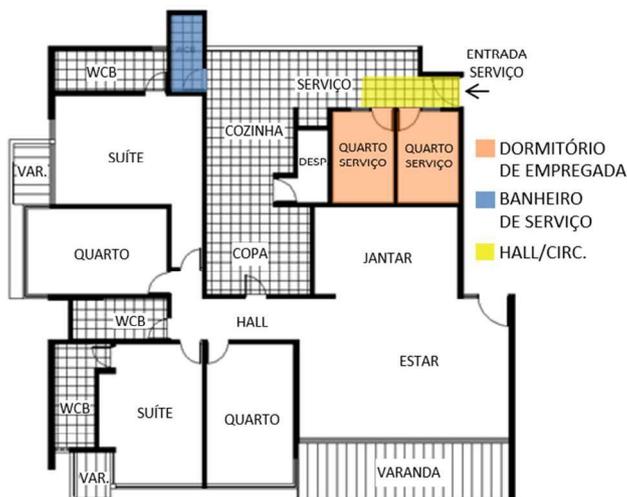
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 230 – Foto do Edifício Jacques Lacan



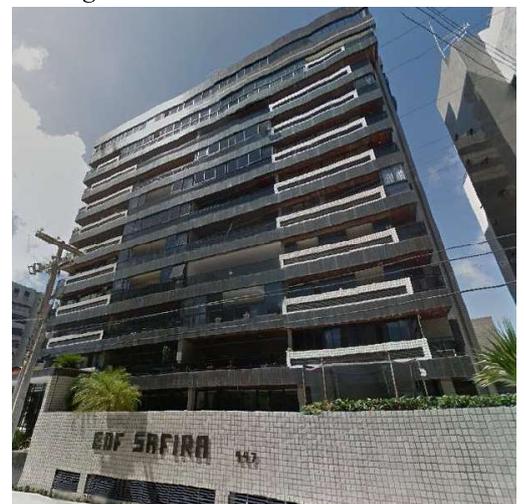
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 231 - Planta baixa de unidade do Edifício Safira (1988)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 232 – Foto do Edifício Safira



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 237 - Planta baixa de unidade do Edifício Marinho de Gusmão (1988)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 239 – Planta baixa de unidade do Edifício Humaytá (1984)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 238 – Foto do Edifício Marinho de Gusmão



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 240 – Foto do Edifício Humaytá



Fonte: Banco de dados do gEPA.

A maioria dos exemplares analisados não apresentou planta com nível de flexibilidade que permitisse a abertura de um acesso direto da dependência de empregada para os ambientes do setor íntimo ou do setor social (44 unidades – 61,9%), seguido pelos edifícios com possibilidade de abertura deste ambiente para o setor social (09 unidades – 12,7%), Figuras 241-242; misto (9 unidades – 12,7%), para o setor íntimo (08 unidades – 11,3%), Figuras 243-244; e para o setor íntimo e social (1 unidade – 1,4%) (Figuras 245-246).

Figura 241 - Planta baixa de unidade do Edifício Martinica (1982)



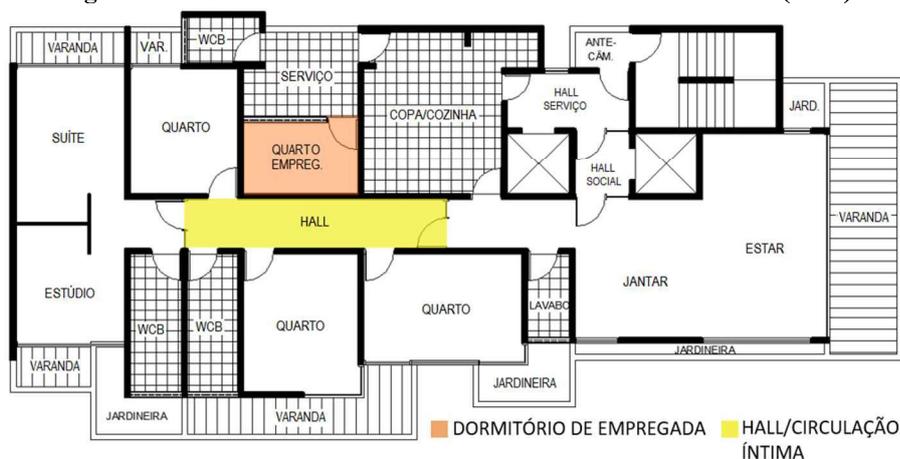
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 242 – Foto do Edifício Martinica



Fonte: Banco de dados do gEPA

Figura 243 - Planta baixa de unidade do Edifício Ancoradouro (1987)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 244 – Foto do Edifício Ancoradouro



Fonte: Banco de dados do gEPA,

Figura 245 - Planta baixa de unidade do Edifício Marinas (1988)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 246 - Foto do Edifício Marinas



Fonte: Banco de dados do gEPA,

4.2.4 Dimensionamento do dormitório de empregada

Sobre a questão do dimensionamento, a maioria dos exemplares dessa década apresentou dormitórios de empregada com áreas dentro do padrão mínimo de 6 m² (56 unidades – 78,9%), sendo o maior valor encontrado nos apartamentos do Edifício Portal do Atlântico (1989), cujo dormitório de empregada apresentava 9,9 m² (Figuras 247-248). Em contrapartida, verificou-se em parte das unidades do edifício Escuna (1982), o dormitório de empregada com menor área desse período (2,9 m²) (Figuras 249-250). Dentre os edifícios cujas dependências de empregada contavam com dimensões inferiores ao padrão mínimo (15 unidades), observou-se que a maioria apresentava padrão construtivo médio alto (11 unidades – 73,3%), sendo as quatro unidades restantes distribuídas igualmente nas categorias média e alta.

Figura 247 – Planta baixa tipo do Edifício Portal do Atlântico (1989)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 248 – Foto do Edifício Portal do Atlântico



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 249 - Planta baixa de unidade do Edifício Escuna (1982)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 250 - Foto do Edifício Escuna



Fonte: Banco de dados do gEPA.

4.2.5 Tipos de aberturas do dormitório de empregada

Na maioria dos dormitórios de empregada dos edifícios desse período, verificou-se a existência de uma única janela com abertura para o exterior (49 unidades – 69%), Figuras 251-252; seguido pelos exemplares dotados de uma janela com abertura para o interior da área de serviço ou para um hall interno (9 unidades – 12,7%), Figuras 253-254; casos sem nenhuma janela (7 unidades – 9,9 %); situação mista (5 unidades – 7,0 %) e dependências com duas janelas (1 unidade – 1,4%), Figura 255.

Figura 251 - Planta baixa de unidade do Edifício Jamaica (1982) e detalhe do dormitório de empregada



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 252 - Foto do Edifício Jamaica



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 253 - Foto do Edifício Passargada



Fonte: Banco de dados do gEPA

Figura 254 - Planta baixa tipo do Edifício Passargada (1985)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 255 - Planta baixa de unidade do Edifício Salmar (1987) e detalhe do dormitório de empregada



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

4.2.6 Disposição e dimensionamento do banheiro de serviço

A maioria dos edifícios produzidos nos anos 1980 apresentou banheiro de serviço nos seus apartamentos (99 unidades — 94,3% da produção total de 105 edifícios). Considerando apenas a produção de edifícios de apartamentos com dormitório reversível, verificou-se que todos os exemplares contaram com banheiro de serviço, sendo na maioria dos casos este ambiente disposto fora do dormitório reversível e dentro da área de serviço (17 unidades – 60,7% do total de 28 edifícios), seguido pelos casos no formato de suíte (9 unidades – 32,1%) e de situação mista (2 unidades – 7,1%). Este resultado revela a intenção do mercado em manter em parte considerável dessa categoria de edifícios, esse banheiro associado à função de serviço (Figuras 256-257).

Em relação aos edifícios de apartamentos sem dependência de empregada e sem dormitório reversível, apenas um exemplar contou com o banheiro de serviço, o Edifício Fabiano I, também único edifício desse grupo composto por mais de um dormitório (Figura 258).

Todos os edifícios cujos apartamentos que apresentaram dormitório de empregada (71 unidades) contaram com o banheiro de serviço (Gráfico 6), sendo verificada exceção apenas em uma das três unidades de apartamentos do Edifício Escuna (1982) (Figura 259), configurando situação mista. Na maior parte dos exemplares, o banheiro de serviço foi disposto dentro do dormitório de empregada conformando uma suíte (27 unidades – 38%), seguido pela alocação justaposta a mesma (22 unidades – 31%), de forma mista (16 unidades – 22,5%) e distante (6 unidades – 8,5%).

Figura 256 - Planta baixa de unidade do Edifício Caiçara (1984)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019.
Sem escala..

Figura 257 - Foto do Edifício Caiçara



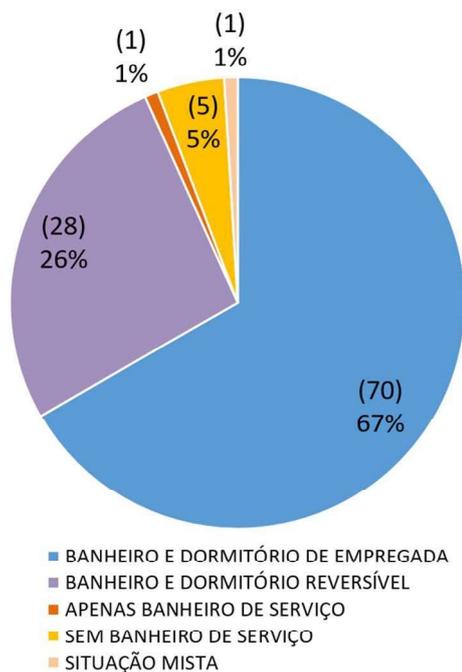
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 258 - Planta baixa de unidade do Edifício Fabiano I (1983)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019.
Sem escala.

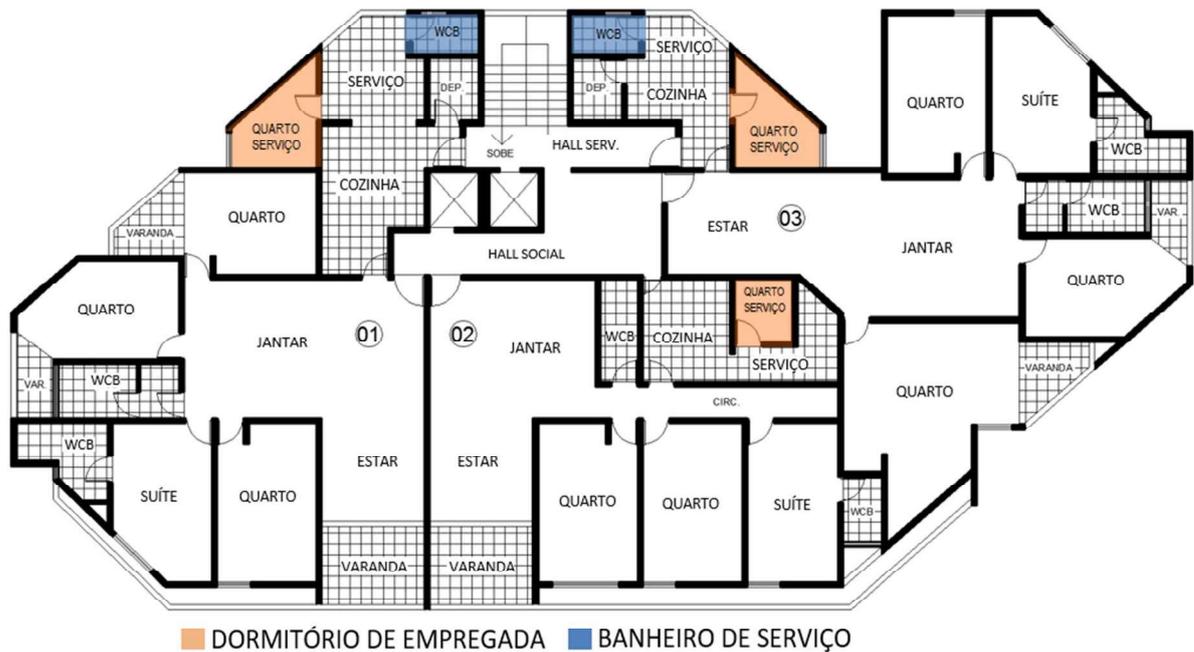
Gráfico 6 – Edifícios verticais multifamiliares em relação ao banheiro de serviço durante a década de 1980



Fonte: Autora, 2019.

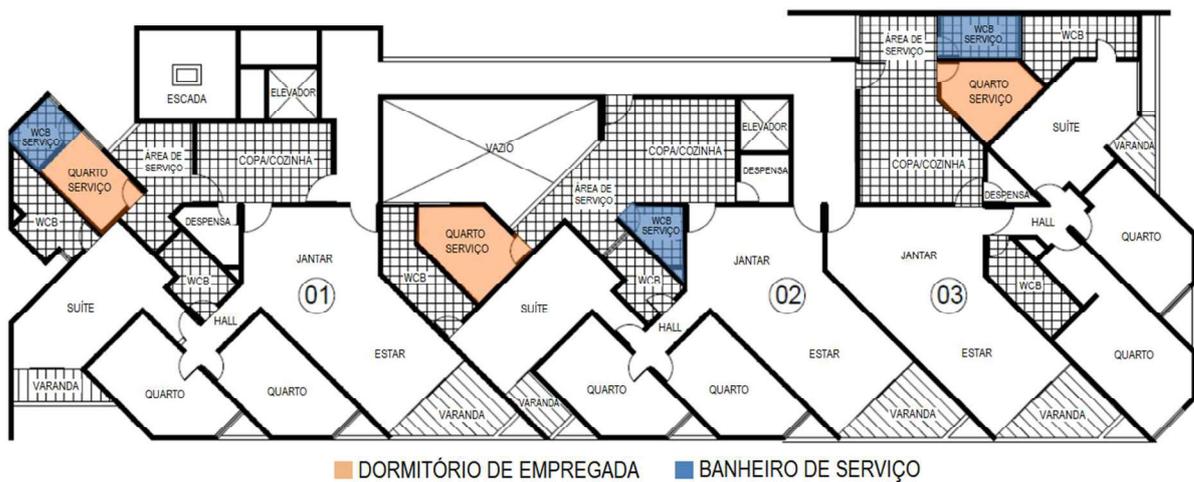
Observou-se nos apartamentos do Edifício Arunachala (1988) a ocorrência de situação mista em relação à posição do banheiro de serviço, sendo este alocado de três formas diferentes (suíte, justaposto e distante) em relação ao dormitório de serviço (Figuras 260-261). Apenas 2 unidades (2,8%) dos banheiros de serviço dos edifícios desse período apresentaram dimensões inferiores ao padrão de 2 m². O banheiro de serviço de maior área do período, contou com 4,2 m² e foi observado nas unidades do Edifício Igara (Figura 262).

Figura 259 - Planta baixa tipo do Edifício Escuna (1982)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 260 - Planta baixa tipo do Edifício Arunachala (1988)



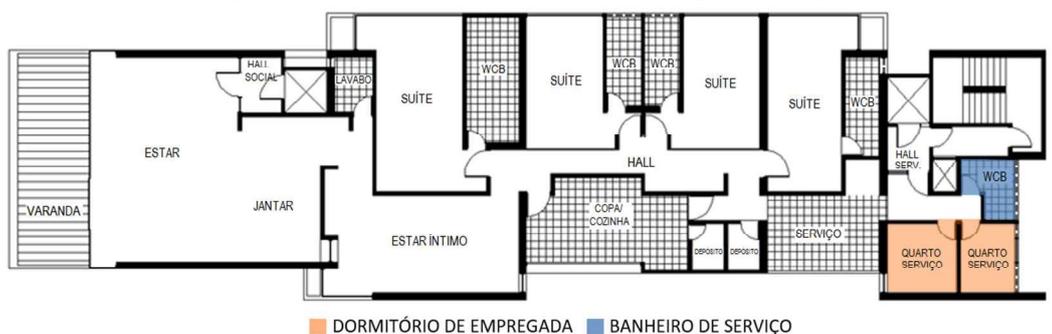
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 261 – Foto do Edifício Arunachala



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 262 - Planta baixa tipo do Edifício Igara (1987)



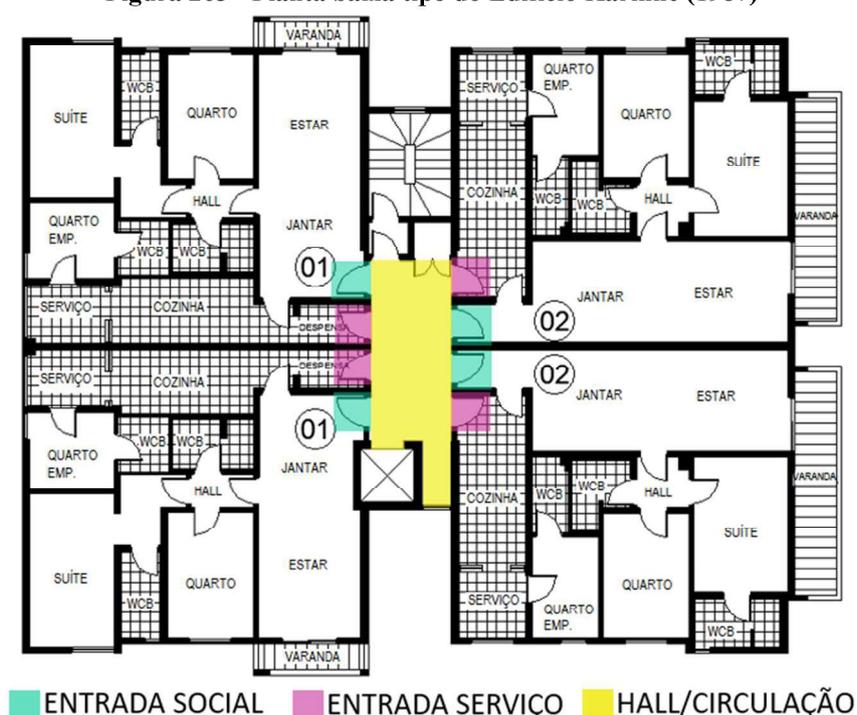
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

4.2.7 Acessos às unidades dos apartamentos – entradas, corredores e elevadores

No que se refere aos acessos aos apartamentos dotados de dependência de empregada desse período, a maioria desses edifícios apresentou porta social e de serviço dispostas lado a lado (39 unidades – 55%), Figuras 263-264; seguido pelos edifícios de apartamentos com portas separadas, porém acessadas pelo mesmo hall de circulação (15 unidades – 21,1%), Figuras 265-266; portas em halls independentes e totalmente separadas (10 unidades – 14,1%), Figuras 267-268; situação mista (4 unidades – 5,6%) e contando apenas com a porta social (3 unidades – 4,2%), Figuras 269-270.

Os edifícios de apartamentos com portas social e serviço separadas em halls independentes apresentavam na maioria dos casos padrão construtivo médio alto (4 unidades) e alto (4 unidades), sendo os dois casos restantes dotados de padrão luxo (1 unidade) e médio (1 unidade).

Figura 263 - Planta baixa tipo do Edifício Karinne (1987)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 264 – Foto do Edifício Karinne



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 265 - Planta baixa tipo do Edifício Paris (1986)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 266 – Foto do Edifício Paris



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 267 - Planta baixa tipo do Edifício Tarumã (1985)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 268 - Foto do Edifício Tarumã



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 269 - Planta baixa tipo do Edifício Ofir (1980)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 270 – Foto do Edifício Ofir



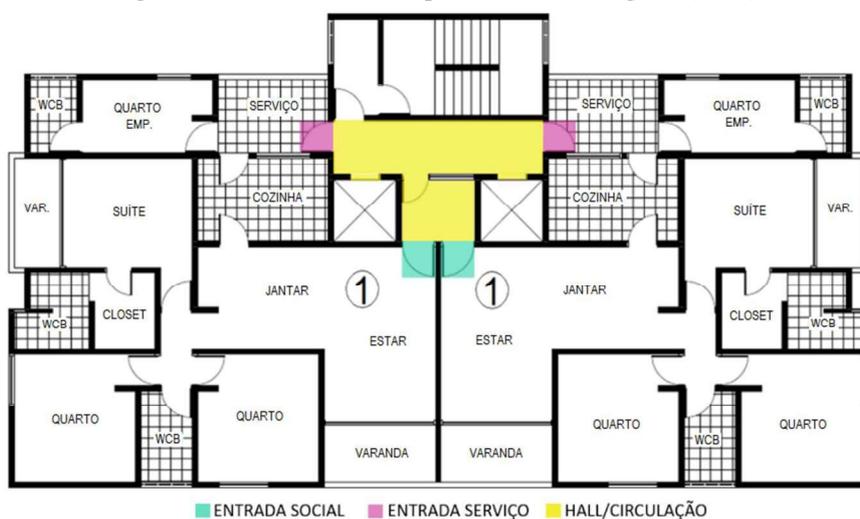
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Em relação aos elevadores, observou-se que dentro do grupo de edifícios cujos apartamentos apresentavam dependência de empregada, a maioria dos exemplares contava com elevador social e de serviço posicionados próximos (lado a lado ou em frente) no mesmo hall (31 unidades - 43,7%), seguido pelos edifícios com elevadores alocados em halls distintos, porém interligados (17 unidades – 23,9%); exemplares contendo apenas um elevador (14 unidades -19,7%) e edifícios com elevadores totalmente separados em halls independentes (9 unidades – 12,7%).

Os edifícios dotados de elevadores separados em halls independentes apresentam na maior parte dos casos, padrão construtivo alto (4 unidades), sendo os demais de padrão médio alto (3 unidades), médio (1 unidade) e luxo (1 unidade).

Merece destaque o caso do Edifício Angicos (1987), cujos elevadores (social e serviço) estão alocados em um hall que dá acesso direto às portas de serviço dos apartamentos e à escada, sendo as portas sociais dispostas em um outro hall separado por porta (Figuras 271-272).

Figura 271 - Planta baixa tipo do Edifício Angicos (1987)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 272 – Foto do Edifício Angicos



Fonte: Banco de dados do gEPA.

4.3 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO 4

Em síntese, pode-se afirmar que, ao longo das décadas de 1960 e 1970, a maioria dos edifícios verticais multifamiliares altos construídos em Maceió, apresentou padrão construtivo médio, o que indica que a classe média era o principal público a quem se destinava essa produção. Todos os edifícios construídos nesse período apresentaram dormitório de empregada no programa de necessidades, sendo predominante a tipologia de 3 dormitórios

Na maior parte dos casos o dormitório de empregada foi alocado no setor de serviço e com acesso obrigatório pela área de serviço, a qual em geral, encontrava-se separada da cozinha por parede e porta, promovendo conseqüentemente um maior isolamento ao dormitório dentro do setor. Ademais, esse ambiente foi, em geral, disposto sem flexibilidade para abertura de acessos diretos aos setores social e íntimo da residência; dotado de área inferior ao padrão mínimo de 6 m²; contendo janela aberta para o exterior; acompanhado de banheiro de serviço situado ao seu lado e com área dentro do padrão de 2 m². Apenas um edifício de apartamentos com dormitório de empregada não apresentou banheiro de serviço.

A maioria desses edifícios apresentou apartamentos com porta social e de serviço dispostas em halls distintos totalmente separados, assim como elevadores com distinção de uso, também alocados em halls desconexos, o que revela a importância dada a segregação de circulações nos exemplares ofertados neste período inicial de verticalização residencial da capital alagoana.

A partir da década de 1980, observou-se maior variação de tipologias de edifícios multifamiliares altos em Maceió. Embora a dependência de empregada tenha continuado presente nos programas de necessidades da maior parte dos exemplares construídos, já foi possível observar entre os anos de 1980 e 1989, a construção de uma quantidade significativa de edifícios com dormitório reversível. Por outro lado, a parcela de edifícios de apartamentos destituídos de qualquer tipo de dormitório previsto para o alojamento de empregada doméstica ainda foi mínima dentro da produção deste período.

Na maior parte dos casos, o dormitório de empregada foi empregado em apartamentos com tipologia de 3 dormitórios em edifícios de padrão construtivo médio alto. Observou-se um aumento do padrão construtivo de edifícios contendo esse ambiente em relação às décadas anteriores (que apresentaram maioria de padrão médio). Durante esse período foram lançados

os primeiros empreendimentos de padrão construtivo luxo, e os primeiros apartamentos dotados de duas dependências de empregada.

Em geral, o dormitório de empregada continuou a ser mantido no setor de serviço, com acesso realizado obrigatoriamente pela área de serviço (a qual se encontrava, na maioria das vezes, separada da cozinha por parede e porta); e disposto sem flexibilidade de abertura para outros setores da residência. Além disso, esse ambiente apresentou, em geral, dimensões dentro do padrão de 6 m²; janela externa; e banheiro de serviço (configurando dependência completa), sendo este posicionado, na maior parte dos casos, como suíte e com áreas dentro do padrão de 2 m². Todos os edifícios da época, cujo programa contava com dormitório de empregada, apresentaram também banheiro de serviço.

A configuração de suíte apresenta-se vantajosa na medida em que promove maior privacidade à empregada doméstica em relação à família contratante; porém, pode promover o efeito inverso em situações nas quais outros prestadores de serviços eventuais (encanadores, eletricitas, entre outros) necessitem fazer uso do banheiro de serviço, uma vez que o acesso a esse ambiente exige a passagem pelo interior do dormitório, o que pode gerar incômodo, sobretudo, à empregada que reside no trabalho.

A maioria dos edifícios desse período apresentou apartamentos dotados de porta social e de serviço dispostas lado a lado, assim como elevadores diferenciados pelo uso social e de serviço também posicionados próximos e no mesmo hall. Diferente das décadas anteriores, nas quais a separação total de circulações verticais em halls distintos assumiu uma massiva preferência nas escolhas de solução de projeto, nos exemplares da década de 1980, esta modalidade ocupou a última posição. Verificou-se também uma redução da quantidade, em termos proporcionais, de edifícios dotados de apenas um elevador.

CAPÍTULO 5 - A DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NA DÉCADA DE 1990 EM EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS EM MACEIÓ

Este capítulo analisa as dependências de empregadas e os acessos de edifícios altos de apartamentos produzidos durante a década de 1990 na cidade de Maceió. Ao longo do estudo, são caracterizadas a disposição, acesso, flexibilidade, dimensionamento e tipos de aberturas dos dormitórios de empregadas; a disposição e dimensionamento do banheiro de serviço; e as tipologias e padrões construtivos dos edifícios cujos apartamentos contam com esses ambientes. Além disso, são caracterizadas as circulações (corredores, escadas e elevadores) e as entradas dos apartamentos com base no uso social e de serviço.

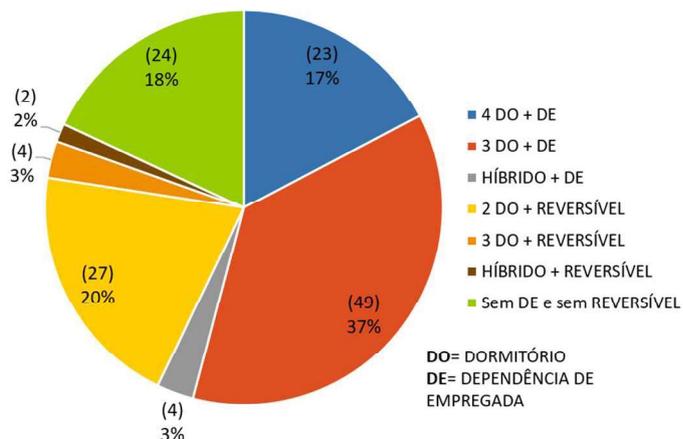
5.1 A DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA NOS APARTAMENTOS DA DÉCADA DE 1990

5.1.1 Tipologias dos apartamentos

Na década de 1990, a produção de 133 unidades de edifícios de apartamentos foi marcada por uma redução no número de tipologias, não sendo construídos edifícios de apartamentos com tipologia de um dormitório, dois dormitórios e de cinco dormitórios acompanhados de dependência de empregada.

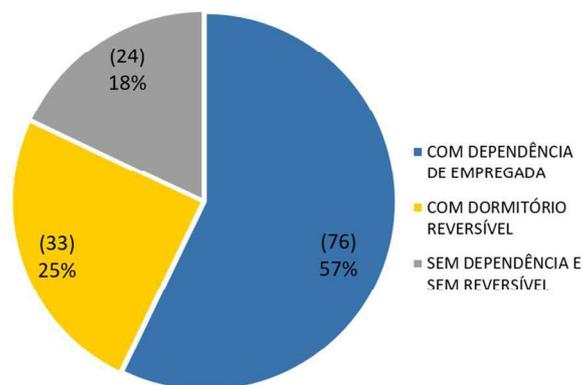
Por outro lado, observou-se um aumento substancial do número de edifícios de apartamentos sem dependência de empregada e sem dormitório reversível em relação à década anterior. Essa categoria de edifícios apresentou 24 unidades (18% do total, Gráficos 7 e 8), distribuídas nas tipologias de 1 dormitório (4 unidades), 2 dormitórios (9 unidades) (Figuras 273-274), 3 dormitórios (6 unidades) (Figuras 275-276), e híbrida (5 unidades).

Gráfico 7 - Tipologias de edifícios verticais multifamiliares construídos em Maceió de 1990 a 1999



Fonte: Autora, 2019.

Gráfico 8 - Edifícios verticais multifamiliares construídos em Maceió de 1990 a 1999



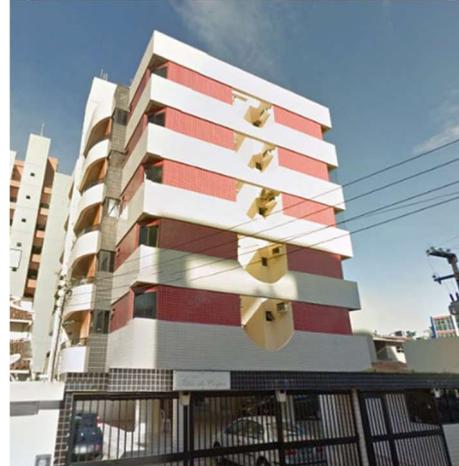
Fonte: Autora, 2019.

Figura 273 - Planta baixa de unidade do Edifício Ilha de Capri (1999)



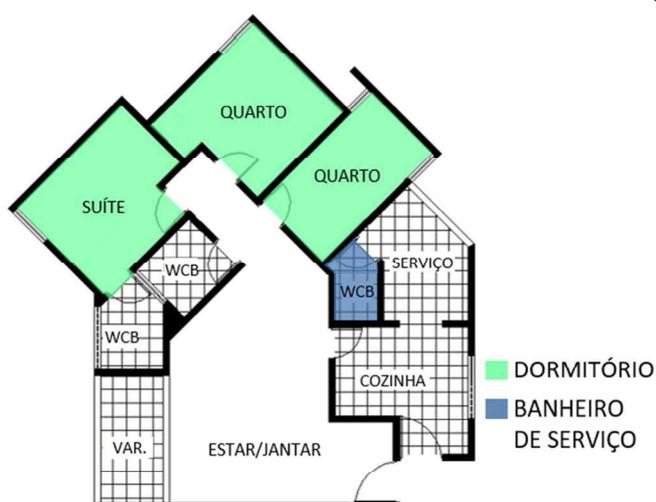
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 274: Foto do Edifício Ilha de Capri



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 275 - Planta baixa de unidade do Edifício Piazza Verdi (1991)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 276 – Foto do Edifício Piazza Verdi



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Em relação aos edifícios de apartamentos dotados de dormitório reversível (Figuras 277-280), pode-se afirmar que estes mantiveram um quantitativo bastante expressivo (33 unidades – 25% do total), sendo a tipologia de dois dormitórios com reversível a segunda

mais construída dentro do total de edifícios construídos na década de 1990 (27 unidades – 20% do total).

Figura 277 - Planta baixa de unidade do Edifício Riaño (1999)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 279 - Planta baixa de unidade do Edifício Mediterrâneo (1992)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 278 – Foto do Edifício Riaño



Fonte: Banco de dados do gEPA.

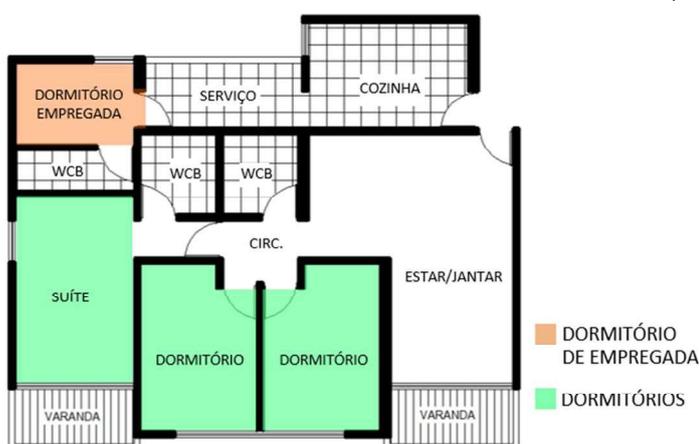
Figura 280 - Foto do Edifício Mediterrâneo



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Embora estas duas categorias tenham apresentado quantidades significativas, os edifícios de apartamentos com dependência de empregada continuaram a predominar sobre a produção total desse período (76 unidades – 57%, Gráfico 8), sendo a tipologia de 3 dormitórios a de maior ocorrência (49 unidades – 37%, Gráfico 7) (Figuras 281-284).

Figura 281 - Planta baixa de unidade do Edifício Green Stars (1990)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 282 – Foto do Edifício Green Stars



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 289 - Planta baixa de unidade do Edifício Portal da Pajuçara (1992)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 290 – Foto do Edifício Portal da Pajuçara



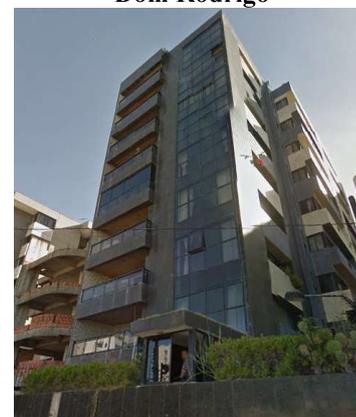
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 291 - Planta baixa de unidade do Edifício Dom Rodrigo (1995)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 292 – Foto do Edifício Dom Rodrigo



Fonte: Banco de dados do gEPA.

5.1.2 Padrão construtivo dos edifícios de apartamentos

A maioria dos edifícios de apartamentos verticais produzidos durante os anos 1990 apresentou padrão construtivo médio alto (75 unidades – 56,4% do total de 133 edifícios). Com relação ao grupo de edifícios de apartamentos sem dependência de empregada e sem dormitório reversível, observou-se que a maior parte apresentou padrão construtivo médio alto (16 unidades – 66,7% do total de 24 unidades desta categoria), sendo o restante distribuído nos padrões médio (7 unidades – 29,1%) e alto (1 unidade – 4,2%).

Situação semelhante foi verificada nos edifícios de apartamentos com dormitório reversível, sendo a maioria também composta pelo padrão médio alto (26 unidades – 78,8% do total de 33 unidades), e os demais edifícios de padrão médio (5 unidades – 15,2%) e alto (2 unidades – 6,0%).

Analisando apenas o grupo de edifícios com dependência de empregada, verificou-se que a maior parte apresentou padrão construtivo alto (35 unidades – 46%), seguido pelos exemplares de padrão médio alto (33 unidades – 44%), conforme Gráfico 9. Durante essa década foi lançado o padrão construtivo “médio baixo”, presente apenas no Edifício Eliseu Teixeira (1998) (Figuras 293-294). Três exemplares apresentaram o padrão luxo (Figuras 295-300). Ademais, observou-se que todos os quatro edifícios de apartamentos compostos por 2 dependências de empregada apresentavam padrão construtivo alto.

Gráfico 9 - Padrão construtivo dos Edifícios com dormitórios de empregada produzidos durante a década de 1990

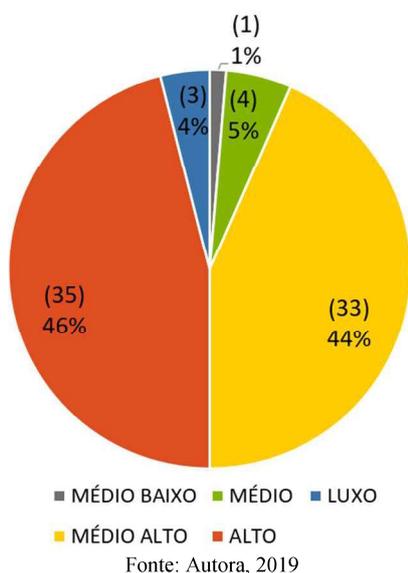


Figura 293 - Planta baixa de unidade do Edifício Eliseu Teixeira (1998)



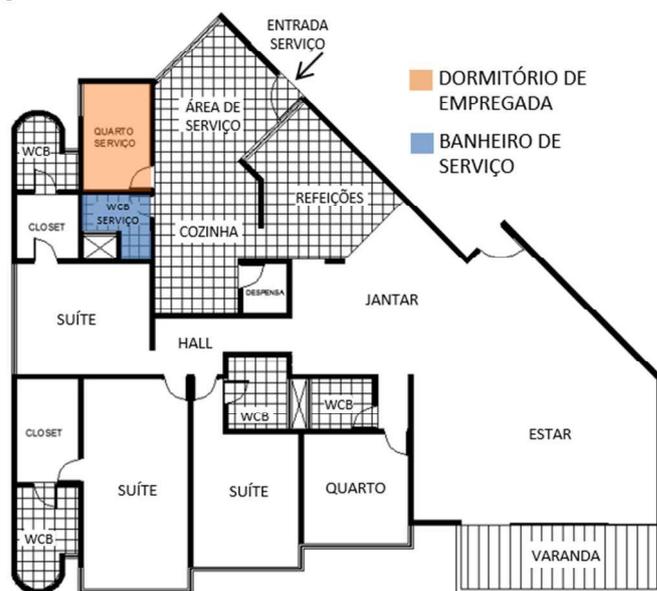
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 294 – Foto do Edifício Eliseu Teixeira



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 295 - Planta baixa de unidade do Edifício Bétula (1990)



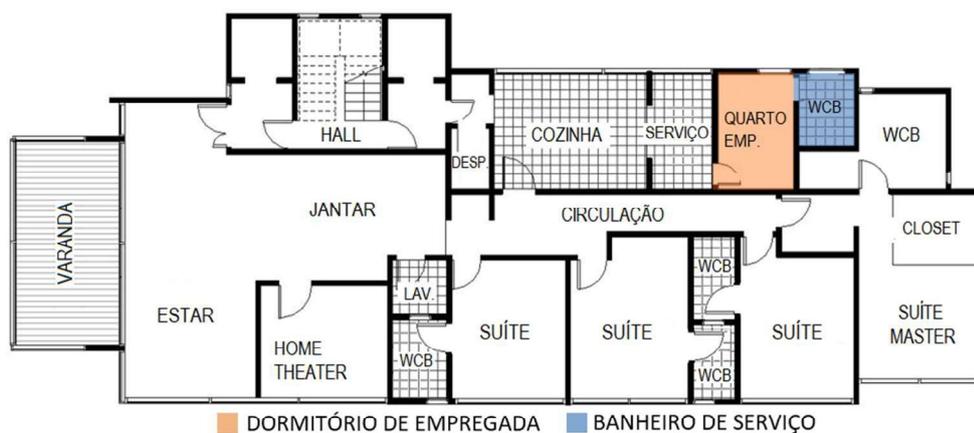
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 296 - Foto do Edifício Bétula



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 297 - Planta baixa de unidade do Edifício Enseada dos Corais (1999)



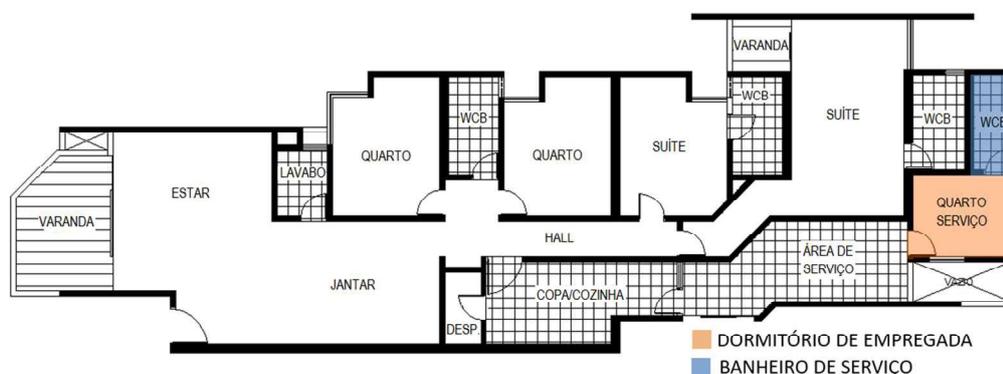
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 298 – Foto do Edifício Enseada dos Corais



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 299 - Planta baixa de unidade do Edifício Granada (1991)



Fonte: Adaptado do banco de dados do gEPA. Sem escala.

Figura 300 - Foto do Edifício Granada

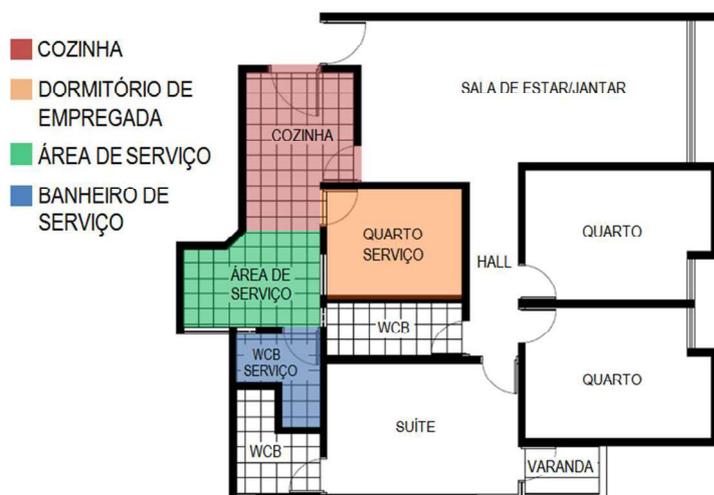


Fonte: Banco de dados do gEPA.

5.1.3 Disposição, acesso e flexibilidade do dormitório de empregada

Em relação ao posicionamento do dormitório de empregada nas plantas dos apartamentos, esse foi mantido dentro do setor de serviço, junto à área de serviço e com acesso realizado através de passagem obrigatória por este ambiente em quase todos os casos, sendo a única exceção verificada no Edifício Manoel Telles (1996), cujo acesso a esse ambiente era realizado através de passagem pela cozinha (Figuras 301-302). No Edifício Portal da Pajuçara (1992), os dois dormitórios de empregada foram alocados próximos à área de serviço, porém, separados da mesma por um hall com porta (Figuras 303-304).

Figura 301 - Planta baixa de unidade do Edifício Manoel Telles (1996)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 302 – Foto do Edifício Manoel Telles



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 303 - Planta de unidade do Edifício Portal de Pajuçara (1992)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 304 - Foto do Edifício Portal de Pajuçara



Fonte: Banco de dados do gEPA.

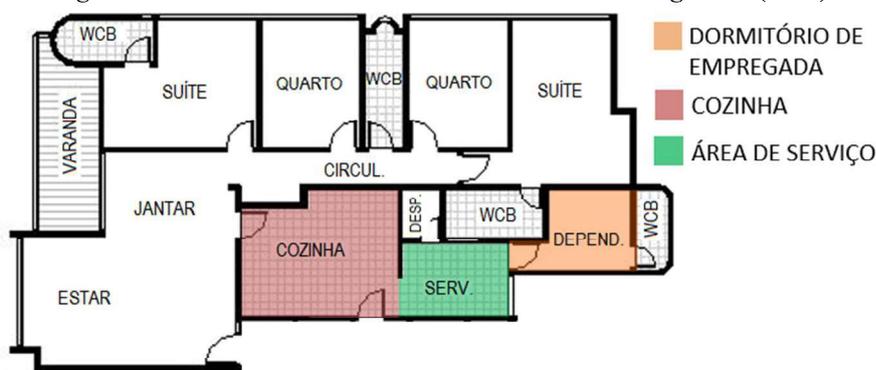
A área de serviço dos apartamentos dessa década foi disposta na maior parte dos casos de forma contínua à cozinha (34 unidades – 44,7% dos 76 edifícios), Figuras 305-306; seguida pela separação por meia parede (23 unidades – 30,3%), Figuras 307-308; situação mista (13 unidades – 17,1%) e separada da cozinha por parede com porta (6 unidades – 7,9%), Figuras 309-310. Considerando a intensa associação do dormitório de empregada à área de serviço, é possível afirmar que o dormitório de empregada apresentou na maior parte dos casos desse período posição de maior integração em relação aos demais ambientes componentes do setor de serviço.

Figura 305 - Planta baixa de unidade do Edifício Hélio Vasconcelos (1998)

Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 306 – Foto do Edifício Hélio Vasconcelos

Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 307 - Planta baixa de unidade do Edifício Casagrande (1994)

Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 308 - Foto do Edifício Casagrande

Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 309 - Planta baixa de unidade do Edifício Granada (1991)

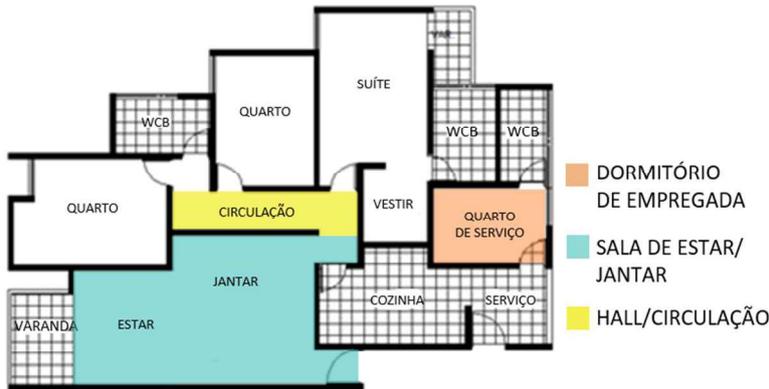
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 310 – Foto do Edifício Granada

Fonte: Banco de dados do gEPA.

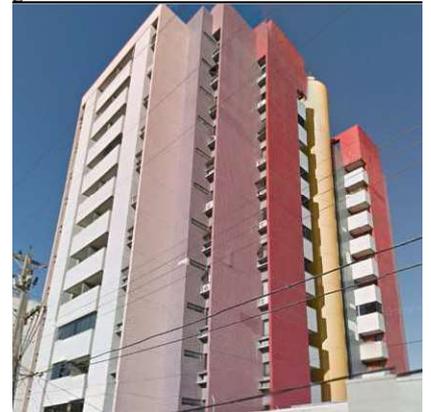
Ademais, a maior parte dos exemplares analisados não apresentou planta com nível de flexibilidade que possibilitasse a abertura de um acesso direto do dormitório de empregada para os ambientes do setor íntimo ou do setor social (55 unidades – 72,4%), Figuras 311-312; seguido pelos edifícios com plantas baixas mistas (09 unidades – 11,8%), Figuras 313-314; com possibilidade de abertura desta para o setor íntimo (7 unidades – 9,2%), Figura 315; e com chance de abertura para ambos os setores (05 unidades – 6,6%), Figuras 316-317.

Figura 311 - Planta baixa de unidade do Edifício Panorama (1991)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 312 – Foto do Edifício Panorama



Fonte: Banco de dados do gEPA

Figura 313 - Planta baixa tipo do Edifício Porchat (1990)



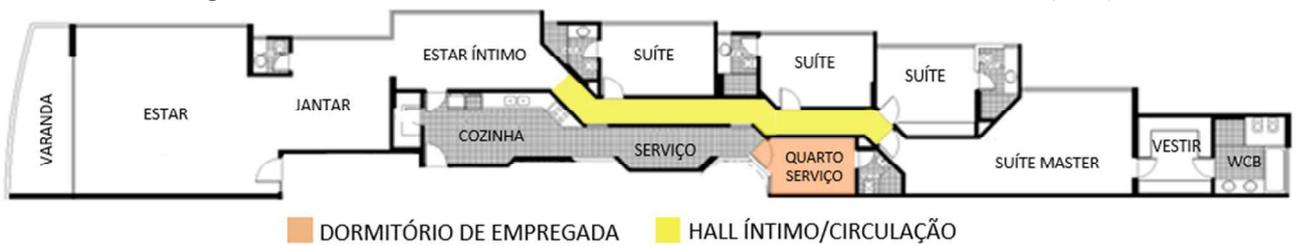
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 314 – Foto do Edifício Porchat



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 315 - Planta baixa de unidade do Edifício Varandas de Ponta Verde (1997)



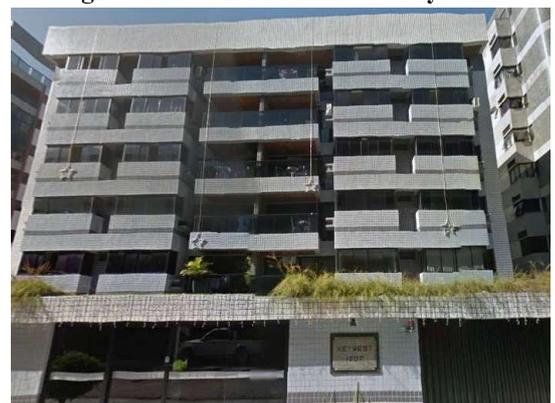
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 316 - Planta de unidade do Edifício Key West (1992)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 317 - Foto do Edifício Key West



Fonte: Banco de dados do gEPA.

5.1.4 Dimensionamento do dormitório de empregada

Sobre o dimensionamento dos dormitórios de empregada dos edifícios da década de 1990, verificou-se que a maioria apresentou áreas dentro do padrão mínimo de 6 m² (65 unidades – 85,5% dos 76 edifícios), sendo o maior resultado encontrado nos apartamentos do Edifício Dom Salvador Melendez (1992), cujo dormitório de empregada apresenta 7,9 m² (Figuras 318-319). Por outro lado, verificou-se nas unidades do Edifício Silvia Cavalcante (1997), o dormitório de empregada com menor área desse período (4,2 m²) (Figuras 320-321).

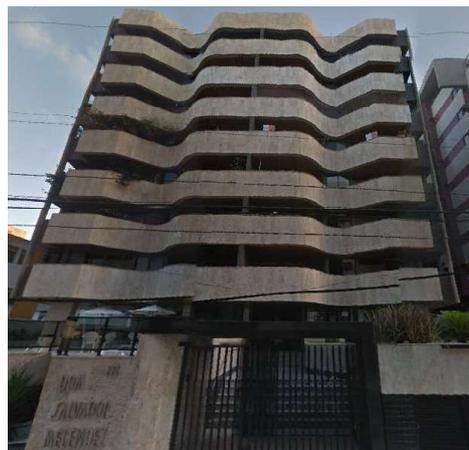
Dentre os edifícios cujas dependências de empregada contavam com dimensões inferiores ao padrão mínimo (11 unidades – 14,5%), observou-se que a maioria apresentava padrão construtivo alto (6 unidades – 54,5%), sendo as unidades restantes distribuídas nas categorias média alta (4 unidades – 36,5%) e média (1 unidade – 9%). Ademais, a maioria destes exemplares foi observada em edifícios de apartamentos de tipologia de três dormitórios (8 unidades – 72,7%).

Figura 318 - Planta baixa de unidade do Edifício Dom Salvador Melendez (1992)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 319 - Foto do Edifício Dom Salvador Melendez



Fonte: Banco de dados do gEPA

Figura 320 - Planta baixa de unidade do Edifício Silvia Cavalcante (1997)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 321 - Foto do Edifício Silvia Cavalcante



Fonte: Banco de dados do gEPA.

5.1.5 Tipos de aberturas do dormitório de empregada

Na maioria dos dormitórios de empregada desses edifícios, verificou-se a existência de uma única janela com abertura para o exterior (47 unidades – 61,8%); seguido pelos exemplares de situação mista (14 unidades – 18,4%); dotados de uma janela com abertura para o interior da área de serviço ou para um hall interno (9 unidades – 11,8%; casos sem nenhuma janela (6 unidades – 7,9 %) (Figuras 322-323). A categoria de dependência com duas janelas não foi observada nos exemplares construídos nesta década. Cabe citar o caso do Edifício Ilha de Cartier (1999), cuja dependência de empregada apresentou uma única janela de dimensões bastante reduzidas (Figuras 324-325).

Figura 322 - Planta baixa de unidade do Edifício Vitre (1996)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 323 – Foto do Edifício Vitre



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 324 - Planta baixa de unidade do Edifício Ilha de Cartier (1999) com detalhe da dependência de empregada



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 325 – Foto do Edifício Ilha de Cartier



Fonte: Banco de dados do gEPA.

5.1.6 Disposição e dimensionamento do banheiro de serviço

A maioria dos edifícios de apartamentos produzidos nos anos 1990 contou com banheiro de serviço em seu programa de necessidades (119 unidades – 89,5% do total de 133 edifícios). Considerando apenas a categoria de edifícios de apartamentos destituídos de dormitório de empregada e de dormitório reversível, verificou-se que 11 unidades (45,8% do total de 24 edifícios) contaram com o banheiro de serviço, sendo 7 destes exemplares compostos pela tipologia de 2 quartos (Figuras 326-327) e 4 unidades pela tipologia de 3 quartos (Figuras 328-329).

Este quadro revela que o banheiro de serviço passou a ser considerado uma peça importante nos programas de necessidades dessa categoria de apartamentos, e cujo uso, possivelmente, seria voltado para prestadores de serviços domésticos não residentes. Vale lembrar que durante a década de 1980, apenas um único edifício de apartamentos destituído de dormitório de empregada e de dormitório reversível contou com banheiro de serviço.

Figura 326 - Planta baixa de unidade do Edifício Marvejan (1992)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 327 – Foto do Edifício Marvejan



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 328 - Planta baixa de unidade do Edifício Portal do Sol (1997)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

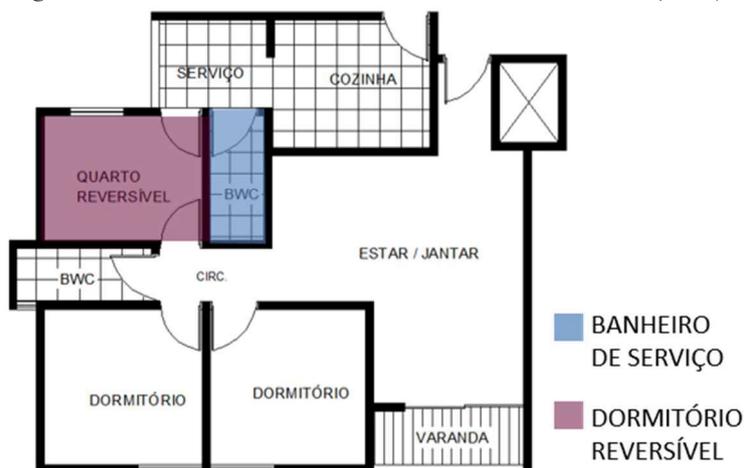
Figura 329 – Foto do Edifício Portal do Sol



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Ademais, pode-se dizer que quase todos os edifícios de apartamentos com dormitório reversível contaram com banheiro de serviço (32 unidades – 97% dos 33 edifícios), sendo este ambiente externo ao dormitório e dentro da área de serviço em 28 exemplares (87,5%) (Figuras 330-331), e nos demais casos disposto no formato de suíte (4 unidades – 12,5%).

Figura 330 - Planta baixa de unidade do Edifício Reduit (1991)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 331 – Foto do Edifício Reduit

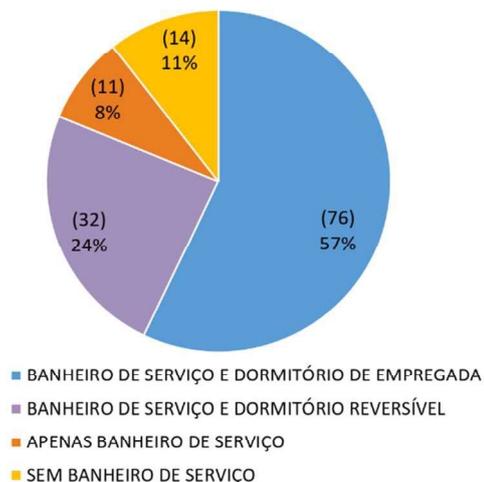


Fonte: Banco de dados do gEPA.

Todos os edifícios de apartamentos dotados de dormitório de empregada produzidos durante os anos 1990 contaram com banheiro de serviço em suas plantas, conformando dependência de empregada completa (Gráfico 10). Esse ambiente foi posicionado na maior parte dos casos como suíte do dormitório (39 unidades – 51,3% dos 76 edifícios), seguida pela disposição ao lado ou em frente da mesma (19 unidades – 25%); de forma mista (14 unidades – 18,4%) e afastado da dependência (4 unidades – 5,3%).

Apenas 4 unidades (5,3%) dos banheiros de serviço dos apartamentos com dormitório de empregada desse período apresentaram dimensões inferiores ao padrão de 2 m², sendo o banheiro de serviço de menor área encontrado no Edifício El Grego (1997), o qual contava com 1,7 m² (Figuras 332-333). O banheiro de serviço de maior área do período apresentou 3,2 m², e este foi verificado nos apartamentos dos edifícios Itangá (1993) (Figuras 334-335), Portal dos Corais (1993) (Figuras 336-337), Portal do Mar (1993) (Figuras 338-339).

Gráfico 10 - Edifícios verticais multifamiliares em relação ao banheiro de serviço nos anos 1990



Fonte: Autora, 2019

Figura 332 - Planta baixa de unidade do Edifício El Greco (1997)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 335: Planta de unidade do Edifício Itangá



Fonte: Banco de dados do gEPA. Sem escala.

Figura 333 – Foto do Edifício El Greco



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 334 - Foto do Edifício Itangá



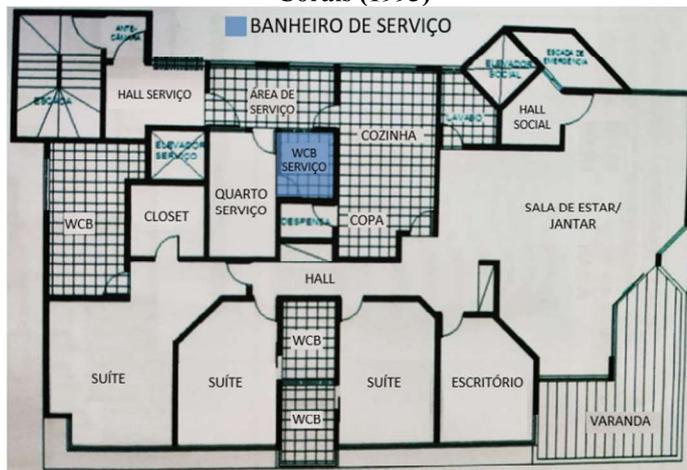
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 336 – Foto do Edifício Portal dos Corais



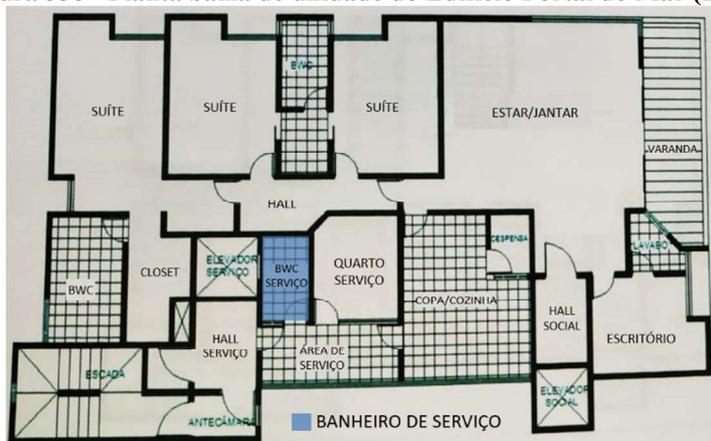
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 337 - Planta baixa de unidade do Edifício Portal dos Corais (1993)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 338 - Planta baixa de unidade do Edifício Portal do Mar (1993)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 339 – Foto do Edifício Portal do Mar



Fonte: Banco de dados do gEPA.

5.1.7 Acessos às unidades dos apartamentos - portas de entrada e elevadores

Sobre os acessos aos apartamentos dos edifícios dotados de dependências de empregada da década de 1990, a maioria dos exemplares apresentou porta social e de serviço dispostas lado a lado (43 unidades – 56,6% do total de 76 edifícios), Figuras 340-341; seguido pelos edifícios de apartamentos com portas social e serviço dispostas em halls independentes e totalmente separadas (19 unidades – 25%), Figuras 342-343; portas separadas, porém acessadas pelo mesmo hall de circulação (7 unidades – 9,2%), Figuras 344-345; edifícios com situação mista (7 unidades – 7,2%). A maioria dos exemplares de edifícios de apartamentos com portas social e serviço dispostas em halls independentes, apresentava padrão construtivo alto (11 unidades), sendo os demais de padrão médio alto (6 unidades) e de luxo (2 unidades).

Figura 340 - Planta baixa tipo do Edifício Itapema (1992)



ENTRADA SOCIAL ENTRADA SERVIÇO HALL/CIRCULAÇÃO

Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 341 – Foto do Edifício Itapema



Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 342 – Foto do Edifício Amsterdã



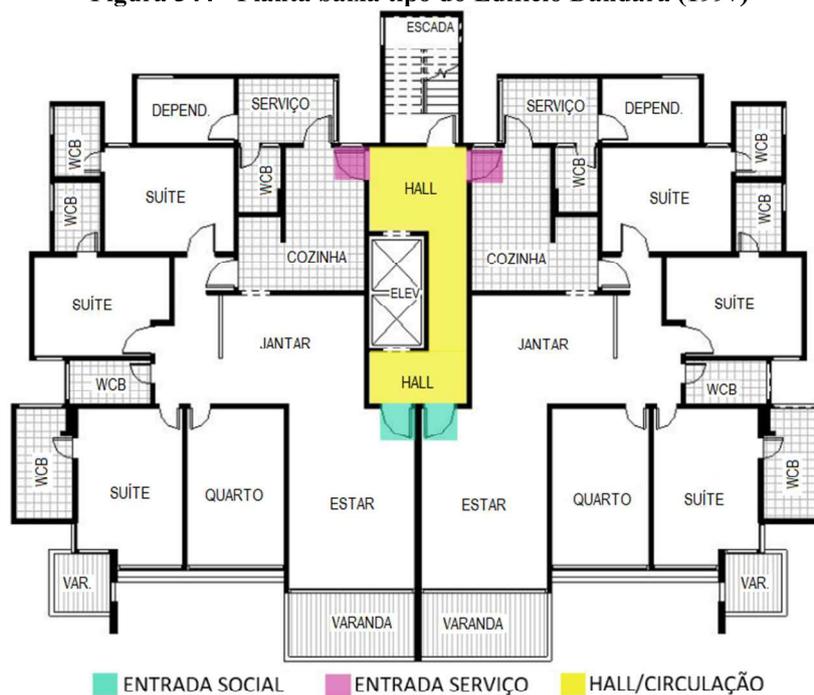
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 343 - Planta baixa tipo do Edifício Amsterdã (1991)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 344 - Planta baixa tipo do Edifício Dandara (1997)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 345 – Foto do Edifício Dandara

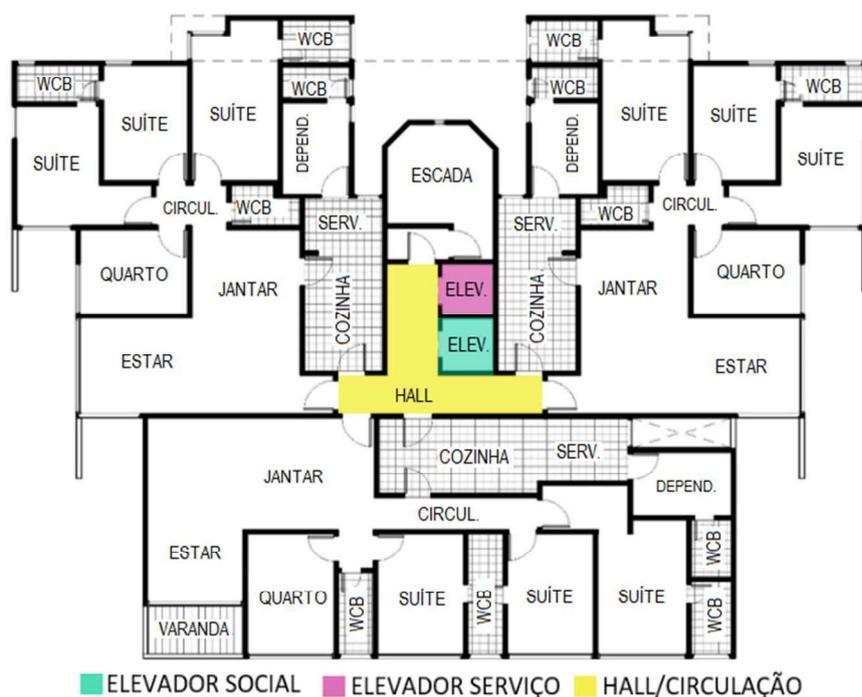


Fonte: Banco de dados do gEPA.

Cenário semelhante foi observado na análise do posicionamento dos elevadores desse grupo de edifícios, sendo que a maioria contou com elevador social e de serviço posicionados próximos (lado a lado ou em frente) no mesmo hall (41 unidades – 54% do total de 76 edifícios), Figuras 346-347; seguido pelos edifícios com elevadores dispostos totalmente separados em halls independentes (18 unidades – 23,7%), Figuras 348-349; edifícios dotados de apenas um elevador (9 unidades – 11,8%), Figuras 350-351; e edifícios com elevadores alocados em halls distintos, porém interligados (8 unidades – 10,5%), Figuras 352-353.

Cabe destacar que dentro do grupo de edifícios com elevadores dispostos em halls independentes, quatro exemplares contaram com três elevadores (dois sociais e um de serviço) (Figuras 354-355); e que a maioria destes edifícios apresentava padrão construtivo alto (11 unidades); sendo os demais distribuídos nos padrões médio alto (5 unidades) e luxo (2 unidades).

Figura 346 - Planta baixa tipo do Edifício Angai (1998)



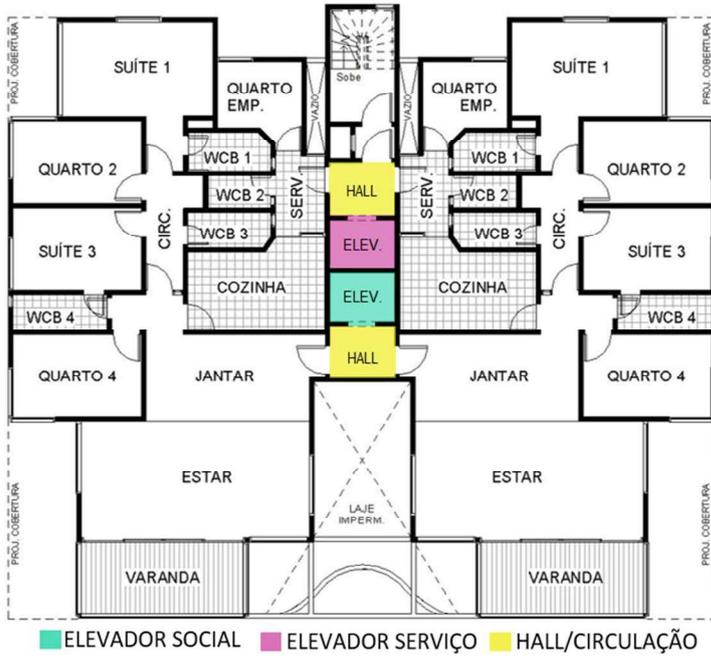
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 347 – Foto do Edifício Angai



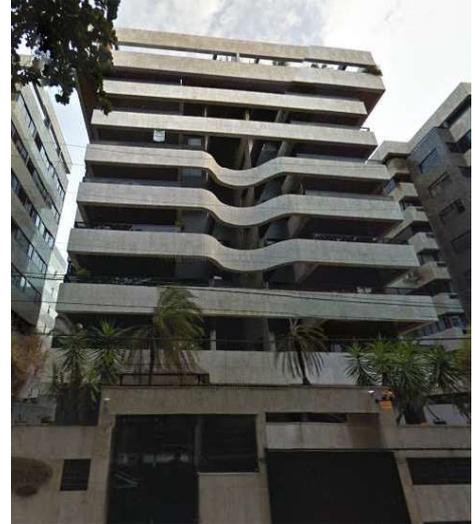
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 348 - Planta baixa tipo do Edifício Montpellier (1998)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 349 - Foto do Edifício Montpellier



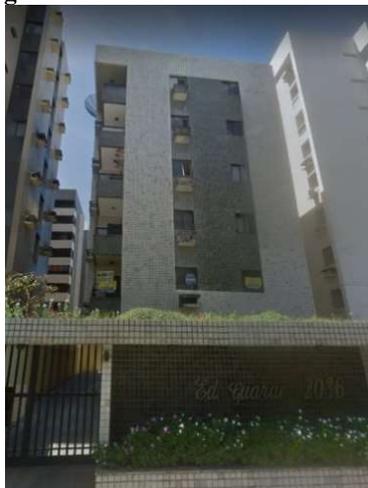
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 350 - Planta baixa tipo do Edifício Guarai (1993)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 351 - Foto do Edifício Guarai



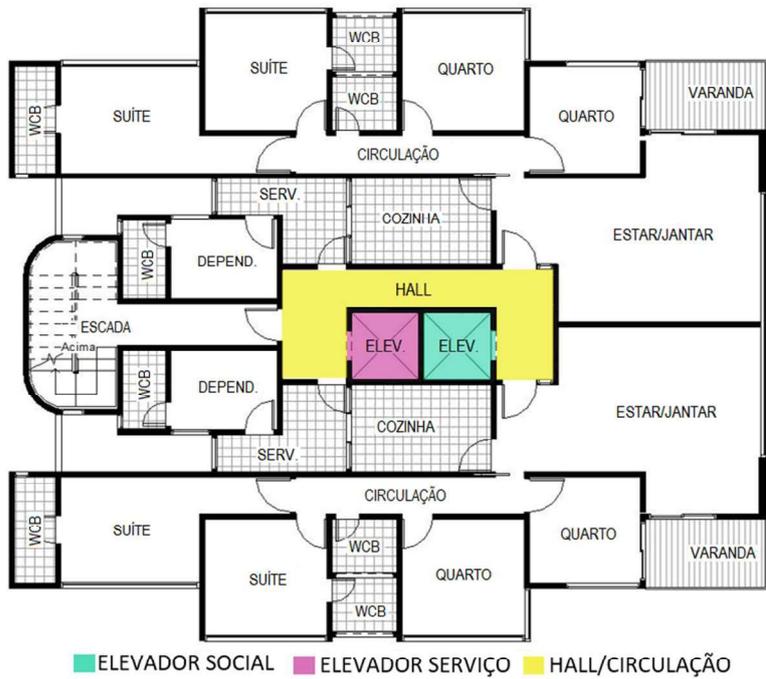
Fonte: Banco de dados do gEPA.

Figura 352 - Foto do Edifício Hermitage



Fonte: Banco de dados do gEPA

Figura 353 - Planta baixa tipo do Edifício Hermitage (1997)



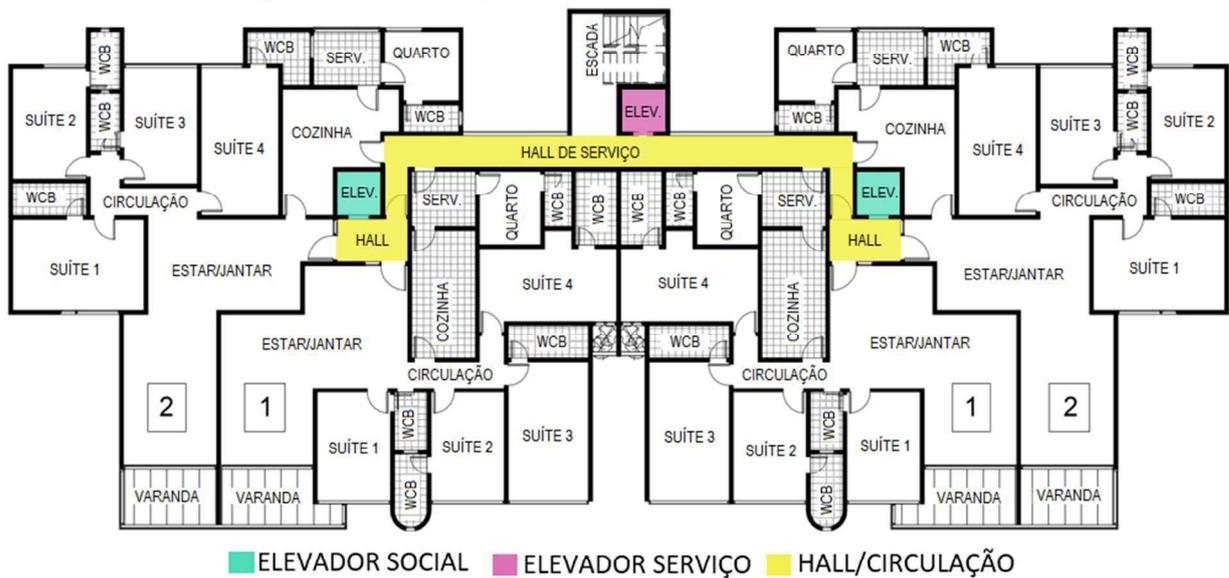
Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

Figura 354 - Foto do Edifício Mansão Henri Matisse



Fonte: Banco de dados do gEPA

Figura 355 - Planta tipo do Edifício Mansão Henri Matisse (1999)



Fonte: Banco de dados do gEPA, adaptado pela Autora, 2019. Sem escala.

5.2 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO 5

Durante a década de 1990, observou-se uma redução no número de tipologias de edifícios multifamiliares e um aumento substancial no número de edifícios de apartamentos destituídos de dependência de empregada e de dormitório reversível em relação à década anterior, que passou de 6% nos anos 1980 para 18% do total em 1990. Por outro lado, os edifícios de apartamentos dotados de dormitório reversível sofreram uma pequena redução — de 27% na década de 1980 para 25% da produção total de 1990.

Desse modo, os edifícios de apartamentos com dormitório de empregada continuaram a predominar sobre a produção total deste período, principalmente, nos apartamentos de tipologias de 3 dormitórios em edifícios de padrão construtivo alto. Observou-se nesse período um aumento do padrão construtivo dos edifícios de apartamentos com esse ambiente em relação à década anterior (que apresentou maioria de padrão médio alto), e o lançamento do padrão construtivo “médio baixo”.

Os dormitórios de empregada dos apartamentos dos anos 1990 foram, na maioria dos casos, dispostos dentro do setor de serviço; com acesso realizado obrigatoriamente pela área de serviço, a qual encontrava-se contínua à cozinha, o que tornou o dormitório de serviço mais integrado aos demais ambientes do setor, e, ao mesmo tempo, ocasionou uma menor privacidade à empregada doméstica.

Além disso, o dormitório de empregada foi, em geral, disposto sem flexibilidade de abertura para os demais setores da residência; com dimensões dentro do padrão de 6m²; dotado de janela externa; contando com banheiro de serviço (dependência completa) situado na maior parte dos casos como suíte da mesma e com áreas dentro do padrão de 2m². Todos os edifícios de apartamentos dotados de dormitório de empregada apresentaram também banheiro de serviço.

Ademais, os apartamentos desses edifícios apresentaram, na maior parte dos casos, porta social e de serviço dispostas lado a lado, assim como elevadores diferenciados pelo uso social e de serviço, também posicionados próximos e no mesmo hall. Verificou-se uma redução da quantidade, em termos proporcionais, de edifícios dotados de apenas um elevador, em relação às décadas anteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo teve como objetivo analisar as configurações espaciais das dependências de empregadas dos edifícios de apartamentos de médio e alto padrão, produzidos no período de 1964 à 1999, na cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas, Brasil. Utilizou-se como método de pesquisa a análise de projeto, e como banco de dados estudos produzidos pelo Grupo de Estudos em Projeto de Arquitetura (gEPA) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (FAU/UFAL); além de informações levantadas na plataforma digital da Secretaria Municipal de Economia (SEMEC) da Prefeitura de Maceió.

Antes de iniciar a investigação sobre os espaços de serviço produzidos em Maceió, buscou-se compreender, por meio de revisão de literatura e pesquisa documental, a trajetória histórica da dependência de empregada dos apartamentos de edifícios construídos no Brasil desde o surgimento desta modalidade habitacional no país, em 1910, até o final dos anos 1990.

A construção de espaços reservados ao uso por empregadas domésticas dentro dos projetos de edifícios foi marcada até o início dos anos 1940, por uma grande variação de soluções em termos de configuração (quartos individuais e alojamentos coletivos) e disposição — no pavimento térreo como edícula, no pavimento tipo, no pavimento de cobertura e no interior dos apartamentos — sendo identificados neste estudo pelo menos 4 tipologias principais e 6 subtipos (tipologias híbridas) adotados em edifícios de três cidades brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

Essa diversidade inicial na forma de se planejar os dormitórios de empregada estava fortemente relacionada à atuação de arquitetos estrangeiros no país durante esse período; à grande influência da arquitetura francesa, sobretudo do modelo de edifício hausmaniano, na formação de arquitetos brasileiros; aos costumes, tradições e referências do modo de morar nas residências unifamiliares (a exemplo da solução em formato de “edícula” ou da disposição do dormitório de empregada vizinho à cozinha); da persistência de alguns entendimentos

culturais, como exemplo a associação dos últimos andares dos edifícios à ocupação pelos mais pobres, apesar do acesso aos mesmos já não representar um problema (em razão da existência de elevadores); e do caráter ensaístico que marcou a produção, o qual visava atrair maior aceitação do público ao morar em apartamentos.

Porém, todas essas soluções guardam como ponto comum o desejo de promover o distanciamento entre os integrantes das famílias moradoras das unidades de apartamentos e suas empregadas domésticas, seja de maneira mais radical, por meio da externalização e separação de forma vertical (disposição no térreo ou no último andar) ou horizontal (no pavimento tipo) dos alojamentos coletivos dessas; ou pelo isolamento espacial de dependências individuais inseridas dentro dos apartamentos, cujos espaços eram funcionalmente estanques, hierarquizados e distribuídos conforme uma rígida setorização em áreas sociais, íntimas e de serviço. Essa separação de classes também encontrou um meio de se manifestar materialmente nos elementos de acessibilidade dos edifícios, com a inserção de entradas, corredores e elevadores diferenciados pelos usos social e serviço, e dispostos, em muitos casos, de maneira totalmente desconexa.

Na segunda parte dessa trajetória, verificou-se como os espaços direcionados ao alojamento de empregadas domésticas passaram a ser resumidos a uma configuração única, reproduzida em empreendimentos de todos os padrões construtivos e em diferentes regiões do país, que se tornou uma verdadeira “tradição” na forma de se pensar esses espaços, e que se baseava na inserção do dormitório e do banheiro de empregada no interior do setor de serviço dos apartamentos, com acesso pela área de serviço. Ao mesmo tempo, esses cômodos de empregadas passaram por um processo de diminuição progressiva, que resultou numa naturalização e associação, ao longo do tempo, desses espaços a áreas reduzidas, e que ajudou a consolidar o diminutivo “quartinho” como atributo de identificação.

Na cidade de Maceió, o processo de verticalização do uso residencial foi iniciado tardiamente em comparação com grandes metrópoles brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, o que certamente influenciou na reprodução desse “modelo” de dependência de empregada já consolidado no mercado imobiliário nacionalmente, nos novos edifícios de apartamentos que surgiram na capital alagoana no início dos anos 1960.

Baseado na análise das 268 plantas de projetos de edifícios verticais multifamiliares altos (com mais de 4 pavimentos e elevador) produzidos da década de 1960 à década de 1990

em Maceió, percebeu-se que os dormitórios e banheiros de empregada foram elementos considerados indispensáveis nos edifícios das décadas de 1960 e 1970, e presentes na maioria dos exemplares lançados nas décadas seguintes, principalmente, nas tipologias de apartamentos de 3 e de 4 dormitórios.

Um dos fatores que contribuiu para a produção e manutenção da dependência de empregada (dormitório e banheiro) na maior parte dos projetos de apartamentos ofertados pelo setor imobiliário desse período foi a existência prévia de uma cultura de contratação de empregadas domésticas pelas famílias de renda média e alta de Maceió, sendo grande parte desta mão de obra composta por mulheres pobres do interior que pernoitavam no serviço. A ampla oferta de mão de obra doméstica associada à inexistência, durante muito tempo, de leis de âmbito nacional que regulamentassem a prestação deste serviço, fortaleceram essa cultura (LOPEZ, 2018).

Por meio da análise dos projetos de edifícios de cada década, verificou-se um aumento progressivo no padrão construtivo de edifícios cujos apartamentos contavam com dependências de empregada. Nas décadas de 1960 e 1970, o padrão construtivo predominante foi o “médio”; nos anos 1980 o padrão majoritário foi o “médio alto”; e nos anos 1990 a maior parte desses edifícios apresentou padrão “alto” — resultado que indica uma associação cada vez maior da dependência de empregada a edifícios de padrão mais alto, direcionados a uma população mais abastada.

Sobre as características de projeto adotadas majoritariamente nos dormitórios de empregada produzidos em cada uma dessas décadas, observou-se que este ambiente sofreu poucas variações, sendo alocado sempre no interior do setor de serviço das unidades de apartamentos, próximo à área de serviço ou à cozinha, e quase sempre sem flexibilidade de acesso aos ambientes dos setores sociais e íntimos da habitação — características que compõem praticamente um “padrão” na forma de configurar este ambiente nos apartamentos.

Verificou-se uma mudança importante em relação ao dimensionamento do dormitório de empregada, que nas décadas de 1960 e 1970 apresentou na maior parte dos casos áreas menores que 6 m², aspecto alterado na década seguinte, possivelmente por influência da previsão legal da medida mínima de 6 m² no código de edificações da cidade, lançado no ano de 1985.

Outra mudança diz respeito à posição do dormitório de empregada em relação aos demais ambientes do setor de serviço, avaliada a partir da verificação da conexão existente entre à área de serviço (já que quase sempre o dormitório de empregada encontrava-se diretamente ligado a esse ambiente) e à cozinha. Durante as décadas de 1960, 1970 e 1980, a área de serviço da maioria dos apartamentos foi alocada nos “fundos” da cozinha e separada desta por parede com porta, o que indicava que o dormitório de empregada apresentava maior posição de isolamento também dentro do setor de serviço. No entanto, na maior parte dos exemplares construídos ao longo da década de 1990, a área de serviço foi disposta de forma contínua à cozinha, o que se refletiu numa maior integração do dormitório de serviço aos demais ambientes deste setor. Tal mudança estava possivelmente relacionada ao fortalecimento da tendência nacional de redução das áreas dos ambientes dos apartamentos.

O banheiro de serviço sofreu variações apenas no seu posicionamento em relação ao dormitório de empregada, sendo na maioria dos edifícios das décadas de 1960 e 1970 disposto ao lado do dormitório, e nas décadas de 1980 e 1990 posicionado como suíte desse ambiente. A configuração no formato de suíte apresenta-se vantajosa no cotidiano na medida em que promove maior privacidade à empregada em relação à família contratante; porém, em situações em que haja a necessidade de uso do banheiro por outros prestadores eventuais de serviços domésticos, esta configuração espacial pode ocasionar sensação de violação de privacidade à empregada doméstica, sobretudo, nos casos em que esta reside no trabalho.

Durante todas as décadas analisadas, esse ambiente foi considerado item praticamente obrigatório dos programas de apartamentos dotados de dormitório de empregada e de apartamentos dotados de dormitório reversível. Foi na categoria de edifícios destituídos de qualquer tipo de alojamento de empregada que se observou uma maior variação em relação à inserção do banheiro de serviço. Enquanto na produção da década de 1980 foi encontrado apenas um edifício dessa categoria dotado de banheiro de serviço, na década de 1990 o mesmo foi observado em quase metade dos exemplares, o que revela uma trajetória de valorização desse cômodo.

Em relação à questão dos acessos, observou-se que durante todas as décadas analisadas, a solução de dois elevadores e de duas entradas nos apartamentos diferenciados pelo uso social e serviço, foi dominante, sendo pouco significativa a parcela de exemplares dotados de acesso e elevador únicos. Verificou-se que durante as décadas de 1960 e 1970, havia uma grande preferência pelo uso de corredores, elevadores, e entradas sociais e de

serviço totalmente separados em halls independentes. Nas décadas seguintes, esta diferenciação de usos foi mantida, porém, os elevadores e portas passaram a ser, na maioria dos casos, posicionados próximos e dividindo a mesma circulação nos edifícios de mais de 2 apartamentos por andar.

Outro ponto interessante refere-se aos padrões construtivos dos edifícios que fizeram uso da configuração de elevadores social e de serviço separados em halls independentes ao longo de cada década. Durante os anos 1960 e 1970, esta solução de projeto foi aplicada de maneira quase equivalente nos exemplares de padrão construtivo médio, médio alto e alto. Nos anos 1980, esta configuração foi majoritária em edifícios de padrão médio alto e alto, sendo inserida em apenas um único edifício de padrão médio. Já na década de 1990, essa medida predominou nos edifícios de padrão alto e não foi adotada em nenhum edifício de padrão construtivo médio. Desse modo, percebe-se uma tendência dessa separação mais radical de circulações de se tornar um atributo, ao longo do tempo, apenas de edifícios direcionados às famílias mais abastadas.

Esses resultados indicam que a mudança no posicionamento dos elementos de acesso (entradas e circulações) na maioria dos edifícios de apartamentos construídos durante esse período, tinha como intenção alcançar uma maior racionalização de suas áreas comuns, e conseqüentemente, obter uma maior economia dos recursos utilizados para a sua construção. No entanto, nos casos dos exemplares direcionados às camadas mais abastadas, as separações totais dos acessos continuavam a ser um elemento de diferenciação, e que, portanto, deveria ser mantido.

As características predominantes na produção de edifícios de apartamentos construídos de 1964 a 1999 relativas ao padrão construtivo (1), tipologia (2), acessos (elevadores e entradas dos apartamentos) (3) e aos dormitórios de empregada (4) e banheiros de serviço (5) foram sintetizadas no Quadro 1.

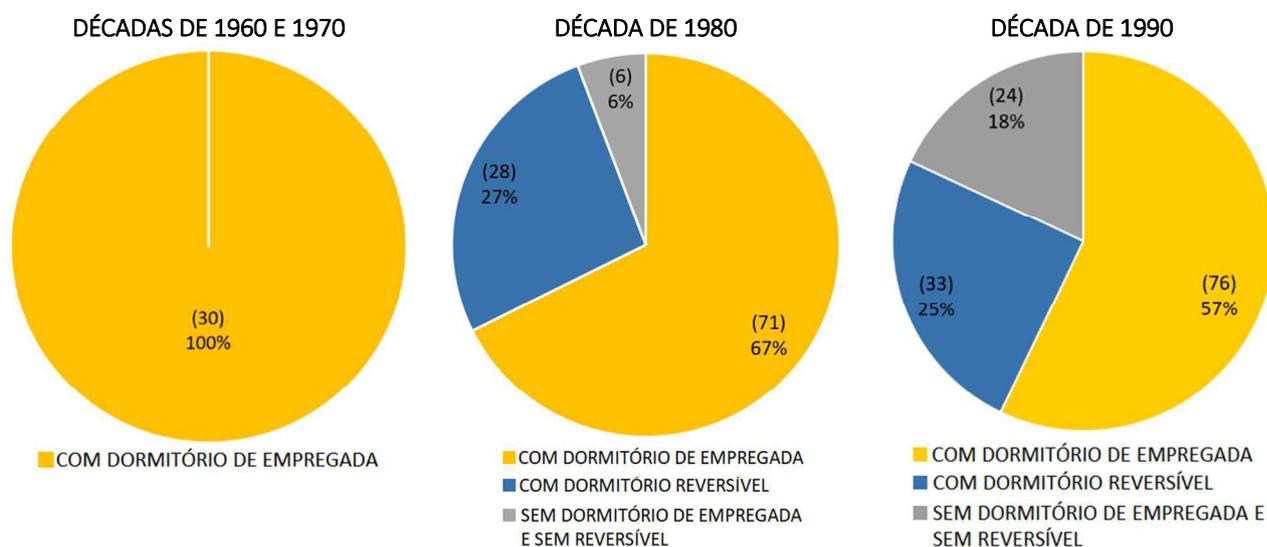
Quadro 1: Síntese das características predominantes dos edifícios de apartamentos com dormitórios de empregada produzidos de 1964 a 1999

(1) Edifícios de padrão construtivo médio alto (85 unidades, 48%)	(2) Edifícios de apartamentos dotados de apenas 1 dormitório de empregada (168 unidades, 95%)	(3) Elevadores social e de serviço muito próximos, lado a lado ou em frente no mesmo hall (75 unidades, 42,4%)	(3) Entradas social e de serviço dos apartamentos situadas lado a lado (89 unidades, 50,3%)
(4) Dormitório de empregada sem flexibilidade de abertura para os demais setores da residência (120 unidades, 67,8%)	(4) Dormitório de empregada com área dentro do padrão de 6m ² (134 unidades, 75,7%)	(4) Dormitório de empregada dotado de janela com abertura para o ambiente externo (114 unidades, 64,4%)	(4) Dormitório de empregada acompanhado de banheiro de serviço (175 unidades, 98,9%)
(4) Dormitório de empregada acessado pela área de serviço (170 unidades, 96%)	(4) Dormitório de empregada mais integrado aos demais ambientes de serviço (58 unidades, 32,8%)	(5) Banheiro de serviço como suíte do dormitório de empregada (76 unidades, 42,9%)	(5) Banheiro de serviço com área dentro do padrão de 2m ² (158 unidades, 89,3%)

Fonte: Autora 2019

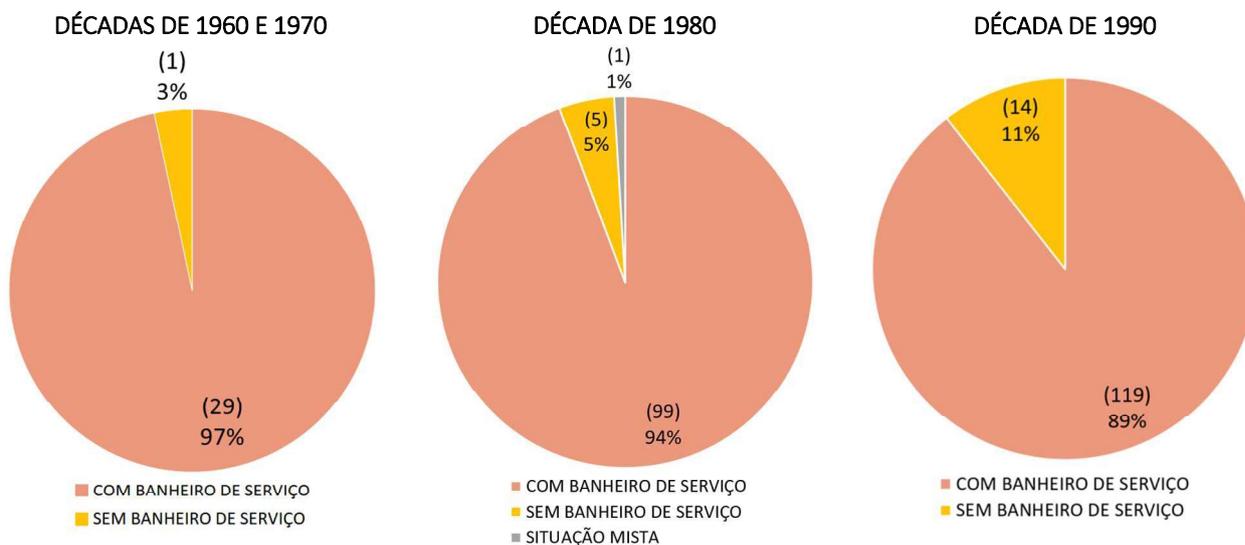
Verificou-se que o movimento de supressão do dormitório de empregada nos programas de apartamentos de Maceió começou a ocorrer de maneira sutil a partir dos anos de 1980 — época em que foram construídos os primeiros exemplares de apartamentos com dormitório reversível; e ganhou força na década de 1990, período em que já se observou uma quantidade expressiva de apartamentos ofertados sem dependência de empregada e sem dormitório reversível nas tipologias de 1, 2 e de 3 dormitórios (Figura 356). No entanto, o banheiro de serviço, permaneceu na grande maioria dos edifícios (Figura 357), sendo de fato, priorizado nos programas de necessidades de quase todas as tipologias de apartamentos, e muitas vezes desvinculado do dormitório de serviço.

Figura 356 - Gráficos das décadas de 1960 a 1990 dos edifícios verticais multifamiliares em Maceió em relação à existência de dormitório de empregada



Fonte: Autora, 2019

Figura 357 - Gráficos das décadas de 1960 a 1990 dos edifícios verticais multifamiliares em Maceió em relação à existência de banheiro de serviço



Embora, não tenha sido possível estabelecer comparações diretas entre os resultados obtidos nesta pesquisa realizada em Maceió e os resultados dos estudos de Saleiro Filho (2001) na cidade do Rio Janeiro, e de Moraes (2017) na cidade de João Pessoa, devido às diferentes amostras e critérios de análise adotados, é possível afirmar que todos estes estudos apresentam como ponto em comum a observação da tendência de supressão da dependência de empregada nos programas de edifícios de apartamentos de padrão médio.

As mudanças nas relações de trabalho, a regulamentação dos direitos dos trabalhadores domésticos (tais como os direitos garantidos pela promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil em 1988) e crises econômicas que reduziram o orçamento familiar tornaram raros os casos de empregadas domésticas que pernoitam no serviço, e tem intensificado o movimento de substituição desta profissional pela diarista. Tais aspectos socioeconômicos associados ao fenômeno de redução das áreas dos apartamentos, já presente em grandes metrópoles brasileiras desde os anos finais da década de 1970, tem influenciado na saída da dependência de empregada dos programas de edifícios direcionados à classe média.

A investigação das dependências de empregada, a partir de sua trajetória histórica nos edifícios brasileiros, permite afirmar que estes espaços permaneceram, em termos de soluções de projeto, “imutáveis” a partir da década de 1950, e que o “modelo padrão” de dormitório de empregada construído ao longo dessas décadas foi reproduzido nos edifícios construídos na

cidade de Maceió/Alagoas a partir da década de 1960, e permaneceu sem inovações nos exemplares construídos até o final da década de 1990. A falta de interesse dos agentes produtores de habitações (arquitetos, construtoras, e etc.) em propor novas soluções para estes cômodos, está associada, muitas vezes, à existência de uma visão preconceituosa sobre as usuárias destes espaços, e, a uma prática de trabalho que se baseia na repetição de soluções “consagradas no mercado”, desprovida de postura crítica.

Para dar continuidade ao estudo dos espaços direcionados ao uso por empregadas domésticas em edifícios verticais de apartamentos, sugere-se a análise dos exemplares lançados na cidade de Maceió de 2000 a 2019 — período marcado pela aprovação da Emenda Constitucional nº 72 em 02 de abril de 2013 e que ficou conhecida popularmente como “PEC das domésticas”, e pela aprovação da Lei Complementar nº 150 em 1º de junho de 2015; documentos que ampliaram o rol de direitos das empregadas domésticas, e que aliados a outras mudanças socioeconômicas, podem ter exercido influência sobre a forma como o mercado imobiliário passou a planejar as dependências de serviço dos empreendimentos construídos nesse período.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria. **O início da verticalização em Maceió - AL: Um estudo tipológico dos edifícios multifamiliares em altura (1960-1970)**. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.
- ALVES, Maria Elisa Moreira; TOLEDO, Alexandre Márcio. Edifícios São Carlos e Lagoa-Mar: o início da verticalização multifamiliar na cidade de Maceió-AL (1960). *In: II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, 2012, Natal/RN. **Anais...**Rio de Janeiro: ANPARQ, 2012. p. 1-19.
- AMORIM, Delfim; INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL DEPARTAMENTO DE PERNAMBUCO. **Delfim Amorim: arquiteto**. 2. ed. Recife: Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de Pernambuco, 1991.
- ANGIOLILLO, Francesca. A indulgência do filme *Que horas ela volta?*, de Anna Muylaert. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 set. 2015. Ilustríssima. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/09/1683170-a-indulgencia-do-filme-que-horas-ela-volta-de-anna-muylaert.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- ATIQUE, Fernando. Ensinando a morar: o edifício Esther e os embates pela habitação vertical em São Paulo (1930-1962). **Revista Risco**, São Paulo, p.38-55, fev. 2005.
- BARROS, Patrícia. O mercado imobiliário em Maceió. Maceió século XXI. Maceió: **Gazeta de Alagoas**. 2010.
- BITTAR, William Seba Mallmann; VERÍSSIMO, Francisco Salvador. **500 anos da casa no Brasil**. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço da moradia. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 1999.
- BRANDÃO, Douglas Queiroz. **Diversidade e potencial de flexibilidade de arranjos espaciais de apartamentos**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.
- BRANDÃO. Luísa Sopas Rocha. A dependência de empregadas na arquitetura paulistana: Análise da disposição da área de serviço nas plantas baixas de edifícios multifamiliares construídos em São Paulo entre as décadas de 1930 e 1970. *In: V ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, 2018, Salvador: Bahia. **Anais eletrônicos...**Salvador, 2018.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.
- BRASIL. Constituição (1988). **Emenda Constitucional n. 72, de 02 de abril de 2013**. Brasília, 2013.

BRASIL. **Decreto-lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943.** Consolidação das leis do trabalho. Brasília, 1943.

BRENDLE, Betânia. Wandenkolk Walter Tinoco. Brutalismo e delicadeza. **Drops**, São Paulo, ano 17, n. 109.03, Vitruvius, out. 2016.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** Trad. Ana Maria Goldberg. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CABRAL, Maria Cristina; PARAIZO, Rodrigo Cury. **Presença estrangeira/Foreign presence arquitetura no Rio de Janeiro (1905-1942).** Rio de Janeiro: Rio Book's. 2018.

CANDIDA, Simone; LIMA, Ludmilla; BERTOLUCCI, Rodrigo; AUTRAN, Paula. Luxo de outros tempos: Dakota carioca guarda charme de um nobre Flamengo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 out. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/rio-450/luxo-de-outros-tempos-dakota-carioca-guarda-charme-de-um-nobre-flamengo-14292619>.

CARNAÚBA, Alana T. L. **De fora para dentro: a trajetória da zona de serviço na residência maceioense.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

CARRANZA, Edite Galote. **O quartinho invisível - escovando a história da arquitetura da paulista a contrapelo.** São Paulo: G&C. 2018.

CARVALHO, Cleide; HERDY, Thiago. Verticalização altera paisagens de cidades do Norte e do Nordeste. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 abril. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/verticalizacao-altera-paisagens-de-cidades-do-norte-do-nordeste-8174401>. Acesso em: 5 dez. 2018.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil.** O longo caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARVALHO, Ana Tereza Siqueira de. **Dependência doméstica: o espaço da empregada na arquitetura.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CATTAN, Roberto Correia de Mello. **A família Guinle e a arquitetura do Rio de Janeiro - Um capítulo do ecletismo carioca nas duas primeiras décadas do novecentos.** Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2003.

CAVALCANTE, Morgana Maria Pitta Duarte. **O projeto: diálogos da forma na orla de Maceió: edifícios verticais - 1980-2012.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

COIMBRA, Thaís Soares; LIMA, Jéssica Caroline Rodrigues; ROSENDO, Viviane Silva; TOLEDO, Alexandre Márcio. Condições da orientação em planta das dependências de empregada nos edifícios residenciais multifamiliares em Maceió/AL. **Ímpeto**, v. 8, p. 28-35, 2018.

CHACON, Sonia. **Um estudo tipológico das transformações das edificações multifamiliares no Rio de Janeiro, entre 1930 e 2000: O caso do bairro de Botafogo.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CIERAAD, Irene. 'Out of my kitchen!' Architecture, gender and domestic efficiency. **The Journal of Architecture**, 7:3, p. 263-279, 2002.

CORONATO, Marcos; MOURA, Marcelo; SEGADILHA, Bruno; PONTES, Felipe; SPINACÉ, Natália. Por que a empregada sumiu?. **Revista Época**, Rio de Janeiro, jan. 2012. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/01/por-que-empregada-sumiu.html>. Acesso em: 10 dez. 2018.

CUNHA, Viviane. **Espaço e sociedade: classe média habitando apartamentos no Rio de Janeiro no século XX.** Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CUNHA, Viviane; TRIGUEIRO, Edja Bezerra Faria. **Towards a diachronic panorama of apartment living in Brazil.** In: 5th International Space Syntax Symposium, 2005, Delft. 5th International Space Syntax Symposium Proceedings. Delft: TU Delft, Faculty of Architecture, 2005. v. II. p. 29-42.

DUARTE, Hélder. Levantamento do IBGE mostra aumento no número de diaristas. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 02 novembro, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/11/levantamento-do-ibge-mostra-aumento-no-numero-de-diaristas.html>. Acesso em: 5 nov. 2018.

FRANÇA, Franciney Carreiro. **A indisciplina que muda a arquitetura: A dinâmica do espaço doméstico no Distrito Industrial.** Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo.** São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

GINSBURG, Rebecca. “Come in the Dark”: Domestic Workers and Their Rooms in Apartheid Era Johannesburg, South Africa”. **Perspectives in Vernacular Architecture**, vol. 8, People, Power, Places, 2000.

GOMES, Paula. Emprego doméstico e a arquitetura da desigualdade. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 68, n. 2, p. 64-65, 2016.

GOLDSTEIN, Donna. The aesthetics of domination: class, culture, and the lives of domestic workers. In: **Laughter out of place: race, class and sexuality in a Rio Shantytown.** Berkeley, University of California Press, 2003.

GONÇALVES, Marco Antônio. Doméstica: uma etnografia indiscreta. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 599-607, agosto 2015.

GOUSSINSKY, Eugênio. Portugal: imóveis ganham quarto de empregada para agradar brasileiros. **Jornal R7**. 28 mar. 2018. Internacional. Disponível em: <https://noticias.r7.com/>

internacional/portugal-imoveis-ganham-quarto-de-empregada-para-agradar-brasileiros-28032018. Acesso em: 02 nov. 2018.

GRIZ, Cristiana Maria Sobral. **Quando o luxo é necessário**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

GUERRA, Abílio. A piscina e a laje. Sobre o filme *Que horas ela volta?*, de Anna Muylaert. **Resenhas Online**, São Paulo, ano 14, n. 165.05, Vitruvius, set. 2015. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/14.165/5712>. Acesso em: 02 dez. 2018.

HARRIS, David Evan. **“Você vai me servir”**: Desigualdade, proximidade e agência nos dois lados do Equador. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. O princípio da racionalidade e a gênese da cozinha moderna. **PÓS** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP/Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Comissão de Pós-Graduação – v.1. São Paulo: FAU, 1990, p. 124-154.

INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça – 1195 a 2015**. 2015.

LEMOS, Carlos. **Cozinhas, et**: um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **Alvenaria burguesa**. São Paulo: Nobel, 2 ed. 1989.

_____. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto. 2 ed. 1996.

SCHETTINO, Patrícia Thomé Junqueira; LEMOS, Celina Borges; “O Palacete Carioca”. Estudo sobre a relação entre as transformações da arquitetura residencial da elite e a evolução do papel social feminino no final do século XIX e início do século XX no Rio de Janeiro. *In*: MENDONÇA, Isabel; MALTA, Marize; CARITA, Hélder. **A casa senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro**: anatomia dos interiores. Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LIMA, Priscylla Nose. Habitação vertical privada e o mercado imobiliário em São Paulo: dois períodos, dois casos dissidentes I forma espaço e ideia! Zarvos. 14ª Conferência Internacional da LARES. **Anais...**Rio de Janeiro. Setembro, 2014.

LIMA, Raquel Rodrigues. **Edifícios de apartamentos**: um tempo de modernidade no espaço privado estudo da radial Independência/24 de Outubro – Porto Alegre – nos anos 50. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LOCILENTO, Renato. Edifício de apartamentos: Novos programas, novas tipologias. **Habitação, Metrôpoles e Modos de Vida**. São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2000.

LOPEZ, Cícera Lilian Alves. **Empregadas domésticas: experiências do exercício da atividade**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

LOPES, Bárbara Laurindo Santos. **As novas tipologias de edifícios residenciais verticais do litoral norte de Maceió: o caso dos condomínios clube**. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

LUCCHINI, Edson. **Adolf Franz Heep: edifícios residenciais: um estudo da sua contribuição para a habitação coletiva vertical em São Paulo nos anos 1950**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

MACEIÓ. **Lei Municipal nº5.593, de 8 de fevereiro de 2007**. Institui o Código de Urbanismo e de Edificações do Município de Maceió. Diário Oficial do Município de Maceió. Maceió, 172 p., fevereiro, 2007.

MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras, p.131 – 214. *In*: SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil 3 - república: da belle époque à era do rádio**, ed. 7, São Paulo: Companhia das letras, 1998.

MELLO, Bruno César Euphrasio. E o negro na arquitetura brasileira? **Arquitextos**, São Paulo, ano 13, n. 145.01, Vitruvius, jun. 2012.

MELTEM, O. Gurel. Domestic arrangements: the maid's room in the Ataköy apartment blocks, Istanbul, Turkey, **Journal of Architectural Education**, 66:1, pag. 115-126, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10464883.2012.721313>.

MENDRADO, Gabriela. Portugal vira nova Miami para brasileiros. **A Tarde**. Caderno imobiliário. 28 de abril de 2018. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/imoveis/noticias/1955401-portugal-vira-nova-miami-para-brasileiros>. Acesso em 13.05.2019.

MONTEIRO, Silvia Bahia. **Edifícios de apartamentos em São Paulo: uma análise prática do uso misto e do design de interiores entre os anos 1920 e 1940**. Dissertação (Mestrado em Design), Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2018.

MORAIS, Fernando de Oliveira. **O quartinho: a dependência doméstica na habitação multifamiliar na cidade de João Pessoa (PB) no século XXI**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

MORAIS, Fernando de Oliveira; MAIA, Doralyce Satyro. A recepção e a difusão da arquitetura e urbanismo modernos brasileiros na plena amplitude de sua abordagem: os quartos de empregada nos apartamentos modernistas no centro histórico da cidade de João Pessoa (PB). *In*: 12º Seminário Docomomo Brasil, 2017, Uberlândia. **Anais eletrônicos...Uberlândia**, 2017.

NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura**. 17ª ed. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2008.

NUNES, Denise Vianna. **Edifícios residenciais de Firmino Saldanha** – morar moderno na zona sul do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Ciências em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

_____. **O processo inicial de verticalização da praia do Flamengo**. Uma análise tipomorfológica dos edifícios de apartamentos de luxo. Tese (Doutorado em Urbanismo), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

_____. Vivir Moderno: particularidades em Rio de Janeiro. In: II Congresso Internacional Cultura e Ciudad, 2019, Granada, Espanha. **Anais eletrônicos...** Granada, 25 jan. 2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **O trabalho doméstico no Brasil**. Rumo ao reconhecimento institucional. Brasília. 2010.

PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. **Edifícios de apartamentos Belo Horizonte, 1939 – 1976**: formações e transformações tipológicas na arquitetura da cidade. Belo Horizonte: AP Cultural, 1998. 170 p.

PINHAL. O que é mansarda?. **Colégios de arquitetos**. 15 fev. 2009. Disponível em: <http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/2009/02/o-que-e-mansarda/>. Acesso em: 05 dez. 2018.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. Arquitetura residencial verticalizada em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.16. n.1. p. 109-149. jan.-jun. 2008.

PONTUAL, Julice Almendra Freitas Mendes Carvalho. **Moradia, mobiliário e interior doméstico recifense**: um processo de transformação do cenário doméstico nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Tese (Doutorado em Design). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

QUEIROGA, Louise. Alunos da UFMG repudiam projeto de disciplina “Casa Grande” que pedia área para empregados. **O Globo**. Rio de Janeiro. 28 jul. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/alunos-da-ufmg-repudiam-projeto-de-disciplina-casa-grande-que-pedia-area-para-empregados-21641374>. Acesso em: 10 dez. 2018.

QUEIROZ, Fábio de Abreu. **Apartamento modelo**: arquitetura, modos de morar, e produção imobiliária na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

QUEIROZ, Fábio de Abreu; TRAMONTANO, Marcelo. Apartamentos paulistanos: um olhar sobre a produção privada recente. **Ambiente Construído (Online)**, v. 9, p. 139-150, 2009.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

RIAL, Carmem Silvia Moraes; Grossi, Miriam Pillar. Vivendo em Paris: velhos e pequenos espaços numa metrópole. **Antropologia em primeira mão**, 42, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2000. 48 p.

SALEIRO FILHO, Mario de Oliveira. **A dependência da dependência de empregado: de espaço segregado a espaço invertido?**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SANTOS, Fabiane Jhoralina de Oliveira. **Análise tipológica dos edifícios multifamiliares no bairro do Farol – Maceió/AL (2000-2010)**. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SCHNEIDER, Friederike. **Atlas de plantas: viviendas**. 3 ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

SCHOLS, Cley. Prédios de São Paulo: Prudência. **Jornal Estadão**, São Paulo, 08 maio 2014. Acervo. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,predios-de-sao-paulo-prudencia,10053,0.htm> . Acesso em: 06 jul. 2018.

SILVA, Joana Mello de Carvalho. **O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930 – 1960)**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, Luís Octávio. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 61-78, dez. 2004.

SOMEKH, Nádía. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador – São Paulo 1920-1939**. São Paulo: Studio Nobel, EDUSP, FAPESP, 1997.

SOUZA, Lêda Maria Teles de. **Dependência da empregada: O espaço da exclusão**. 1991. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1991.

TEIXEIRA, Yeda. Edifícios têm dependências comuns para domésticas. **Jornal Folha de São Paulo**. São Paulo: 12 de outubro de 1986. p.68.

THOMPSON, Miriam. **Maid in space: contemporary french cinematic translation of the 19th century rebellious maid figure**. Tese (Doutorado em Estudos de Filosofia Francesa) - Faculdade de Artes e Ciências Sociais, Universidade de Sydney, 2013.

TOLEDO, Alexandre; MARINHO, Barbara; XAVIER, Regina. Análise da funcionalidade de edifícios multifamiliares de diferentes tipologias aprovados no período de 1980-1985 em Maceió/AL. *In: XIV ENTAC – Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído*. Outubro, 2012, Juiz de Fora. **Anais...Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora**, 2012. p.1-6.

TOLEDO, Alexandre; BARBOSA, Mariana; SILVA, Bruno. Verticalização na cidade de Maceió: Estudo de tipologias de edifícios multifamiliares (1986 à 1992). *In: IV Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído*, 2015, Viçosa. **Anais eletrônicos...Viçosa: Universidade Federal de Viçosa**, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18540/2176-4549.6033>.

TRAMONTANO, Marcelo. Apartamentos, arquitetura e mercado: estado das coisas. **Oficina Verticalização das cidades brasileiras**. Verticalização das cidades brasileiras. São Paulo, 2006.

_____. **Novos modos de vida, novos espaços de morar**. Paris. São Paulo e Tokio. Uma reflexão sobre a habitação contemporânea. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. Alice no país da especulação imobiliária: habitação e modos de vida na cidade de São Paulo. **Cidades, Comunidades e Territórios**, Lisboa, Portugal, v. 6, p. 75-82, 2003.

TRAMONTANO, Marcelo; BENEVENTE, Varlete. Comportamentos & espaços de morar: leituras preliminares das e-pesquisas Nomads. *In*: ENTAC'04, 2004, São Paulo. **Anais eletrônicos...**São Paulo, 2004.

TRAMONTANO, Marcelo; VILLA, Simone. Apartamento metropolitano: evolução tipológica. *In*: Seminário História da Cidade e do Urbanismo, 2000, Natal. **Anais eletrônicos...**Natal: UFRN, 2000.

TREVISAN, Luara Pacheco; FAVERO, Marcela Bortotti; PEPECE, Olga Maria Coutinho; VIEIRA, Francisco Giovanni David. Configurações e reconfigurações do espaço residencial entre os anos de 2001 e 2012. **Revista Ciências Administrativas**, Fortaleza, v. 20, n. 1, p. 41-79, jan./jun. 2014.

TRIGUEIRO, Edja; CUNHA, Viviane. O quarto da empregada: história de um apartheid imutável num espaço doméstico em mudança. *In*: GUIMARÃES, Victor. **Doméstica**. Pernambuco: Desvia Produções. 1º ed. 2015.

TURCATEL, Giulia. **A space for one's own: a comparative case study of live-in domestic workers' spaces in South Africa and Italy**. Master of arts. 2015.

VANINI, Eduardo. Quartos de empregada doméstica geram debate sobre segregação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 ago. 2016.

VAZ, Lilian Fessler. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos — a modernização da moradia no Rio de Janeiro. **Análise Social**, vol. xxix (127), (3.º), p. 581-597. 1994.

VIANNA, Maíra Boratto Xavier; TREVISAN, Ricardo. O “quartinho de empregada” e seu lugar na morada brasileira. *In*: IV ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Porto Alegre. Julho, 2016. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: 2016.

VIDOTTO, Taiana Car; MONTEIRO, Ana Maria Reis de Goes. O discurso profissional e o ensino na formação do arquiteto e urbanista moderno em São Paulo: 1948 - 1962. **Pós**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, v.22, n.38, p. 20-37, dezembro, 2015.

VILLA, Simone Barbosa. **Apartamento metropolitano**: habitações e modos de vida na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2002.

_____. Mercado imobiliário e edifícios de apartamentos: produção do espaço habitável no século XX, **Arquitextos**, São Paulo, ano 7, n.078.04, Vitruvius, nov. 2006.

_____. **Morar em apartamentos**: a produção dos espaços privados e semiprivados nos edifícios ofertados pelo mercado imobiliário no século XXI em São Paulo e seus impactos na cidade de Ribeirão Preto. Critérios para avaliação pós ocupação. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Um breve olhar sobre os apartamentos de Rino Levi: produção imobiliária, inovação e a promoção modernista de edifícios coletivos verticalizados na cidade de São Paulo. **Arquitextos**, São Paulo, ano 10, n.120.07, Vitruvius, jun. 2010.

VILLAS BÔAS, Bruno. Subemprego no país avança 30% no mês de abril. **Gazeta de Alagoas**. 21 de junho, 2015.

VESPUCCI, Gabriel Moherdau. **Do quarto de empregada à varanda gourmet**: Uma análise comparativa das plantas de apartamento em Florianópolis entre 1954 e 1008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. **Arquitetura moderna paulistana**. São Paulo: Pini, 1983.

XAVIER, Alberto. **Arquitetura moderna em Porto Alegre**. São Paulo: Pini, 1 ed. 1987.

XAVIER, Regina do Nascimento Gomes. TOLEDO, Alexandre Márcio. O ambiente reversível: análise da flexibilidade no projeto de edifícios residenciais em Maceió/AL (1980-1985). *In*: Simpósio brasileiro de qualidade do projeto no ambiente construído, 4, 2015, Viçosa-MG, **Anais...ANTAC/UFV**, 2015.

ZACARIAS, Paula. Verticalização e legislação urbanística: Estudo de caso para o bairro de Ponta Verde, Maceió-Alagoas-Brasil. *In*: VII seminário Internacional da Lares, 2007, São Paulo. **Anais eletrônicos...**São Paulo, 2007. 10 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TABELA COM OS DADOS OBTIDOS POR MEIO DA ANÁLISE DOS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES VERTICAIS ALTOS APROVADOS EM MACEIÓ DURANTE AS DÉCADAS DE 1960 E 1970

Nº	ANO DO PROJETO	NOME DO EDIFÍCIO	BAIRRO	PADRÃO CONSTRUTIVO	TIPOLOGIA DO- Dormitório DE- Dependência REV - Reversível HIB- Híbrido	QUARTO EMPREGADA	JANELA DO QUARTO EMPREGADA	DIMENSÕES QUARTO EMPREGADA	FLEXIBILIDADE	ACESSO AO QUARTO EMPREGADA	BANHEIRO SERVIÇO	DIMENSÕES BANHEIRO SERVIÇO	POSIÇÃO QUARTO E BANHEIRO
1	1964	São Carlos	Centro	Médio	2DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor social	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Lado a lado
2	1964	Lagoa Mar	Farol	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Distantes
3	1970	Núbia	Centro	Médio	2DO+DE	Sim	Sem janela	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
4	1973	Barroca	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
5	1973	Jangada	Pajuçara	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Lado a lado
6	1974	Praia Verde	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Duas janelas	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
7	1975	Tatiana	Jaraguá	Médio	3DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Setor social	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Distantes
8	1975	Antônia Luiza	Gruta de Lourdes	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Distantes
9	1975	Arthur Vital da Silva	Gruta de Lourdes	Popular	3DO+DE	Sim	Interna	Menor que 6m²	Setor social	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
10	1975	Mansão Leonardo da Vinci	Farol	Médio	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Suite
11	1975	Donina Carneiro	Pajuçara	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Lado a lado
12	1976	Status	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
13	1976	Maria Isabel	Prado	Popular	3DO+DE	Sim	Mista	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
14	1976	Caravelas	Ponta Verde	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Setor social	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
15	1976	Atlântida	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Suite
16	1976	Biarritz	Ponta Verde	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
17	1976	Kanandú	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Distantes
18	1976	Solar Graciliano Ramos	Ponta Verde	Médio	4DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado

19	1976	Versalhes	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m ² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m ² ou maior	Lado a lado
20	1976	Porto da Barra	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Duas janelas	Menor que 6m ²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m ²	Lado a lado
21	1976	Saveiro	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m ² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m ² ou maior	Suite
22	1977	Benedito Bentes	Farol	Médio	2DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m ²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Não	Não se aplica	Não se aplica
23	1977	Dom Avelar	Farol	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m ²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m ² ou maior	Lado a lado
24	1977	Nina	Gruta de Lourdes	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m ²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m ² ou maior	Suite
25	1977	Mykonos	Farol	Médio Alto	HIB+DE	Sim	Mista	Menor que 6m ²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m ²	Suite
26	1978	Armando Lobo	Farol	Médio	3DO+DE	Sim	Interna	Menor que 6m ²	Sem possibilidade	Acesso direto	Sim	2m ² ou maior	Lado a lado
27	1978	Costa Verde	Ponta Verde	Médio	HIB+DE	Sim	Externa	Menor que 6m ²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m ² ou maior	Suite
28	1979	Boca da Grotta	Farol	Médio	3DO+DE	Sim	Sem janela	Menor que 6m ²	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m ² ou maior	Lado a lado
29	1979	Veleiro	Ponta Verde	Médio	3DO+DE	Sim	Interna	6m ² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m ²	Suite
30	1979	Fragata	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Interna	6m ² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m ²	Suite

APÊNDICE B

TABELA COM OS DADOS OBTIDOS POR MEIO DA ANÁLISE DOS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES VERTICAIS ALTOS APROVADOS EM MACEIÓ DURANTE A DÉCADA DE 1980

Nº	ANO DO PROJETO	NOME DO EDIFÍCIO	BAIRRO	PADRÃO CONSTRUTIVO	TIPOLOGIA DO- Dormitório DE- Dependência REV - Reversível HIB- Híbrido	QUARTO EMPREGADA	JANELA DO QUARTO EMPREGADA	DIMENSÕES QUARTO EMPREGADA	FLEXIBILIDADE	ACESSO AO QUARTO EMPREGADA	BANHEIRO SERVIÇO	DIMENSÕES BANHEIRO SERVIÇO	POSIÇÃO QUARTO E BANHEIRO
31	1980	Ofir	Jatiúca	Médio	HIB+DE	Sim	Mista	Menor que 6m²	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
32	1980	Caiaque	Pajuçara	Médio	3DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Suíte
33	1982	Martinica	Jatiúca	Médio	2DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor social	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
34	1982	Alessandra	Jatiúca	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
35	1982	Angra	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suíte
36	1982	Jamaica	Jatiúca	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor social	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Distantes
37	1982	Escuna	Ponta Verde	Médio Alto	HIB+DE	Sim	Sem janela	Menor que 6m²	Situação mista	Situação Mista	Situação Mista	2m² ou maior	Distantes
38	1982	Saint Thomaz	Jatiúca	Médio	HIB+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor social	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Distantes
39	1982	Dom Afonso Henrique	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suíte
40	1982	Morada Tropical	Jatiúca	Médio Alto	HIB+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
41	1982	Rocas	Ponta Verde	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
42	1982	Gisele	Farol	Médio	3DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Setor social	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
43	1982	Posta Brava/Costa do Marfil	Jatiúca	Médio	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
44	1982	Morada dos Ventos II	Farol	Médio	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
45	1983	Mahatma Ghandi	Jatiúca	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suíte
46	1983	Atenas	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
47	1983	Rhodes	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
48	1983	Catamarã	Ponta Verde	Alto	5DO+DE	Sim, 2	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Lado a lado
49	1983	Abrinhos	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
50	1983	Açores	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
51	1983	Soledad	Jatiúca	Médio	HIB+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
52	1983	Fabiano I	Ponta Verde	Médio Alto	2DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica

53	1983	Junco	Farol	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
54	1984	Humaytá	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
55	1984	Jacques Lacan	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Interna	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Acesso direto	Sim	2m² ou maior	Situação mista
56	1984	Cartago	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
57	1984	Caçara	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
58	1984	Maria Celina	Jatiúca	Médio	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
59	1985	Lajedo	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
60	1985	Passargada	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
61	1985	Taritá	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
62	1985	Aurélio Buarque de Holanda	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
63	1985	Tarumã	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
64	1985	Mandala	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
65	1985	Village Pajuçara	Pajuçara	Médio	2DO+DE	Sim	Sem janela	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
66	1985	Cote D'azur	Jatiúca	Médio	1DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
67	1985	Paulo VI	Ponta Verde	Médio	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
68	1985	Villa Verde	Ponta Verde	Médio	3DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
69	1985	Charles Chaplin	Ponta Verde	Médio	1DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
70	1986	Mediterranee	Ponta Verde	Médio Alto	2DO+DE	Sim	Sem janela	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
71	1986	Daniela	Jatiúca	Médio Alto	HIB+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
72	1986	Ananda	Ponta Verde	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
73	1986	Paris	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
74	1986	Itaoca	Farol	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
75	1986	Heckel Tavares	Farol	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
76	1986	Jorge de Lima	Jatiúca	Médio	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
77	1986	Porto Seguro	Ponta Verde	Médio	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
78	1986	Carlos Gomes	Ponta Verde	Médio Alto	HIB+DE	Sim	Mista	Menor que 6m²	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
79	1987	Salmar	Jatiúca	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Duas janelas	6m² ou maior	Setor social	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite

80	1987	Ancoradouro	Pajuçara	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Distantes
81	1987	Angicos	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
82	1987	Bálsamo	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
83	1987	Catânia	Ponta Verde	Médio Alto	2DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
84	1987	Costa Rica	Ponta Verde	Médio Alto	HIB+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Distantes
85	1987	Dona Tereza	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
86	1987	Erich Fromm	Farol	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
87	1987	Guajuçara	Ponta Verde	Médio Alto	HIB+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
88	1987	Icaro	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Sem janela	Menor que 6m²	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
89	1987	Igara	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim, 2	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
90	1987	Karinne	Jatiúca	Médio Alto	2DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
91	1987	Luiza Fernandes	Ponta Verde	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
92	1987	Malibu	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor social	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
93	1987	Pablo Picasso	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
94	1987	Edifício Papillon	Ponta Verde	Médio Alto	1	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor social	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
95	1987	Porto Ferrario	Farol	Médio Alto	2DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
96	1987	Samadhi	Jatiúca	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
97	1987	Savannah	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
98	1987	Tartana	Ponta Verde	Luxo	4DO+DE	Sim, 2	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
99	1987	Bruxelas	Ponta Verde	Médio Alto	2DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
100	1987	Corais	Ponta Verde	Médio Alto	4DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
101	1987	Dom Felipe Valencia	Ponta Verde	Médio	2DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
102	1987	Eric Berne	Ponta Verde	Médio	5DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
103	1987	Maison Chateaubriand	Prado	Médio	6DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
104	1987	Mansão Paulo IV	Ponta Verde	Médio Alto	4DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
105	1987	Marseille	Jatiúca	Médio Alto	4DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
106	1987	Porto da praia	Jatiúca	Médio Alto	4DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
107	1987	Sergio I	Ponta Verde	Médio Alto	5DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
108	1987	Tapajós	Jatiúca	Médio Alto	6DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
109	1987	Toulouse	Ponta Verde	Médio Alto	3DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
110	1987	Xingu	Jatiúca	Médio Alto	6DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
111	1988	Condominio Marinas	Poço	Médio Alto	HIB+DE	Sim	Sem janela	Menor que 6m²	Para os setores social e íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite

112	1988	Arunachala	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Sem janela	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
113	1988	Dona Luiza	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
114	1988	Pontes de Miranda	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Sem janela	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
115	1988	Marinho de Gusmão	Ponta Verde	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
116	1988	Nirvana	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
117	1988	Safira	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim, 2	Interna	6m² ou maior	Setor social	Acesso direto	Sim	2m² ou maior	Distantes
118	1988	Portal de Ponta Verde	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim, 2	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Acesso direto	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
119	1988	Palma de Majorca	Ponta Verde	Médio	1DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
120	1988	Conjunto Vaticano I	Mangabeiras	Médio	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
121	1988	Viña del Mar	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
122	1988	Araguaia	Ponta da Terra	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
123	1988	Vitor III	Ponta Verde	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
124	1988	Van Gogh	Jatiúca	Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
125	1989	Kingston	Ponta Verde	Médio Alto	2DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
126	1989	Herdade	Ponta Verde	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
127	1989	Itapuã	Ponta Verde	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
128	1989	Thalassa	Pajucara	Luxo	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
129	1989	Abaiba	Ponta Verde	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
130	1989	Terrazas	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
131	1989	Portal do Atlântico	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor social	Pela cozinha	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
132	1989	Lisboa	Ponta Verde	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
133	1989	Sarandi	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
134	1989	Arpoador	Jatiúca	Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
135	1989	Camboriú	Jatiúca	Médio Alto	3DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica

APÊNDICE C

TABELA COM OS DADOS OBTIDOS POR MEIO DA ANÁLISE DOS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES VERTICAIS ALTOS APROVADOS EM MACEIÓ DURANTE A DÉCADA DE 1990

Nº	ANO DO PROJETO	NOME DO EDIFÍCIO	BAIRRO	PADRÃO CONSTRUTIVO	TIPOLOGIA DO- Dormitório DE- Dependência REV - Reversível HIB- Híbrido	QUARTO EMPREGADA	JANELA DO QUARTO EMPREGADA	DIMENSÕES QUARTO EMPREGADA	FLEXIBILIDADE	ACESSO AO QUARTO EMPREGADA	BANHEIRO SERVIÇO	DIMENSÕES BANHEIRO SERVIÇO	POSIÇÃO QUARTO E BANHEIRO
136	1990	Green Star	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
137	1990	Damani	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
138	1990	Figueiras	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
139	1990	Betula	Ponta Verde	Luxo	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
140	1990	Porchart	Farol	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Mista	Menor que 6m²	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
141	1990	Studio	Pajuçara	Médio Alto	2DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
142	1990	Málaga	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
143	1990	Casablanca	Ponta Verde	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
144	1990	Richesse	Jatiúca	Médio	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
145	1990	Solar do Jatiúca	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
146	1990	Joana Bengo	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
147	1991	Panorama	Farol	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
148	1991	Artur Ramos	Jatiúca	Alto	3DO+DE	Sim	Sem janela	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Suite
149	1991	Salvador Dali	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
150	1991	Amsterdã	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
151	1991	Garona	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
152	1991	Granada	Ponta Verde	Luxo	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
153	1991	Porto Príncipe	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim, 2	Sem janela	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
154	1991	Grenada	Ponta Verde	Médio	1DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
155	1991	Nautilus	Jatiúca	Médio Alto	HIB	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
156	1991	Reduit	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
157	1991	Stella Maris	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
158	1991	Piazza Verdi	Ponta Verde	Médio Alto	3DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
159	1992	Itapema	Jatiúca	Médio Alto	HIB+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
160	1992	Key West	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Para os setores social e íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
161	1992	Dom Salvador Melendez	Ponta Verde	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
162	1992	Santa Mônica/ Portal da Pajuçara	Pajuçara	Alto	4DO+DE	Sim, 2	Mista	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
163	1992	Residencial Itália	Ponta Verde	Médio	2DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
164	1992	Marvejan	Jatiúca	Médio Alto	2DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica

165	1992	Itaúba	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
166	1992	Mondrian	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
167	1992	Mediterrâneo	Poço	Médio	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
168	1992	Régate	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
169	1992	Rena	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
170	1992	Santa Sofia	Jatiúca	Médio	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
171	1993	Portal dos Corais	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
172	1993	San Remo	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
173	1993	Portal do Mar	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
174	1993	Itajaí	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
175	1993	Liverpool	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
176	1993	Itangá	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
177	1993	Guaraí	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
178	1993	Stúdio Ibiza II	Jatiúca	Médio	HIB	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
179	1993	Catuni	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
180	1993	Regence	Ponta Verde	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
181	1993	Renom	Jatiúca	Médio	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
182	1993	Tiffany	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
183	1993	Danubio	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
184	1994	Maria Beatriz	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
185	1994	Raffine	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
186	1994	Itajubá	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Distantes
187	1994	Casagrande	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
188	1994	Cerejeiras	Ponta Verde	Médio Alto	HIB	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
189	1994	Condomínio Pedras do Atlântico	Cruz das Almas	Médio	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
190	1994	Villagio di Roma	Ponta Verde	Médio Alto	3DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
191	1995	Champs Elysées	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
192	1995	Antônio Vivaldi	Mangabeiras	Alto	3DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
193	1995	Maison du Triomphe	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
194	1995	Castellmare	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
195	1995	Dom Rodrigo	Jatiúca	Alto	HIB+DE	Sim, 2	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
196	1995	Refuge	Ponta Verde	Médio Alto	1DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
197	1995	Sevilha	Ponta Verde	Médio Alto	HIB	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
198	1995	Casamar	Ponta Verde	Médio	2DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
199	1995	Maison du Rivoli	Ponta Verde	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica

200	1995	Milos	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
201	1995	Condomínio Villaggio de Firenze	Cruz das Almas	Médio	HIB	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
202	1996	Vitré	Ponta Verde	Médio	HIB+DE	Sim	Sem janela	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
203	1996	Maracaibo	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
204	1996	Pallazzi Impéria/ Amarillis	Jatiúca	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
205	1996	Larissa	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
206	1996	Ametista I	Jatiúca	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
207	1996	Manoel Telles	Jatiúca	Alto	3DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Para os setores social e íntimo	Pela cozinha	Sim	2m² ou maior	Distantes
208	1996	De Louvres	Jatiúca	Alto	4DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
209	1996	Diana	Ponta Verde	Médio	1DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
210	1996	Pablo Neruda	Jatiúca	Médio Alto	HIB	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
211	1996	Lírio dos Campos	Jatiúca	Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
212	1997	El Greco	Ponta Verde	Médio	HIB+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Suite
213	1997	Kaiuá	Jatiúca	Médio	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
214	1997	Medina del Campo	Gruta de Lourdes	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
215	1997	Piazza del Fiori	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
216	1997	Casablanca	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
217	1997	Saint Denis	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
218	1997	Sílvia Cavalcante	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
219	1997	Hermitage	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
220	1997	Edmilson Pontes	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
221	1997	Angai	Jatiúca	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
222	1997	Dandara	Ponta Verde	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
223	1997	Tivoli	Jatiúca	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
224	1997	Varandas de Ponta Verde	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
225	1997	Mario Mafra	Ponta Verde	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Distantes
226	1997	Santorini	Ponta Verde	Médio Alto	1DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
227	1997	Pátmos	Ponta Verde	Médio Alto	2DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
228	1997	Turmalina	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
229	1997	Mitre	Ponta Verde	Médio Alto	HIB	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
230	1997	Portal do Sol	Ponta da Terra	Alto	3DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica

231	1997	Relanche	Pajuçara	Médio Alto	3DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
232	1998	Montpellier	Ponta Verde	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Lado a lado
233	1998	Carina	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
234	1998	Algarve	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
235	1998	Thayro Cavalcante	Farol	Médio	3DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
236	1998	Eliseu Teixeira	Jatiúca	Médio Baixo	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
237	1998	Princesa de Gales	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
238	1998	Mansão Turim	Ponta Verde	Médio Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
239	1998	Hélio Vasconcelos	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
240	1998	Atlântis	Ponta Verde	Médio Alto	2DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
241	1998	Durban	Ponta Verde	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
242	1998	Gardênia	Mangabeiras	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
243	1999	Corbusier	Jatiúca	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
244	1999	Buganvilia	Farol	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Sem janela	6m² ou maior	Para os setores social e íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
245	1999	Barão D'gua Branca	Jatiúca	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
246	1999	Thomaz Cavalcante	Farol	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Interna	Menor que 6m²	Para os setores social e íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
247	1999	Arlindo Soares	Jatiúca	Alto	3DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Para os setores social e íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
248	1999	Fontana di Trevi	Ponta Verde	Médio Alto	3DO+DE	Sim	Sem janela	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
249	1999	Portal da Jatiúca	Jatiúca	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
250	1999	Mogno	Ponta Verde	Alto	3DO+DE	Sim	Mista	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Situação mista
251	1999	Palazzo Torino	Jatiúca	Alto	3DO+DE	Sim	Externa	Menor que 6m²	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
252	1999	Cozumel	Jatiúca	Alto	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
253	1999	Delphos	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim	Interna	6m² ou maior	Situação mista	Pela área de serviço	Sim	Menor que 2m²	Lado a lado
254	1999	Ilha de Cartier	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim	Interna	Menor que 6m²	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Distantes
255	1999	Mansão Henri Matisse	Ponta Verde	Alto	4DO+DE	Sim	Sem janela	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
256	1999	Mirage	Jatiúca	Alto	4DO+DE	Sim, 2	Mista	6m² ou maior	Sem possibilidade	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Lado a lado
257	1999	Enseada dos Corais	Ponta Verde	Luxo	4DO+DE	Sim	Externa	6m² ou maior	Setor íntimo	Pela área de serviço	Sim	2m² ou maior	Suite
258	1999	Verde Mar	Cruz das Almas	Médio	2DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
259	1999	Timoneiro	Pajuçara	Médio Alto	2DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
260	1999	Ilha de Capri	Jatiúca	Médio Alto	2DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica

261	1999	Aruba	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
262	1999	Porto Fino	Jatiúca	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
263	1999	Piet Mondrian	Jatiúca	Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
264	1999	Millenium	Ponta Verde	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
265	1999	Castel Gandolfo	Ponta Verde	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
266	1999	Riaño	Gruta de Lourdes	Médio Alto	2DO+REV	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
267	1999	Seychelles	Jatiúca	Médio Alto	3DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
268	1999	Portal do Sol 2	Ponta da Terra	Médio Alto	3DO	Não	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica